

# PESQUISAS

---

HISTÓRIA, n.º 17

Ano 1955

---

Pe. João Evangelista Dornhauder, S. J.

## COMO PACIFIQUEI OS RIKBAKTSÁ



---

INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS

Rio Grande — Praça Presidente, 20 — Rio Grande do Sul — BRASIL

---

**INSTITUTO ANCHIETANO DE PESQUISAS**  
São Leopoldo — Praça Presidente Vargas, 29 — Rio Grande do Sul — BRASIL

**PESQUISAS**  
PUBICAÇÕES DE PESQUISA INTERNACIONAL

**Comitê de Redação**

Padre Ignacio Salmeron, S. J. — Director

Aloysio Salmeron, S. J. — Coordenador para Botânica

Heinz Oscar Pfeiffer, S. J. — Coordenador para Zoologia

— — — — —

**PESQUISAS** publica trabalhos de investigação científica e documentos técnicos em todos os idiomas de uso corrente no mundo.

Os autores são os únicos responsáveis pelas opiniões expressas nos artigos submetidos. A publicação dos trabalhos específicos depende da Comissão de Redação.

Publicações aparecem em 4 seções independentes: Antropologia, História, Zoologia, Botânica. Pequenos ganham com as revistas de nome.

— — — — —

**PESQUISAS** veröffentlicht wissenschaftliche Originalbeiträge in allen gebräuchlichen westlichen Sprachen.

Die Autorenschaft eingereichter Beiträge beläßt sich die Schriftfertigung vor. Verantwortlich für geschriebene Aufsätze ist der Verfasser.

Publicações dividem-se em quatro séries independentes: Antropologia, História, Zoologia, Botânica.

We bitten um Austausch mit den entsprechenden Veröffentlichungen.

— — — — —

**PESQUISAS** publishes original scientific contributions in any current western language. The author is responsible for his undersigned article.

Publication of contributions not specially requested depends upon the editorial staff. Publications is divided into four independent series: Anthropology, History, Ecology, Botany. We ask for exchange with publications of similar character.

— — — — —

## APRESENTAÇÃO

O Pe. João Evangelista Donetsauer, S. J., nascido na Áustria a 22 de setembro de 1904, completa 50 anos de vida religiosa, como jesuíta, no dia 23 de setembro do corrente ano de 1975. Professor de Ciências Naturais em Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, no escolásticado jesuítico até 1945, iniciou a vida missionária em 1947 na Prelazia de Diamantino, no Norte de Mato Grosso, na qual vive até hoje.

O presente texto nasceu de notas esparsas da campanha, algumas primeiramente lançadas em estenografia e em Alemão. Depois de trazidas pelo autor, as notas foram encadeadas cronologicamente pelo amanuense, que elabora esta apresentação. Após tais redações, o autor aprovou o texto. Algumas notas certamente aparecerão em outra obra, de vez que o autor não pôde complementá-las, solicitado, como em vida viva, por necessidades de grupos indígenas de línguas irreconciliáveis.

Além de narrar a ação pacificadora, o autor dá a conhecer algumas coisas da vida dos índios Rikbaktsa, do sertão, da colonização, nomes importantes, pois pertencentes ainda às primeiras páginas da história da região rikbaktsa.

A região Centro-Norte de Mato Grosso, centro da pacificação rikbaktsa, divide-se em duas sub-regiões fitogeográficas: cerrado e mata equatorial, sem transição de mata tropical entre as duas. O cerrado, de vegetação baixa, normalmente entre 3 e 7 metros, espesso, ocupa os espinhos de divisórias de vertentes e às vezes chega à beira das curvas díguas. Normalmente, ao longo desses curvas, se transforma em matas ciliares, estreitas e muitas vezes requefadas. Esta sub-região ocupa o sul da região rikbaktsa. Daqui partiram as iniciativas de penetração na região rikbaktsa, tendo Cuiabá como base. A mata equatorial, densa, apelidada de selva, recobre por igual o terreno, beira-rio ou espinho. É a continuação da Hílha Amazônica, ocupando o extremo Norte de Mato Grosso, onde se encontra a região rikbaktsa. Apenas de 1950 para cá, esta mata equatorial foi explorada

pelos empreendimentos provindos do sul. Antes dessa data, distinguiu-se a navegação dos Pasteristas, que, de 1810 a 1858, desciam o Arinos, para alcançar o Juruena, descer o Tapajós até Santarém e voltar a Diamantino e Cuiabá. Eram carreiras para um ano inteiro em tropas de burros e bois e em barreiros. Essa navegação, como depois os viajantes, pesquisadores e exploradores, não deixaram descrição dos Rikbaktsas. O Major José Vieira da Silva Coqueiro, em 1870 ou 1872, na ilha Comprida, pouco abaixo da barra do Arinos, experimentou obter artefatos de barroca, com mistura de alumínio. Em 1915, no entanto, o Comissário Rondon sinalizou uma aldeia de índios na margem direita do ribeirão Antônio Corrêa, afluente do rio do Sangue. No mesmo ponto assinalado pelo Comissário Rondon, o Pe. Donatáuader encontrou os índios do capitão Tabobocota.

Os Rikbaktsas ocupavam uma extensa área, englobada em 50.000 km<sup>2</sup>, se contado o território residencial e mais o de correrias, pois além de percorrerem largamente o município de Ariquariá, onde tinham algumas aldeias, também habitavam o baixo curso do Arinos, do Sangue, do Papagaio, com mancha chilo de correrias. Pode-se dizer que o território de movimentação habitual se restringisse a 12.000 km<sup>2</sup>. Do Papagaio até a altura da barra do Arinos, ocupavam quase exclusivamente a margem direita do Juruena, mas, da altura da barra do Arinos para baixo, moravam na margem esquerda e vagavam largamente pelas duas margens. Seu território ficava compreendido pelos paralelos 9° e 13° Lat. Sul e os meridianos 56° e 59° Long. W. Gr.

A região do cerrado teve história iniciada com os primeiros dias de Diamantino, pois logo após Gabriel Antunes Machado ter descoberto ouro em Diamantino, em 18 de setembro de 1728, Antônio Fries de Campos e outros aventureiros devassaram o divisor das águas entre as formações do Paraguai, ao sul, e os contribuintes do Amazonas, ao norte, e vergastaram os índios a ponto de a Corte de Portugal instruir o primeiro governador de Mato Grosso, Antônio Rollim de Moura, no sentido de aldeiar os índios, nomeando expressamente os Paredes, que ocupavam a região sul, quase contígua dos Rikbaktsas. Entretanto, os jesuítas treinados por Rollim de Moura apenas aldearam os índios da Chapada dos Guimarães, sendo logo depois expulsos do Brasil.

Com o avançar do século 20, exploradores da borracha adentraram um pouco mais na área do cerrado, atingindo o grupo indígena Minkú mais próximo dos Paredes, sem conhecêrem as aldeias contíguas dos Rikbaktsas. A Comissão Rondon, tendo à frente o próprio Col. Cândido Mariano da Silva Rondon, iniciou, em 1907, o levantamento expediente da região e mais detalhadamente o sítio da linha telegráfica. Foram pacificados os Minkudras. Logo depois os guardas da linha deram notícias dos Beloés-de-Pau, nas imediações da Ponte de Pedra. Devido a esses índios, com o tempo foram fechadas as

estações de Ponte de Pedra e Capanema. Continuou desabitada a região da mata equatorial, com a faixa adjacente do cerrado. A linha telegráfica de Rondon atravessou o cerrado em 1912. Em 1940, uma estrada de chão batido, que seguia a linha telegráfica de Cuiabá até Verzeiria, deu volta às cabeceiras das rica Água Verde, Sucurumá e Sangue, para del numer para o norte e encontrar de novo a linha telegráfica na altura do córrego Ferrugem.

Cumpre aqui dizer algo sobre os jesuítas, que vão desempenhar papel decisivo na ação pacificadora dos Ribábitas. Até 1951, a ação missionária dos jesuítas permaneceu circunscrita à área de movimento da linha telegráfica.

Em 1929 foi criada a Prelazia de Diamantino, pelo Bula *Cura Universae Ecclesiae* e entregue aos jesuítas da Vice-Província do Brasil Central, sendo a extensão prelatícia determinada internamente de Município de Diamantino. Os 354.000 km<sup>2</sup> da Prelazia contavam apenas com a cidadelinha de Diamantino e se limitavam ao norte com os Estados do Amazonas e Pará, a oeste pelo rio Juruena; a leste pelo rio Xingu e Culuene; até o ribeirão das Canoas; ao sul, uma linha irregular cortando águas formadoras e afluentes do Paraguai, subia pela serra do Tombador, rio Cuiabá, rio Paranaatinga, para chegar a Culuene.

Em 1935, os jesuítas abriram a missão de Santa Teresinha do Mangabal do Juruá, nas proximidades da estação telegráfica Major Amarante, atendendo aos Nambikwáras. Em 1945, recuaram a sede da Mangabal para Utiariti, abrindo mais facilmente vias para os Pareci e Môrikú. Em 1948, os jesuítas realizaram um encontro amistoso com os Môrikú. Como esses índios se refugiavam em Utiariti, os jesuítas iniciaram o atendimento aos índios, em forma de Internato, instituição fechada em 1968. Desde 1947, o Pe. Domstauder passou a ser o missionário protagonista das visitas às aldeias indígenas, dedicando-se inteiramente a esse tarefa, de 1953 em diante.

A partir dos últimos dias da missão do Mangabal, o telégrafo passou a funcionar precariamente, sendo abandonada a estação Major Amarante, com a mudança da missão da Juruá para Utiariti. O telégrafo passou a funcionar regularmente apenas entre Cuiabá e Pareci. Utiariti não podia contar com o telégrafo, de outubro a abril, tempo das chuvas.

Assim, com razão, o Pe. Domstauder chama a atenção para a época da seringueira, retomada em 1950, pois, sem mapas, os seringueiros devassaram a desconhecida região da mata equatorial, como tinham os antigos praticado no cerrado, e palmitaram o vale da Juruá.

O ciclo histórico da borracha no Norte de Mato Grosso, conta com quatro capítulos, também denominados os quatro bormaches.

A primeira borrecha teve início em 1870 ou 1872, com a penetração do Major José Vieira da Silva Coqueiro até a região ribeirinha. Mas a extração organizada deu-se a pujango a José Sebo Alves de Oliveira, carioca, Coronel da Guarda Nacional, instalado em Diamantino. Tratava-se de iniciativa privada, limitada aos altos cursos dos rios, tanto de vertente do Amazonas, como da vertente do Paraguai. Mas atingiu os índios Míniros do Cravari. Com os teringais, Diamantino superou os feustos dos tempos do ouro. O corte da látex se fazia à machadinho e o látex passava pela defumação. Com a desvalorização da borracha no mercado, encerrou-se a primeira borrecha. Diamantino caiu na mais miserável situação econômica.

A segunda borrecha teve início em 1912, com o Plano Brasilero de Defesa da Borracha. Em 26 de outubro desse mesmo ano, o Dr. Firmino Ribeiro Dutra dava, em Cuiabá, execução ao plano federal e já no ano seguinte, 1913, estava concluída a rodovia de Cuiabá a Diamantino. Nessa segunda borrecha, já apareceu o alego substituindo a machadinho. Essa reformada extração da borracha tinha o apoio da recém-instalada linha telegráfica de Rondon. Mas também essa iniciativa federal decaiu.

Em 1942, entramos no capítulo da terceira borrecha, onde se enquadra a penetração nas matas equatoriais, a guerra ribeirinha e a ação pacificadora do Pe. Dornstauder. João Alberto Lina de Barros inaugurou a volta aos teringais. Para dar base econômica ao empreendimento, foi criado o Banco da Borracha, incorporado, em 1950, ao Banco de Crédito da Amazônia. Quase todo o látex, nessa terceira borrecha, era consignado em canecos ao pé das seringueiras. Os coligulos colhidos eram levados e presos em cochos de madeira. Por isso, esse capítulo da terceira borrecha pode ser chamado da borrecha do cocho. O primeiro herói a cortar o paralelo 13, em demanda de exploração comercial da borracha, foi o humilde mas respeitado seringueiro Decíduo.

Por volta de 1968, sem o estímulo dos empréstimos, terminou praticamente o ciclo da borracha nativa, pois se instala a quarta borrecha, novo capítulo, agora da borracha exsertada, também sob a iniciativa do governo federal.

A ação pacificadora do Pe. Dornstauder se enquadra, pois, no terceiro capítulo do ciclo da borracha norte-mato-grossense.

O Estado de Mato Grosso amendava as matas para a exploração da borracha nativa. Denominavam-se seringalistas os arrendatários. Esses, por sua vez, conseguiram do Banco de Crédito do Amazonas empréstimos favoráveis, para cobrir as despesas de permanência, com carros e barcos; despesas de construção de rachões e depósitos, casas dos seringueiros, chamadas felerias; assim como alimentação, material de uso pessoal e técnico da extração de borracha. Os seringalistas montavam um escritório em Cuiabá, atendendo aos aventureiros, e nomeavam encarregados para os serviços de seringal e transporte, sendo toda a ação controlada por um encarregado do borracheiro geral. Subalternos eram nomeados para encontrar seringueiras (exploração), limpeza dos caminhos e separação de lotes de seringueiras (coleção de estroços). A borracha era denominada seringa, nome advindo certamente da árvore produtora: seringueira.

O seringal, no começo do ano, passava por duas safras: a secca, de março a outubro, em tempo seco; a entressafra, de outubro a março, tempo de grandes chuvas. O tempo da secca sofria interrupção em agosto, tempo em que as seringueiras mudam de folha. Na entressafra, os seringueiros viajavam para Cuiabá e o seringal mantinha apenas o serviço de exploração, coleção e reabertura de estradas. O seringueiro recebia dinheiro em forma de vale, conforme a passageira da borracha e os gastos feitos no borracheiro, e em Cuiabá acertava as contas com o patrão. Na passageira, os encarregados descontavam normalmente 5%, pois a borracha demorava a chegar até o banco em Cuiabá, onde era paga definitivamente e paga.

O clima social do seringal era de aventura e poucas famílias participavam do trabalho. O comum era a gente na flor da idade. Apareciam pessoas de todos os estados do Brasil, assim como bolivienses e paraguaios, sendo chamadas comumente pelo patronímico: Bolívios, Paraguai, Pernambuco, etc. A política de escolha de estradas mais ou menos produtivas, assim como a da marcação e remariação dos preços de mercadorias, faziam o centro de interesses sociais nos seringais, em função dos quais girava boa parte da motivação para o trabalho. O seringueiro tinha a condução gratuita.

Mas os donos das terras foram chegando e eliminando o direito de arrendamento. Também muitas estradas, abusivamente cortadas, pararam de produzir. Por fim, o banco não financiou mais os seringais nativos e acabou-se o capítulo das aventuras.

Não é difícil entender-se a dificuldade da navegação nos fundos do cerrado e na mata equatorial, quando as águas, desilhadas de 600 ou 700 metros de altitude dos chapéus da serra dos Pirech, baixavam a 200, na barra do Arinos, formando rápidos, cachoeiras, águas

nasas rendilhadas de pedras. Uma é a navegação no seco, de água seca, e outra, na cheia, de água empolada. Além dos rios volumosos, os seringueiros, e depois os medidores de terra, tinham de avançar por riachos. Com propriedade o Pe. Dornstauder denomina o seringueiro de bandidante da selva, se nos referirmos a essa região dos Rikbaktsa. A BR 364 remarcou a estrada-tronco, que serviu de penetração seringueira, e mostra, no km 330 e km 386, as saídas das vicinias, hoje também trabalhadas por máquinas da Prefeitura de Diamantino, que serviam de subtroncos para os seringais, que afetaram o habitat dos Rikbaktsa.

O Pe. Dornstauder nomesou algumas medições de companhias colonizadoras, que batiam no encalço dos seringueiros. Entre os esforços de colonização destaca, com mérito, o da Colonizadora Noroeste Mato-grossense, pois da sua trabalho nascem o único município formado desta região contíguo à dos Rikbaktsa: Porto dos Gaúchos, pertencente à 31.<sup>a</sup> Zona Eleitoral. Formou-se à base da agricultura. O município mais antigo da região, Ariquanduá, ainda tem prefeito nomeado pelo governador do Estado e atende num escritório em Cuiabá, não tendo ainda sede administrativa no Município.

Os índios Rikbaktsa aparecem, pois, pela primeira vez na História, na ocasião da abertura dos seringais da terceira borracha. Não vinham com bons olhos as armas dos seringueiros, quando verificavam se essa gente nova era Rikbaktsa vindos do céu. Os seringueiros afiados declararam a guerra. Os Rikbaktsa mostraram-se excelentes guerreiros, impressionando os seringueiros com ataques armados num mesmo dia e numa mesma hora, em pontos distantes, numa ação conjunta de fôlego. Com a fome de matar e devorarem, conseguiram impor-se por bom tempo na guerra. Surgiram como espectros e se davam por desaparecidos, quando os seringueiros os procuravam nas aldeias. Utilizavam flechas incendiárias e bordões. Eram filhos como valentes e audazes. O Pe. Dornstauder encontrou buzinas utilizadas e, após a pacificação, os Rikbaktsa confessaram que se preparavam e se exercitavam para os ataques. Esse caráter guerreiro é posto em relevo pelos Kayabi e Minkú. Com a pacificação, paradoxalmente, apareceram tipos físicos de estatura normal e mesmo baixa, de pele clara, não apresentando extrema pujança física. Descontavam a falta de físicos com a agilidade, e versatilidade na mata equatorial. Não utilizavam as canoas de casca, e depois de madeira, para subir e descer os rios, em longas viagens. Utilizavam-na mais para atravessarem os rios, de um lado para outro. De idioma não classificado ainda, os Rikbaktsa ofereceram dificuldades para o intercâmbio de conhecimentos, ao menos no começo da pacificação.

O Pe. Dornstauder achou as mulheres de aspecto um tanto desentido, nos primeiros encontros. Com cultura agrícola suficiente para impressionar os índios de outros grupos tribais, nos primeiros dias de pacificação, os Rikbaktsa, para a subsistência, baseavam-se em

plantas de milho, mandioca, banana e em colete. Contavam com e castanha-do-pará, conheciam os grandes rios ricos em peixes. Entretanto, morando no interior das matas, mantinham acentuada propensão para a caza. As poucas lendas publicadas em "Pesquisas", Antropologia, n.º 25, "Quinze Lendas Rikibáktsa", da autoria do Pe. Adalberto Holanda Pereira, S. J., trazem o universo ancontradigo em outros grupos tribais, apelando para as condições de vida, os animais, a roça, os peixes. Aparecem aos poucos as características clínicas.

Só bem que não seja conhecida a proveniência dos Rikibáktsa, vê-se que demonstram certo capricho na plumagem, que os distingue entre os grupos indígenas adjacentes, vestindo-os de colares e pésas. Assi poucos se vão conhecendo os sírios das festas rikibáktsa e como utilizam os artefatos para cada ciclo. As dificuldades de observação facilmente se compreendem, ao ver-se um grupo indígena, antes senhor de uma área como o Estado do Rio de Janeiro, com aproximadamente 500 índios, antes da guerra seringueira, agora aprisionado na confluência dos rios Sengue e Juruena, em apertado espaço, tendo de confrontar-se com facções religiosas internas, antes separadas por largos vazios geográficos. Ainda fervem as inconsistências políticas internas, só bem que dominadas, na reserva, pelo experimentado Tapera, auxiliado pelos missionários jesuítas. Compreende-se a dificuldade de pesquisas, sabendo-se também que até hoje o grupo Rikibáktsa na reserva vive às voltas com problemas de saúde, só bem que a cizânia tenha sido sucedida a duras penas. Reduzidos a 250 indivíduos, agora cresce a população rikibáktsa.

A primeira qualidade notória dos Rikibáktsa, reparada pelos siringueiros, foi a de hibéis mansedadores de canas, puxando a cana pela peca, ao contrário do costume siringueiro, que é empurrar do pé. Daí surgiu o apelido do grupo. Canecito. Os antropólogos logo acrescentam o designativo de Mato Grosso, para os distinguir do grupo homônimo de Goiás (Avd). O nome subclínico Rikibáktsa surgiu anos após a pacificação. Mostraram também como viam o universo indígena, contando como apareceram os Irâne (Wônskô) e os Nambikwara, narrando como perderam o domínio da margem esquerda do Juruena para os Cinha-Larga.

O Pe. Domstauder chama a atenção para dois fatos significativos dessa cultura rikibáktsa. O primeiro é que os jovens são formados por um mentor, havendo mesmo na grande casa comum uma parte destinada a eles, em separado. Outro, que atribuíram mortes de Rikibáktsa ocorridos na margem esquerda do Juruena, ao fato de terem comido o siringueiro Botilia. Esta qualidade de comerem os siringueiros, intrigos declarados, suscitou muitas perguntas, a que até hoje não se respondeu, e se espera possam ser oportunamente esclarecidas. O Pe. Domstauder comprovou suficiente os fatos e pôs fora de dúvida acontecimentos por outras fontes desconhecidas, inclusive mostrando panela, ou melhor, panelão de cerâmica, onde se cozinhava siringueiro.

Eclaruscido o cenário da ação pacificadora do Pe. Dornstauder, mais facilmente podemos seguir seus passos. Tudo começou com o arremedo indiscriminado de seringais e igualmente com a indiscriminada venda de terras. Frente à confusão reinante, após liberações fôcias, poucas pessoas se resignaram a ver a situação como passível de solução. Desses pressupostos, para o investimento das terras dos índios e do pará a guerra, não se dava mais que um passo.

O bispo-pároco de Diamantino, informado pelo Pe. Dornstauder da situação da guerra, mandou que o mesmo Pe. Dornstauder se dedicasse à pacificação dos Rikbóktsa e ajudasse os seringueiros. O Pe. Dornstauder procurou convencer da necessidade da pacificação o S.P.I. (Serviço de Proteção aos Índios). Por infelicidade, mesmo outras pessoas interessadas intercedendo e até mesmo os seringalistas, o S.P.I. não atendeu. A Prelazia de Diamantino assumiu a responsabilidade da pacificação.

O Pe. Dornstauder entendeu-se com os seringalistas, recebeu apoio moral e financeiro deles e assumiu a direção das operações. Por sorte, em 1956, saiu-se bem da aproximação ao grupo arredio dos Kayabi do rio Tatui, ganhando excelentes colaboradores.

Na confusão de informações da frente da guerra, pressupõe que os índios eram Tupi. Conseguiu, para interpretar, um índio Parintintim, despedido antes de se conseguir a primeira folha. Também resguardou em Utiariti um indiozinho raptado pelos seringueiros do Juruena, a fim de facilitar as primeiras negociações com os Rikbóktsa. Em tudo o mais, sentiu-se ajudado pelos seringalistas.

Uma hipótese triunfante facilitou o andamento da pacificação: era que os índios conflagrados pertenciam a um mesmo grupo, se bem que distinguidos por facções em postos distantes no vale do Juruena. Essa hipótese, confirmada sempre, facilitou a unidade do trabalho pacificador e por fim proporcionou o nascimento de um ideal pacificador entre os próprios Rikbóktsa pacificados. Ao chegar a este ponto, o caminho da pacificação estava essegurado.

O Pe. Dornstauder escolheu o Arinos para começo da pacificação e admitiu seringueiros na sua companhia. Mas os seringueiros lhe daviam real estima, ao menos os do Arinos. Por sua vez, o Pe. Dornstauder sempre foi agradecido a Benedito Bruno, seringalista do Arinos.

O sucesso da ação pacificadora deveu-se ao método empregado de entrar no território rikbóktsa, procurando despertar um reflexo condicionado de paz. O Pe. Dornstauder deixava aílhas visíveis em fitilulas sobre os brindes e andavam também com esses sinais bem à vista no peito. Os presentes eram material de valor para os Rikbóktsa, como machados, facões, milçangas. A motivação chegou

a tal ponto, que os Rikbaktsa resolveram terminar com as dissensões internas e decretar a paz. Um chefe (Ixo) chegou a sonhar que aquele pacificador era um Rikbaktsa redíviva.

Uma vez conseguida a tais perto da confluência entre o Arinos e o Juruena, os Rikbaktsa ultrapassaram os litígios internos e foram levados pelo Pe. Domstauder a pacificar outros grupos ainda em guerra, interessados fundamentalmente em conseguir os bens da civilização branca. Seguiu-se um processo de solução em cadeia: um grupo pacificado facilitava a pacificação do seguinte. O território rikbaktsa cresceu desmesuradamente aos olhos do Pe. Domstauder, muito além do que esperava. E com as doenças inevitáveis nascidas das contatos, instalou-se uma corrida de socorros, da qual mal saíram saindo hoje os missionários, com os Rikbaktsa habitando na reserva.

Mas a quem recorrer, na pacificação, quando os seringais não se mantinham e também necessitavam de socorro? O recurso era apelar para o Internato de Utiariti, a única salvação nesse momento.

Nessas corridas de socorro, terminou a ação pacificadora do Pe. Domstauder. O Pe. Edgar Schmidt, que tinha sido superior religioso dos jesuítas, juntou-se ao Pe. Domstauder e por fim o substituiu, resolvendo os impasses de saúde e sobrevivência e primeiros dias de aculturação. Com a diáspora nás cidades, mais que pela guerra, os Rikbaktsa decresceram de número.

O passo seguinte, já na gestão do Pe. Schmidt, foi alcançar um lugar para se recolherem os Rikbaktsa. Já em tempos da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), os jesuítas conseguiram a reserva Rikbaktsa, insignificante território, se comparado com o original do grupo, mas única forma prática de resolver os problemas de encontro, visto a ocupação das terras pelas agropecuárias e fazendas.

Uma parte do grupo, formada de jovens, e maior parte ória, foi educada em Utiariti, com índios de outros grupos indígenas. A partir de 1968, foram integrando a vida no grupo da reserva Rikbaktsa. Hoje Tapera é o grande chefe.

O presente número de "Pesquisas", dando à lume uma obra do Pe. Domstauder, por alguns títulos, de valor ímpar, é patrocinado pela Província Jesuíta do Brasil Meridional, Porto Alegre, em conjunto com a Prelazia de Diamantino, Mato Grosso.

São Leopoldo, 2 de fevereiro de 1975.

Pe. José de Moura e Silva, S.J.

# COMO PACIFIQUEI OS RIKBÄKTS

Pe. João Evangelista Domkeader, S. J.  
Pesquisador do Museu Rondon — Universidade Federal de Mato Grosso (1).

## 1. GLOSSÁRIO DE TERMOS DA REGIÃO RIKBÄKTS

- ALÉGO** — Peca própria para sangrar a siringueira, dobrada e afunda no peito da sangrante, relercida, prata num cabo.
- ALÉGRE** — Festa popular de alégo.
- BUSVIA** — Vaga, ir ao saber da corrente de água.
- SUSTWOTE** — Choppinha dobrada no longo do comprimento, por onde passa o folez, astuda da siringueira e todo para o caneco.
- CARCA** — Jato de água.
- COLAÇÃO** — Abertura de trilhas, que não levando a siringueira pelo siringel.
- CORTE** — Talho de alégo.
- CURAU** — Siringueira hordeada no siringel.
- ENCHEREGAR** — Colocar os canecos em posição de receber o bálsamo.
- ESTRADA** — Número de siringueiras que podem ser cortadas num dia, número total de siringueiras de um siringueiro.
- EXPLORAÇÃO** — Reconhecimento de mato, em busca de siringueiras.
- FALHAR** — Desassair, interromper uma atividade por um ou mais dias.
- FEITORIA** — Banho de siringueiras, de pau-a-pique, coberto de poeira.
- MALOCAS** — Casas de índio, cidades indígenas.
- QUEIÇO** — Edépsala lenhosa referendada, que protege grupos de casas.
- RESUMIR** — Ajuntar os parreiras, para escorrer sua água.
- RETEVO (ATEL)** — Dia-de-cidade-branca ou principal, trilho-mestre.
- SERRUGA** — O mesmo que borreche, trabalho de bordache.
- SERRAMENTO** — Tira de borracha, aderente à siringueira depois do corte.

## 2. A SEGUNDA BORRACHA

Avalia-se, desde 1947, ao desmoronamento de um surto de progresso, ocorrido na Serra dos Parecis. Os velhos empregados da Linha Telegráfica da Rondon iam desaparecendo. Nem eram substituídos. A rotina destruidora cerrou a fredigão. Era um velho processo iniciado em 1930. Nasceu o ditado caboclo — "No tempo da Comissão Rondon, a coisa não era zape, nôô! Hoje ninguém trabalha!". O fio telegráfico caía no chão. A muito custo se encontrava um cristão para o espigar numa vara. Logo caia de novo. Utilizou-se o célebre sede de seção telegráfica, ganhou escrita grossa nos mapas. Agonizavam, por volta de 1950, quando um surto de vida sacudiu nossa Amazônia.

(1) O autor agradece ao Pe. José de Souza e Silva, S. J., do museu Museu Rondon, o auxílio prestado na organização e redação.

Deodato, humilde, mas tenaz seringueiro, desceu o rio Juruena, subiu o Papagaio. Eufórico, contou, em Cuiabá, a Paulino Monteiro e paulmeira virgem de seringueiros. Armaram uma sociedade de exploração. Um novo capítulo estava nascendo no ciclo da borracha, no Norte do Mato Grosso. Disseram que Deodato era diôdo. Abriu um campo de aviação para bimotores, nas paragens ermos do córrego Ferrugem, em duro chapadão, para transporte de bárbeas de borracha. Meteu água, pela primeira vez, um barco equipado com motor Johnson, de cinco cavalos. Deslocou mais de dez biguás de cestado, à milha, para chegar com carvo a um porto bem achado no rio Papagaio, Início, daí para baixo, de águas mansas, Porto Feliz, contendo de boca em boca pelos sertões e na capital do Mato Grosso. Era uma estrada, que deborava a Linha Telegráfica de Rondon na altura do Macaco e rumava para o norte. Fez transitar pelo trilho pioneiro caminhões Ford e Chevrolet.

E esbroucou também a novidade dos índios. Às suas primeiras viagem, Deodato nem terminara o reconhecimento das seringais, quando encontrou vestígios de índio no rio Juruena. Deixou breves sobre os vestígios, embando para a cidade. Começados os trabalhos de seringal, foi ver os índios. Havia levado os presentes e deixado em troca cestos bem trabalhados e castanhas-do-pará. Não deu, entretanto, com índio nenhum. De outro feito, o índio ribeirinha Tapera, que narra o fato, deixou castanhas numa cesta, para ter maulha na volta de uma viagem. Deixou quase na barra do rio. Ao chegar de volta, em vez das castanhas e da cesta, encontrou latas bonitas. Na altura do rio Camarã, afluente pelo margem esquerda do rio Juruena, índios deram sinal de presença. Os índios do Camarã, conforme informação do Pe. Thomaz de Aquino Lisboa, foram chamados pelos Paresi de Saluruá, no segundo contato amistoso obtido pela ação pacificadora do Pe. Thomaz em 1974. Mas nos primeiros contactos por sinal, não ficaram os seringueiros sabendo com que grupos indígenas lidariam.

É preciso dizer que não só Deodato era fiado por louco. Toda uma ressurreição de bordonas seringueiras acordou o sertão, juntamente com turmas garimpeiras e grupos colonizadores. Em Cuiabá saltava cada turma em um caminhão e rumava para a serra do Tamboré e galgavam o único passo, a Criva Funda. Daí, os garimpeiros buscavam acintosamente as paragens de Diamantino; os seringueiros preferiam as águas do Norte. Dentro da Prelazia, no sentido-nascente-oeste, as leves de aventureiros rodavam por entre as duas maiores bacias fluviais da América do Sul: ao Norte, as vertentes afluentes do Amazonas; ao Sul, águas do Paraguai, tributário do Prata. Chegadas a portos sem pilaços, só conhecidos dos práticos, quebravam pela direita, descarrilando-as, daí por diante, por entre os rios, no risco de visarem sozinhas, mosquitolendo por buracos, amortecendo-as por areias. Parecia, servindo de precária sede de telegrafo, era o ponto de referência da civilização. Era o tempo dos prezebollos. O

caminhão puxava o capim e o seguinte calcava o resto do primeiro, estava varado à estrada. Por trechos não venciam dez quilômetros por hora. No período das chuvas, de fim a começo do ano, havia quem não fizesse trinta quilômetros num caminhão, num dia cheio de trabalho. O carro, que aguentasse dois anos, era comemorado como dos que não acabavam mais. Muito seringueiro largou a máquina quebrada e bateu mais de 100 quilômetros a pé, para chegar ao vizinho.

Para muitos, concluída a viagem por terra, vinha a água. A primeira investigação seia é custo de trabalho brasileiro, em remo e em batelão de um só pau, de madeira escavado. Depois já podia aparecer um motor da papa. Cada firma escolhia um tipo. Os seringueiros redescobriram o Juruena, o Sãox, o Arinos, o Teles Pires, o Pará, o Roncador, o Cutiava, o Xingu, já batidos pela Companhia Fluminense. Mas agora o seringueiro esquadrinhava tudo. Também repetia, com a eficiência de dias mais modernos, a navegação Diamantino-Santarém, a faginha do século 19. Muito para trás ficava a barreira da primeira e segunda barrecha, no paralelo 13. Agora o Sul do Pará e do Amazonas não escondia mais segredo.

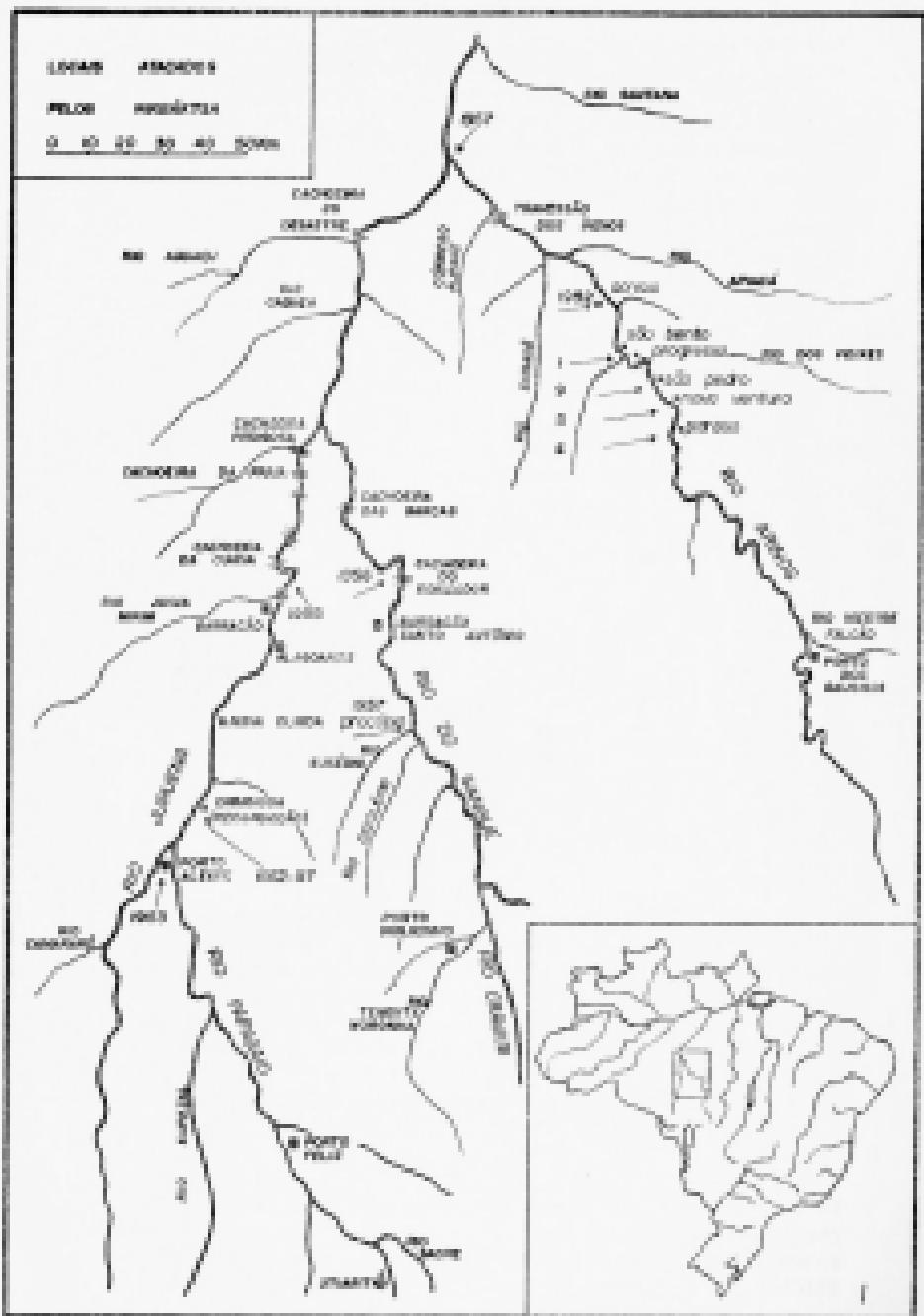
Ao lado do seringueiro, aparecem o perfil do medidor de terra e colono, dispostos a suplantar, com página duradoura de História, os hirsutos desbravadores da selva. Mas o seringueiro, homem incerto, é o verdadeiro descobridor de nossa Amazônia, um herói, um bravo, lutador da fogo bandeirante, herdeiro daqueles antigos e desrespeitado ao Índio. Não deixou aldeia em paz. Provocou a guerra.

Rei, desde 1947, saiu eu para as aldeias dos Nambikwara, Pareci e Índios. Dignaia às vezes para as regiões das nascentes dos rios Cutiava, Arinos e Teles Pires. Andava com índios e também sôzinho, voltando sempre a Utiariti, onde dava catequese e lecionava a Indianos. Com as notícias da guerra dos Ribeirinhos, saí a verificar os acontecimentos. Aprendendo a lidar com a boa gente de Mato Grosso e também vinda de outros estados do Brasil. Nas conversas, a custo e triunfo em assuntos, consegui apurar de vez em quando alguma verdade. A experiência ensinou-me a confrontar depoimentos, para sair bem informado. Viajantes inexperientes acreditam plenamente nas estórias dos seringueiros. Procurei o maior número possível de testemunhas, para chegar à certeza dos fatos, criar perspectivas e formular uma história. Verifiquei pessoalmente os vestígios dos episódios que narro. Contei também com as informações dos índios Ribeirinhos.

### 3. GUERRA RIBEIRINHA NO ALTO-JURUENA

Denomino alto curso do Juruena a parte compreendida entre as nascentes e a barra do Arinos. Daí adiante, o baixo curso.

Antes de estalar a guerra ribeirinha no alto-Juruena, suponho terem ocorrido encontros fortuitos, onde seringueiros e índios se associaram. Em alguns desses casos, alguns seringueiros usaram



armas de fogo. Presumo o fato não tem motivo. Um índio provado é o do seringueiro que, andando a andar com um companheiro, viu este de repente levantar a arma e dizer:

- "Um índio!"
- seringueiro baixou o cano da arma e disse:
  - "Mas ele não fez mal para nós!"
  - Índio sumiu e dessa vez escapou iluso.

O índio rikbaktsa Tapema disse que ele e seus companheiros, reagindo na chegada de gente nova, de vida muito diferente, foram ver se não eram Rikbaktsa voltados do céu para a terra. Mas a gente nova mostrou-se hostil e acabou com a vida tranquila dos aldeias.

### 3.1. NA ALTURA DA BARRA DO PAPAGAIO

Decidido cedo se viu envolvido com a guerra dos índios, na altura da barra do Papagaio, no Juruena. Contava com três fábricas seringueiras no rio Papagaio. O explorador Luís Gomes iniciou a colônia no Juruena, da barra do Papagaio para baixo.

No dia 24 de maio de 1952, Bibiano Pedroso e José Coentens ficaram limpando o terreno em volta da fábrica, enquanto Luís e os demais buscavam palha no mato. Os índios correram Bibiano e José e mais os dous choperos da turma de coleção e ainda os frutos de alguma distribuição da fábrica, entre elas, um revólver calibre 38 de Luís Gomes. Este me narrou mais tarde os fatos e riu, dizendo:

- "Aré meu cunhado levaram!"

Luís e os companheiros constataram sinais de gente que rolou pelo chão, em luta, sangue, e, dentro do rancho, sacos de mantimentos demolidos e em parte deramaldos.

Mais tarde, os Rikbaktsa me recomporam as cenas e conferam que crivaram os dois seringueiros de flechas. Ao índio Bubuilo, pai de Luís Coligma, se atribui, nasta ocasião, a primeira flechada da guerra.

A notícia do sequestro de Bibiano e José logo esalou em Cuiabá e sacudiu a capital do Estado. Os índios logo foram denominados tupis antropófagos. Decidido, acorruhado com os fatos da guerra, visita a fábrica. Sobe a Companhia Novas, para se aconselhar. Foi assassinado por um seringueiro, no porto do rio Mutum.

Devido ao sumiço de Bibiano e José, deram à fábrica o nome de Recordação. Iô instalaron, em seguida, José Noronha, ameaçavam. Seu sócio era Valerim, e havia mais um menino.

Ainda no mesmo ano de 1952, a 12 de setembro, José Noronha abriu a porta da fábrica, de madrugada, para sair e recebe uma flecha no abdômen, derrommando-se os intestinos. Valerim logo acode e atira a esmo, no rumo donde vinha o ataque, até gastar a munição. Colocam o ferido na canoa, sobem o rio à procura de ajuda. Ao chegarem à barra do Papagaio, José falece. Os companheiros o enterram no lugar da morte. Continuam a fuga trágica, semendo 110 km contra a corrente.

Prosseguindo a viagem para Cuiabá, Valentim encontrava no posto do Serviço de Proteção aos Índios, Major Ubirajara Colutorescú, vulgo Tolosa, Numa-me o acontecimento. Desalentado, pede minha presença no seringal. No dia 1.<sup>o</sup> de dezembro do mesmo ano, desço ali lá. Verifico os sinais, ouço as testemunhas ouvidas e da circunstância. De volta a Utiariti, faço meus superiores clientes dos acontecimentos.

No ano de 1953, Antônio trabalha abaixo da fábrica Recordação. Os índios foram buscá-lo também. E foi durante o dia. Tôto tinha de atravessar o rio numas canoas e subir depois a ladeira da fábrica, ia subindo com a lata da coulho ao ombro. Os índios saíram do socalo e deram conta dele. Levaram-no para uma praia, defronte da barra do Rio Córrego Rico, Juvenil abusou, e o moquearam como se fosse coça. Por isso denominaram o lugar Praia do Índio. Os barcos seringueiros viam os sinais canibaiscos e levavam a impressão de horror por todos os recantos de penetragão seringueira. O terror tomou conta de muito soldado da borrecha. Disseram que os companheiros de Tôto conseguiram saírem alguns ossos e levá-los ao pal, empregado da Prefeitura de Cuiabá.

Levantaram o berracão Porto Alegre, centro de administração, armazenamento de borrecha, de mercadorias e farmácia, na Iberá do Papagaio com o Jurema, entre os dias ricos. Pois, ainda em 1953, os índios se atreviam a encostar no próprio berracão, com o sol alto das duas horas da tarde, incluindo na frota a chalana conquistada no primeiro ataque ao seringal. Juvenil, o encarregado do berracão e os companheiros, casualmente reunidos, escoraram-se nas armas revólver, uma carabina 22 e espingardas de caça.

Muitos, chefe dos índios, saiu ferido na murcheca e na perna, por balas 22, como soubermos, depois, dos índios e do maestro Muitos. Vendendo perdidos, os índios pularem nágua e alcançaram a margem mais próxima, sumindo no mato. Juvenil conseguiu por troféu a rede de Muitos. Bele perdiam dois pedaços de couro cabeludo de dois dos três seringueiros. Silviano, José, Tôto. Resgataram para o seringal a chalana emopada de sangue.

Antes dessa aproximação dos índios, Juvenil viu-se perseguido, nadando no rio. Quis cônegas ribábikas o queriam ajudar. Juvenil disse-me depois:

— "Nunca tive tanto na minha vida!"

Dessa tempo, firmou-se o nome de Canoeiro para este grupo de índios, por ser dentro no resto. Frederimos, no entanto, denominar Ribábikas, por ser o nome autóctone. Assim evitamos terríveis confusões, pois outro grupo indígena de Goiás leva o nome de Canoeiro.

Mas os seringueiros caíam num grande equívoco, pensando-lhe consigo mesmas que os Ribábikas os iam atacar. Muito de vez enxerem os seus designados, como me aflagaram os índios, só depois. Tentavam adquirir facão e machado. Entraram para chamar os seringueiros a negociar. Mas, pelo tremendo equívoco, a guerra estava

feito por milhares dos seringueiros. Os índios vão apelar para as guerrilhas, a luta se estenderá rio Juruena abaixo.

Em 1954, os índios pegaram um certo Urbano, seringueiro da primeira feitoria do rio Papagaio. Os índios disseram-me depois tratar-se de um moçoclaro, que atravessava uma piaguela com lesa de coelho ao ombro.

A seguir, na feitoria, em que fôra morto Tonó, apelidado Criminoso, aconteceu o caso de Jovalino Fortes. Este, endividado, pediu a famosa feitoria. Elias, apelidado Dudu, amigo já de dois ou três anos, seria o companionheiro. Perguntado se tinha medo, Jovalino respondeu:

— "Quem não tem medo desses cobras? Mas eu preciso de dinheiro!"

A estrada nova prometia safra pesada.

Completarei as informações sobre o caso, na feitoria Lavra Grande, em 1956, com Onofre, irmão de Jovalino, e com Anathásio, cunhado de Onofre. Tudo aconteceu assim:

No tardinha de 24 de outubro de 1954, Jovalino saiu a tamarranho no rio. Viu uma cobra e gritou:

— "Sócio, Imaça a 22, aqui tem uma cobra."

Elias aconselhou: Não encontraram a cobra. Olhando ledetra acima, viram índios envolvendo em cercos. Deu-se a escaramuça, índios e seringueiros entraram de troncos e tocos. Jovalino atirou para, enquanto Elias socava com as oito bolas. Pelo menos um índio morreu.

— "Vamos comer, Jovalino!" — disse Elias.

Jovalino preferiu fugir de cacos. Elias mergulhou por entre uma tranqueira de pau. Ao voltar à tona, olhou para trás e viu Jovalino cair de bruços com uma flecha atravessada na garganta. Dizia dísses: "Ai, sócio, você já se foi!". Ganhou terra e meteu-se pelo mato, de qualquer jeito. Parava de vez em quando e sentia-se perseguido. Ao escurecer, deu com uma estrada limpa de seringueiro e correu o quanto pôde, chegando sózinho e salvo ao barreiro.

Os seringueiros desceram à feitoria. Encontraram o cadáver de Jovalino, ainda delgado de bruxos, com a flecha atravessada na garganta. Enteraram-no e seguiram matos adiante. Na volta, encontraram a sepultura aberta, sem o cadáver. Tempos corridos, identificaram os restos de Jovalino já perto do barreiro novo Nova Olinda, mais abaixo, no rio Juruena.

Nova onda de terror perpassou pelos seringueiros.

No dia 18 de dezembro de 1954, Ismael Pereira saiu a meter medo nos índios. Ismael Pereira agora era sócio de Peixoto Monteiro, juntamente com trinta caibanes e sete paulistas. Pois Ismael apanhou trabucqueiros e passou seis dias em marcha, atrás de índios. Destruiu o que viu, sem pendor nenhuma rancho. Inexplicavelmente nenhum índio se deixou ver.

O Reverendo Parente e esposa, com a morte de Jovalino, desceram o rio Juruena, de lancha a motor, visando a pacificar os índios.

Saltaram em terra e chegaram ao rio do Sangue. Eram norte-americanos, missionários da ISAMU. Mais uma vez os índios não se deram por achados e continuaram a guerrilha.

No dia 20 de maio de 1953, os índios mostraram arte em atacar. De noite, investiram simultaneamente contra a fábrica Corumbá, na margem direita do Juruena, pertencente à Companhia Brasil, e contra a fábrica de José Mineiro, na margem esquerda, pertencente à Marcos da Luz.

Então Dírio, encarregado da colação da Companhia Brasil, e Sandoval, encarregado do seringal de Marcos da Luz, resolveram organizar uma expedição contra os índios. Ao meio dia de caminhada, já estavam com uma maloca dos índios. Quilmararam e destruíram.

Os índios revidaram. Dígon Pedroso, por exemplo, feve a fábrica crivada de flechas.

Dírio bateu novamente no encalço dos índios. Dos 7 componentes, 6 iam armados. Desta vez iam decididos a matar índios. Entraram no mato, pela fábrica Corumbá, e repartiram no rio do Sangue, outra vertente do Juruena. Nem pau levaram. Porto de São João, 24 de junho de 1953.

Aí paro da pau levado, deram com um grande acampamento recente. Contaram 20 redes de dormir. Só encontraram crianças e mulheres. Soube, em tempos posteriores, que os homens tinham saído em busca de peixes para flecha de guerra. Dígon assim me contou:

— "Numa tarde escutamos batida de pilão, machadas e canto de galo. O primeiro sertanejo que avistou índio, parou. Perguntou, por sinal, se haveria de atirar. Dírio fez sinal que chegasse mais perto. Valente, que era dos últimos a nem viria índio, afobou-se e atirou. Todos acompanharam fazendo medonho tiroteio, però armadinhos os índios. Os índios correram em desbandada. Escutamos choro de criança. Dírio disse:

— "Veja quem é. Parece que foi ferido!"

Fui ver, com a carabina engatilhada. Alguém me disse,

— "Cuidado, índio é meu, mas logo esse pestre!"

Quando vi que era uma criança, meu coração não deu para executá-la."

Tomaram a criança. José Dílio queria dar oito contos para Dígon lhe dar o índio. Um e chomou de Favelon. Outro queria-o Chateaubriand. Por fim, o encarregado do seringal, Jurandir de Castro, levou o menino a Pirapozinho, Estado de São Paulo. A criança foi batizada em Utiariti com o nome de Benedito. Seu nome de ribábikta é Ekinibul.

Dentro das escorregiças e tocas dos índios, em fins de 1956, aconteceu mais um caso na famosa fábrica, já com o nome de Crimossa. Raptaram a Cecília, logo no dia seguinte ao da chegada à fábrica, como sóiam fazer.

Oton França, o encarregado, ao visitar Cecília, só deparou

sinal de arrestando e objetos espalhados. No terceiro dia depois do roteiro, os seringueiros viram uma canoa tripulada por dois índios, a toda velocidade, no rio Juruena, com roupa e objetos da Cecília. Era mais um consumido pelos índios.

Mudaram o nome da fátilica feitoria: um seringueiro gravou em grandes letras numa árvore, a nova denominação: Açougue Humano. Agora passa por feitoria do Açougue.

Quando o chefe ribábikta Multos des fala pacifica, sua mulher trazia partes da cartucharia de Cecília incrustadas nos adornos.

Os Ribábikta iam impor-se ao barreio da barra do Papagaio, em janeiro de 1957. Os índios atacaram logo com setas incendiárias, não se deixando ver pelos seringueiros. O barreio, já queimado em grande parte, foi atendido pelo transporte, que subiu o Juruena, vindo de Juína-Mirim. Nelo viajou o seringueiro Marcos da Luz, acompanhado dos jesuítas, o estudante Alcalderto Holanda Pereira e o Ir. José Fernandes. Otão França, o motorista, às pressas, salvou dois tanques de gasolina, bem fechados, rolando-os para o barco. Com o resto dos índios, poucas dormiram junto aos escorpiões do barreio; os dois jesuítas, o motorista França e mais dois ou três seringueiros. Os malis ocuparam a embarcação.

Nessa ocasião, subindo o rio, os seringueiros viram uma canoa atravessá-la: eram Ribábikta. No espanto da vista, um seringueiro desenradadamente atirou, errando o alvo. Logo erguido da isola pelo estudante Pereira, o seringueiro caiu em si, não sabendo como atirara.

Em 1958, José Pedroso foi flechado no acampamento da colégio do Jarobá, na margem esquerda do Juruena, quase defronte da aldeia dos Ribábikta, na paisagem destes para o castanhal. A flecha furou o mosquiteiro e o coberto e ficou fundamente na barriga da perna de Pedroso. Os companheiros acudiram-no a tempo e o levaram para a Estação Missionária dos jesuítas em Utiariti.

Um seringueiro, apelidado Amazonas, vizinho do acampamento Jarobá, viu-se atacado por um grupo que se aproximava em fila indiana. Percebeu e desfechou tiros. Morreu um índio. O cadáver do índio, lançado no rio Juruena, foi visto, pelo Pe. Edgar e índios de Utiariti, balar de bubus. Retorpondo os canos, os Ribábikta me dislio que se tratava do índio Catibá.

### 3.2. VISTA DE CONJUNTO DA GUERRA NO ALTO-JURUENA

Nos tempos anteriores ao da chegada de seringueiros, os Ribábikta, pelo que contam, foram expulsados pelas Cintas-Larga. Nessas paragens, da barra do Papagaio para baixo e por cima do gueto seringueiro, habitavam apenas a margem direita do Juruena. Pela margem esquerda, apenas caçadeis e correrias. Na cachoeira do Deserto, os Ribábikta habitavam a margem esquerda. Os de baixo solidificaram com os de cima, tentando incorporar-se a estes, nos ataques aos seringueiros.

Os seringueiros conheciam alguns trilhos bem batidos dos Rikbaktsas: um no Córrego Rio; outro, pedâmo a Nova Olinda; um terceiro, entre o córrego Robalo e Iremassacuá. Conheceram um que outra maloca apena, mais próximas dos festeiros. Sem suspeitarem, violaram o território, não apenas de caga, mas a área residencial dos Rikbaktsas. Criado o clima de tensão, a guerra só terminou com o nosso serviço pacificador.

Morreram, nessa frente de Juruena, mais Rikbaktsas do que na demais frentes de guerra. Os índios mataram 7 seringueiros e devoraram 5: Bibiano Pedroso, José Cearense, Antônio, Javalino Fortes e Cecílio. Em novembro de 1961, por insistência minha, os índios trouxeram os crânios da maloca de Muitaco. Eram 6. Jogaram fora dois delas, por terem caído no chão e sido identificados. Roidos por ratos, coelhos e outros animais. Dos 4 crânios, um machado, era de um seringueiro que se desastrou ao passar por uma pinguela. Três foram identificados como os de Antônio, Javalino e Cecílio. Esses quatro, mais um frágido do baixo Juruena, foram doados ao Museu da Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Mediatrix, na Via Anhangüera, km 26, em São Paulo. Perguntei aos índios por que não virou eu esses crânios, ao passar pela maloca de Muitaco, em 1959. Os índios responderam-me que estavam dependurados do teto da maloca e concluíram:

— "Você não olhou para cima." Era verdade que não tinha olhado.

#### 4. GUERRA RIKBAKTSÁ NO BAIXO-ARINOS

Poucos meses depois de declarada a guerra no Alto-Juruena, a luta se estende a outro cérnio, agora mais importante para o serviço de pacificação, pois ali teve feito o barco curvo do Arinos. Por esta frente se desenvolverá o trabalho desde o córrego.

O Arinos se tornou célebre no século passado, na História de Mato Grosso, pela navegação para o Estado do Pará, ligando Cuiabá a Santarém. Cruza de Sudeste para Noroeste, dando início, na barra, ao baixo curso do Juruena.

Benedito Bruno Ferreira Lemes, prefeito de Diamantino em duas legislaturas, teve prejuízo na extração da bermuda, sofrendo depressões dos índios Belgo-de-Pau, também denominados Tapirahinta, no alto curso do Arinos. Tentou explorar a região do bána do mesmo rio, embora muito distante. Pela primeira vez no Arinos, Benedito Bruno faz roncar um motor a impulsor arborcação, um Thorncraft de 13 cavalos. Lendo como os betelões antigos, o motor substituiu essas poucas e raras. No encontro de Bruno apareceram garimpeiros cutendo diamante no leito do rio. Também estes modernizaram o processo, empregando escotadura. Mas quem transformou o rio pela modernização de barcos e motores foram os colonizadores e à frente de todos a firma CONOMALL, dando origem ao Município de Porto das Gaúchas.

O sertigal da barra do Arinos conseguiu com impeto em 1952. Abelardo Nascimento, velho Pintado, desceu até à barra, explorando madeira. Voltando, já disparou a coleção nas imediações da cachoeira Santa Maria, hoje chamada Cinco Bocas. Em outubro, Marcelo Martins da Cruz, filho de Benedito Bruno, fornecia vivares a sertigueiros em serviço nas Cinco Bocas. O Sertigal de Bruno ganhou fama entre os demais empreendimentos pioneiros, e mais ainda após a pacificação do grupo Ribabikáia do Arinos.

Mas Abelardo Nascimento trazia da barra do Arinos a notícia de trilhos e cancos de índios. Nos primeiros dias, estes faziam sentir a presença, mas não se deixavam ver, gritos, passos, berbilho no mato, que se acalmavam, logo que presentidos. O primeiro a ver índio, pelo que consta, foi Antônio Júlio, chefe de coleção. Isso por uma aurada já colada. Um índio, cheiro de uma sertigueira encanecida, mergulhava o dedo no Xitex e olhava admirado. Os dentais, serrados no chão. Um cavava um rerno. Não diziam nada. Um parecia resmungar. Vagarosamente se retiraram. Antônio também arrepiou caminho. Uns dizem que atirou nos índios, outros afirmam que não e pelo contrário aconselhava:

— "Cuidado, passabel, os índios estão ali! Ainda temos de dar fala com eles!"

Encontro casual também se deu com Salvador, outro chefe de coleção.

Até pacificar os Ribabikáia, os sertigueiros não acreditavam na minha intuição de que os índios do Jurutena, assim como os do Sengue e do Arinos, que se levantavam contra o alego, pertenciam ao mesmo grupo. Os Ribabikáia aqui no Arinos também não se entregaram simplesmente aos brancos. Os Ribabikáia não se sentiram bem ao lado dos sertigueiros. Tanto assim, que os brancos eram vistos como civilizados, e os inimigos como sertigueiros. Alcunhavam os sertigueiros de feiticeiros bravos e insuportáveis. A palavra conota um mito mítico de armas que cospe fogo.

#### 4.1. O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA

Em setembro de 1952, Acrísio Ribeiro foi colocado na feitoria mais próxima do acampamento de coleção da ponta da Ilha Grande. Tinha vindo de Braga, patrimônio porto de Cuiabá. Alto, branco, era visto por "bom mesmo", na boca dos sertigueiros. Foi trabalhar com Justino Padilha. Justino já se vira envolvido numa luta com índios, donde saiu ferido.

No segunda vez que os dois iam cortar estrada, em dia de outubro do mesmo ano, Acrísio escolheu uma das quais não voltou mais. Os companheiros depois comentavam: "O destino puxa..."

Justino não se conformou com a falta do companheiro e na madrugada do dia seguinte deu notícia no acampamento de coleção. Logo foram tirar o caso à limpo. Encostaram a própria feitoria, da

horas antes tranquila, agora sequeada. Foram revistando a estrada de Acriú. Quase no fim, repararam com sinal de feta desesperada: corpo a corpo terra e folhas amassadas, galhos e pauz quebrados. Mas só dias depois encontraram o revólver como que lançado debaixo de uma roça, com quatro cascos e uma bala virgem.

O lugar se prestava bem para a cilada: 3 seringueiros faziam os vértices de um triângulo de 4 a 5 metros de lado, situados num terreno alto, que cala para o leito do rio em barranco. Para baixo, um corregozinho. Os índios amotinaram-se no barranco e no leito do corregu. O seringueiro expunha os vários lados do corpo, sucessivamente, ao sangrar os três seringueiros. Os índios deram-me pormenores do assalto. Reconstitui assim:

Acriú, pelas 10 horas, abatera uma jacutinga e se aproximou alegre, encobrindo, com pequeno chapéu na cabeça. Ao receber a primeira flechada, soltou um grito medonho. Atirou perdidamente com o revólver. Na luta corpo a corpo, um golpe de bordôa na nuca o immobilizou. Correram, esquartejaram, assaram, levaram as ceras para as idosas vizinhas, em sinal da união das malocas para a guerra. A cabeça foi parar na maloca da cabocla Olignatik.

Os seringueiros, nada encontrando nos arredores do sinistro, afundaram-se no mato, em procura de Acriú. Deveram com um acampamento de índios não longe dali, mostrando farapos de roupa e uma botina do seringueiro. O milho dos índios ganhou uma serrinha, rumo ao Jusara, cada vez mais apagado, para sumir de vez. Só um mês depois saiu a expedição, de que participava um Ho do finaldo, a devorar para castigar os índios. Também desem nada. Possivelmente perdeu durante muito tempo que Acriú vivia, só que os Rikkikha me informaram de que fora comido.

Entretanto, a notícia do desaparecimento de Acriú na mão dos índios abalou o seringal do Arincá. Recebi a notícia no entroncamento da estrada de Cachoeira do Peu, por um caminhão com a Informação fresca: — "Os índios conseguiram vivo a Acriú. Lá embateu á dunica!".

Os índios, no Arincá, viravam os canecos de seringa, amassavam-no, jogavam-no fora ou levavam às cinturas. Às vezes, protegiam-no contra a chva. Também entravam nas feitorias, ausentes os seringueiros, levavam panelas, roupas, rede de dormir e mais objetos. Entravam sacos de mantimento. O montante da pilhagem e desbaratamento elevou-se a alta soma. Trançavam estrelas seringueiras e cada hora de tentarem seqüestro vivo, a unha seca, no dizer dos seringueiros.

Um clima de desassossego, insegurança, sobressalto teve início e se avolumou mais e mais. A maioria dos seringueiros, no começo, permaneceu no seringal. Reagiu, com valentia e fogo, ao verem se verem a braços com silvícolas. Sentiam-se a princípio superiores aos índios, menos num ponto: — "Índio está em toda parte, é trilqueiro e ninguém o vê".

Com a guerrilha, o índio conseguiu amolecer a coragem do seringueiro. Uma crescente irritação apoderou-se de muitos deles. Alguns caíram em verdadeira psicose de agressão, vendo índio guerrilheiro a flechar por toda parte. Escutem num auge da discussão, uma afirmação esclarecedora a respeito:

— "Só matando! Índio se armava à baixa! Matar os velhos e levar as crianças!"

Este a reação encontradiça entre os seringueiros, em 1956, ano de grande ofensiva ribaldista no Arinos.

Nesse ano, a 20 de março, os índios entregaram seu cartório de vizinhos, José Rosa e Silva, fazia poucas semanas de arrendatário do seringal da barra do Arinos. Sua turma de exploração trabalhava um pasto, pouco acima do Recife Grande. Ameaçava cheva. Cobriam o rancho com palha. O cachaço acudiu. Manuel Mineiro carregava um falso de palha e viu um índio malo escondido atrás dum pau, vestido de calça e um gorro branco na cabeça. José Mineiro, o chefe da turma, cortava um pau e percebeu uma zoeira e uma sombra por cima de si. Virou-se e viu uma flecha vibrando, fincada numa seringueira, e deu depois para frenar com um índio em posição de flecha atirada. O alarme dos seringueiros espalhou:

— "Índio, índio!"

A turma se movimentou, grito, tiro de toda espécie de arma, ladrido de cachorro. Os índios não acertaram ninguém.

Tiro rápido se passou e círio que Plínio, o cozinheiro, ao escutar a barulheira levantou os olhos e já viu os índios fugindo e os seringueiros atrás. Os índios sumiram, largando, pelo caminho, um rolofo e um mutum assado, com o laço de carnejar, dois arcos e dois molhos de flechas. Encontro fortuito, mas "cartório de visita", que, na expressão de José Mineiro, reservava fertilidade.

O Recife Grande passou então a ser chamado teimosamente Travassoso dos Índios. Seria bom adotar oficialmente este nome, testemunho do passado indígena e da espécie seringueira.

E vieram os ataques às fábricas seringueiras.

No dia 4 de maio, os índios saíderam a fábrica Nova Ventura, a 12.<sup>a</sup> ria abaixo, na região dos ataques. Sebastião Nunes não trabalhou esse dia, doente na rede. Inácio Pará da Silva, ao chegar ao trabalho, ainda viu cinco índios nos fundos do pequeno terreno da fábrica, todos com arco e flecha. Um vestiu calça e camisa. Surpreendidos, os índios fugiram.

Dois dias depois, 6 de maio, domingo, foi a vez de José Bertoldo Arruda, ex-pracinha do Exército Brasileiro, na fábrica do Paraíso, a 7.<sup>a</sup>. Sebastião Corrêa da Rocha, companheiro de Arruda, desceu ao porto da canoa, um pouco acima da fábrica, para se banhar. José Bertoldo pegou a canoa e saiu a peitar. Sebastião desistiu do banho, pegou a espingarda e voltou à fábrica. Banhou-se depois, no porto da casa, mais perto. Foi sua sorte.

Ao encrescer, José Bertoldo, de volta da pescaria, ao amanhecer a cerrou no porto da cima, foi flechado no ombro e nos rins. Gritou:  
— "Socorro, aiuai!"

Sebastião, na fatoria, mequinamente, puxou do galiléu, sem saber para onde nem por quê. Logo escutou um tropel de índios. Correu ao rio. José Bertoldo tombava nádegas e fora levada pela correnteza, dicas metros abaixo. Agarrou-se a qualquer coisa e gritou:  
— "Me socorre, que estou flechado!"

Sebastião escutou outro tropel de índios. Arrestou José para fora. Achou uma espécie de cova de animal. Descondeu-se ali com José. Ali passaram a noite. Não saíram, vendo perigo no cipóal pela frente. José, ao tossir, longou sangue pelo rosto.

Segunda-feira, pela manhã, José não quis ser carregado para a fatoria. O dia jáclaro, Sebastião foi fazer um café na fatoria. Achou o rancho esquecido. Mas sempre conseguiu rede e cobertor. Desceu. Forrou o chão com a rede, enrolou José no cobertor e disse:

— "Não gime muito, porque índio pode andar pertof!"

— "Dessa não escapó!" — Foram as últimas palavras que se ouviriam da expriinha. Ia morrer sózinho, pois Sebastião saiu em busca de socorro nas fatorias vizinhas.

Caíu pesada chuva de segunda para terça. Tanga, B de malo, chegavam Antônio Carlos de Souza, Inácio Pará da Silva, Vieira Soárez de Moraes e Sebastião Carmo da Rocha. Antes de atingirem a fatoria, caparam jacu. Os índios pilhavam a fatoria. Com os estampidos, correram, deixando apenas arroz e sal. A comitiva enterrou o cadáver de José Bertoldo.

Os índios continuaram a frequentar as adjacências, colhendo mil e castanha-do-pará.

Ainda em malo, no dia 12, Marcelo, filho de Bruno, coloca Antônio Carlos na fatoria São Pedro, a 9<sup>o</sup>. Ficou à noite com ele. Um índio, postado a 13 metros da churraria, na beira da roça velha, atrás de um pau, esperava alguém sair cedo. Ninguém saiu. Atirou uma flecha na casa para provocar. Ninguém percebeu. Naquela o sol, o índio desapareceu. Pouco dias depois verificou pausadamente os sinais do índio. Pelas 8 da manhã, Marcelo viajou com a turma de volta ao barreiro e, uma hora depois da saída de Marcelo, Antônio saiu para o serviço. Voltou cedo e encontrou o rancho esquecido, restando-lhe apenas a roupa do corpo e um pouco de arroz e sal. De noite dormiu no chão, ao lado do fogão e no dia seguinte tomou o rumo do longínquo barreiro do seringal. Gostou um mês em peripécias variadas, para lá chegar. Não se intimidou com as guerrilhas dos índios e queria prosseguir sozinho na extração do lítio.

No dia seguinte, 14, segundafeira, os índios iam atacar simultaneamente as fatorias Progresso, a 10<sup>o</sup>; e São Bento, a 11<sup>o</sup>. Isso, pelas 7 da noite.

Na Fazenda Progresso trabalhavam Antônio Werneski Costa e José Nunes. Antônio tinha consigo a mulher Denilde Maria Ribeiro e a sogra Isabel Maria do Nascimento.

Antônio no dia 12 caiu com vestígios de indios, escutou os remédios de pios do pântano. Não contou a ninguém, pela incerteza dos sinalis.

No dia 14, jantavam, os indios entocalados a poucos passos. José Nunes saiu a comer na barreira do rio. Antônio foi cavar qualquer coisa a José e voltou ao rancho. Ao entrar, recebeu, quase ao mesmo tempo, suavemente trás flechadas: uma na testa, outra no umbigo e outra entre a clavícula e a artéria. Vítimas de lado, afundadas de perna, pois o rancho não era barroteado.

— "Meu Deus, os indios!" — gritou Antônio. Armou duas flechas a, não podendo com a terceira, quebrou-a, deixando o foco enterrado 10 cm na garganta.

— "Vamos náguas!" — gritou Denilde. Foi procurar a mola.

Isabel, como louca, correu pelo rancho e escondeu-se debaixo da cama. José Nunes, na beira do rio, largou o prato e mergulhou náguas. Antônio e as duas mulheres correram ao porto. Ajudado por Denilde, Antônio soltou a canoa para o largo. Esqueceu o remo. Trinta metros abaixo, José pôde subir na canoa. Mais abaixo, Isabel também. Sa 300 metros mais abaixo é que Denilde conseguiu subir. A costa, conseguiram um pedaço de pau para dominar a canoa. Antônio, mesmo flechado, raspava uma lata no fundo da canoa e jogava água fora. Diante da fábrica São Bento, tiveram funda decepção. Em vez de socorro, encontraram a mulher de Milton Padilha pedindo socorro. Sentindo-se olhada pelo marido agoniante, suplicava:

— "Academ, passageiros para mim!"

A canoa sem remo calava no riachágua. Parou lange demais e em vão gritavam: — "Pode vir, vem cá!". Não ouviram resposta. Apenas escutaram indios imitando jacarim. Proseguiram.

Ao clarear do dia, notaram que chegavam a uma fábrica. Gritaram por socorro. Alberto Abreu Telles, apelidado de Tico, e mais o Goleirinho acordaram:

— "Quem é?"

— "Werneski Venha com cancas e fraga nemô!"

— "Que foi? ... Os indios!"

Era a barra do rio dos Peixes. Werneski mandou uma imprecção aos indios. Aquela hora os Ekkakissi camegevam tudo da fábrica. Da boca do marco para diante, foram largando pequenos objetos, caixas de papelão, vasilhas, papel de cigarro e coisas mais.

No barro do rio dos Peixes, às cito da manhã, os companheiros de Werneski ressoaram avançar o topo da flecha. Antônio agarrou-se a um poste. Tico arremessou umas barbas de bombacha, trepou, pulou a fequera com força. Nos sinalis de infecção, aplicaram remédios caseiros.

Desceram 30 km, por trecho encharcado, mas não encontraram José Rosa no barracão. Dias depois, apareceram de novo no barracão. Encontraram José Rosa, mas não os medicamentos. Nem pinga havia. Não se arriscaram mais a subir para o barracão central, pois o batelão era excessivamente pesado e os recursos se tinham esgotado. Werneck subiu em lancha motorizada, com nove dias de flechado, 125 km, até o barracão Cinco Bocas. Também não havia medicamento. Só com 16 dias depois de flechado recebeu a primeira penicilina, 48 km mais acima, no Gleba Arinos, hoje sede do Município de Porto dos Gaúchos. Escapou.

A hora do ataque a Werneck, Milton Padilha era crucificado na fábrica São Bento. Milton, à luz do candeeiro, sentado frente à porta, fazia faixas compridas, para prender os cãecos nas seringueiras, a mulher dente dele. Os índios flecharam por entre os barreiros da porta. Uma faixa passou debaixo do queixo de Orminda, apagou a luz e pegou de cheio o peito de Milton, em cima da camação. Ambos caíram para o chão.

Milton entrou, desamarrou, agonizando. Foi até a popa, caminhacou, tombou negra e emborcou a canoa. Nada. Subiu o barranco. Sentou-se, arriou o corpo devagar, para trás, caindo nos braços de Orminda, enquanto a canoa se perdia rio abaixo. Passou depois a canoa desgovernada de Antônio Werneck. Orminda perdeu a esperança. Viu Milton morrer pouco depois.

"Pux o braço debaixo do pescoço dele. Chamai três vezes por seu nome, mas não respondeu."

Orminda estirou negra. Desceu o rio pela beira, agarrando a galhardia, até achar um vilô para se esconder entre os pauzais. Passou 4 dias ali. Só saiu para buscar fumo e farinha de mandioca. Um trilho do esconditório ao morto é lá caga mostrava depois o desen-  
pero diaqueis 4 dias.

Foi socorrida por Alberto Abreu Teixeira, Manoel Barbosa, Jullinho, Carlos de Barros. Subiram do rio dos Peixes. Disseram-me:

— "Orminda não tinha mais peso, parecia mais uma borboleta."

Os seringueiros temiam, imaginariamente, sanções legais, se sepultassem o cadáver de Milton, sem a presença de alguém, que representasse a autoridade. Nove dias depois da morte de Milton, Marcelo Martins Cruz, Cleoro Alves Dias, Mordiano Gomes Ferreira e José Nunes o enteraram, melhor, cobriram-no com terra.

#### 4.2. VISTA DE CONJUNTO DA GUERRA NO ARINOS

Certo que não invadiram muitos índios no Arinos. Entretanto, no auge da luta, parte deles varou o rio Juruena, juntando-se aos grupos da maré em esquerda do baixo curso desse rio.

Benedito Bruno, vendo a pouca produção de borracha, consciência da guerra, usava o sentir da população local, em contato com tribos de índios. Os seringueiros eram favoráveis à pacificação.

desde que este se realizasse em curtoíssimo prazo, dando de imediato efeitos benéficos, sob pena de extermínarem os índios. Bruno pensava numa ação de extirpadora, para preparar um sítio nos índios e garantir sossego para o sertão. A CONOMALI — Colonizadora Noroeste Matogrossense Ltda. comungava também das idéias de Benedito Bruno. Em 1956, os recôncolos rio-grandenses lutavam na fase de abertura de gleba, dormindo debaixo da lenha. Os interesses dessa companhia olhavam mais os índios Belço-de-Pau, que a atacavam na encosta da Cachoeira do Pau para a gleba Arinos, mais tarde patrimônio radicado na beira do rio Arinos e tornado sede de Município, destacado da mesma gleba. Tinha, no entanto, interesses também pére baixo. Com o correr dos anos teve necessidade da pacificação dos Rikbaktsa. Nequela começo um dos chefes da CONOMALI me disse:

— "Não sei em que vai vir tudo isto. Vai correr sangue. Defendar-se é direito. Não sei como segurar o povo."

Os Rikbaktsa impuseram-se com a guerrilha. O fator minguou nos confrontos, nos pontos de conflito direto, até quase a paralisação. Com argumento dos ataques rikbaktsa, os seringueiros fomentaram o clima de distúrbios, como anarquia de grupos e pessoas, desorganização de serviços por narrativa de prazos, fugas. A vida tornou-se insuportável, quando os Rikbaktsa atingiram o sertão no melhor do zefro. Um surto de rebeldia contra os seringueiros se formou até atingir os índios de uma explosão.

## 5. GUERRA RIKBAKTSÁ NO RIO DO SANGUE

Entre os vales do Juruena e do Arinos, despertou já tarde para a guerra dos Rikbaktsa o vale do Sangue. Encontros sem maiores proporções.

Em julho de 1956, quatro fugitivos da Colonização Cruzeta do Sul descem o rio do Sangue, sobem o rio Arinos, onde dão notícias de numerosos vestígios de índios, portos, canoas, trilhos. Apresentam duas malas cheias de armas de peças e outros objetos. Mas tinham amedrontado os índios com tiro.

Movendo-se uma flecha desses índios aos Indianos, estes se sobressaltaram.

— "Índio muito brabo, para beijo!" — Assim diziam que esses índios novos habitavam a região do norte e eram muito violentos e que os tinham fustigado.

Em 1956, os seringueiros de Pedro Laurindo iniciaram a exploração dos seringais abaixo da ria Cravari. Vinham-se a bracos com a guerrilha dos índios. Deram-se três ocorrências.

Por primeira vez vieram a ataque dos índios ao acampamento do Roncador, nome vulgar da Cachoeira dos Patos. A turma marcou partida para explorar e colher madeiras abaixo do solto. Na véspera da partida, à noite, os índios atacaram. Darcy, apelidado Paranhá, in-

pôr o feijão ao fogo, quando recebeu uma flechada na murchaca. Levantou-se medonho alertado de índios e de seringueiros. Os seringueiros encontravam-se num rancho coberto de palha, mas aberto pelos lados. Sacos de mantimento servitam de trincheira. Acabaram eriçados de flechas. Depois de um tempo, os índios passaram a jogar flechas para o alto. Desceram e varreram a palha do teto. Os seringueiros eriçil apagaram a luz.

José, apelidado Bolivia, sofria de forte hemorragia no calcaneo. Darcy perdeu muito sangue. Uma carabina engasgou. Acabaram-se os balos de um 38. Agoniavam à espera do dia. Deu-se mais um estique curto, antes da meia-noite. Ao sinal de uma bestina, os índios se refinaram. Felicidade para os seringueiros, porque a munição se ia acabando.

Os seringueiros abandonaram a exploração e colação da madeira no dia seguinte. O velho Petronilho não dormiu durante noites seguidas. Os seringueiros riem dele, dizendo que ia guardando a turma.

Em todo o ano, o seringal não contou com mais de trés estradas. Sem ter notícias dos acontecimentos, chegou ao local um mês depois do ataque e admirou, com meus companheiros, os danos.

No ano seguinte, 1957, os seringueiros voltaram e colaram mais seis estradas, levantando faiórias. Estabeleceram também o barracão São Antônio. Acostou-se então o segundo episódio, na faiória Três de Outubro, com Procópio. Informou-me Manuel Clementino, entre outros, como bem conhecedor de Procópio. Os índios completaram a narração.

Procópio não soube companheiro e entrou na faiória sem barreiras. Ao dizerem Procópio, os vizinhos da chalana chamaram a atenção sobre o perigo dos índios.

— "Olha, cuide de sua vida!"

— "Ah! eles são meus parentes! São homens como eu. Não há de ser nada!"

Certo dia deu com os índios. Recolhiam mel num pote. Procópio, como que brincando, com vazolinha graxo e forte, disse:

— "Eh! cambada, que estôlo fazendo aí...?"

Os índios sumiram. Apoderou-se do potecinho, comeu o mel e levou o casco para guardar água fresca. Continuou o trabalho, como se nada fizera aos índios. Três dias depois, os índios sequestraram-lhe a faiória e passados mais 12 dias o vieram matar.

Na manhã de 2 ou 3 de agosto, saindo de casa, recebeu um flechazo um pouco acima do umbigo. Virou-se para buscar a arma. Recebeu outro na nadega. Pegou a espingarda e atirou, matando o índio Yogueidi. Procópio morreu sentado no chão, debruçado sobre a toromba de dormir, com 8 ou 9 flechas cravadas. Assim o encontrou o termo da lancha. No chão, 15 cartuchos deflagrados e o desossado na agulha. Uma pequena borduna, recolhida pelos seringueiros, e

dada a mim, conta o resto da luta. Procópio foi enterrado na feitoria São Luís, vizinha, rio abaixo.

Pouco depois do caso do Procópio, aconteceu o terceiro episódio. Um combate de siringuitiros desciu o rio do Sangue. Numa curva do rio encontraram cancas na margem e fogos escuros na barreira: índios. Vera aírher foi uma a mesma coisa. Os índios se embrenharam no moto. Manuel Adão disse que nem chegou a vê-los. Tudo foi surpreendido. As cancas dos índios apresentavam, entre outras coisas: batatas assadas, peixes, pombas moquedades, arcos, flechas, colares, potes de barro. Manuel Adão contou-m:

— “Digo a verdade, eu também comei, porque estava com fome.”

Algumas siringueiras queriam despedir-se das cancas.

— “Para que isto?” — perguntou um.

— “Para não viram atrás de nós para nos matar!”

Um siringueiro contentou-se com furar o fundo com um fio de ferro. Um ano mais tarde, esta canca desempenhou papel importante na cena da primeira fala com o grupo Rikbáktua do Sangue, com um tiroço no lugar do furo.

Coisa de importância, além do que narro, não ficou provado ter acontecido nessa frente do Sangue. Muitos boston sem fundamento se espalharam.

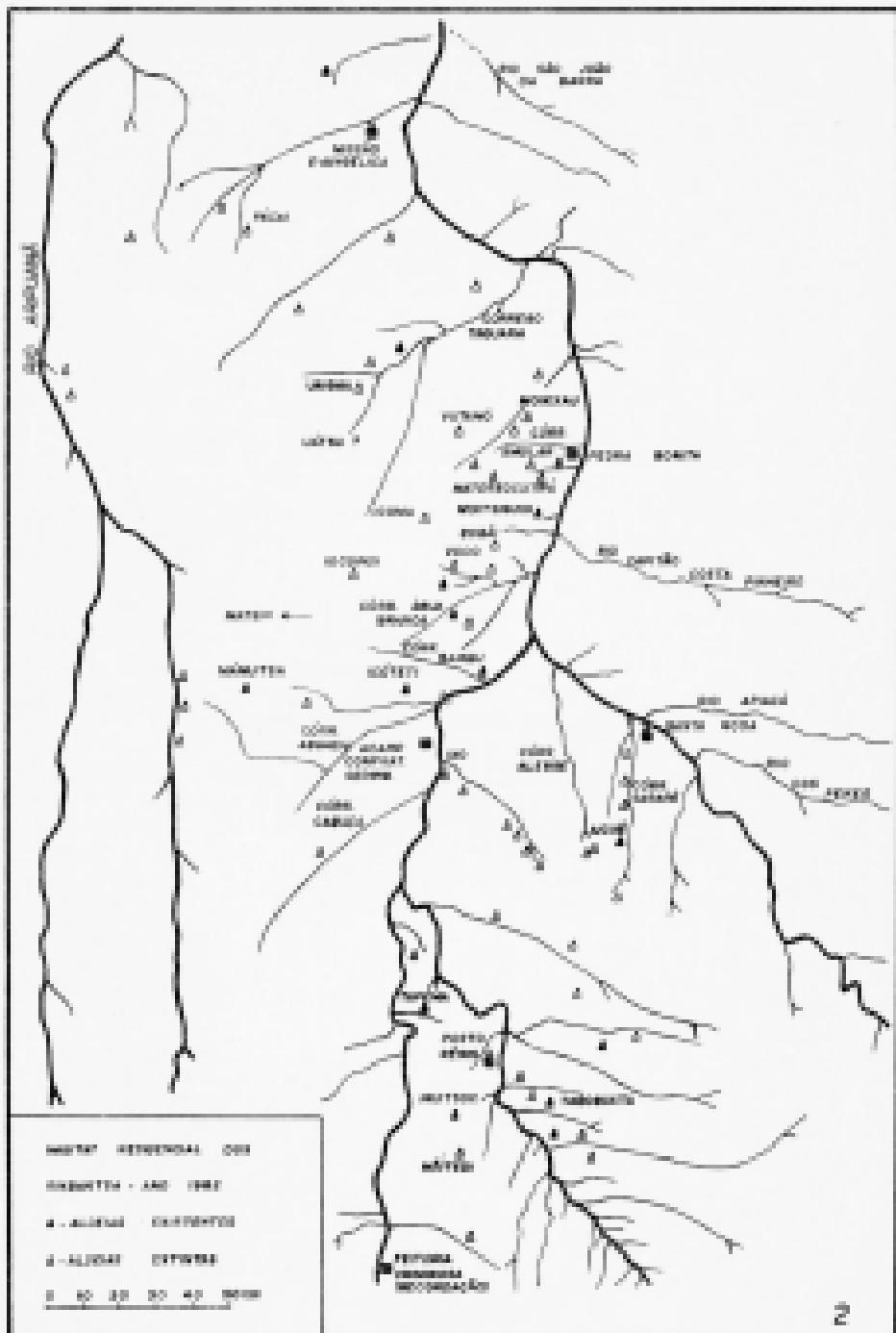
#### 6. POR QUE SAÍ A PACIFICAR OS RIKBÁKTSÁ

Pacificar os Rikbáktua, descorrindo esporâneas do serviço de índios da Prefeitura de Diamantino, era uma questão religiosa, uma missão. Tinha ordem do Prefeito e do meu Superior Jésuita para pacificar.

Considerada em si, a pacificação era também uma tarefa sócio-humanitária. Envolvido no choque entre brancos e índios, verifiquei que um contato pacífico se impunha por força das circunstâncias. Esta força das circunstâncias constituiu a fonte de motivos e critérios para o ação imediata e para a onda emocional necessária numa empresa difícil e demorada.

Os Rikbáktua, índios a nome desconhecidos na região dos altos curaus dos rios Juruena, Sangue e Ariwá, ocupavam um vasto território em grande parte inexplorado. Só aos poucos fomos conhecendo o extenso território a desdobrar-se dia a dia ante os nossos olhos. A área atingida pelos Rikbáktua podia ser bem coisa de 30.000 km<sup>2</sup> para mais e mesmo 50.000 km<sup>2</sup>. Os grupos Rikbáktua contariam com um total presumível de 400 a 500 pessoas.

Além os Rikbáktua não eram índios completamente desconhecidos, pois havia contatos no rio Ariwá e em vertentes de sua



margem direita, com seringueiros descendo do norte, do Amazonas. Tinha eu minhas reservas sobre as informações do ribabátsa Ueigma e de outros índios sobre esse fato. Foi quando um dia, Rende eu levado Ueigma a Curitiba, um comerciante disse:

— "Eu conheço. Isto são Orelha-de-Pau, que brigam com os seringueiros do Aripuanã."

Pelo visto, esse primeiro contato no Aripuanã foi hostil. Hostil foi também depois, em 1932, na nossa frente de avanço rápido, subindo do sul para o norte.

Em ação de envergadura, em frontes extensas, a ocupação seringueira atingiu a região residencial da tribo. Os Ribabátsa reagiram. Depois das expedições de repressão dos seringueiros, queimando e destruindo roças e malocas, e matando, a luta se generalizou espacial e também numericamente, envolvendo, aos poucos, todo o território e todos os grupos ribabátsa. Por fim, a luta se definiu para os Ribabátsa como defesa do espaço vital e da sobrevivência.

Próficio tornou-se tarefa de salvaguarda de vidas ribabátsa.

#### 6.1. PACIFICAR OS SERINGUEIROS

O quadro na frente dos invasores não era menos trágico. Nas cidades ignorava-se a existência dos Ribabátsa na região. Era coisa inevitável acontecerem conflitos isolados em encontros inesperados. A maioria dos seringueiros veio trabalhar no sertão para melhorar de vida e superar mais rapidamente o estado de limiar da miséria. Esta esperança desvanecia-se ao surgirem inesperadamente pela frente o índio. Assim, foram constrangidos a defender a vida e o pão para si e para as suas famílias. Empresários e patrões, colocados em semelhante situação de pressão inesperada do índio, entreviam a catástrofe econômica de maiores proporções, pois a borracha constitui importante parcela da economia nacional. Na extração do látex competiam as posse, prestígio e posição social.

A situação assustante, tanto do índio, quanto do seringalista, recala esquecida sobre o humilde seringueiro: falta de mantimento, quando não era servido estragado; miséria e outras doenças; insetos perseguindo dia e noite; arbitrariedades da administração do sertão comentada pelos imprevistos; transporte incerto; exigência de entregar a borracha que não era possível tirar; pesadelo em toda hora e todo lugar do índio presente sem se deixar ver. O resultado do inferno seringueiro era o acúmulo de revolta contra tudo, era o clima de ódio aos Ribabátsa, momento quando o sangue das corporalidades tombadas apreendia grudado na feitoria, na bordadura, na canoa.

Sob o ponto de vista sócio-humanitário, missão igual era a dos Rikbáktas e a dos seringueiros. Dava feio de uma só moeda, como cara e coroa de um mesmo problema. Pacificar a quem quer que seja, durante uma guerra estalada, sempre verá a ser um mal menor. Não é um programa sujito a discussões, visando a melhorias. Trata-se de salvar o possível. Utopia prever médios e longos prazos na emergência de um salvamento. Não satisfaz aos seringais e às colonizações, pois a pacificação impõe, entre eles e a frente conflagrada, grupos humanos neolíticos, descompusados e anacrônicos. Não satisfaz aos Rikbáktas, porque lhes impõe a restrição do aspupo vilai e a longa presença de indivíduos mal-encarados. Mas é a única opção viável.

## 7. INSPEÇÃO DO BAIXO-ARINOS

Antes de me aplicar à pacificação dos Rikbáktas, empenhava-me na atração do grupo Kayabi. Estava para sair para o rio Teles Pires, a descender uma região desconhecida, em abril de 1955. Na hora de sair de Diamantino para o Kayabi, chega um caminhão de Paulino Monteiro com a notícia da morte do seringueiro Jovalino Portes, da fazenda Crimíosa, no rio Juruena. A notícia abalou Diamantino: medo e ódio explodiram. Um tanto perplexo e respeito de que deveria fazer, perguntei ao meu superior religioso, Pe. Edgar Schmidt, se devia seguir para o Teles Pires ou atender ao Juruena.

— "Vai ao Teles Pires. Entretanto, a situação nos Canopéus (Rikbáktas) se tornará melhor conhecida."

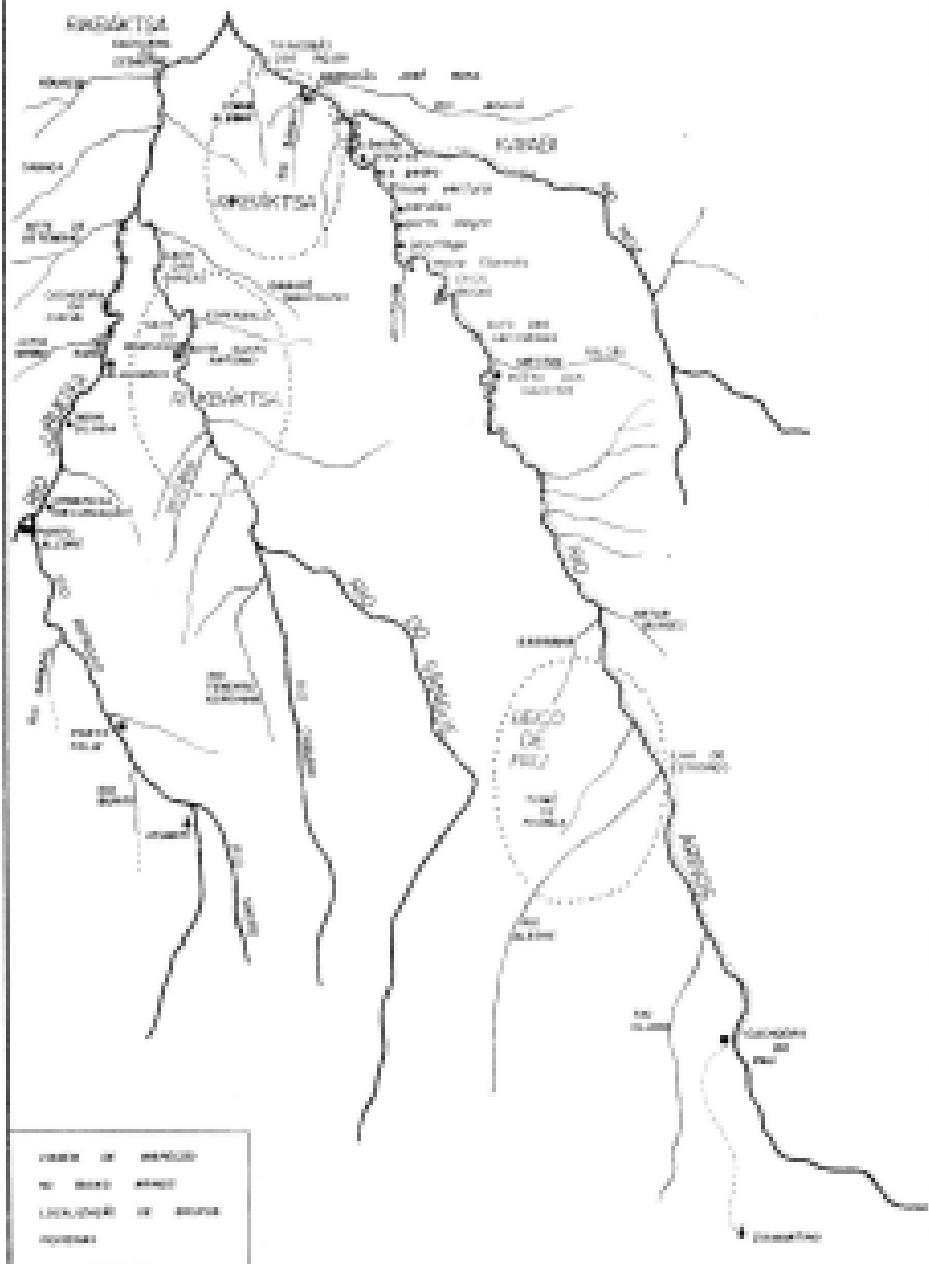
Entrado no rio Teles Pires, atravessei o divisor das águas e passei à vertente do Arinos, atingindo o rio Tatui. A atração saiu tão bem, que neste contato o grupo mais isolado do Tatui acitou o minha presença.

Ainda no Tatui, encontramos a frente pioneira do seringal de Benedito Bruno. Alguns seringueiros se tinham disposto a atirar nas nossas duas canoas de casco, tripuladas por índios meio nus, unicamente. Telladamente aconteceu a confrontação. Disseram, então, os seringueiros que subiram o rio dos Peixes. Mesmo rio, portanto, o Tatui e o Peixes.

No Arinos, quase não encontramos seringueiros na região de baixo: apenas dois. Tiraram nossas dúvidas: muitos seringueiros haviam abandonado o seringal, por causa dos índios, por falta de vivência, por descontentamento. Fala primeira vez ouvia falar de fugitivos do rio do Sanguê: cinco vieram de lá, dando notícias de índios, apelidando-os "Canoeiros".

Os Kayabi participaram logo do reconhecimento dos sítios dos Rikbáktas, deixados nas margens do Arinos, interessando-se por razões próprias, delas.

Subimos a pé as margens do Arinos pelas estradas de seringa. As canoas de casco só nadaram até aqui. No bondeiro Cinco Bocas



tivemos informações abundantes sobre o Arinos, entendendo-nos diretamente com algumas testemunhas oculares ou próximas de fatos que nos interessavam, tanto sobre os índios, como sobre o seringal.

Do mundo de informações do momento, incorporados aos estudos já feitos, saltei para uma conclusão importante: tinha a intuição mesma de que uma só nação Indígena abarcava no Juá, se mostrava no Sangue, repartia no Arinos. No entanto, não parecia que as guerrilhas obedecessem a um plano único. Essa hipótese de trabalho sempre foi confirmada. Os fatos demonstraram que eu achava bem certo a chave para a pacificação, facilitando-me a compreensão da tribo e de seu território.

Os Kayabi voltaram às suas malocas. Subi a Diamantino. Prestei no ano seguinte, 1956, fundar um posto de evangelização no Terui e estudar se como pacificar os Belo-de-Pau e os novos Rikbaktsa. Na realidade atendi à pacificação dos Rikbaktsa.

Dia 3 de junho de 1956. As 5 hs. e 30 min. saí de Diamantino com o caminhão da Prelazia Herschel, para ter contato com a fronte de guerra rikbaktsa no Arinos. Isto, na verdade. Nos planos, era para atender à catequese dos Kayabi. O caminhão tinha o aízo mais comprido que os demais caminhões. Com duas horas de viagem já trocávamo um pneu. Apenas às 16 hs. e 30 min. chegamos ao porto Cachoeira do Pau.

No porto, cito ranchos davam ar alegre à clarineira de moto, sob a chefia de Cláudio, vulgo Goiano. O barreiro fora construído com material trazido de fora; mais barato que o de madeira tirado do moto do redor.

Dia 5. Mais às 4 hs. e 30 min. Na descida, um encarregado da Campanha de Erradicação da Malaria ia lançando DDT, e outro, do Departamento Nacional de Endemias Rurais, borralhe BHC contra o barbeiro. Isto em cada rancho que fomos encontrando.

Pousamos na curva seca do Jeá. Um menino alto interrompia o orvalho da noite. Neste sentido, o padre precisa ser um do povo, não um "clérigo" privilegiado.

Dia 6. Com uma hora de descida, um balde na ilha da Borrecha nos prende. Tivemos de fazer todo o esforço de que éramos capazes, para livrar o barco. O ferro teve de ser consertado. Terminado o desencalhe, endespararam uma as piloto e encarregado do seringal:

— "O Brasil só põe fechadura, depois de arrombada a porta!"

Um cafeginho depois do pesado trabalho até que assentou bem. Na conversa, após o estorno filaco, o pessoal puxou o assunto da Bíblia e a História da Selvação.

Os siringais, de ambos os margens, neste paragam, pertencem ao Dr. Antônio Júlio.

As 12 hs. e 10 min. passamos o travessão do Júlio. Escutei, de gente prática, como escolher barcos e motores para estes águas ress. Qualquer dia eu iria prechar desses conhecimentos.

Dia 7. Salmos às 6 hs. Pouco depois encontramos uma lancha de coletores de seringal subindo. Não cheguei a saber donde vinham, tanto o alvoroco dos seringueiros só se encontram. Nesses solitários é comum esse desabroto.

Às 13 hs, e 35 min, chegamos à Ilha do Estrondo, assim chamada, porque, poucos meses antes, gente que passava nessa ilha, além de sentir um estremecimento, ouviu um estrondo.

Juntamente conosco, chegou à ilha uma lanchinha de Porto dos Guichás. Trazia as notícias alarmantes das mortandades de maio. Os dizeres eram que os índios tinham matado 8 seringueiros, e um escapara com três flechas no corpo. A verdade dos fatos foi narrada assim, sob a epígrafe: Querida rikbaktua no Bateo-Ariros.

Tomo do papel e escrevo cartas ao Pe. Edgar Schmidt, propondo os termos cláusula pacificação; ao Sr. Darcy Ribeiro, para que notificasse o Conselho Superior de Proteção aos Índios; ao Prof. Egon Schaden; ao Sr. Benedito Bruno, arrendatário principal do seringal em choque com os índios, dizendo que pacificar era a solução. Ia junto uma carta do Galeno, que pedia armas e munição.

O encarregado da CONOMAU tomou-me à parte e pediu providências:

— “O índio fica cada vez mais atrevido. Só apanhá-lo não dá. Precisa reagir!”

O Galeno andava pálido ao saber das mortes de seringueiros, via comprometido a cargo e gente do seu transporte. Os seringueiros reagiram com fúria: “Eu vou esperar primeiro a flechada!... Eu atiro logo!”. A viagem ia até muito bem. Mas desse momento para a frente, tinha eu um trabalho mais pesado que o desencalhe da lancha...

Pousamos na ilha, frente ao córrego Tomé da França. Narrativas e evocações de encontros com os Belo-de-Pau, que por aqui habitaram, impressionaram vivamente os curaus. Hoje também a Bíblia voltou a ser tema. Na leitura dela, o sermão espiritual da vida se renova. Os seringueiros apreciam intensamente.

Apesar de bem escolhido o acampamento, onças rondam-nos.

Dia 8. Acordo com sereno forte umedecendo tudo. Vejo que na pacificação não posso dispensar uns metros de plástico para proteção.

Festa do Sagrado Coração. Na missa, rezamos pelo seringueiro morto, fazia pouco, pelos Belo-de-Pau. Rezamos pelas vítimas dos Belo-de-Pau.

Avançamos o dia todo águas dos Belo-de-Pau. O ambiente de perigo é um apelo à fé e à coragem. Aproveito toda ocasião, para difundir idéias da pacificação. Escutam e pensam.

Dia 9. Às 16 hs, damos com a primeira feitoria. Banho de 4,50 por 3 metros. A palha desce oblíqua da cumeira até às trave-linhas, para cair depois a prumo no chão batido. Por aqui, o progresso sobe muito, se a parede ganha barro. Dois pés de alôbora elevavam

mortigos para um cocho de prensar borracha. 1.500 conchos jogados num coto dizem que a estrada seringueira parava. As onças rastegaram a palha do rancho, mas não se interessaram pelas roupas abandonadas nos jirans de verão podres.

Dia 10, Encontro o Golero sentado no chão da proa da lancha, pensativo, observando o movimento dos seringueiros. Entramos numa conversa mais detida sobre a situação frente aos índios. Apareceram as primeiras idéias práticas sobre medidas de proteção dos seringueiros e sobre a pacificação.

Paramos um pouco na sede da COHONAU, também chamada Gleba Arincó. Deram notícias de um caminho de índios no fundo da gleba. Não apresentava sinal de farsideza. Mesmo assim, provocava viva inquietação. Willi Mayer, administrador, teimava insistente pedido para eu ou outro padre assistir a população da gleba.

Seguimos. Chegamos ao barracão do Alto das Cachoeiras, primeiro estabelecimento do seringal de Benedito Bruno. Sisavam-se a dois passos das primeiras moradias de índios e cerca de 200 km de Cuiabá. Ali se juntavam, perto um do outro, um rancho de 5 por 8 metros e um depósito de borracha. O rancho dos moradores dividia-se em dois compartimentos e levava anexo um puxado para cozinha.

Diversos curaus ostentavam um absurdo descaso pelas medidas de prudência. A maioria das mortes de seringueiros teve início na incuria e presunção. Meu trabalho aqui é esclarecer.

Despenda para o barracão das Cinco Bocas, ficando no Alto das Cachoeiras o grato da bagagem.

Este ano de 1956 comemora o centenário da abertura da navegação do rio Paraguai. A navegação encerrou o ciclo célebre dos pararitex, uma fase dura de Diamantino, pela Ida e volta, lá se ia o ano inteiro. Fechou-se então, há cem anos, o trânsito por estes cachoeiros.

Manoel Gomes desceu essas cachoeiras em 1906. Chegando ao Pará, não teve coragem de voltar. Além das cachoeiras, alegava a falta de peixes e a presença de índios. Para chegar a Cuiabá, deu volta pelo rio Madeira e Galara.

Nos canais violentos, é só puxando na corda que o barco sobe. Desses cachoeiros para baixo, os plumb fazem um reino de sofriamento. O curau sente a pele incharse e, não raro, abre-se em feridas. Mas é também a melhor região de seringais.

Em Cinco Bocas, a borracha é enviada uns 18 km acima em pequenos barcos do Alto das Cachoeiras, onde barcos maiores fazem o restante do rio, em águas mais mansas. Os balizos no tempo da seca tornam a navegação impraticável para barcos grandes.

No assunto de descarregamento e carregamento e na ocupação de ordens e medidas, Golero não esconde a preocupação com a divisa e o fome: as guerrilhas das Rikibiktsa comprometem a produção do seringal. O Banco de Crédito da Amazônia, Banco da Borracha no

boca do povo, adiantava o necessário para a exploração da mata, coleção de estradas, levantamento de feitorias, barreiras, fornecimento dos seringueiros, transportes. Mas a produção de borracha responderia pela amortização do empréstimo e pelo lucro.

Once, os seringueiros mais experimentados, vindos desorientados da região de baixo, tentados pela fome e assombrados com os índios, se recolhiam ao barracão. Semeavam a discordia entre os curas. Quando chega, já reina o descontentamento geral. Até Ivo, bom seringueiro, se queixa de que, depois de 12 anos de seringal, nada possui. Alguns parecem propostamente quasecaos. Outros protestam contra a falta de fumo e batatas. Outros, por só passar a peixe e farinha. Outros alegam que, em Cuiabá, ninguém falaria de índios. Em suma: ninguém demonstra seriedade. Sou o único a bater-me por soluções justas. Ponho-me a urdir, com seringueiros mais compreensivos, uma campanha em favor da paz.

Proponho ao barraconista um plano mínimo de segurança para a vida e economia dos seringueiros. Quanto aos índios, logo a díluntivo: ou abandonar o seringal ou pacificar os índios.

Acalma-se então, um pouco, a exaltação dos ânimos. A causa de paz, por fim, ganha terreno pouco a pouco. Todos temem nova onda de ataques dos índios. Apresento a Golano e discuto com ele um elenco de cinco normas para os seringueiros em serviço, enquanto durarem as guerrilhas. Golano pega do papel escrito e afixa-o na porta do barracão. Em resumo, eram as seguintes:

- 1) passar as feitorias da margem esquerda para a direita do Arinos;
- 2) os seringueiros, no lado esquerdo, irem dois a dois ao serviço;
- 3) constituir uma turma voltante de vigilância permanente;
- 4) omitir, para este ano, a colheita de castanha comercial, nas zonas em que andam índios, para evitar conflitos;
- 5) nunca ir atrás dos índios, para agredí-los; mesmo numa defesa inevitável, não atirar neles.

Dia 11. Claudiino pede aos seringueiros declarações a respeito dos três meses passados sob ataques dos índios. Com muito diplomacia faz o repórter Walter Irigoyen redigir a narração. As testemunhas oculares assinaram o documento. Essa declaração-relatório será para Claudiino, o melhor comprovante, diante do pântano, de que não era ele o responsável pela baixa de produção de borracha, esclarecimento necessário, porque, precisamente nesse ano, foram despendidas maiores somas e empregados maiores contingentes na montagem do seringal.

Uma turma de tripolantes desce o rio Três Iguais, a buscar a velha lancha "Gigorinha." Começa, assim, a aprendizagem de passar por espessas imprevistas e prolongadas. Visito o seringueiro Manga-heira. Além da bronquite crônica, sofre agora de um inchaço nos pés. Um deles encolhere. Deu, logo na entrada do quarto, com o

fedor de ferida infecionada. A pele, já preta, eschara. Suspeitam de tétano. Deu a mão ao desvalido. Penso que nós dois somos amados de Cristo. Mangabeira se pinta como perfeita nordestina: voz decidida, olhar firme e independente. Meu conhecido fura a placa russa só em Diamantino. Aconselharia-o a não voltar mais ao inste. Como outros tantos, tentou mais uma vez, para depois procurar melhor situação. Agora nem sente forças para viajar. Recebe a segurança penicilina. Bom siringueiro, tem a malha estofada de boa roupa, sua riqueza.

A noite, choviscava forte. Goleavo por duas vezes visita Mangabeira já em coma.

Dia 13. Vem, afinal, a "Ogeninha." Sai discunilo, porque alguns queriam levá-la com outras embarcações, diretamente até Cachoeira do Pau, em vez de trazer primeiro a carga deixada no Alto das Cachoeiras. Como minha bagagem está em jogo, entro também na discussão.

Por fim, às 14 hs. partem em pau, levando três toneladas de borracha, algumas barbas já pretas da fria arca.

Para não ficarmos no puro arco, festejamos Santo Antônio com um peixe e um pato. No baracalo à tarde, porque no dia de Santo Antônio não se trabalha. Chove de manhã e de tarde.

Passo a noite com Mangabeira. Reunimo-nos certa hora e julgamos que o mal era gangrena. O pé abreia em fendas.

Dia 14. Escrevo a Diamantino, dizendo ao meu superior que a fase de mentalização da campanha cominha bem.

Puxando um iherco com motor Asquimedes, Jonas de Mello, apelidado Baixinha, da turma que garimpava aquí perto, sobe à Gleba Arincó, a buscar socorro para a Mangabeira. O pé do doente amassa cal os pedacos, ande como libaneda. Cláudino me acompanha de noite, ao lado do enfermo.

Dia 15. Dia de puro arroz e cuidado do doente.

Dia 16. Chego a bagagem, mantimento e o enfermeiro da Gleba Arincó, Beno Kiecht. Traz soro antitetânico.

Renovo, com sucesso, a idéia de um sindicato siringueiro. O motivo são certas garantias mínimas para o siringueiro, especialmente quanto à saída e remédios. Na selva, o siringueiro é mal servido, salvo raras exceções. Vejo-o fortemente. Faltam gêneros alimentícios de primeira necessidade. O homem é tido e tratado como praguíçata. A gestação não atende as normas, com medo de abrir caminho para os meus. A negra é tratada os siringueiros como um pelotão de anônimos. A maledade de um passa a ser de todos. Porque uns poucos não são roubados dos índios, diz-se que nenhum é roubado.

O siringueiro, por vezes, não tem vantagem com a venda da borracha, devido à despesa que tem para abrir o siringol e transportar a borracha do fundo da selva até Cuiabá. Procura compensação, vendendo cearas e artigos de uso comum e preços exagerados. Também, muita vez, a qualidade das mercadorias não é boa.

Também o seringueiro exagera se queixa, culpando o seringueiro do nude golpe que sofre da natureza bruta. No seringueiro cai tudo o que vai mal.

As 14 hr. seguimos viagem aos Kayabi. A lancha, o serviço do seringal, leva 9 tripulantes e 20 seringueiros. Entrando na região dos ataque dos índios, vou verificando a verdade e os sinais dos acontecimentos.

No primeira fatoria moram Osvaldo e José Lima. Na segunda, denominada Estação, acima da cachoeira homônima, trabalha José Severino, que agora está substituindo o Epifônio. Não sofreu ataque e só curiu assédio dos índios. Pouquemos na fatoria Correnteza, de Basílio Pinto de Almeida, apelidado Brasil, um escorredor social. Disse: "Aqui não tem isso de nós matar índio. Nós também somos gente. Mas agora que os índios fizeram isto! Quando me lembro o que virá se vêm à minha fatoria, eu morro!"

Dia 17. Partimos às 8 hr. e 5 min. Com 20 minutos, apartamos na fatoria Nova Floresta, de Jólio Alves da Silva. Lúcio deve agora substituir o João. Na conversa da última decisão, Lúcio diz:

— "Fico. Olha, aqui precisa bicharudo!" — Era o pedido de não deixar sem fuma.

A fatoria de Osvaldo da Silva e a de Vermelhinho são uma parida. Os dois seringueiros se encontram freqüentemente com os índios.

No fatorias seguinte, Porto Alegre, visitamos Ondina e Alfredinho Benedito Pires. Foram atacados pelos índios na estrada. Ali encontramos Omirinda, vítima do ataque de maio. Nossa-nos o ocorrido. Esta resolvendo a volta para a casa dos pais em Cuiabá.

Pouquemos numa ilha mais aberta. Aqui, em 1955, os garimpeiros desfacharam fogo contra os índios.

Dia 18. Com 15 minutos de lancha, chegamos à fatorias Parauá. Fixamos uma cruz no tímulo de José Bartolé de Amuda. Deu a bengala. Verificamos pormenorizadamente os sinais da luta e morte da ex-predinha.

As 9 hr. abrimos na fatoria Nova Ventura. Vinha subindo José Rosa, encarregado do setor de baixo do seringal de Benedito Bruno. Chega num batelão a remo, atrás de recursos. Felicidade sua que o transporte já estava descendo. Já tinha ouvido falar dele e acho-lhe jeito de amigo.

As 10 hr. chegam alguns seringueiros, a pé, vindos do rio das Peixes, apertados na luta contra extrema necessidade. Um deles reclama de José Rosa. Este faz ver, com respeito e ponderação, que o caso não se resolve com impatos na vida apertada de seringal.

Nessa fatorias Nova Ventura, Sebastião Nunes foi roubado pelos índios. Alvino ocupou o lugar de Sebastião. Mas Alvino não tinha coragem e não deu para ficar.

No fatorias São Pedro, Antônio Carlos mora sozinho, na margem esquerda do Arinos. Não querendo mudar-se para a margem direita, é obrigado a fazê-lo. Não sozinha nenhum companheiro.

No fatorias Progresso, reconstituímos o caso de Antônio Wernack. Mineiro e Tio agora passam para essa fatorias, transladada para a ilha pedreira.

No fatorias São Bento, fizemos uma cruz na sepultura de Milton Pedreira. Cobro com terra as pontas dos pés que estavam de fora. José Urna, bom moço, ocupou sozinho um rancho defronte, na margem direita do rio. Não quer companheiro, porque a estrada só dá para um. Aqui pausamos.

Dia 19. Partimos às 6 hr. e 45 min. Com 35 minutos tocamos na fatorias Nova Vista, de Júlio Carlos Ferreira, que suportou vários e sérios ataques dos índios.

No fatorias seguinte, da Barra, de Alberto Abreu Teixeira, José Vieira e de Manoel Barbosa, atingimos uma zona onde não apareceu índio. A fatorias se situa exatamente na barra do Rio das Peixes. Região piscosa.

Mais 25 km e abrigamo-nos no barracão de José Rosa e Silva, amandarírio das estradas de barreca de baixo. Barracão novo de um mês. Troncos carbonizados ainda fumegam.

José reforça permanências do ataque dos índios à turma de coleção. No dia 21 de março, dia seguinte ao do ataque, dois exploradores chegam de volta da barra do Arinos, em batelão, e quanto se desencotram dos 5 coletores, que tinham sofrido o ataque, pois procuravam um lugar mais seguro para o acampamento, numa ilha. Encotaram, no entanto, ainda cedo um estrela, para anunciar o ataque no barracão. No dia 22, chegar o estrela. Em resposta, José Rosa manda seu sobrinho Antônio Carlos, acompanhado de gente armada, ao acampamento da coleção. Contavam com uma carabina 44 e um revólver 38. Antônio Carlos não encontra ninguém no acampamento. Dá tiros e ninguém responde ao aviso. Volta ao barracão. No dia 24, o próprio José Rosa vai averiguar os acontecimentos. No dia 25, encontra a turma da coleção bem disposta, dando a impressão de que nunca viu perigo de índios. No dia 1.<sup>o</sup> de maio, José Rosa assenta definitivamente o barracão, junto à cachoeira Três Irmãos, bem no centro da serra-gal orrendado.

Passamos, eu e José Rosa, ao assunto da guerra. Ao plano de pacificação respondem com um sim decidido. Homem prático e de bom senso, contribuiu notavelmente para acomodar seus seringueiros à situação de choque com os índios, conforme normas estabelecidas. Além de agrucar seringueiros, passou as fatorias para ilhas.

Recomendamos aos seringueiros levar arma e cachorro. Gora, no entanto, a patrilha do rio, por falta de gente apta. Em vez de patrilha, apelamos para encontros mais freqüentes entre os seringueiros e a administração do seringal. O fornecimento mensal passou para quinzenal. Foi cortada a colheita comercial da castanha-do-pará.

Para 6 fátorias, foram distribuídos 11 seringueiros, sendo 3 deles com famílias. Fechamos assim o dia e mercé a viagem para o rio Tatuf.

Dia 20. Viajando para os Kayabi, às 15 hs. e 45 min. estamos subindo o Tatuf, para 45 min. mais tarde pousarmos na primeira fátoria, a Pimenteira.

Dia 21. Almoçamos na segunda fátoria. Nesses fundos da serra, a gente aprecia os coelhos simples. Experimentei quanto vale e representava uma lata vacia. Pousamos no Grapério.

Dia 22. Pouso no Olívio, junto ao travessão da curva.

Dia 23. Às 13 hs. e 30 min. estamos no acampamento da colação. Salvador, chefe da colação e exploração dessa fronte do seringal, com habilidade própria e mantém disciplinada gente de procedência e índoles muito diversos.

Deu com um seringueiro puxando a comunista. Entrou num curso de Direito, mas saiu implicado na rede das leis vigentes. Aqui, como nas fátorias do rio Tatuf, falta medicamento. Encontro malfeitores e aparece um caso de Leishmaniose, também chamada "ferida braba".

Seringueiros desse rio receberam promessas de ótimas estradas. Alguns ainda esperam a colação, outros recebem estradas ruins, outros ficam sem saber se ganham alguma estrada, em tempo de produzir. Alguns abandonaram o seringal.

Dia 24, domingo. Muitos procuram conforto numa missa. Celebro por essa gente, para que veja tempos melhores.

Subo até o salto, já perto. Não encontro os índios Kayabi. Tinham vindo e já voltaram. Deixo no acampamento do Salvador as mercadorias, pagamento do trabalho que os Kayabi fizeram conigo o ano anterior. Deixo ainda, em separado, um depósito para pagamentos futuros, quando eu subir de novo o rio.

Os tripulantes recebem e pesam a baricha do Alagoano. Viajamos três horas apenas.

Dia 25. Descemos até a Pimenteira.

Dia 26. Veio uma injustiça do seringueiro: uma estrada prejudicada por corte fundo demais do alego. Aqui também não há reivindicação para o seringueiro.

Dia 27. Os travessões dão-nos muito trabalho na subida do Arinos. Lembro-me uma vez mais do monumento do Ibipuera aos bandeirantes.

Dia 28. Pousamos na fátoria Jacutinga. Comentando o pânsimo pouso, um seringueiro diz:

— "Que pouso ruim! o melhor dele foi a missa!"

Dia 29. No porto do barreiro Cinco Bocas, o barco recebe consertos, pelo que sofrera nas cachoeiras. Dilo notícia do Mangabeira:

— "Mangabeira já bateu assa. Foi para o cluif" — diz Cláudino.

Dia 1.<sup>o</sup> de julho, domingo. Recevo normas para a proteção dos seringueiros. Distribuo a oração da seringa.

Partimós. Viço que, nessas águas, um motor deve render pelo menos 10 a 12 CV.

Dia 13. Em Diamantino, relato ao bispo Dom Alonso e ao Superior dos jesuítas, Pe. Edgar, a situação alarmante da guerra dos Índios. Nessa viagem acabava de tocar, sentir, conviver; fiz-me um com a frente planeira, vendo que o índio e o seringueiro tinham o mesmo problema.

## B. PREPARATIVOS DAS EXPEDIÇÕES PACIFICADORAS

### B.1. BASES PARA A PACIFICAÇÃO

Busquel, antes de tudo, as autoridades.

Um pedido meu ao Governo do Estado foi dar no Serviço de Proteção aos Índios. Logo desaparecido no longínquo Ministério da Agricultura.

Na falta de material, procuro algum documento do SPI, que me resguarda no trabalho. Para esse efeito Dom Hélder Câmara, bispo auxiliar de Rio de Janeiro, intercede com duas cartas ao Gen. Clíndido Mariano da Silva Rondon. Meu bispo envia um telegrama. Não recebo documento nenhum. Por sinal, não recebo em tempo algum da pacificação.

Um dia, estando numa repartição do SPI, em Cuiabá, tentando obter expedição urgente nos negócios, recebo a resposta:

— “Então, deixa os índios morrer!”

Benedicto Bruno foi ter pessoalmente com o Diretor do SPI, no Rio de Janeiro, levou consigo o abaixo-assinado dos seringueiros do Norte de Mato Grosso. Tive, por resposta, que no SPI faltavam verba, pessoal, informação.

Passei a outras classes da sociedade.

No mérito e demérito da pacificação, é preciso estatuir, de uma vez para sempre, que muito mais responsáveis pelos acontecimentos da guerra ribáltica são a sociedade dirigente, os mandatários, que os simples seringueiros. Os únicos que influiam diretamente na guerra eram os seringueiros. Mais tarde encontrei mediadores de terras, já sem possibilidades de lhes perguntar o parecer: a pacificação caminhava.

Descrevi aos seringueiros que pacificava sob minha exclusiva competência. Expliquei que a guerra era culpa nossa, dos brancos, pois a navegação do Arinos e os trabalhos da Comissão Rondon indicavam a presença de índios nas regiões seringueiras.

Processo indefensável dos seringueiros: o de levarem ao fundo do sertão, a encontrarem-se quase a sós com os índios, calorados vassouras da cadeia pública. Presentindo o rancor, os seringueiros buscaram uma tábua de salvação no SPI, culpado de se convenir em

remessas e trevessas de comunicações perfeitamente inúteis. Mas nunca foi intenção dos SPI a promiscuidade dos Ekkáktas com mal-fatores.

Por certo, definitiva e importante a colaboração dos seringalistas na formação de uma base para a ação pacificadora. Benedito Bruno ajudou muito nesse sentido.

O Banco de Crédito da Amazônia me concedeu 40 contos, em duas parcelas, destinados ao combustível de motor de popa, motorista de atração, mantimento, munição, lona, plástico, mudezas de acampamento e salário da turma, que já reuni.

Apoiado por alguns amigos, julgo poder enfrentar a pacificação. Certamente os superiores jesuítas não me deixariam fazer o estritamente necessário.

## 8.2. EM BUSCA DO INTÉPRETE

Sepunha que os Ekkáktas falamem Tupi. Baseava-me na informação dos Kayabí, de que os Ekkáktas falavam tal língua, pois chamavam os Ekkáktas de Kavalip. No rio Machado, apelidavam a maior porção de Kavalip de Parintim. Diligência indispensável consistiu em buscar um intérprete Parintim, José Lauro Lello.

Sacrifico conseguir uma vaga no Correio Aéreo Nacional (CAN) da FAB (Força Aérea Brasileira), em Cuiabá, pois as vagas sólido preenchidas no Rio. Com 15 dias de espera da nossa parte e empenho do Prof. Gercy Jacob e do Major Frêque, do Palácio Alencastro, em Cuiabá, o impasse chegou ao fim. Dia 10 de agosto de 1956, viajei para Porto Velho. Ali as pechais salinianas me esperavam. Viajei no mesmo avião, para Quajará-Mirim, Dom Rey. Era meu conhecido por uma fotografia, onde é visto de calção fazendo adobas.

De 14 a 17 de agosto, o Pe. Vitor Hugo seguiu comigo até Humaitá, no navio-negócio Sinal. De 18 a 22, seguimos, na Ensa fluvial de Belém, até o seringal Paráiso. Em Castanheira, estâncio na aldeia Parintim. Humaitá é cidade próxima.

O chefe Djal constante que o filho José Lauro Lello me acompanhe na pacificação. Vivendo com a mãe, o rapaz chamava sua irmã de Bonaca. Andava bem provido de loções e perfumes. Trajava a gosto. Empenhava-se dedicadamente a aprender a ler e escrever.

Os Parintim habitavam o rio Mamore-Macri. Depois de expulsarem os vizinhos Môna, Tôna e Pashá, sustentaram por 80 anos uma luta encarniça contra os brancos. Com Nimuendá, com a colertura do S.P.I., pacificou os Parintim. De Nimuendá aprendi a técnica de pacificar. Atropeladamente os seringueiros terminaram a pacificação. Ajudou muito os Indianos Sr. Garcia. Muito mereceram também a família Ioba Ventura e os seringueiros do Paráiso. Os Parintim mostram-se com mais progresso do que os Kayabí, pacificados no mesmo tempo pela Comissão Rondon no rio Verde e alto curso do Teles Pires.

Dia 27. O Juiz de Direito de Humaitá dá um selvo-conduto a José, para viajar comigo.

Dia 29. Esperando o avião para Cuiabá, estudo o Parintintim, em Porto Velho. Tenho também conhecimento das publicações de Niumandju sobre a pacificação dos Parintintim.

Dia 3 de setembro. Agradecido aos Sôleianos, às 9 hr. tomo o avião da FAE, com José Lauro. Às 8 hr. e 30 min. bateamo em Cuiabá.

### B.3. EM BUSCA DE EKINABUI

Depois de muitas indagações, fico sabendo do paradeiro de Ekinabui, o menino recolhido da aldeia ribeirinha do Sangue. Jurandir de Castro levou Ekinabui para Pirapocinho. Benedito Bruno paga a passagem de avião do menino. O Pe. Abrechon Vioti, em São Paulo, obtém com o Dr. Coutinho Colarel uma viagem de cortesia da VASP, para mim, a Presidente Prudente.

Dia 25 de setembro de 1958, viago para Presidente Prudente e, dia 26, o menino já se encontra em Cuiabá.

Difícil vencer a resistência dos tatuenses, presos por verdadeira afiliação. Quando Jurandir apareceu em Pirapocinho com Ekinabui, todo o mundo queria ver o Indiazinho, filho de matador antropófago. Podia ter de 4 para 5 anos e já era ídolo popular. Falava o português, que era para admirar. Chamava de pai, mãe, irmão e irmã os membros da família protetora. Comia macarrão, usando direitinho garfo e faca.

O alvarço da saída tornou-se quase protesto: — "Para que levar a criança novamente ao mato?" Mas no mato viviam o pai e a mãe inconciliáveis. O menino de nada me servia para a língua, pois parecia ter esquecido de todo a língua materna. E, no entanto, o maior trunfo no início da pacificação. Envio-o à Estação Missionária de Umariz. Ali, sente-se agasalhado em ambiente indígena.

### B.4. PREPARATIVOS IMEDIATOS

Escolhi o rio Arinos como ponto de inicio da pacificação, por ser o território de guerra mais desfavorável, clima de transportes mais expeditos, apresentar recursos mais à mão, oferecer a ajuda dos Kayab, abrigar, no curso superior, mais uma tribo a pacificar: os Belo-de-Pau.

Entregue a Benedito Bruno a declaração seguinte:

"Esta expedição não tem por fim a repressão dos índios, nem afirmar violentamente nossos direitos na ocupação das terras que ocupam; mas é uma tentativa organizada para entrar em contato pacífico com os índios da região, e logo a seguir, para chegar a

um acordo mútuo de respeito aos direitos de cada uma das partes, como base de uma boa vizinhança.

Considerando esta tarefa, em si, assim delicada e complexa; bem, que os índios são de índole desconfiada e cujo comportamento não permite previsões certas; bem, que são várias as empresas interessadas imediatamente na pacificação, e vários também os encarregados subalternos das firmes que devem intervir, segundo as atribuições de cada um; considerando a mais a variedade de opiniões sobre o modo de se aproximar aos índios:

RESULTA a necessidade de uma direção única que coordene os vários esforços e a boa vontade existente e imprima a toda ação a mesma orientação.

Por outro lado, como o PADRE assumiu a RESPONSABILIDADE geral do empreendimento, parece de todo conveniente que ele tenha também a direção geral.

Em virtude desta sua posição, ele deverá:

- 1.º — escolher, acolher ou não, o pessoal, mesmo se for proposto pelos encarregados e outros;
- 2.º — entrar em combinação com as empresas que trabalham na região;
- 3.º — ter a chefia geral;
- 4.º — quanto aos índios, assim Colabia, como Canudos, uma vez pacificados, ficam sob a exclusiva responsabilidade do padre, até que as autoridades a quem competir, tomarem medidas definitivas.

Diamantino, 11 de setembro de 1956."

No vazio branco da página, Benedito Bruno acrescentou:

"Estamos ativamente em colaboração com o meu grande Amigo Padre Jólio Evangelista no assunto da pacificação dos índios da região, certamente que não fugirei em apoiá-lo nos seus Bens número 1, 2, 3 e 4 deste formulário. Não assumindo responsabilidade pelos acontecimentos anteriores que por ventura tenham surgido, entre os constantes ataques dos índios com o meu pessoal. Repito ainda, sei do meu desejo de entregar a chefia desta importante iniciativa patriótica ao Sr. Padre Jólio, e prestarei-lhe toda assistência possível quer seja moral, econômica, para o êxito deste notável empreendimento de nossa iniciativa.

Diamantino, 11 de setembro de 1956.

Ass. Benedito Bruno F. Leme." No texto aparece Jólio Batista, por engano, em vez de Jólio Evangelista.

Benedito Bruno seguiu fiel os termos escritos, até morrer de moléstia complicada em 1959. Marcelo executou firme as ordens do pai. Cláudino e José Rosa, os encarregados de maior responsabilidade ou contratados com Bruno, acataram as diretrizes com pratica e dedicação, já mais, já menos.

## B.5. QUALIFICAÇÃO DOS PACIFICADORES

Já para iniciar a pacificação, assim como na Introdução de elementos novos, adimistre à turma de penetração em território ribábikta informações básicas.

Pacificar é arte. Trata-se de comunicar-nos com os índios, mais que com palavras, com sinais, atitudes, manobras, o desejo de paz. Esse procedimento poderia dar sentido às palavras diretas que deslocarmos, em si não compreendidas.

É preciso tirar proveito da situação do momento, sabendo-se, de modo geral, o que se pretenda, avaliando-se rapidamente o que o momento exige. Nem todas pessoas têm esse tipo, pois é como um sexto sentido. Introduz o passo da pacificação numa grande abertura humana e antropológica. Exija tenacidade e paciência, sensibilidade para o momento certo de agir.

Deixaremos presentes, coisas óticas, como machado, facão, canivetes para colares. Mas um pano branco, levando no centro uma cruz ou também um emblema vermelho, de um grande P, cortado por um hifén, como se fosse P e F ao mesmo tempo, acompanharia visivelmente os presentes. O índio verá primeiro a bandeira ou a flâmula, depois os presentes. Lavaríamos, os da turma de pacificação, um pano como sashá, idêntica ao símbolo posto junto dos objetos. Lavaríamos no peito, no bocal, no acampamento, em toda circunstância, no esforço de induzir o reflexo condicionado de bom encontro.

Enquanto preparava a expedição inicial, a primeira pessoa que viu o símbolo, logo leu Pacificação; o segundo interpretou Padra; o terceiro viu Paz; tudo por causa do P. Eu tomara a base das iniciais do nome Jesus Cristo, em grego, para formar o signo. Em termos de engria, o Ribábikta interpretaria mais simplicemente um pano bordado artificialmente, como indicativo de alguém muito diferente dos que ele já conhece. Mas, em termos de realidade, o Ribábikta levaria a leitura muito mais para o fundo do coração do que eu tinha previsto: leu "amigo", "bom", "AMOR".

O lugar dos presentes será o pé de alguma árvore grossa, em abertura ampla, facilmente reconhecível. Depois de colocados os presentes com as sashes, voltariam a alguma das bases de operação, esperando passar algum tempo, para os índios discutirem o achado. Espalhariam os presentes em grande extensão do território ribábikta. Depois voltariam a ver se retiraram ou não os presentes. No caso de retirada dos presentes, teríamos certeza prática da simpatia. No caso de não-retirada, veríamos um endurecimento das relações.

O aparecimento inesperado, movimento rápido fazendo-nos presentes quase simultaneamente em lugares distantes, considera uma característica da nossa técnica de atração.

Proibido, em qualquer hipótese, o uso de arma contra o índio. É o ponto mais difícil da soberba, que exija dos companheiros. O

treino dessa medida é severo. Hoje, repassando mais uma vez os trabalhos de preparação, observo que, nos exercícios, o pessoal das expedições se assustava.

Levaria também cachorro morto, mas que nos desse sinal, para nos darmos ao abrigo de surpresas fatais na vida do mato, principalmente à noite.

Fazendo acompanhar de índios de outras tribos, mesmo difíceis de manejá e impressionados com os Rikbáktas. Para o Rikbáktas, não podia usar de melhor argumento do que andarem outros índios à procura dele. Isto sem contar as facilidades que os índios me trazem nas caminhadas, na circulação de rumores, na intrigação do que fazer entre os índios. Poria em movimento o trunfo da inspiração do coração e do instinto particular, que só os índios possuem no mato.

Admiti alguns seringueiros. Mais tarde eu sozinha reprovaria de diversas pessoas, por tal medida. Mas quem age sabe o que faz. Em circunstâncias idênticas, em outra pacificação eu admitiria novamente seringueiros, desde que capazes e de senso humano. A primeira experiência favorável de encontro, eliminando a violência no contato com os Rikbáktas, contagiou o resto dos seringueiros, para acitarem o índio. Os jesuítas que seguiram no trabalho com os Rikbáktas, não experimentaram o peso dos sentimentos seringueiros existente antes da pacificação.

Outra tarefa difícil era o programa da higiene. É necessário o máximo cuidado para não transmitirmos germes, que os Rikbáktas não experimentam. Depois da primeira fala, a severa vigilância sobre essas medidas de higiene foi o que mais empenhou as turmas de pacificação.

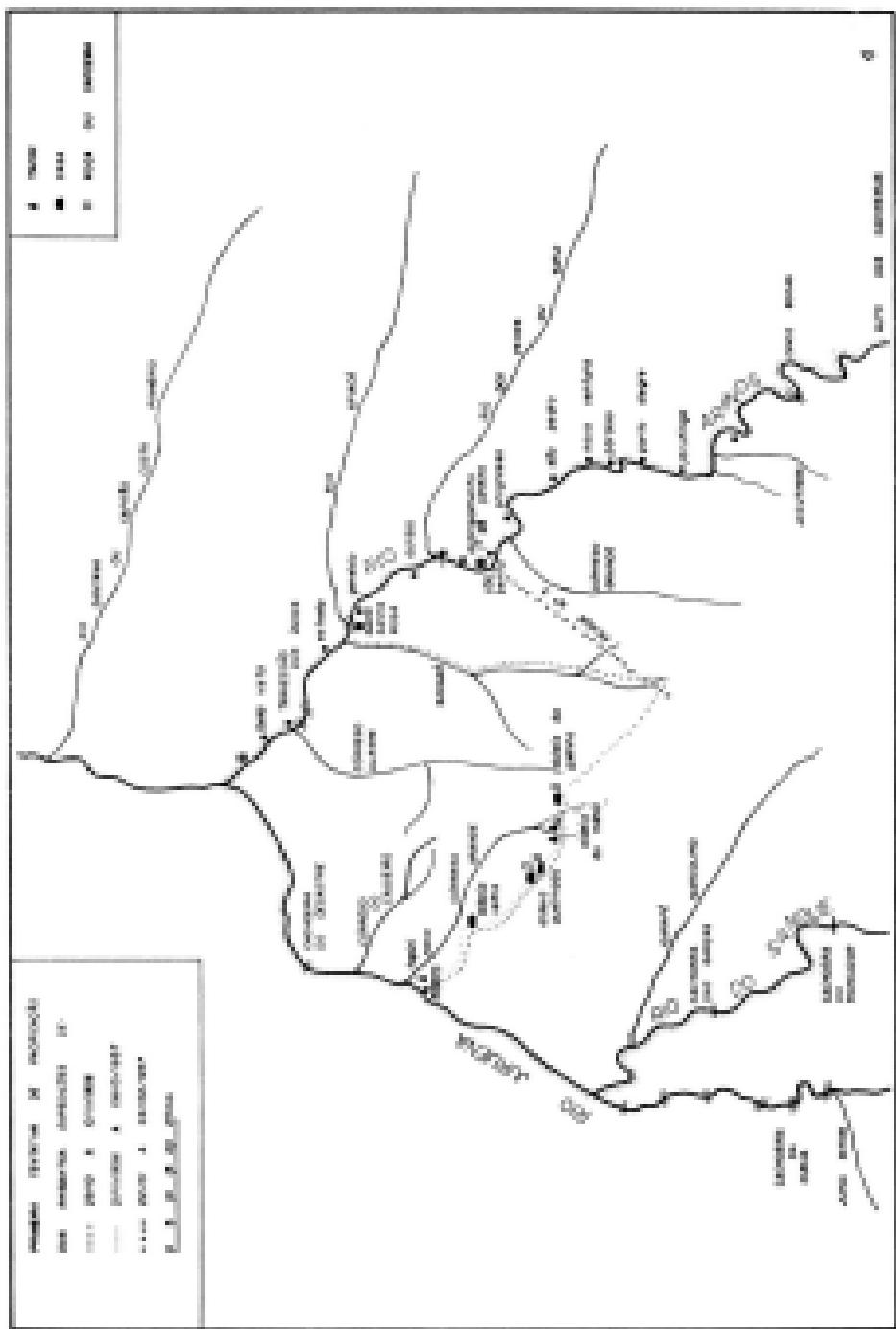
## 9. PRIMEIRA EXPEDIÇÃO — NO RASTO DE CLAUDIO

### 9.1. ATÉ POUCO ABADO DA GLEBA ARINOS

Dia 11 de outubro de 1956. Com o intérprete José Luís, leve de Diamantino machado, facões, facas, flâmula. Não podia esperar pelo motor de popa encendido. Os demais componentes da turma e os vivares conseguiram no rio Arinos, com os amigos, Até Cachoeira do Pau, participamos da comitiva de Benedito Bruno.

Dia 12. Partimos com sol quatro embarcações: a "Juventude" de Benedito Bruno, cheinando ainda a estaleiro, "Mucoreiro", arrastando atéis de si "Marta Rocha" e "Lucília", da Gleba Arinos. Na minha embarcação seringueira, um humor quieto; nas da Gleba Arinos, de gaúchos, chistes alhossonantes e bravatas.

Dia 13. Dirigindos, subindo o rio Claro, em busca de uma turma de medição da Gleba Massapé, para tratar sobre os índios de cima, os Belgo-de-Pau. A turma se tinha deslocado 8 a 10 km, plique a dentro. Deixei certo com instruções para um eventual encontro com Belgo-de-Pau. Seguimos viagem.



De noite conversa com o corretor de terras José Hartmann, a respeito de uma reserva para os Kayabi, na nova Gleba Arinos.

Dia 15. Encontramos as primeiras beabingas dos Belo-de-Pau. Vimos uma coroa de penas dependurada de um galho. Vemos beacá-la, quando o motor entra em paus. O medo torna conta dos viajantes. Alfredo, comerciante gaúcho, pai da tele filhos e ótima pessoa, tonta do nervosismo, calibre 32, deixando-o à mão, com umas tantas balas: poderia vir uma flecha. Troçamos idéias.

Por fim abrimos no margem deserta e escalhamos a coroa. Intervendo-nos um tanto no meio, Arnaldo descoloca pégadas frescas de pés grandes. Atravessa um corregozinho e encontra um abrigo mal arranjado, de folhas de pacova, do dia anterior, conforme opiniões todos. Dos gritos em idioma taucarambiá. Um cocheiro de sopas dentro da mata me responde. Seriam os índios?

Deixarmos uma faca nova fixada na árvore, em lugar da coroa. Neste ato ocasional, inicia-se a pacificação dos Belo-de-Pau. Empregamos uma hora na interrupção da viagem.

Dia 17. Estamos em Porto dos Góichos, pouco antes das 10 hs. O pessoal da mais desaque social assiste ao afretamento. Willi Meyer nos recebe com atenção cativante e generosa. Entre outros assuntos de índios, fico sabendo que o índio kayabi José ali entrou, reclamando por que a gleba tinha aberto estrada em território Kayabi. Estudando o caso, descobro que não se trata da gleba em que entramos, mas fere a gleba Cruzeiro do Sul, popularmente denominada Balana, que tinha aberto a estrada.

Willi Meyer endossa a iniciativa da pacificação. Põe à minha disposição o enfermeiro Beno Knecht, assim como todo o material para a primeira expedição. Para todos os outros dá ordens para que os transportes da firma levem gratuitamente as cargas da turma de pacificação, de Cachoeira do Pau até Porto dos Góichos. Mandou construir um barco para a pacificação no estaleiro da firma e, até que esteja navegando, empresta o barquinho Dalla, com capacidade de 500 kg.

#### 9.2. A EXPEDIÇÃO DE CLAUDIO

Dia 19. Partimos da Gleba Arinos. Viajamos bem trecho, quando encontramos a "Ciganinha" de Benedito Bruno sinalizando rio acima. Trat é novidade, que para mim é um pesado contratempo: no começo desse mesmo outubro, Claudio, vulgo Golano, penetrara no território rikimbiká, para intimidar os índios. Sinto-me assustado com a notícia.

No barracão do Alto das Cachoeiras, ficamos à espera de conclusão até o dia 23.

Dia 23. Chega de cima a lancha grande, abarrotada de mercadoria. Como em Cinco Bocas, 3 léguas abaixo, falta o necessário: um caixão logo recebe cargas para socorrer Cinco Bocas. Mas já de saída desastre: os fardos, por demais amontoados no meio desequilí-

brom. Um saco cai para a borda. Alguém acode, aumentando o peso desse lado: é a conta... Mesmo pulando todos a salvar os fardos, saltando na hora, com roupa e tudo, a farinha de mandioca se perde todo, parte da açúcar se desfaz em xarope. A banha é salva e o mais que sobra é posto ao sol, para secar.

Dia 25. As 15 hr., depois de uma chuva, a lancha grande sobe para Cachoeira do Pau com 8.000 kg de bermacha. Com barco pequeno, desço para Cinco Bocas, onde chegamos ao alvorecer. Um mês atrás, a subida deste trecho nos custou uma hora de esforço enfarto. Espera-se a chegada de Cláudino, de uma hora para outra.

Dia 26. Desemos em 15 segundos a cachoeira das Cinco Bocas e vamos para o acampamento do Salvador.

Em algumas feitorias atacadas em meio, deram-se novos ataques, mas sem vítimas.

Pousarmos só ar livre, na margem do rio. De noite começo a chover. A tripulação enfa-se debaixo de lona, que protege a carga. Delando-me com um seringade. Beno usa um plástico. José Luís não sabe defesa e prefere dizer que não chove, e fica na chuva. Possedia a água, voltam as redes só ar livre.

Dia 27. Abicarmos na ilha do acampamento do colégio do Salvador. Um pouco antes de nós tinha ali chegado Cláudino, mecidendo. Da volta da expedição atormentada aos Rikbáktus, tinha dirigido para o rio dos Peixes. Trouxe desse rio José Meirerum, Joaquim Moisés, Taussi Pirineu, Maçó com mulher e criança, A. ó com mulher e criança e mais o menino Yavari.yL Ficam alegres ao ver-me, todos de aspecto doentio. Algumas sofrem de forte bronquite. Ozam de simpatia por parte de todas.

Fico sabendo que o material depositado para este ano, no acampamento, já está todo gasto. 30 índios e mais o chefe Kayabi... Cláudino e Salvador não podem deixar de presentear a todos, e lá se fora tudo.

Nesse dia chega ainda o pessoal da colégio do Salvador, depois de passarem oito dias sem mantimento. Na forte, valeram-se do peixe, do polêmio, do mel. E muita gente junta no acampamento; o mantimento desaparece a olhos vistos.

Recomponho a expedição de Cláudino aos Rikbáktus; o caso foi motivado pela inquietação dos seringueiros, por terem apreendido Rikbáktus pescando e caçando na barra do córrego Alegre e Arinos. Com a pressão dos seringueiros, Cláudino trouxe consigo José Mineiro, Julinho e o índio kayabi José Meirerum e saiu com eles da barra do Alegre, um pouco abaixo do Travessão dos Índios, sem rede de dormir, mas fortemente munidos de ferro, armas e munição. José Meirerum comenta: — "Nunca mais carregar mosquetão e balas e ainda abrir picada com facão na mata suja?"

No segundo dia já pousaram perto do rio Juruena. No terceiro dia se perderam em matagal trancado de cipó e toquera, vendendo-se

obrigados a arrastarem-se de gatinhas longo trecho. Desem com uma grande água.

No quarto dia, marcharam num piche de índios, que dava em um tapiri. Ansiosamente perto de um rachadinho da palha feito às pressas. Enquanto se perguntavam que fazer, chegou perto uma índia com duas meninas. Pareciam ir pescar com panelas. José Malerum chamou em língua kayabi. Disse que compreendia alguma coisa no começo e depois perdeu tudo. Os seringueiros falaram entre si em voz alta os índios correrem. No tapiri, os índios alarmaram os índios e todos fugiram para longe. Os 4 expediçãorios foram atrás e desem rajadas de tiros em cima do tapiri. Depois entraram. Encontraram várias redes, 4 panelas com mingau fumegante e bananas. Empanturraram-se e passaram no malo, não longe do rancho dos índios.

Outro dia cedo, voltaram ao tapiri e reuniram os objetos do seringueiro. Identificaram o que foi roubado à fazenda Progresso, a Antônio Wenneck e a José Nunes. Ficaram intrigados por não encontrarem nada do seringueiro Gênesio, roubado em junho, quando este ficava mais próximo, perto do barracão de José Rosa. Fizeram tiro ao alvo com as panelas e machados e queimaram roupas e redes. Apoderaram-se de peças de colares, ornatos e flechas.

Caminhando por rumo novo, com dois dias apenas saíram na terra do Sarak, uma légua aberto do barracão de José Rosa.

Claudino: Há o certo do凭ão, Benedito Bruno, a respeito da pacificação. Depois dela, passa a repartir compreensão entre índios e seringueiros. Pôs à minha disposição o seringueiro Nelson, permissionário pecuário e servido e homem com sentimentos religiosos. Servira na polícia em Culabá.

### 9.3. PRIMEIRA ORIENTAÇÃO EM TERRA RIBBÁKTSIA

Nessa mesma noite de 27 de outubro de 1956, enquanto a chuva castigava forte os palhos do abrigo e os plásticos, sprazo a morto a primeira entrada no território Ribbáktia. Admito José Malerum, como guia, e também Joaquim Moisés e o menino Yavari, yá. Estava completo o grupo. Apresenta-se o seringueiro Julinho, político no malo e em assuntos de índios. É, no entanto, visado pelos Ribbáktia.

Dia 28, domingo. Às 6 hs. digo missa ao ar livre, num jipe de ocorrência. 20 homens assistem. Os Kayabi olham.

Dia 29. À hora da partida, mulheres Kayabi querem acompanhar. Custa-me dissuadi-las, gastando o pouco que sei do idioma Kayabi. Assim, a negativa sai até alegra. Deixam-as vir à vontade.

A tarde estamos no barracão de José Rosa. Aparta-me um vago sentimento de vésperas de perigo. Gênesio canta um cururu:

"Eu vou dizer uma verdade — o respeito da religião — não deve de ignorar — o modo de adorar a Deus. — No dia do julgamento, — ai vamos ver!... — Neste dia os dez mandamentos, — ai está certo, sua alma vai se salvar!"

Percobó que há tensões e desacordo entre os seringueiros, o respeito de família, índio, patrício, padra.

20. Dividí a quota de bagagem para cada expedicionário.

Dia 21. Bemorço o túmulo da criança de Lourenço Martini, falecida por confusão e malária.

As 10 hr., arrancamo-nos do bermeado: entramos por onde Cláudio saiu. Estivemos certos de que os Rikbáktas não nos esperavam por este lado.

A princípio contamos rumo, para pegar o pique de Cláudio já a certe altura. Pousamos no segundo corregu. Andamos alegados de suor. A noite, chegamos a um lugar que nos agrada. Armarmos as redes. Dessebe pesada chuva. Não dá tempo de fazer comida.

1.º de novembro. A picada de Cláudio dê num pique velho de índio, de dois anos. Almoçamos. Continuamos a marcha pela mata. Pardemos a batida. Pousamos no córrego Bonito, perto dum banhado. Tomamos banho. Beno sofre da dor da coceira. Aplico-lhe uma injeção. Abrimos uma lata de queijo.

Dia 2. Finedos. Toda hora perdemos o pique. Os índios desorientam-se. Não há Sol. Pouco me ajuda a bôssole. Marchamos tristes. A mochila faz pesada a lembrança das mortes. Pousarmos em lugar alto, bem clarificado, junto a tapira velhas dos índios.

Dia 3. Tempo chuvoso. Pardemos cedo o pique. Da repente Malerum solta um grito de alegria: pegadas frescas de Rikbáktas calçando o pique por onde Cláudio voltara. Tinham passado ali faria um ou dois dias, direção ao Juventina. O caminho mostra a direção nascente-poente. Temos a impressão de dar com os índios a qualquer momento.

De tempos em tempos, encontramos abrigos contra a chuva, de folhas enormes de palmeira. Contamos 15. Num acampamento velho de 7 a 8 ranchos, o primeiro achado: uma panela de barro e colheres. Apelidamos de Cecimba o acampamento rikbáktas onde pousarmos, pois havia ali cecimba, sem córrego.

Dia 4, domingo. Ao meio-dia, dormimos com um pique reúno de Cláudio e Rikbáktas. Beno e Nelson, vendo que a expedição poderia durar dias, sem resultado imediato, preocupam-se, especialmente Beno, entremeio da Glória Arizca. Por tudo, achamos melhor voltarem eles com o menino, que começo a estropalhá-los. Molli os levava de volta.

Dia 5. Despedimo-nos com pesar. Beno, aliviado da carga de remédio e mantimento, aumenta a nossa. O menino leva consigo coisas necessárias a nós.

Fizemos o planejo de marchas av, Malerum e Lello corremos com presteza o território, primeiro buscando a grande águia, que Cláudio encontrou pelo sul.

Partimos. Depois de 5 horas de marcha, vimos que tínhamos executado um círculo. E, perto do acampamento, os índios descobrem uma grande águia. Começam a fecer diávidas até chegarem a uma indisposição de ânimo. Parecem zangados. Sentem-se desorientados.

Maiorun lembra-se de um certo pique, que saia do lado de uma cestinha. Decidimos investigar.

Dia 6. Nau modo de orientação pelos pontos cardinais e prazos de marchas sistemáticas obnagrada os índios. Sentem-se mais seguros no instante de irem direto ao que se processa. Abro mão de minhas exigências e confio nelas. Dá certo. Do pique descoberto por Maiorun, os índios me levam ao esquiglo-mesmo entre o Ayrôs e o Jurutena.

Vamos encontrando ranchos e roças novas. Damos com um tapiri de 20 metros de comprimento. Muito caçau do mato. Já pela tarde, exaustos, vemos gratamente o caminho da nostra pinguela armada de corrimão, sobre uma grande água. Já descobrimos mais que Cláudino: tratava-se do Córrego Grande. Denominamos Aldeia Velha o que se encontra naquele sítio. Ali poussamos.

Com a descoberta do Córrego Grande, orientamo-nos. Maiorun sente-se como em casa. Reconstruímos perfeitamente os passos da expedição Cláudino. Examinamos minuciosamente a situação da aldeia, as roças, uma casa grande e um rancho ao lado. Tudo sugere acomodação. Chamam-na a atenção 3 ou 4 elevações fracamente abolidas com telhas e alguns paus passados em cima. Sepulturas? Mais tarde vi a confirmação.

Dia 8. Voltamos, mas por outro trilho rikbáktsa bem batido. Com duas horas atingimos o tapiri novo, onde Cláudino faz o estardalhão, para meter medo. Apelidamos o lugar da aldeia do Tapiri Novo. Acheiam-se dois ranchos de tamanhos diferentes entre os troncos do mato. Parece que os mandamentos do Tapiri Novo procedem da Aldeia Velha. Em zonas típicas, encontramos cari, batata-doce, milho fofo em espiga, algodão. Vemos também arcos e flechas, feixes de taquare para pontas de flecha, um colar de conchas, um pílio e milho-de-pilão, muitos faisões de lenha.

Com meia hora, seguindo para a frente, chegamos a um porto de um grande rio. Davidemos. Seria o São Lourenço? Marcamos bem dois lugares, fazendo círculos e talhando sínoves. Seria um porto para uma seguinte expedição. Voltamos ao Tapiri Novo.

Enquanto fomos ao Ayrôs, os Rikbáktsa passaram pelo Tapiri Novo. Deixaram dois arcos sem corda, fixados diante do rancho menor.

Verificamos que a expedição de Cláudino não tinha espartido os índios para longe. Sinto enorme satisfação com isso. Em um dos arcos deixou um facão amarrado. Nas dois ranchos, deixaram facões, pentes e miudezas. Cárrego comigo um machado de pedra, uma embrião e um penecinho de lascas de pau. Encostei dois machados ao pé da parede do rancho maior. Descobrimos uma grande panela de barro.

Voltamos à Aldeia Velha. Deixo ali, entre os brindes, um machado novo. Para o caso de passar por ali algum civilizado, deixo um cartão: "Civilizado, respeite os brindes para os índios!".

Abrigados da chuva, fazemos um bom jantar dos macacos que meus companheiros fizeram descer à panela.

Dia 9. Voltamos ao Arinos. Mairerere, que manifestava extraordinárias qualidades de orientação, segue um rumo próprio. Cruzamos em diversos pontos o trilho Cláudino. No pousio, corremos só mangas. As solvas deram-nos duro combate, não deixando descansar.

Dia 10. Descobrimos que o Sarati tem dois galhos grandes. Atrovessamos o córrego três vezes, a Ótima, já perto da barra. Chegamos à noitinha ao barreiro de José Rosa.

Os companheiros da primeira parte da expedição tinham chegado bem. Serafim Knecht seguira para a gleba.

Escrivo uma resenha da expedição e corroto ao bispo, a Benedito Bruno, a Willi Mayer, a Cláudina.

A turma de pacificação ganhou com a experiência: nós e os Rikbáktas percorremos os mesmos trilhos, quase simultaneamente, sem nos encontrarmos. Começamos a estudarmos mutuamente. Tocarmos nas peles e colares dos Rikbáktas, vimos seus abrigos, largamos brindes em pontos vitais. Conhecemos-nos melhor os parceiros da entrada e experimentamos o ambiente de mata em tempo de chuva. Mairerere e Lello revelaram-se bons corredores de mata, capazes de assimilar as técnicas da pacificação.

Resolvemos de comum acordo estabelecer uma base de operações de acesso fácil. Carregar sempre tudo às costas é desperdício de energias e nos impede de agir rápido e decididamente num dado momento.

Vimos que os Rikbáktas devem morar mais para o sul, pois não observamos caminho que rumo para o norte. A área é um triângulo, tendo a noroeste a confluência Arinos-Juruena.

## 10. PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE BARCO

Permaneço com José Rosa, agora arrendatário dos sertões da barra do Arinos, preparando nova entrada ao território rikbáktua.

Dia 15. Exploro o memorial de Cristo, o nosso companheiro verdadeiro. Inspirado pela comemoração dos mártires rio-grandenses, digo aos índios que é bom gostar e acompanhar a própria gente e turma. Também é bom interessar-se pelas outras turmas, como os Rikbáktas. Com isso vamos ganhar amigos e alegria.

As 6 hs. e 15 min. salmo com embarcação passada. Nossa intenção é descer o Arinos até à barra, subir o Juruena até o porto marcado na entrada que fizemos ao território rikbáktua.

Otimizamos uma hora inteira para passar o Travessão do Índio. Pousamos no acampamento Primavera, de José Mineiro, assentado na grande ilha da barra.

Dia 17. Salmo às 17 hs. Gastamos 45 min. para chegarmos à barra do Arinos, de 500 a 600 metros de largura. O Juruena mede um quilômetro. Os índios julgam fácil subir o Juruena. Logo mudam

de opinião. Muito fundo, o Juvenal não aceita zings. A puro remo, é por demais pesado.

Capivara tritamente 5 horas de remo, para fazermos 4 quilômetros. Desistimos. Chove. Em uma hora refazemos o Juvenal até à barra do Arinos.

Dia 18, domingo. Remamos dia e noite, subindo a Arinos.

Dia 19. À urca da madrugada atingimos o barracão de baixo. As 15 hs, obtemos na feitoria Estrela.

Dia 20. Chegamos ao barracão de José Rosa, para nunca mais pagarmos embarcação pesada. Preparamos nova saída.

Insisti em que deixem as caçarolas-do-pará para os Rikbáktus, pois caíram todas as que encontram do travessão do Indio para baixo. Na procura de canibais, os Rikbáktus chegariam bem perto das feitorias, quando sótão para contato pacífico. Quando se encontram casualmente com os seringueiros, fogem. Armam cidadis, quando querem matar. Perguntei:

"Que coisa pode o seringueiro fazer pelo Indio, quando se vê agredido pelo Rikbáktus?"

Digo que não há resposta, porque nós é que provocamos a guerra. Temos de evitar uma desgraça, a todo custo temos de evitar.

— "Então, tenho de abandonar o seringal, sendo que nôle defendendo o meu pão com o meu trabalho?"

Respondo que não se trata de abandonar o seringal, mas de usar de diplomacia com o Indio.

José Mineiro apela para o SPI:

— "Que nos defendam também a nós, que valemos mais que os Indianos!"

José Rosa emenda:

— "Verificamos que o SPI não liga!"

Quanto à expedição, José Rosa mostra dificuldade para me ceder José Mineiro, contrariando o que estive combinado. Não preciso explicar nisso, porque José Mineiro remata por si o assunto. Nôo confia na pacificação e se deliga na hora, da nossa fuma. Sinto a perda. Mas, daqui por diante, a empresa fica mais por conta de Deus e de mim também.

Dia 21. Agora com duas embarcações leves, enfrentamos novamente a Águia. Romão dos Santos, como piloto, e mais Armando, dois seringueiros, e Lello, por esforços e peritos nôos, embarcaram na canoa "Neir". Na "Dália", da Gleba Arinos, vamos eu e os quatro Kayabi Mairenum, sua mulher, Moyil e Yaveriy.

Com 45 minutos de remo, já estamos na barra. Mais duas horas, já vencemos a canca dágua, que nos interrompeu a subida anterior.

Com trabalho, vencemos os quatro degraus da primeira corredela. Num emaranhado de lhas, não vemos por onde desce a degrau principal do Juvenal. Uma serra buca acruidamente a direção oeste. Tornamo-nos à noite de que é melhor subir rastejando a margem esquerda na segunda corredela. Pouparamos às 16 hs, sol alto.

Dia 22. Uma nuvem de plum nos persegue, mesmo com os cancos em movimento. É a primeira vez que vejo tanto plum. Os índios abrem-se e expandem-se a seu modo. Um voo de pâssaro, um gesto desprezível de uma pessoa, círculos de pouca importância para nós, desatam risadas espontâneas, e interjeições nos índios. Ingênuas em coisas e nomes de casa. São fenômenos transitórios e na superfície da alma. Os civilizados interpretam mal os índios e fazem centros nas brincadeiras livres.

Armando, adiantado, mostra pouca disposição. Resolvemos que voltasse. Romão, Lello e Moysé levam-no ao acampamento de coleção de José Mineiro. Yaveri, yi pedeça da malteira. A canoa que levou Armando, está de volta ao encostar. Lello pensou à vontade.

Dia 23. Trocamos os pais e companheiros das canoas. Numa comédia, gastamos mais de hora de rito remo. Melhoramos a produção, quando, com batidas bem rápidas de remo, imitamos a hálita.

As 11 hs, cortamos um largo pôço e um travessão com marchas de pedra e damos com uma canoa nova de Rikbáktsa, amarrada na margem com cipó. Não era de casca, mas de madeira talhada e machado. Parece lugar de travessia dos Rikbáktsa. Grande descoberta saber que os Rikbáktsa aqui atravessam para a margem esquerda do Juruena. O remo fica até mais leve. Deixa um brinde na canoa rikbáktsa.

Nossa canoa sobe a corredeira de arreto. A outra vence à zanga, por um cíngulo mais por dentro do rio, aos gritos e risadas.

— "Mais felijo, minha gente!" — diz José Mineiro.

Logo em cima damos com um bruto travessão, com pedras rendilhadas o rio de lado a lado. Por um canal ao lado, passamos as canoas. Começa um estribo. No início dele, na margem direita, o jardim dos Rikbáktsa queria passar o Arinos, na altura do bermão de José Rose. E encontramos um porto importante para nós. Identificamo-lo por um grande cajueiro e por ele tornarmos o nome do porto do Cajueiro. Duas grandes molhas avançam para dentro da corrente do rio. Mais tarde a fazenda Vel do Juruena abriu sede ali perto. Até aquí tinha chegado a expedição Cláudio.

Pouco adiante, passamos por um córrego. Pousamos num taquaral.

Dia 24. Voltamos ao porto do Cajueiro. Levamos o cajueiro, para ser facilmente visto do rio. Deixei uma mensagem. José Mineiro ficou de me enviar um estafeta, caso chegasse alguma comunicação urgente.

Mineiro sente-se desanimado e mal adentro. E que nossa expedição carretearia só aqui da um clima de segurança: plano a preto indeterminado, ação sem resultado imediato, medidas imprevistas e responder por imprevistos.

Voltamos ao pousio de cima e, com mais hora mal, damos com uma grande ilha. Moysé diz:

— "Outra vez que viajar, é só de matar!"

Depois da almoço uma chuva persistente nos pega, com rajadas de vento. Troveja. O vento nos faz gelar, com a roupa encharcada.

A 14 hs. e 30 min. chegou com a barra do Córrego Grande. Ainda molhados, armamos barraca. Lello, eu e o cachorro temos bernes. Lello ainda sofre de cocainas e perebes de mordeduras de piúva. A beco da noite, pegarmos jôô.

Dia 25, domingo. Descansemos. Lello desentendendo-se comigo. Eu proibido de fio e pescar, onde pudessem andar Rikibikta. Lello ativou a vontade. Chamou-o à ordem. Alterou-se. Apontou-me a espingarda:

— "Meu pai já matou e eu também já matei. Meu pai falou: 'Se alguém brigá com você, pode matar ele!'

Um outro Lello aparece agora cliente de mim. Define-se como puro índio. Ando enciumado por conta dos Kayabi. Responde-se de desentendimentos e rápidos. Tem razão.

Até o dia anterior, Mainarum comportava-se como um descontente. Ao ver a barra do Córrego Grande, muda. Encontra um ponto seguro de orientação. Agora anda solitário, preocupado com o acerto dos rumos.

A 13 hs. desaba um temporal sobre nossos abrigos de palha.

Dia 26. As 9 hs. chegamos ao porto de Tapiri Novo, marcado na primeira entrada. Explodimos de alegria. Saltamos dos barcos, para encetar a marcha por terra.

No Tapiri Novo encontramos os brindes intatos. Descobrimos três latas roubadas nas feitorias e trazidas amarradas, com ambinas. Numa capoeira perto, bananas malas que maduravam pendiam de um cacho.

Com Lauro, Moll e Ronílio, marche para a Aldeia Velha. Romão fere-se no calcnar, picando num esquejo. Recolhemos alguma. Foram colocados aqui propositalmente pelos Rikibikta e cobertos com folhas.

O vento derrubou a casa da Aldeia Velha. Os Rikibikta levaram os brindes e a senha. Encuentramos pegadas, como de dois índios. Pousaram aqui a noite passada ou na anterior. Meus índios, perfeitos detetives na selva, reconhecem a história: vieram dois espíritos rikibikta saber notícias. Não fizeram fogo. Abriram caixas e pouladas. Considero o caso como primeira demonstração inequívoca de amizade.

Voltamos ao Tapiri Novo, limpamos a expedição de alguns objetos rikibikta de dentro dos ranchos. Devemos dar sinal de que procuramos a amizade e não as coisas. Peguei um dos arcos fincados e um machado balizado por fuzil, como certidão dos feitos.

Ronílio trata a ferida do calcnar com água e sal. Dá injeção anfitecnica e penicilina. Sentimos alívio, vendo que não há veneno nos esquejos.

Dia 27. Cuidamos estarmos no rio da Sengua. Segundo combinação feita, Ronílio volta daqui, levando o barquinho "Nair", pois

José Rosa precisa. Separamo-nos, trocando saudações de bons companheiros. Os Kayabi desceram com ele até a cachoeira da Canoa. Voltaram por terra investigando o caminho dos Rikbáktua.

Calculando que os Kayabi gastariam três dias no giro de exploração, eu e Lello fizemos um reconhecimento. Levamos o cachorro Valente.

Da Aldeia Velha, seguimos as pegadas novas dos Rikbáktua, que viramos no dia anterior. As 10 hs. perseguimos o rumo Sul. Mais duas horas, demos com uma encruzilhada. Continuamos a seguir pelo rumo Sul. Passamos por tapiri caídos, capoeiras velhas e castanhais bem cuidados por baixo. Somos perseguidos por churras de cor-de-rosa. Começamos a triste farinha, casterha, toddy doce. Sem cobertor, dormimos aquecidos pelo fogo. Durante a noite aparece um macaco-da-noite. Uma ante-dispar com estardalhaço.

Dia 28. Passamos por uma casa incendiada. Chamamos o lugar da Aldeia Queimada. As 9 hs. ouvimos bater de machado à direita do caminho. Pouco depois aparecem duas casas grandes desabitadas. O pãoi não consegue abarcar toda a produção: há milho na roça ainda. Chamamos o lugar da aldeia do Milho. Boa roça de banana, batata-doce, mandioca. Reparamos em algumas mudas de cana. Estavam em bom estado. Damos com trinta latas tiradas aos sertanejos.

Mais adiante demos com uma bifurcação: um caminho prossegue pelo rumo que batemos, e outro torce à volta para o sul, dando vidas. Seguimos para a frente.

Passamos por bom casterhal. Outra aldeia desabitada, com roça de batata-doce e banana. Chamamo-la de aldeia da Batata. O caminho se enfa pela sombra de castanhais.

Logo adiante topamo com uma encruzilhada com pedras no meio. Nossa trilha desemboca num caminho-mestre, que vem da direita. Parece continuar como o nosso rumo ao sul, tendendo para o Arinos. Seguimos esse caminho-até certa altura e ameiamos marcha, pausando na aldeia da Batata.

Secamos roupa e objetos molhados. Jantar de batatas. Lello trouxe nozes farinhosa molhada e cheirando a morte, num tachadinho de barro dos Rikbáktua.

Os sinais mostram que os Rikbáktua freqüentam a roça. Nessa aldeia de tapera já caído, ainda há plantação e mesmo roça nova do ano. O tapiri principal ainda garante contra a chuva. Uma galinha choca entre as raízes de uma árvore. Damos então àquele lugar o nome de aldeia da Galinha, abandonando o nome de Batata.

Andamos intrigados com os caminhos e aldeias. Não vimos nenhum trilho bem batido, que rompe para o Junene ou o Arinos. Não demos com aldeia em boas condições.

Dia 29. Logo pela manhã, seguimos o caminho, que passa para o nascente. Queremos descobrir um caminho para o Arinos. Com duas horas, o trilho muda perto de umas cibeceiras da comreia. Voltamos à aldeia do Milho.

Metemo-nos por um trilho de anta, numas posições encurvadas e mortíferas. Apiedemo-nos no entanto com a anta o caminho-mestre da viagem; vemos que cai para o sul, buscando águas do Sangue ou Juruena. Começamos hoje costeiras, que fizeram ontem. Em mar-cha acelerada, chegamos à aldeia da Galinha.

Cercados, tomamos berilo de caneca, com água da cocimba. Nossa cardíope cerata da farinha, castanha e um pouco de milho torrado. O cachorro não pára, pela quantidade de gritos. Felizmente não resolvem atacar o jiná com a nossa farinha e roupa.

Dia 30. Deixamos brindes e iniciamos a volta. Com 15 minutos alcançamos a aldeia do Milho. Mais 45, estarmos na aldeia Quilombo. Mais seis horas e meia, atingimos a aldeia Velha. Cercados e esfomeados, matamos um rato. Valente faz a primeira lagosta, pensando e pegando a caça afiada. Diversas cabecetas e águas parecem ir para o Norte.

No aldeia Velha, encontramos os Kayabi. Lello conta:

— "Mas andamos, andamos mesmo!"

Malerum, do porto do Cajueiro até o Tapiri Nova, não encontrou ninguém, nem vestígios. Passou por roças novas. No Tapiri Nova, encontro batata e café. Dis-me que Romão é, antes dela, Armando levarem arcos e flechas, confrariando minha ordem.

Dia 1º de dezembro. Despunhamos. Prepara mais um exame do território rikibiktsu, pois já dormirmos nas casas dos índios, encontramos uma galinha chocando, mas galo não cantou; precisamos ainda de orientação.

Levamos roupas e melhoramos o abrigo. Malerum trouxe um xiré de bananas da capoeira dos Rikibiktsu.

Dia 2. Dividimo-nos em dois grupos, para explorar a margem esquerda do que supomos ser o rio do Sangue. Malerum e Lello sobem o rio de canoa. Eu, Moiá e Lello entramos terra à dentro, para o rumo oeste.

Vemos um riquarel fechado. Com duas horas de trabalho, esquadrmo banhalo de cachoeira: é o Juruena. Depois de chegarmos de volta da caminhada, Malerum, com bona pescados, vem descendo o rio e gritando de longe.

— "É! Ilhal!" — Confirmava estarmos ainda no Juruena.

Mais tarde vimos ser a Ilha Japóis, que sobe dois quilômetros mais para cima.

## 11. PARA ESCOLHER O CENTRO DE OPERAÇÕES

### 11.1. SUBIDA DO RIO DO SANGUE

Ainda no dia 2 de dezembro, conclui, de todas as informações recolhidas, que o rio do Sangue é o centro geográfico-político dos Rikibiktsu. Na barra desse rio deveria existir uma grande aldeia. Imagino colocar a base de operações da turma pacificadora no rio

do Sangue. Necessitava explorá-lo, pois ele apena comia em mapas antigos, elaborados à base de viagens rápidas. Iríamos partir dall mesmo do porto do Tapiri Nova.

Dia 3 de dezembro. São Francisco Xavier, padroeiro das Missões de Cristo, o primeiro a evangelizar o Japão, faz boa introdução à nossa tarefa de nos encontrarmos pacificamente com os Rikbaktsa.

Partimos, a investigar o rio do Sangue. A "Dália" tinha só 4 dedos de borda livre. Pela manhã perceberam osços perto de nós.

Dia 4. Manhã escura. Poussamos cedo. Um filhote de papagaio cai no rio. Com grande alardio, os Índios o colham para Lucy cruar.

Descarregamos a canoa, para poussarmos, colocando o cargo sobre estiva e cobrindo com plástico. Assim é melhor do que deixar a carga na canoa.

No acampamento, tome scatinha as iniciativas. Os Índios tratam da lenha, peixe e caça. Ajuntam peixe de soltra.

Dia 5. Sinto-me desanimado ao avistar uma corredeira, depois de uma hora de viagem. Os Índios vencem a cerca dágua galhardamente.

Yavari, y! é a alegria da expedição. Expand-se espontânea. Os outros não impõem nada a ela. Trata os outros como se fossem seus iguais.

Dia 6. Cedo Moili mata um jacu. Os Índios comem o que se eletrizam. O peixe da véspera mal moqueado se estrega. E que o jacu não agrada aos Índios. Dizem:

— "Não temos matrinos gostosa amanhã. Amanhã virá mais. Para que perder tempo?" largam os peixes na praia.

Abicamos perto de um tapiri velho de Rikbaktsa. Lello atira nélguia uma parilla velha do tapiri. Contrariado, milo zangô.

Mais adiante, estranhamos o rio estreito, de estribos curtos e voltas secas. Os Índios brincam chamarando-o rio das Pebas.

Diversos tipos de Rikbaktsa: um porto, um caminho velho, enfilarado, truncado de galhos caídos, acompanhando o rio. A certa altura um galho do caminho sai e penetra na mata.

De noite, a chuva mais pesada e comprida da viagem. Colheu-nos de improviso e não tínhamos descarregado a canoa. Ninguém cuida da cobertura dela. De noite, dentro quatro vezes ao rio, de calcão, para esticar a lenha e esgotar a água. Os punhos da minha rede vão espanhendo água da chuva e a umidade avança até encostar tudo.

Dia 7. Chove e falhamos. Depois da chuva melhoramos o acampamento e secamos tudo. À noite, matamos um jacaré e pegamos um jacu gigante.

Dia 8. Imaculada Conceição. Com os olhos sobre a natureza, natureza ainda intacta das selvas, a idéia da puraza se enrola melhor à mente. Mais perto de Deus, é mais fácil compreendê-lo.

Viajamos. Na margem direita, sinais de Indian: um porto com coxas conservadas debaixo dágua. Tudo velho.

Dia 9, domingo. O rio estreita-se muito. As interrupções da viagem são mais frequentes e arbitrárias. Em cada parada, desceríamos a canoa. Acabava-se a farinha. Depois de dois dias sem peixe, por desinteresse dos pescadores, à noite nos servimos de trinta sobacos e um pãozinho. Abro a última, a terceira lata de queijo.

Dia 10. Não viajamos. Cuidamos do peixe. Lello toma uma Lombada de galho no olho. Não se equilibra com colírio. Aplica salmoura caseira e vendo-lhe o olho.

Sinais recentes da Rikbáktua. O trilho delas se perde num barroado e outro margala o rio e morre por ali mesmo. Chove à tardezinha. O sol lança sobre o rio uma maravilhosa luz dourado-amaralada. Chove prolongada à noite.

O território rikbáktua se desdobra desmesuradamente. Deve ser um grupo indígena poderoso, de nível cultural apreciável, se comparado com o kaxabi.

Dia 11. Matamos uma jacutinga. Pela margem esquerda, uma ave acompanha o rio, com cauda curta. Às 9 hs. e 30 min., pela primeira vez descerímos a canoa, para subir uma cachoeira. Será a das Gárgas? Por sinal, naquela hora, entre outras, uma garça veio voando e pousou por instantes e levantou voo novamente.

Encontramos um caminho rikbáktua a acompanhar a margem, com trés tapetes novos, conto de um mês. Mais tarde os índios me informaram de que, fugindo dos seringueiros, após o rapto de Ekinibui, o meninocinho levado a Pirapazinho, atravessaram aqui o rio do Songue.

Lello arranca bem no remo durante a tarde. Pousamos numa aldeia velha rikbáktua, de trés ranchos. Encontramos boa lenha e contamos com dois jais para a cozinha. De noite, uma chuvinha.

Dia 12. O mantimento está no fim.

Dia 13. Sem resultado, exploramos alguma trilhas rikbáktua. Reunidos em conselho, decidimos continuar a subida 4 ou 5 dias. Se a cachoeira de trás era a das Gárgas, encontráramos nesse tempo outra maior, a das Patos, e teríamos assim conhecimento suficiente da situação.

Dia 14. O Natal vai chegando, mas só para mim. Solto de vez em quando uma palavra. Dificilmente os índios compreendem o Natal. Yavari.yf quer que Jesus tenha pai e argumenta que, se eu tenho pai, Jesus também deveria ter pai da Terra. Percebo que não concebem uma Idéia nova, a não ser colidida em molde material de fórmulas, imagens ressecadas da natureza.

Dia 15. Às 7 hs. remamos. Rendemos. O caminho de ontem, dos Rikbáktua, reaparece mais adante.

Dia 16, domingo. Demos com patos. Um só pé rende quase 10 litros. Os índios derribam uma colmeia negra. Yavari.yf puxa díguas um jai-matino de corujões.

Dia 17. Uma luta fazer os índios levantarem. Peço o que é de obrigação delas no acampamento. Salmos já depois de 8 hs. Hoje

apalamos com vantagem para a zanga, três ou quatro forcejando simultaneamente. Chuva às 14 hr. e 30 min., fazendo-nos parar cedo.

Dia 18. O rio vem quase de leste, para logo alinharse no sentido sul-norte. Passamos uma feitoria vazia, uma grande emenda, um cachoeirão, um pique de colégio ainda não encanecido, mas trilhado, e mais adante uma feitoria desabitada. Em seguida, um porto de água quieta, onde fura fura e amarração uma canoa. Parecia lugar de embarque. Ficamos sem saber explicar o mantimento podre e jogado fora, uma boa quantidade de cartuchos espalhados, sinal de grande movimentação. Ficamos a clamar. Na verdade, era o sinal do ataque dos Rikbaktsa ao acampamento dos seringueiros de Pedro Maurindo ocorrido fazia um mês. Dúzias turmas de Rikbaktsa se uniram para esse ataque: uma do Sangue, outras do Juruena.

A febre da malária me pega. No conselho, resolvemos sair a explorar por terra este ponto do rio.

Dia 19. O milho de colégio nos leva a um caminho rikbaktsa, e este a um tapiri com canoas náguas. Vamos mergulhando e subindo. Atrevemo-nos grande extensão de banhado descalços e às vezes sem roupa. Damos, com um salto, logo identificado como o dos Patos ou Flóridador, com partes intransponíveis de queda e outras de cachões sérios, em fortes degraus.

## 11.2. NATAL NO REMO

Dia 20. Em vila tento persuadir os índios de Ibituruna o Juruena, entrando por um pique, que malha adma sul do Sangue e vai para o Juruena, pique largo de futura estrada. Desanimados, dizem que tudo é incerto. Voltamos então recambiando. Mas, com isso, perdemos uma boa consulta ao ecclésiático jesuítico Adalberto Holanda Pereira e ao irmão José Fernandes distarem de nós apenas 20 km, em Eremita (aqui Jenitão o lugar se chamava Alagoano), estendo a esperar ali o Natal, à beira do Juruena, no meio de colônias nordestinas, em frente do nosso acampamento.

Dia 24. Assim como na descida do Sangue, também na do Juruena empregamos 14 hr. de remo. Subimos o Arinca até a feitoria de ponta da ilha da Madeira. Em toda a viagem de volta, tivemos minguada caça e pouco empanho na pesca. Restam-nos poucos castanhos e alguns carbo dos Rikbaktsa. Mesmo assim, essa véspera de Natal nos alegra muito e a feitoria Bela Vista, espalhando-se nas ondas do rio, brinca buligosa com as serras e cascatas. Lello guisa uma jacutinga com o restinho da banha.

Por festejo do Natal, damos fitas para o ar. Acendo velas diante de uma imagem de Nossa Senhora. Explico o Natal: Jesus gesto de nós, velho monar conoscido, faz outra morada para nós vivermos com ele, depois de morremos. Deu a Yaveri.yl uma faca. É um entusia de alegria e comentário prolongado.

Dia 25, Natal. Chove forte da meia-noite para diante. Digo minhas diante dessa tripulação veríspaga. Será que pode compreender alguma coisa dessas? Com chuva carregamos o cano. Tomamos um chá de mate sem açúcar e comemos um pedaço de carne. Alegramos o paladar com frutinhas da balsa-rio, já subindo a remo. São oito horas passadas: o dia em que mais remamos de uma só tirada. Remamos pouco, pela má alimentação. Matam dois jacarés e ao chegar, já meio escuro, à ilha da Estrela, abatem duas jacutingas. Umas poucas castanhas servem de banha.

Dia 26. Puxamos a canoa no trevozinho do Indio, segurando nos galhos e às vezes entrando négus. Vimos que os Ribikitus não sobem nem descem o rio, mas afreviam-se apenas de uma margem para outra, seguindo rumos de leste ou oeste, utilizando canoas nos rios e deixando-as guardadas dentro d'água. A caçaria é o atrativo deles e também o peixe.

As 19 hs. e 30 min., chegamos ao barreacão de José Rosa. Nada do esperado motor de popa. Sinto-me esgotado de tanto remar. Mas a mim, ilumina-me a luz do Natal. Tudo é para que Cristo nascça. Sernar vem a ser até bem pavor.

Também no Arinos completamos 14 horas de remo. Não há novidades no barreacão e José Rosa afirma que as medidas de segurança adotadas já estão dando bons resultados.

Resolvo subir até à barra do Tatui. Talvez encontre ali algum Kayabi, talvez alguma lancha motorizada. O plano agora é subir até à Gleba Arinos, por ocasião do Natal.

### 11.3. NATAL ATRASADO DA GLEBA ARINOS

Dia 27. Remamos o remo, Arinos acima. Em nove horas alcançamos o rio Tatui. Quando chegarmos ao depósito do seringal, a mata escura se desata da última ressaca de luz do sol, já no reino das estrelas. Os Kayabi ali estão para me ver e fazer negócios: Francisco Pauli, o penecó do Capitão Cussulari e Sebastião Tacapaitron. Fomos descansar com os casais moidros.

Dia 28. Palhanoa. Contam que no dia 19, no barreacão do Alto das Cachoeiras, Manoel e Salvador se desentenderam por causa de uma mulher e se cobraram no tiro. Os Indianos freqüentemente dão com casos assim no seringal.

O motor da lancha "Ciganinha" jaz no fundo da rio, frente à sede da Gleba Arinos. A lancha "Aurema" espera gasolina. Por falta de transporte, o seringal de bumbo e o do Tatui se transformaram. O remo ocupa novamente o lugar de hélice. Recita-me a dura contingência de subir até à Gleba Arinos à força de braço.

Dia 29. Os seringueiros José Amorim e José Fernandes pedem passagem. A mulher de Amorim se desentendera com ele e ficou com José Mineiro. José Fernandes volta à fábrica. Fazemos o último toddy.

Dia 30, domingo. Fazemos o último mingau de trigo, por sinal já bem molgado. Perdemos uma aula: abertada, tem tólego para mergulhar e desaparecer na correnteza do rio.

As 13 hs., em Nova Ventura, encontramos o engenheiro Dr. Mário, num acampamento na margem esquerda. Mede o perímetro da gleba Sul-Agrícola, para mil colônias. Dispõe de 24 homens, em três turmas, uma à beira-rio e duas avançando para os Ribbáthas. Por causa do bom ordenado de um como é deserto por dia, seringueiros entre eles, os dois que me acompanharam sózinhos aqui, entram no serviço de medição.

Converso com o Dr. Mário sobre a pacificação. Aceita que eu e Bello acompanhamos as aberturas de piquês, escolhendo eu os que mais convenham, tentando a pacificação. Instruo os pedidos sobre o modo de pacificar. Se necessário manter os índios afastados, recomendo o uso de foguetes.

Talvez mostre baixar das Ribbáthas. No jonta aparece macarrão. O Dr. Mário cede-me quatro quilos dele, para a viagem. Forneço-me de banha, açúcar e café.

Dia 31. O Dr. Mário desce em lancha motorizada. Pará da Silva sobe comigo, pousando também no remo. Once passos nos remediamos com um plástico na feitoria de José Fernandes. Goteja à noite.

Dia 1.<sup>o</sup> de janeiro de 1957. Passamos com facilidade corredeiras e travessas.

Dia 2. Saímos às 6 hs. e 45 min. e logo chove, mas não paramos.

Yavari-yí quer deixar-me a ficar com Pará da Silva. Apelo firme para a palavra dada à mim. Conseguem a admirar a vida dura dos seringueiros, no leito do necessário, não ao contrário de trabalho. Aproveito a hora para destacar a imagem falsaada que os índios fazem da vida civilizada, pois a entendem tudo cor de rosa. Proguro incutir a dura realidade da falta do essencial, sem rústica ter nada. Parecem não me compreender. Cai em vista a pouca produção de borracha e a consequente falta de dinheiro. Mostro a dependência que os seringueiros sempre tiveram do patrão: se querem trabalhar com Benedito Bruno, não podem passar no tempo da safra. Faço propaganda da vida livre da aldeia, do mato, da roça, da colonização, da produzirem por si mesmos o que precisam.

Dia 3. Bobemos o último café. Na cacheira da feitoria Nova Floresta, de Altamira, amparhamo-nos no remo para valer. O que fizemos até aqui, não foi nada, em comparação com o esforço empregado nessa cacheira.

Dia 4. Vendemos trechos compridos da correnteza e canos de água.

Ao meio-dia, a fumigerada cacheira Cinco Bocas. Pousamos no barreiro do seringal vacio. Lavamos roupa e a canoa.

Dia 5. Gestamos o dia para chegar ao depósito do Alto das Cacheiras.

Dia 6, Domingo da Epifania. Forço o remo, para ser o último dia de subida. Salmos da 3 da madrugada e da 11 estamos no porto dos Gaúchos, exultados, mas recebidos cordialmente. Completo, assim, quase 600 km de remo, tendo perto de 400 a remo vivo da água passada.

Atendo logo ao povo, como em serviço afresado de Natal. Fico sabendo que 30% da população sofre de anemia. Estão terminando a escola, o hotel e a igreja.

Proponho a fundação de uma gleba kayabi. O Dr. Gustavo Hernhagen, porém, fere fechado no pescoço, pelos Beijo-de-Fer, em viagem pelos Arinos, sofrendo forte hemorragia. Agora impõe a luta contra o Índio, qualquer que seja: Hernhagen, engenheiro-chefe das medições da gleba Arinos, é muito querido e acatado.

Dia 8. Willi Mayer, em pausa, leva a mim a os índios, meus companheiros, a algumas colônias. Janto com ele.

Dia 9. Justamente com Lello, desço à feitoria Jacutinga. Levando Geraldo na lanchinha "Viking", voando sob o impulso de motor Johnson de 16 CV. Muito atenciosamente leva parte da carga do Dr. Mário. Mal saímos, encontramo-nos com Cláudio, subindo o rio. Chegamos à feitoria Jacutinga às 14 hs. Geraldo sai, voltando para a gleba Arinos. O barco do Chileno encosta na feitoria com quatro siringueiros e mais o motor averiado do Dr. Mário.

Fazemos boa comida e secarmos a roupa.

## 12. NA PICADA NÚMERO TRÊS

Dia 10, domingo. Vamos tentar a pacificação, experimentando uma das picadas centrais do Dr. Mário. Dez pessoas descemos de caíque, com motor Enviado, de 16 CV., passamos por Olívio de ferro do rio dos Peixes, que se safara de uma pneumonia e agora é levado na canoa "Nair", por siringueiros de José Mireiro.

No acampamento 1.º de Janeiro, do Dr. Mário, recebemos do próprio Dr. a informação de que, dois dias antes, Rikbáktua atravessaram uma picada de medição.

Estudados os piques, escolho o n.º 3, para entrar, e espero o dia 22, para marchar. Vejo que dificilmente se faz medição sem fome. Na cedência do mestre, herói desatendido, a Amazônia cultiva-se sobre o cultivo do aço.

Dia 22 de Janeiro. As 9 hs. entro pelo pique de medição n.º 3, da Sul-Agrícola, abrindo picada, carregando trem de cozinha, saco de mola, rede de dormir e acampamento, portando suor abundante por todo o corpo.

Entre os km 2 e 5, avistamos os tambores e festas da terra do Tombador. Coitões batem no pau e gritam como gente. Chegamos debaixo de chuva ao pouso do km 8. A comida pega-se no fundo de lata e se queima. A mata-solteira, forte chuva. O pessoal com plásticosinhos de 1,20 por 3 m, quando é grande.

Dia 23. O pique talvezamente reto desrespeita cōrregos, terra firme, brejos, pirambueiras fundas, marros. Os coatis ocupam o dia em gritos e os capos a responder com risadas desengraçadas. No povoado km 15, de novo comida queimada. Pessada chuva da meia-noite até a manhã seguinte.

Dia 24. Comida sempre queimada. Café e leite em pó é o que mais agrada. Lello se inclinou.

Vou permanecendo no milagre de Jesus em Caná, num ambiente doméstico e provinciano. Aí Deus se dignou atuar fortemente. As ocorrências de nossa vida não alteram a solidade de nosso Pai do céu. Mas essa soliditude é que transforma nossa vida. Jesus ensinou a pedir cada dia nosso pão; o que percebe é o que não percebe. Vale a pena a fadiga, para trazer essa vida impensável aos Rikibijisso.

Só às 12 hs. saímos. Logo cai pesada chuva. A picada se lava em nove cōrregos fundos e galga um barranco de 300 metros de altura. Muita pedra caída. A pena não pára de se levantar alto e afundar no fôto. Muito tronco daltônico obriga o corpo, com o saco às costas, a uma dança ginástica.

No km 19, um rapaz apelidado Bugre, com o dedo cortado, tem por consolação a José apelidado Mineiro, com um dedo rochedo. Para todos os efeitos, há uma injeção apenas de penicilina. Não temos mais agúcar.

Dia 25. Falhamos. Lello quer voltar para o Amazonas no dia seguinte. Meus argumentos deixam o rapaz insensível.

Dia 26. Lello diz que abandone o serviço da pacificação. Não alega razão. Demoro-me um tempo, para resolver. Minha decisão de não aceitar o seu pedido é dura demais para ele. Desentendo-me comigo. Não discuto e o desligo ali mesmo da turma da pacificação, ressentido. Escrevo uma carta ao Dr. Mário e outra para os padres em Cuiabá, pedindo que o enviem para o Amazonas, dando-lhe o saldo de três contos, trezentos e noventa cruzados.

Os cōrregos suspensos estão limpos, em leito ora firme, ora brejoso, com pacovais. Acaba a farinha de mandioca e o feijão vai indo para o fim. Avizinhamo-nos dia km 24.

A perda do intérprete me faz peso. O Kayabi o substituirá.

Dia 27, domingo. Um dos picadeiros disse na fim do dia:

— "Foi um dia bonito esse domingo; o trabalho na picada rendeu, encontramos mal e atiramos dois coatis."

É preciso dizer que esses homens são mestras-cucas no preparo do coati. Mas o resumo de um domingo se difere em trabalho físico e comida. Convivendo, levo-as a uma vida do espírito, da oração, da caridade, do sentido de Deus na vida. Explico o mistério da graça e da misericórdia, da vida em Deus.

Péricles, apelidado Moço Graxinho, e José Amorim voltam ao Arincá. Somos agora 8 pessoas. Uma cocotela martirizante e o peso do trabalho me acobrunham.

Dia 28. Amanhece chuvoso. Tomo conta da cozinha. Do meu mantimento só resta um puchado de leite em pó e farinha. Hoje tenho muito tempo para rezar e meditar.

Sobre os sofrimentos do dia, à noite os picadeiros mal se ajoelham em suas tendinhas de plástico... O que faz o pessoal aguentar esse inferno é o que vai acontecer depois da ameaça: dinheiro, jogo e vida divertida.

Dia 29. Mudamos para o km 29, na beira de um brejo de um córrego grande. Fico cozinheiro efetivo dos picadeiros. Vou me acostumando com as brejas, indo de batina e tudo para a água.

Dia 31. Mudamos para o km 32 e 700 m, também em brejo.

Dia 1º de fevereiro. A chuva não me deixa acompanhar os picadeiros. Quatro curiços da castanheira-pátria.

Dia 2. Ajuda na corrente, para medir o que resta. Trabalha consciente e pausado. Apesar de manhã e jantar à tarde. Fernando fica no acampamento, porque os pregozinhos dos sapatos acabam com o pé dele. Fazemos disco de castanha e comemos arroz com couve. A picada termina no km 39.

Dia 3, domingo. Bebemos um Pai-Nosso pela turma. Vamos voltando. Saímos com poucos. Deixei brindes para os Rikkikus e também remédios, para andar mais aliviado. O barreiro do km 19 abane o brio de todos e resolvemos parar no km 15. Ando na vanguarda.

Abatem a tira um urubu-galinha. Como um pedacinho, para experimentar. O gosto preto e fígado. É a única coisa boa que como hoje. Sinto-me enjoado. Tomo antimalárico e me deito. À noite chove mesmo à vontade.

Dia 4. Às 17 hr. e 30 min. chego ao acampamento Primeiro de Janeiro, com camisa, calça e sapatos em frangalhos, e com um chá preto sem açúcar, tomado pela manhã.

A turma da linha 4, de Brito, não chega. O Dr. Mário chegou ao acampamento das duas artes e só então Lello recebeu medicina, abatido deveras e maléfico.

Com solidão recebo o motor Pesta 10/12 destinado à pacificação. Elzeu, da gleba Arinos, fez com ele uma viagem da gleba à Cachoeira do Pau, levando o pastor evangélico, que veio atender à sociedade Iuterana na gleba. O motor aprovou bem. Não vieram peças sobressalentes. Abasteceram-me com 10 tambores de 50 litros cada um. Como o ônibus não era apropriado, o Dr. Mário com disco de gleba Arinos mistura quatro tambores. A canoa que me emprestaram, é pequena para o motor.

Na noite falo de modo simples. O povo, embora respeitoso, não gosta de muitas explicações, que caem sobre eles como torrões. É preciso aproveitar as ocasiões, em que o assunto se apresenta espontaneamente. A miséria material é real. Isso repercutiu no modo de apreciar a religião.

Dia 6. Chega a turma de Brito. A estação zero fica pertinho do barracão de José Rosa. Contam que encontraram caminhos transitados dos Rikbáktas, incluindo mesmo, nenhum apareceu.

Uma explosão de alegria marca o encontro das duas turmas de medição, exatamente no ponto calculado. Um pelo vai festejar, dá um tiro para cima. A bala resvala por uma castanheira, ricacheteia, atinge o José Tio, por cima da 3.<sup>a</sup> ou 4.<sup>a</sup> costela e penetra-lhe no corpo.

Em recursos malos uma tentativa de pacificação termina em nada. Mas ficamos conhecendo algo do território rikbáktia.

### 13. PARENTESES DA PACIFICAÇÃO EM DIAMANTINO

Dia 7 de fevereiro. As 8 hs, inauguro o Ponto 10/12, com a embarcação Pinacibaba, do Dr. Mário. Chileno propõe-se a ser meu motorista, mas o Dr. Mário precisa dele.

Levo Lello ao barracão de José Rosa. Preparam mais uma entrada em território rikbáktia. Lello piora.

Dia 8. Discordo e orgânico o depósito. Lauro piora a olhos vistos. Depois do meio-dia, um mensageiro do Dr. Mário traz um pedido: o Dr. pede-me o motor para levar até a gleba Arinos o peixe, boleando inadvertidamente dois dias atrás. Abandono a idéia de entrar para os Rikbáktas. Vou ter com meu superior em Diamantino, enquanto atendo ao Dr. Mário e a Lello.

De noite, no borbacão, o álcool e os orgânicos derrem em desordem.

Dia 9. As 9 hs, já estou com o Dr. Mário. Pouquemos na feitoria Porto Alegre. A enchente alcançou o depósito da borracha e algumas barcos bâbam. Seringueiros maleitados não podem descansar em ambiente de bordel.

Dia 10. Chegarmos à gleba Arinos.

Nesse época, recomeça o movimento de colocação de seringueiros nas estradas. Cláudio põe seringueiros em estradas encalados pelos Rikbáktas. Como as medidas de precaução deram bons resultados, os seringueiros entraram em louca euforia. Os incêndios começam com a pacificação e a seção consumada.

Baiso meu motor na gleba Arinos e aproveito a lancha de Benedito Bruno, que está de saída.

Dia 12. Almoçamos às 11 hs. Estamos 140 km acima da gleba Arinos. Como o motor falha muito, os mecanicos resolvem desmontá-lo. O mestre, apelidado Joplo, com o "garantido bom" do fim dos concertos, tornou-se proverbial. O conserto vai até à tarde do dia 14. Nessa tarde, quando entramos para sair, repararam que a Agua no nível queimava, nesse motor n.<sup>o</sup> 29.

Descemos de bóbula, desse restinho do dia 14 até às 17 hs. do dia 15, para encostarmos na gleba Arinos.

Dia 16. Assentam o motor n.<sup>o</sup> 28. Quando acomodam o eixo da hélice, quebra a cabra de clipeio.

Dia 18. O Dr. Mário pede-me emprestado o Perito, para o mês de março, enquanto estivera fora do serviço de penetração. Fago-lhe ver que não tenho zelador de confidencial, até aquela data. Promete-me entregar as peças sobressalentes, que me faltam. Empresto. E para dizer que não recebi o prometido.

Pascal da gleba Arinco decide viajar em caïque, com motor de popa da própria gleba. Espero por ele. Enquanto isso, a lancha grande da Bruno, de novo, sobre lantamente o rio. Por fim, Willi Meyer comunica-me que o caïque já tem lotação completa, devendo levar dois gaúchos compradores de terra, o Dr. Mário e o pelo baileado. Apelo para a viagem na lancha de Benedito Bruno, já com uma hora e tanto de helicó. Mais que depressa levou e eu agarramos os poucos objetos. Bem puxa no Johnson 10 a, com 45 minutos, alcançamos a lancha de Bruno.

Introduzimo-nos no meio da gente e da carga, quase a colo-veladas. Não se pode correr a sujeira reinante. Não sól para esticar comedidamente a rede, nem é possível deitar-nos sobre as barras de bancha. Com a lancha em movimento ou com chuva, alguma tem permanecer sentados, e o sono que se arranje.

O barco avança, se muito, 4 km por hora. Viaja dia e noite. A frente do barco é ocupada por Claudião, sua comparsinha e parente dela. Felizmente temos alguns dias limpos e de vez em quando alguma ceia desce do pão para enganar o arroz num caldeirão mal saboreado.

Dia 20. A banquinha da gleba Arinco vem de trás e nos passa à frente, com os 4 passageiros. De noite paramos na margem esquerda. Os Belgo-de-Pau deixaram sinal. Achamos um pau quebrado, na base cortadas de palmeiras.

Dia 21. Encotramos o barco "Santa Rosa", da gleba Arinco, descendo com muitas pessoas de Canto Largo.

De noite paramos para jantar. O motor não pega. Ficamos até o dia 27 ali, quase sem comida. Diariamente os caçadores, na margem esquerda, encontram batidas frescas de Belgo-de-Pau. Não conseguimos risco, porque somos muitos. A trilha dela acompanha o rio um trecho e depois vira para ganhar o espião alto entre o Arinco e o Sengue.

Dia 27. Aparece a lancha "Gertrud" armastando, de subida, duas chaves. Dá-me a mila. Ajustando baterias, por fim nosso motor funciona. A "Gertrud" logo segue viagem. Vamos atrás, sem parar, até o dia 1.º de março.

Dia 2. Ao 14 hs. e 30 min., o motor negou-se de vez. O Japão e mais alguns arrancam-se a pé. Pretendem terminar a viagem seguindo pelo trilho da terra, julgando que não está longe o lugar de parada.

Dia 3, domingo. Os valentes chegam de volta, pois o que quebrou logo.

A lancha "Santa Rosa", voltando, descendo, auxiliava. Pouparamos no rio Claro, sem refeição alguma. Ali encontramos, também sem comer, quatro homens presos pela chuva. Não puderam acompanhar a turma de medição da gleba Itassapá, na viagem para Cuiabá.

Dia 5. Passamos pelo Ju, outros homens passantes, agora dão a impressão de trabalhador comum, vestindo meada azul. Serviu a 30 siringueiros do Nabor, muito distante um siringueiro do outro. No mês anterior gastou 700 litros de gasolina. Fazia o dia e a noite jogando água com a mão sobre o cárter do motor. A água corre suja de óleo.

Pousamos pouco acima do Ju. O motor não amanca e a bateria se esgota.

Dia 6. 4.º feira de Cinzas. Continuamos o jejum da viagem, com uma refeição só no dia.

Dia 7. O motor pega. Descemos ao Ju, comemos alguma coisa e alcançamos Cachoeira do Pau, às 23 h.

Dia 8. Às 14 h. viajo no caminhão da gleba Arinos até o entroncamento de Diamantino. Eu e Lello batemos a pé a lágua ressentida. Levamos um mês completo para percorrer esse trecho de Porto dos Galhos a Diamantino.

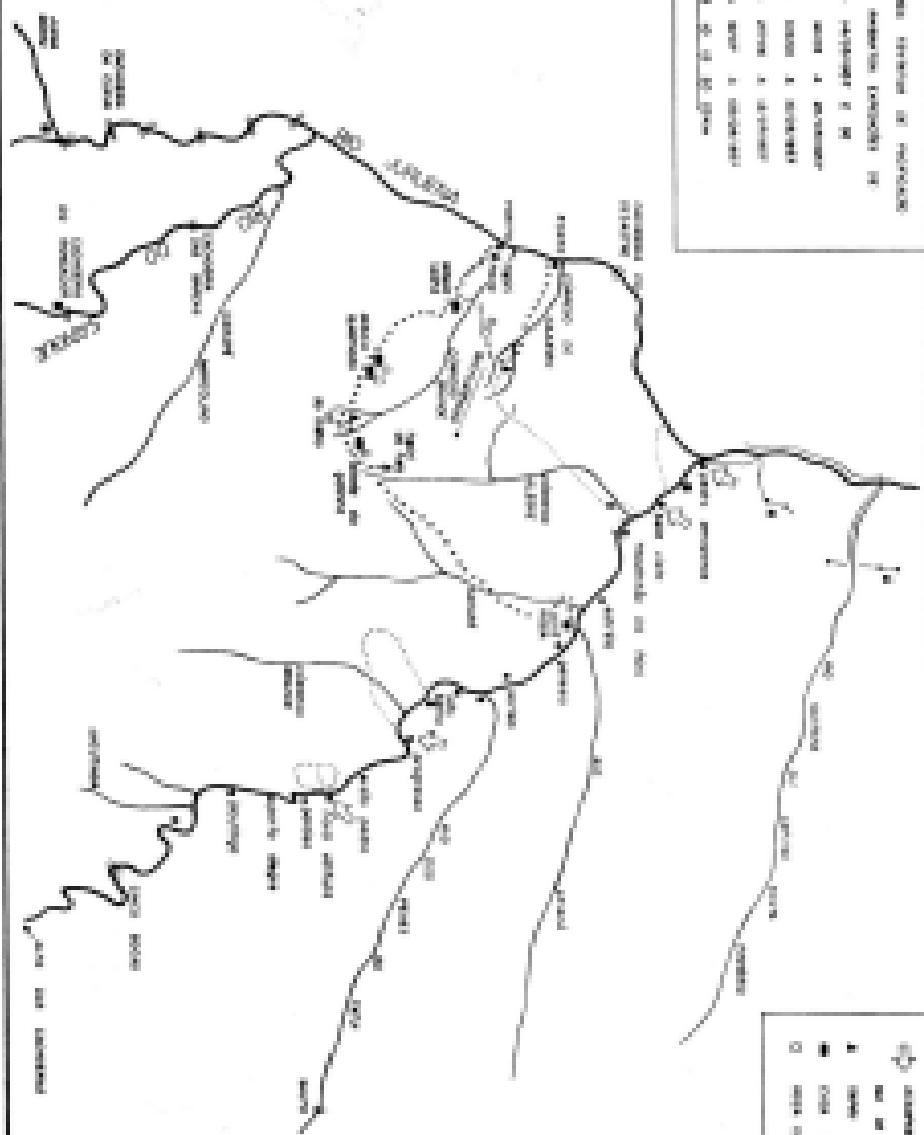
Avio a passageira de Lello para o Amazonas. Fazia oito dias em retiro, em Diamantino. Apresento aos superiores um relatório dos trabalhos e preparo novo desidio aos Rikbáktsa, esperando dessa vez, falar com eles. O baracalo de José Rosa está a base das operações.

## 14. INCURSÕES LIGEIRAS AOS RIKBAKTSÁ.

### 14.1. REVISTA NO ARINOS

10 de abril de 1957. Saio de Diamantino no caminhão Herschel. O irmão José Menchidor guia o carro e eu levo, por companheiro de pacificação, o índio Maurício Tupai, da tribo Irinex. A noite fizemos a estrada de Benedito Bruno, também com destino à Cachoeira do Pau. Em certo ponto o caminhão de Bruno sofre uma avaria. Pegamos a carga e o pessoal dele. Mais adiante, aprodima-se mais um caminhão de medições da terra. Chegamos todos juntos. O porto amanheceu tomado de cíclide. Encontramos ali quatro homens fominhos de quatro dias. Eram viajantes de barco. A bateria de bordo esgotada deixara-os sem viagem e sem aluguel, rio acima. Nesse tempo o rio cheia empurra a água até o baracalo.

Dia 11. Missa ao ar livre. Os homens mais de pro chegam primeiro: os encarregados de seringal, o tenente da polícia de Diamantino. Os colonos galhos sequem a missa da joelhos. Digo ao tenente: — O cristão leva consigo a Cristo. Têm a responsabilidade de não comprometer com sua conduta.



1

Os católicos do sertão sentem-se muito impressionados com a presença de pessoas de outras religiões. E estes pedem livros e revistas católicas. Olívio Ribeiro dos Santos, ex-chefe de Congá, da Linha Branca de Umbanda, é o encarregado do transporte de Benedito Bruno. Leva o apelido de Congá.

Dia 12. Partimos às 7 hs, e 15 min. Somos 48 pessoas e no meio temos um bebê. O motor reformado recebe cuidados de dois motoristas novos.

Na noite de 13, durmo sentado, com a lancha singrando todo a noite. Não paramos em Porto dos Gêúchos, pois, no dia seguinte, a lancha "Ciganinha" deverá trazer de volta os viajantes da gleba Arinos.

No Alto das Cachoeiras a "Ciganinha" ainda não está.

Sinto um misto de surpresa e satisfação de coisas velhas, quando vejo o barracão novo, alto e espaçoso, empurrando os quatro barracos velhos para os cantos de vegetação rasteira e tocos, que parecem dizer: — Nós aqui é que mandamos.

O alojamento é uma sala sem paredes. Fora, um grupo de seringueiros se reúne. Mais acima do barracão, outro grupo se aperta no barracão velho. Movimentam-se à volta do fogão da cozinheira. Pulem e se remexem em boa disposição.

Outra orientação religiosa e também pacificadora, especialmente para os curandeiros.

O tempo e lugar certos para orientação religiosa dos seringueiros, que entram no sertão, é Culabá, de janeiro a março. Aqui nas estradas estaria bem empregada uma propaganda de livros e impressos religiosos. Depois de lido, o papel ainda costuma servir para enrolar o fumo das cigarras. O seringueiro não vive sem um pedaço de papel e um palito de fósforo.

Dia 16. Ponho em ordem a carga da pacificação. Henrique, de nemo, vai ver a lancha "Ciganinha" e volta à noite, dizendo que ela quebrou pouco acima das Cinco Bocas. Agora todos se voltam para a embarcação e os interesses da gleba Arinos ficam postergados.

Dia 17. Vai socorro para a "Ciganinha".

Ensino a rezar o terço. Os seringueiros são, em geral, religiosos. A maioria é nordestina. Muito supersticiosos, deixam-se também levar por devações e procedimentos ingênuos, como, por exemplo, levar terço no pescoço.

Dia 18. Ensino os pontos mais utilizados pelos índios e trilhos de passagem. Deixo desenhados os terminais dos caminhos próximos de feitorias. Explico o método de deixar brindes.

Os encarregados dos seringais não colaboram comigo. Não instruem devidamente os curandeiros. Metem-nos em estradas de território ribeirinho, sem os avisar. Propositalmente assim o fazem. Calculam que os seringueiros, não tendo medo dos índios, trabalharão mais. Não executam as medidas de segurança adotadas no ano anterior, nem pensam em serviço de socorro.

Sem alter fogo comemoração da Ceia à noite e dia instrução religiosa.

Dia 19. Sexta-Feira Santa. O povo tem respeito instintivo à comemoração da Paixão. Pelo manhã, leio a Paixão. À noite, realizo uma paraliturgia.

O povo devoto uma simpatia sincera ao Índio. Assimila as minhas orientações.

Dia 20. Chega a "Ciganinha". O motorista Cláro larga o emprego e quer cortar barreiras.

Conto seis casais de união ilegítima. O povo daqui tem a consciência de tal modo, que acha que um católico pode viver assim, sem casamento.

Subimos à gleba Arinos. Os gaúchos recebem a lancha com desgosto. Na descida, dia 14, não pararam e durante 7 dias não deram notícia.

Dia 21, domingo da Páscoa. Missa às 9 hr. e 30 min. no grande refeitório, com boa concorrência, mas poucas comunhões.

Preval, pioneiro na África, é o novo encarregado. Interessa-me mais que tudo o problema humano e sua solução também entre os índios.

Dia 24. Willi Meyer comunica-me que a Gleba Arinos doará o medalhamento e os pregos para a Igreja. A escola logo se apropriará. O banco da pacificação começa a ser construído.

Dia 25. O serrador Gustavo Wilks cede as tábua apropriadas para o banco. A embarcação sai barato: 52 contos. Antônio Vargas não cobra mais que cem cruzeiros por dia, pela mão-de-obra. Está terminada a montagem. Faltou pintar.

A gerência compreende e simpatiza com a Igreja Católica, vendo a seriedade e dedicação do padre, acompanhando os fiéis. Admite amplamente o modo de ver e proceder das diversas confissões religiosas.

Dia 26. A Sra. Gertrud Willi Meyer dá-me presentes para Yaveri.yl. Tinha o indiczinho em casa, mas um belo dia não o achou mais. Todos, amigos, temem um triste fim para Yaveri.yl.

Às 17 hs. parto com o barco "Santa Cruz", da pacificação, que a Prefeitura de Diamantino adquiriu de um estaleiro de São Paulo.

A natureza tem ares e aspectos de tempo de seca. Leves aromas se espalham sobre o rio.

Pouso no barracão Alto das Cachoeiras. Os seringais de Bruno andam mal servidos por falta de gasolina e bons motores.

Dia 28, domingo da Páscoa. Matam oxinguelli, macaco bocadágua, mutum e pacu, mas o barracão está sózido.

Dia 29. Cláudio sobe à gleba Arinos com meu Peixe, a buscar devo e acertar negócios. Leva correspondência minha.

Dia 30. Subo à gleba Arinos, para me encontrar com os Kayabi, que vieram das aldeias por terra. Faz pouco tempo, alguns deles moravam em terras da atual gleba Arinos, como mostram cacos de

potes. A lancha grande de Bruno vai subir também, mas não passa do trevozão das Pedras. Ajuda com meu Panta. Não vence a volta.

Os Kayabí prontificam-se a ajudar-me na pacificação, mas tentam fazer negociação com os homens das Kayabí. Fere estrado pelo rei-friô: — "Vocês, índios, possuem terras ótimas. Esta gente vem só para comprar essas terras." Custo-me dissuadir os Kayabí dos desafins.

Os Kayabí não viram Yaveri.yi em aldeia alguma. Foi encontrada a canoa do seringueiro Olavo na barra do Tarui, em que Yaveri.yi deveria se encontrar. Vinham também fogo, mas nada de Yaveri.yi.

Dia 1.<sup>o</sup> de maio, São José Operário. As voltas com trabalho bregal, a festa de São José Operário é singularmente realista e simpática.

Ao ver que vários Kayabí querem trabalhar na colheição, aconselho-os a irem sozinhos, sem as mulheres. Pergunto e compreendem: — Se tiram as mulheres de vocês, vocês vão casar com quem?

Mando um recado ao capitão Sabino, para que me venha procurar. Chegam os siringueiros Henrique e José Severino, batendo 90 km em 4 dias de marcha, da feitoria de Alfredinho. Procuraram socorro para a "Ciganinha". Deixou um combóio. Leva consigo Mairerum, Cussaiari, Yengatu. A Jurema serve de rebocador para a "Marta Rocha". Para dar mais estabilidade à "Marta Rocha", ajuntamos-lhe dois barcos. Salmos às 13 hs. e 40 min. Salta bastante água para dentro das canoas mais baixas. Pousamos nas Cinco Bocas, em noite úmida.

Dia 2. Na barra do rio dos Peixes, a "Ciganinha" roda num rebojo, formando o fuso do sorvedouro. O preteiro Mardiano apareceu jogado no barco de qualquer modo. José Rosa olha espantado. José Severino, no barco da popa, inventa a modinha: "Agora vou só abacaxi até Santanim. Agora, para o motor funcionar, só se Deus me levá"

A custo conseguiram a "Ciganinha". Os trabalhadores sujos, com suor e excesso de fadiga, sentem-se astafelos e quase utânicos com os acontecimentos. Come pinga. Depois é a vez do pleiteado da noiva "Jurema". Não tendo mais recurso para ela, deixaram-na amarrada num pau. A "Ciganinha", pionhei da Aricó, rebocou-nas. Pousamos no Alfredinho. É muita gente e comida sai sem graça.

Dia 3. Os da pacificação viajaram independentes dos outros. Desembarcaram ali o Dito, da feitoria Nova Ventura. Os Rikbálicha andaram na beira do barreiro. Dito não viu o caminho delas. Tupai sentencia: — "Cancelho é assim mesmo: é como anjo, não tem caminho e anda pelo mato sujo!"

Dia 4. Tomo meu Panta na barra do rio dos Peixes e, para me familiarizar com ele, vou até o barreiro de José Rosa e volto à barra.

Yavari, yi ande sem rumo certo, arredio, atrevido e alto. Aparecem vestígios da Rikbikta na barra e na ilha.

Dia 5, domingo. Subindo à feitoria Progresso, fazço da medição improvisada, gestando quase todo o óleo lubrificante na caixa de engrenagens do motor.

Tacapeiron e Tapá saem em exploração de três dias, seguindo uma batida dos Rikbikta rumo ao Córrego Grande.

Dia 6. Levo José Rosa à gleba Arinos, para diversos assuntos, inclusive em interesse da pacificação. Encontro Mairerum e Molá. Mairerum experimenta meu Penta. Começa a entendê-lo e mostra-me prático como piloto.

Dia 7. Desço o rio. As 16 hs. alcanço a feitoria Jacutinga. Geraldo aparece com os principais sócios da Gleba Nogueira, em viagem de inspeção. Anuncio-me a eles e volto à feitoria Parálo.

Dia 8. Missa de réquiem. Faz justamente um ano que aqui faleceu o ex-pracinha José Bertoldo. Todo o coritivo assiste à missa. Belo coro se ergue nos três Ave-Marias e no Pai-Nossa do fim da missa pré-conciliar. Visitamos a sepultura. Repasso o problema indígena, em fala de circunferência. Relembro as leis da pacificação e a técnica de atração dos índios.

Chegamos à picada n.º 3 da medição, de que participo. Batemos a picada até o alto do barranco. Os sócios impressionam-se com a novidade da cantaria-do-pará.

De volta ao acampamento, encontro Tacapeiron e Tapá. Nada encontraram.

A gente da cidade vem com a idéia de que os índios só tem inferiores e lhes votam um desafeto quase incomunicável. Não me fio muito das promessas de me ajudarem.

Dia 9. A missa na selva tem um sabor todo especial. Os gaúchos chamam os índios para a oração.

Dia 11. Vou à feitoria Nova Ventura, pelo meio, com mais três companheiros, revisando terminal dos Rikbikta. A "Organinha" leva nossa carga, chegando só de tarde. Logo, Cláudio apresta-se para viagem e diz que voltará só depois de 15 dias. Nem chega bem a sair a "Organinha" não passa da primeira curva.

A noite batizo o siringueiro Orelino Diocleciano. O povo tem fé sincera, apesar das figuras de revistas com os raios querendo tirar o ruído das paredes.

Dia 12, domingo. Subo o córrego da feitoria com dois siringueiros e a certa altura certo rumo, para sair no plique de medição. Não vemos nem sinal de índios. Matamos um jacu e três macacos. A carne de macaco me deve ter feito mal, porque me dá dor de barriga. Os dois siringueiros passam a noite pesando. Mairerum melhora de uma maléita. Tapá, com maléita, sofre dor de dentes. Dois padecem da diarreia, por causa de alimentos. Essas diarreias, de vez em quando, nos pegam a nós todos.

Dia 13. De tarde chegaram dois seringueiros da fábrica Parálio, com bilhete de Cláudio. Diz que os índios apareceram na estrada a na fábrica. Viam sinais de pessoas tentadas.

Dia 14. Quando da diariaria, distribui meus índios para duas excursões distintas: os Kayabi explorarão o outro lado do córrego da fábrica Nova Ventura; eu, Tupá, Tacapeiron e o seringueiro União, investigaremos a fábrica Parálio.

Margeamos o rio. Achamos resto de arte onde o cachorro desapareceu. Não havia prova convincente da presença de Rikbaktsa. Agora ficamos sabendo o mais importante, e que não foi explicado até o momento: pela manhã apareceram Rikbaktsa perto do acampamento e no abrigoamento, os seringueiros atiraram nos índios, coisa que agora salvo a limpo.

A tarde foi desportiva. Estudamos o paus, na marcha de volta, trepeando, encucando, pisando uns nos outros. Ao escurecer, demos no lugar conhecido de domingo. Aparhamos chuva a valer. Na estrada-mestre de seringa, escurceceu completamente. Para fazer os dois quilômetros, levamos coisa de hora e meia. Ao chegarmos ao porto da fábrica, a chuva pára e a lio vai.

A outra turma não encontrou nada além do córrego.

Dia 15. Nesses dias começo a aparecer em Tapá a doença da pele característica dos Kayabi, chamada por eles de *pashibá*.

Alerto os índios para o péssimo costume dos seringueiros de juntarem dinheiro no sertão e depois gastarem tudo à toa, em pouco tempo, em Cuiabá.

Dia 16. Explico à turma da pacificação que os índios também devem dar idéias. Mairerum é o intermediário entre mim e os outros. Escolho Mairerum, Yungau e Tupá, para me acompanharem na grande expedição que preparo. De momento sólido ajudarão o seringueiro Reimundo, os demais acompanharão o Dito. Assim, os terminais principais dos Rikbaktsa receberão policiamento adequado dos Kayabi. Os mís da grande expedição vão comigo descendo o rio.

#### 14.2. SEGUNDA VEZ NO ESPÍGÃO-MESTRE

Dia 18 de maio de 1957. Saímos para uma expedição de aproximadamente uma semana, aos Rikbaktsa. Passamos pela picada de medição e batemos o Córrego Grande.

Dia 19, domingo. Descobrimos uma pinguela malha. Na chuva da tarde, limo os índios: faço um abrigo com palha. Protege bem. Pousamos na cabeceira do córrego Três Macacos. Costela comiam e brincavam canasco, mas no passo vieram cavalgar bem melhores nossos espertos.

Dia 20. Mairerum tem dúvida, por causa do meu modo de orientação, por pontos concretos. Explico os nomes dos pontos e como se orienta uma pessoa, em concreto: se vamos para o sul, encontraremos as cabeceiras do Seringá; se para o poente, encon-

trancos o mesmo côrrego, mas mais para baixo. A lição não valeu muito, porque os índios se localizam perfeitamente nos acidentes, indo donde querem, diretamente, sem referências a pontos do céu.

Na região da grande pirâmide da Linha n.º 3 de medição, quatro côrregos correm para o sul e outros quatro para o norte.

Aos poucos nos conformamos de evangear pelo rosto, sem nos desviarmos por acidentes geográficos. Aos poucos os índios começam a abrir-se e a disposição de Irônio vai aumentando. Maierum pergunta:

— “Será que os Cacoeiros dão aí tala mesma?”

Explico que não vamos atrás deles à tosa: estão diante mostras de quererem falar conosco. Explico então a nossa vantagem e superioridade: temos intenção pacífica, temos brindes de valor e alimentos melhores, estamos atrás deles, na terra deles mesmos. Apenas precisamos surpreender alguns deles, para logo imediatamente os cativar, com meios sugestivos de falar e agir.

A conversa vai Indo. Certa hora, um deles sai a dizer:

— “Ao ver os macacos no espeto, não posso tomar só por imaginação... é verdade mesmo que o macaco no espeto está vendido a gente e ali meus companheiros...”

Sofremos todas as qualidades de insetos durante o dia e durante a noite, não faltam os rumores costumeiros do rato, do pássaro que grita “uru”, da coruja, do pássaro boi e do jocanim pela madrugada.

Dia 21. Maingum com dor de dentes, cada dia. Depois das 11 hs, surge entre nós uma tensão de ameaçadeira. Cada qual dispara para um rumo e eu fico soturno. Sem dúvida, passamos mal de comido e os Kayabi se enervam com a incerteza de bicho imediato. Também o regime autoritário do governo costiga e não sabem o que terão pela frente. O lugar é feito para tentar, nessa hora difícil: pedra, gruta, calor, tudo seguindo a agressivo. Tentação de precipitação-a-de domínio. Mendo Tupi atira das dois Kayabi que chama Maierum. Ateroriza, sem saber que fazer. Sendo Irônio, não sabe como mandar um Kayabi. Por fim diz:

— “Padre, quero comer farinha.”

— “Então come” digo-lhe.

Cal um chevaca. Os Kayabi gritam. Yungati vem e me diz:

— “Maierum esti lá.”

Fomos atrás de Maierum. Maierum encontrou um côrrego que dá para o Sarau. Diz contente:

— “É água de Sarau...”

Encontrou alguma coisa que conhece e na qual pode apoiar-se. Agora tem segurança.

Passou, assim, a tensão entre nós. Os índios expressam-se mal e reagem por meios diferentes dos nossos, e isso nos desorienta. Também nossa mentalidade choque os índios e eles se irritam.

A dificuldade do caminhar abate meus companheiros, que comem: Para nós tudo fica fácil, só falta comê-las!

Naquele hora, Tupai abate um jacu-goela, logo adiante mais dois jacus e dois macacos. Comemos o jacu e um macaco assado. Termina a farinha de mandioca. Mairerum insiste em que devemos prosseguir na direção: mostrava o norte.

Pousamos num lugar, que chamamos Pedra dos Macacos, por termos ali encontrado muitos macacos. Os índios aíram à vontade. Cai um. Mairerum, ao pisá-lo na barriga, aponta uma dentada, que lhe decepa o ponto do polegar da mão direita. Fogo logo o curativo. Na comida, como sempre, 300 gramas de queijo para cada um.

A noite, Mairerum me diz que precisa voltar para a aldeia na Tatui se demora a chegar lá, Atóis pode tomar-lhe a espingarda. Fago ver que se pronificou a ficar comigo pelo menos um mês, prazo menor do que ele mesmo propôs e nem aceitou por mais tempo, pelo risco de falar gente na roça. Tinha mesmo mandado parte das Kayabi para lá.

Yungatu também se queixa. Seu caso elucidaria mais os problemas que tenho com os índios. O peso que leva não é muito, nem tem tanta dificuldade para caminhar no mato. Mas não tem iniciativa, fazendo só o que mando e nem sempre de boa vontade. Na viagem só deparou um jacu, buscou água e soprou algumas vezes o fogo. Ao almoço, fez dificuldade para carregar a matilha. Quixou-se de querer dizer de comer, mas bebe café tão doce quanto quer. Não fiz por menos com a farinha de mandioca. Come queijo duas vezes por dia, levando sempre o pedaço maior. Até agora temos caça abundante.

Os Kayabi não querem meusso continuar a marcha. Não tenho a intenção de educar sistemáticamente os índios. Deixo-os um tanto à vontade. É muito difícil levar avante um plano nosso de trabalho, se nos encontrarmos sozinhos com eles, no ambiente deles: é comprometer a seriedade de um trabalho sistemático. Não posso fazer algo com tempo e cronograma e nem mesmo consigo tudo o que pretendo.

Meu procedimento é exótico para os índios. Mairerum é o único que se comunica comigo, compreendendo alguma coisa do meu modo de agir.

Tomo Yungatu e explico a situação. Comparo essas batidas atrás dos Ekkáldas com as outras do mato. Fazilhe ver o que Mairerum passou, quando acompanhou Cláudio, e o que passa agora. Fago comparação da expedição Cláudio com a decisão do Tatui, em que ele, Yungatu, me acompanhou.

Dia 22. A frente vai Tupai, cuidando do ramo; logo venho eu, abrindo mata o pique; depois vem Mairerum, com a mochila pequena, pois é o guia costumeiro; atrás vem Yungatu. Vamos para a aldeia Velha, rumo Norte. Mairerum abate um jacu e em seguida racionamos a mandioca. Pousamos no cumeiro Alegre. Yungatu pede desculpas. Vemos que o ponto donde queremos ir, fica muito longe, pois estamos no cinturão de quilômetros 9,3 da picada 3 da medição

do Dr. Mário. Por falta também de comida e com o deslizamento dos Kayabi, resolvi voltar.

Dia 23. Andamos debaixo da chuva, pela picada. Preparamos notícias para os seringueiros. Certamente ficariam alegres sabendo que os Rikbaktsa não andam nesta região.

Com mais uma crise passada no tratamento com os Kayabi, resolvi remunerá-los a todos razoavelmente, logo que chegarmos ao acampamento de base. Para outras entradas, declararei, com antecedência, os objetivos que pretendo atingir. Expliquei também o regime comunitário da expedição: serviços, vantagens e compromissos. Levaria munição e comida mais abundante, pois o peso da mochila não é discutido, só o conteúdo é para elas.

Engomendo-me a Nossa Senhora da Estrada, para que nos faça perspicazes, fortes e unidos.

No horizonte do Tatuí, fico sabendo que os Kayabi subiram para fazer as roças, ficando para o trabalho comigo Maierum e Tacapairon. Disseram também que entre os dias 11 e 15, deste mês, o seringueiro Coarme, da feitoria Bom Gosto, foi levado à mão seca pelos Rikbaktsa. Sólo a verificar os acontecimentos da feitoria Bom Gosto.

Encontro o lugar queimado, uma canoa puxada pelo a margem. Faltava uma canoa. Os Kayabi descobrem sinal de sal, chumbo e outras coisas levadas com cuidado para fora da casa e que só depois dessa operação a casa foi queimada.

Recompussemos então a ação: sabendo que um seringueiro, nesses dias, fugiu do rio dos Peixes para o Pará, Coarme juntou-se ao seringueiro fugitivo. Coarme queimou a casa, para dar a impressão de que os Rikbaktsa atacaram a feitoria. Deslocaram, assim, o embuste. Por sinal, mais tarde teríamos a notícia de que os dois seringueiros se encontravam no Pará.

#### 14.3. O CASO PEDRO AMAZONAS

Dia 27 de maio de 1957. Preparo mais uma entrada ao território rikbaktsa. Os cupins atingiram e estragaram um cabote de roupas de mulher.

Dia 28. A lancha "Ciganinha", em pena, não vai longe no rio dos Peixes e volta com os Kayabi, que subiam para as aldeias.

Aproveito a oportunidade, para ver se algum seringueiro se engaja na expedição, pois havia muita gente na barra do rio dos Peixes. Não me lembro se é em tom de desprezo que me declaram não haver homens nenhum disponível para integrar minha expedição. Não acreditam muito na minha pacificação.

Os índios tiveram duas canoas e sobram, a remo, o rio dos Peixes. Cláudino sobe o Arinos, pois é tempo de estender à chegada da lancha grande.

Dia 29. Vou ao barracão de José Rosa. Junto comigo, chega ao barracão uma caixa vinda da barra do Arinos, com João Antônio

Carlos, Jollo Carlos e José Plácido. Contam a novidade do fletamento do seringueiro Pedro Amazônas. Raimundo, que era vizinho de Cosme, diz:

— "Lá embalco está feito. É dureza!"

Dia 30, 5.º-feira da Ascensão. O caso Pedro Amazônas me interessa mais que aos seringueiros. Espero embarcação para ir até 16.

Dia 31. O ambiente de insegurança deixa os seringueiros nervosos. José Rosa ficou sentido com a fuga de Cosme, pois este lhe devia muito. José Rosa envia Antônio Carlos Rosa à feitoria de Pedro Amazônas. Desço com Antônio Carlos.

A noite, chegamos à feitoria Bela Vista, sede de José Mineiro, para a supervisão do setor da barra do Arincá. José Mineiro chegou de viagem pouco antes de nós.

Dia 1.º de junho. Inspeccionamos a estrada de José Mineiro. Nada de novo.

Dia 2, domingo. Repassamos a feitoria de Cosme, nada de novo. Também nada de novo na sua estrada, apesar de passarmos por lugares de meter medo até nós corajosos.

Antônio Carlos volta para a sua feitoria e José Plácido se incorpora à turma da pacificação. Desço até à feitoria de Epifânia e Gênesio. Os dois tinham abandonado a margem direita do rio e se estabeleceram numa ilha, quase diante da feitoria velha, sujas, enfarrapadas, as crianças sem cultivo. Faltava-lhes mantimento e munição. Ali encontramos Pedro Amazônas.

Pensava encontrar Pedro em pior situação, devido às informações. Aplico-lhe penicilina, que lhe vale de verdade. Dala não se esquece mais.

Dia 3. Desço à feitoria de Luis Gomes. Ele e o filho estão controlando outra feitoria para Pedro Amazônas, na ponta de baixo da ilha, diante à feitoria velha de Pedro.

Luis Gomes diz que viu a canoa de Cosme descendo o rio. Removam a toda a velocidade e ganharam o rio Juruena abalco, procurando a liberdade. Na hora, porém, não sabia que era de Cosme e só percebeu que Rikbáktsa descião o rio.

Antes de inspecionar a estrada de Pedro Amazônas, tinhamos urgência de revistar o espírito-mestre Arincá-Juruena, para ver por onde os Rikbáktsa estavam andando. Volto ao acampamento de José Mineiro e preparam uma excursão leve aos Rikbáktsa, entrando pela barra do Alegre.

#### 14.4. DE NOVO NO ESPÍRITO-MESTRE

Dia 4 de junho de 1957. José Plácido não aparece. Subo então com Maierum e Tupi. Pousamos na barra do Alegre.

Dia 5. Na pinguela dos seringueiros Tupi escorrega e vai náguas. A lona da mochila parte-se bem, mas a água entra pela costura e os cartuchos se molham. Achamos um tapiri rikbáktsa de

oito meses. As 15 hs. passamos por um castanhal intocado. Escutamos o pássaro posseiro. Somos agraciados por inúmeras faginhas de bugios. Abatemos um mutum para a janta. No acampamento, Tupi faz grande fogueira para secar coupa. As melindres formigas corajosas invadem o acampamento. Incalculável o número dessas formigas devoradoras. De noite ainda andaram debaixo de minha rede.

— "Eles foram nosso pessol antigo" — comentam os índios.

Na crescente alta, os índios comentam a vida deles: os Rikbaktsa sempre correram a luta, mas não aguentavam as guerras e paravam de atacar. Tupi diz que os Rikbaktsa chegaram a uma aldeia Môrkô, pelo meio-dia. Entraram e mataram tudo o que encontraram, também as crianças. Quebravam a cabeça nos tocis e depois atravessavam um espeto pela barriga, assavam e comiam. Nunca mais voltaram depois a essa aldeia. O Rikbaktsa Pultupi confirmou mais tarde essa informação de ataque aos Môrkô.

Maiorium, por sua vez, baseou-se no testemunho de Temeoni e demais anciões Kayabi e disse que os Rikbaktsa caíram em cima da aldeia mais próxima dos Kayabi. Mataram muitos e levaram alguma parte suas terras. Entre estes se contava uma mulher, a quem cortaram entre os dedos das pés e das mãos. Conservaram-nas amarradas com ópôs ou embira. Mataram o marido e os dois filhos dela. Os Rikbaktsa comeram tudo. Do meio fagiam farinha. A mulher desesperou-se. Soltou-se das embiras, afrouou a coquiceira mais próxima e se escondeu numa ilha ali por perto. Os Rikbaktsa no dia seguinte bateram até à aldeia da mulher. Nada encontrando, voltaram. Ela via tudo do esconderijo da ilha. Também os Kayabi reagiram. Após alguma revista, resolviveram ir à beira na aldeia dos Rikbaktsa. Mataram tudo o que encontraram. Nunca mais os Rikbaktsa voltaram a atacar.

Nos ficou em dúvida se são mesmo Rikbaktsa esses índios ou outros. Maiorium fala às vezes em Monorôkô, ou seja: Mundurukô.

Dia 6. Os pagãos têm cultura, mas também o sentido das coisas pervertido, a inteligência obscurecida. Estão longe de Deus pelo ignorância, desespero e maldade. Evangelizá-los é libertá-los.

Enquanto ando, reparo que levo emblemas de sucurticos: lenço azul e chapéu. Não mandar, mas servir. Pelas 14 hs. rompemos penosamente a capoeira. Camos com um caminho rikbaktsa, que vai para o poente, devendo buscar o porto do Cajuíro. Temos a impressão de que o Arinos é o rio nacional desse grupo Rikbaktsa.

No ano passado, tinhhamos a impressão de que os Rikbaktsa queriam estabelecer aqui morada definitiva. Agora tudo abandonado: só a direita na mata diz ter sido habitado esse recanto.

Dia 7. Chegamos a um tapiri às 13 hs. Um pé da minha alpercate se esbarra na ponta. Os índios têm vontade de comer carne, mas perdem quatro coxas. Nada acontecido recentemente: tudo velho. De tarde chove. Abrigamo-nos debaixo de árvores

grossas inclinadas. Felizmente não ventra. Comentamos os sons kí-pubes de cabeça e flauta. Tupai acredita em feitiço. Sem carne nem farinha, cozinhamos apenas batatas verdes da roça dos Rikbáktas. De noite, chove até alta madrugada. Abrigamo-nos de novo debaixo da árvore inclinada, pois não havia palha. Ali preparamos a meditação, pois não posso viver sem espírito.

Dia 8. Maiorerum de meu humor. Tupai é sempre exceção. À noite, na encruzilhada, exercitamos tiro ao alvo, para disciplinar o meu-humor. Fazemos grande fogueira, para seca a roupa.

Dia 9. Comemos o último açúcar, temperando o arroz. Sobre um jirau guardamos arroz e farinha e emborcarmos sobre elas uma panela de barro e voltarmos para o Arinos. No pouso, a chuvinha molha tudo.

Dia 10. Mano tudo molhado, rompemos marcha. Chegamos ao tapiri do início da viagem às 13 hs. e 29 min. Aqui já se dava o ronco do travessão do índio, no Arinos. Perdemos o caminho mais adiante. Tupai, cagando, não responde aos nossos gritos e tiros. O caminho não pode ser mais sujo. Separarmos que o medo faz os seringueiros trabalharem apenas as árvores da beira do rio, em lugar de fácil socorro. Chegamos ao rio, perfeita dia pluma. Só duas horas depois Tupai se junta a nós. Queixa-se de que nós o deixamos sozinho. Matou três porcos e por natureza os abandonou longe. Foi onto meu não ter apoiado o esforço de Tupai, pois me avisou que ia cazar e consenti na caçada. Mas gosta de andar por conta própria. Queixa-se de Maiorerum, com brincos de personalidade. Assim nascem as animosidades suaves.

Minhas alpercotas de peño, que usei por causa de uma ferida no tornozelo, deram apertos para chegar à beira do Arinos e estanaram-se.

Dessa entrada, concluímos que os Rikbáktas abandonaram praticamente o território do travessão do índio. Para essa banda do Arinos. O tapiri que encontramos no início da entrada, era o ponto de apoio para chegarem ao Travessão do índio. Agora, de um ano para cá, os Rikbáktas pouco ou nada andam pelo tapiri do início.

No barracão nos confirmam que os Rikbáktas andam pela estrada de José Mineiro. Em alguns lugares levam brindes, enquanto neutros trocam canecos e perto da feitoria colheram dois grandes cachos de petus. Agora vamos visitar essa região da barra e examinar os sinalis dos índios, que fizeram Pedro Amazonas.

#### 14.5. A REGIÃO DA BARRA DO ARINOS

Dia 11. Mudamos o acampamento para a barra do Arinos. Maiorerum puxa d'água das peus e alto matrinxé. Chegamos à boca da noite, com luar. Na estrada de José Mineiro, roçamos, emerilhamos uns pauz e deixamos pendurados deles faca, pente e cametéia.

Dia 12. Igremos a cruz por bandeira, com fita azul-verde. Damos viva a Cristo e ao Brasil. Inspeccionamos a estrada de Pedro Amazonas. Na margem direita do Arinos, encontramos pegadas de dois ou três índios. Uma pedra fora deslocada, para amolar gume da faca ou facão. À noite, chega Pedro Amazonas e ocupa a nova feitoria.

Dia 13. Inspeccionamos sumariamente a estrada de cima. No começo do ano Luís Gomes viu o leite de uma seringueira flechada, na cabeceira do corregozinho da feitoria. Hoje pacote de manteiga. Durante a noite, acordamos duas vezes alarmados. Mas não é índio, e sim uma onça. Seguiu rotas pegadas e veio atuar na feitoria.

Dia 14. Parto do pátio da feitoria de José Mineiro e investigo o centro da região da barra entre o Arinos e o Juruena, por ser feixa ainda desconhecida. Vemos que ali não mora Rikbáktua. Gestão destes dias andando. De volta, sinto a placidez e encanto do tempo de seca no acampamento, mas, durante o dia, o tormento dos pluvin.

Dia 15, domingo. Missa na feitoria de Epifônio e Gênesio. No fim da missa, chega José Mineiro para ser padrinho da criança de Gênesio.

Dia 17. A remo, subo ao barreiro de José Rosa, a buncaviveras. Como sempre, faltam alguns gêneros de primaria na vila. Desta vez tive meus de repartir açúcar, pois havia no depósito a abundância de 6,50 kg. Pico com um e o mais some num zis entre os seringueiros.

Dia 18. Pelho no barreiro.

Dia 19. Desço à ilha da Estrela e batizo o seringueiro Ari, sobrinho de Lulu Gomes.

Dia 22. Desço à barra, para adiantar o assentamento do acampamento-base das futuras expedições, na margem direita. Frente a nós, numa ilha, Pedro Amazonas agora tem lugar só para roça. Aqui, na entrada do Juruena, os monstros não teriam impressão, pois tudo é grande.

Dia 24. Saímos a terminar a inspeção da coleção de Iva, pertencente já ao seringal da Gleba Arinos. Em certo ponto do piá, encontramos muitas pegadas de índios. Depois de terminar o piá do seringueiro, demos com um carinholo novo rikbáktua, batido faz três ou quatro semanas. Descoberta importante. Poussamos no malo.

Dia 25. De volta ao acampamento Santo Inácio, colhemos ovos de jaboti nas praias das ilhas.

Dia 26. Passamos pelas para Pedro Amazonas. Preparamos uma expedição para beira da barra do Arinos, a remo, a fim de examinarmos mais detalhadamente o trilho novo rikbáktua. 30 km abaixo, entraremos pelo córrego Santana ou Costa Pinheiro, afluente da margem direita do Juruena. Maierum diz que os Rikbáktua já morrerem nesta margem direita. Lulu Gomes diz que os Rikbáktua andaram por estas margens em fevereiro ou março deste mesmo ano. Ghetras pessoas julgam que os Rikbáktua saíram da região do Santana e vieram

flechar a Pedro Amazonas. Hoje me extasio com o capítulo sexto de São João. A vida verdadeira sempre continua, sem arrefecer nem extinguir, tendo Jesus como fonte: é a maior das descobertas.

## 15. NA PISTA DOS FUCIADORES DE PEDRO AMAZONAS

Dia 27 de junho de 1957. Saímos cedo, com mantimentos para três semanas, remédios e brindes de atração em maior quantidade do que nas outras vezes. A munição, no entanto, já rationada e o calibre 16 fico no acampamento Santo Inácio. Ao meio-dia perseguimos uma ante, pensando por diversas ilhas.

Numa barranca alta, de rio correnteço, saímos, em terra e procuramos algum piáque de Rikbáktua. Depois de atravessar barbados, encontramos. Eu e Malerum seguimos as pegadas, coisa de duas horas. Frequentemente encontramos duas ou três trilhaszinhas o primeiro, na frente, faz sua pisada e as seguintes, atrás, formam variantes. Quem não tem tino e vista não acompanha esse caminho, indicado por leves sinais de pisadas e um ramo quebrado aqui, outro lá mais adiante, pelo meio sujo.

Quando voltamos, os dois que ficaram, nos esperam com mal. Temos também caça. A toda hora esperamos encontrar Rikbáktua. Todos animados por causa dos sinais.

Dia 28. Retomamos a investigação. Num brejão, perdemos o caminho. Só de tarde, Malerum e Tupai, admiráveis rastreadores, dão com ele. Já tarde, pousamos no meio, com fartura ainda de comida.

Durante a noite, passa perto uma vira de porcos-domésticos, lobrando os quixicos. Custa-nos aquietar os dois cachorros, que traem os. São terríveis esses quixicos. Por felicidade os porcos bravos passam pelo outro lado de Igapóé e não nos preparam.

Dia 29, São Pedro e São Paulo. Explico que esses santos são nossos amigos, nos ensinaram as rezas de Jesus. A tradição impressiona os índios. Com favor desses santo, chegarei ao último tapiri cheio de matos, para levar Cristo aos Rikbáktua.

Mangueiros brejos, pelo ponto mais alto. De tarde, encontramos dois acampamentos de Rikbáktua, dois armadões de redes, moquém primitivo, restos de penas de jacamar. Em fundas depressões encontramos duas cabeceiras da bela correguza afluente da Santana. No outro lado damos com uma rampa e, ali, mais um acampamento rikbáktua. Restou ainda um sinal de sangue num pau cortado a facão. Não longe do acampamento, encontramos uma coifa morta, coberta com folhas. Malerum explica que é depósito de onça. Levamos, pois serviria para o nosso jantar.

Lembro aos companheiros a atitude a tomar, caso encontrássemos Rikbáktua. Digo a repito essa lição, porque os índios nem sempre alimentam simpatia pelos Rikbáktua. Há muitos macacos pulando, sem quasi nenhuma outra caça. Enfio chamo onça. Os índios dizem:

— "Não grita, porque ela vem mesmo!"

Perto de um grão com blocos de pedra e castanheiros, achamos um acampamento familiar, num tapiri. No tapiri, só um zine em bom estado. Pousamos perto desse tapiri, à beira de uma fonte, que nasce debaixo de blocos de granito e corre funda, para o nascença, com leve pendência para o norte, para o Santana. Hoje a alimentação é rationada, por falta de caça, por causa dos Ribáktas não usarem armas, pois um estrondo daria a perder tudo. Pela manhã café, feijão e farinha. O resto do dia, farinha e queijo. Noite calma.

Dia 30, domingo. Logo de manhã, acaba o caminho no castanhel e nos perdemos. Concluímos que os Ribáktas vieram ao castanhel só para apreender castanhas e voltaram. Abandonamos o rumo que levavam e procuramos outros. Experimentamos cinco direções. Custo-nos achar o caminho de antes, que agora achamos procurando para o nordeste.

— "Estou farto de tanto caçar caminhos!" — diz Mairerum.

Pousamos numa colobeira.

1.º de julho. No constilho, resolvemos voltar. Com 6 horas de marcha, chegamos à canoa. Gestamos 24 tiras, para matarmos 3 muturu e dois macacos. Andamos à liso atrás da porcos-dô-mato. Os índios encheram um caldeirão com mal mandaguari.

Dia 2. Falhamos. Conversamos roupa e comezemos melhor.

Dia 3. Prosseguimos rio abaixo, em canoa, à procura da barra do Santana. Dia de frigem, pensamos ricamente. Pousamos numa ponta de terra alta, junto a uma colca que parecia barra do rio. Perto passou um pique ribáktua, muito perticido com o que seguimos atrás.

Dia 4. Vemos que estamos numa ilha. Deve ser a segunda do mapa. Pegamos cito myrinchás. Dia bonito, de sol. No fim da ilha, furtamo-nos de ver grandes barbados e praias, com desengano cada vez maior, na procura da barra do Santana. O Juruena abre amplo e majestoso espéciculo, apresentando maravilhoso jogo de ilhas e serras. O rio nos seduz para irmos sempre adiante, sempre a descobrir. A liso anda alto, quando paramos e pousarmos em cima de pedras. O mapa diz que a barra do Santana não anda longe.

Dia 5. Voltamos ao ponto do dia anterior. Subimos com esforço a água pesada do Juruena. Vemos palhar o caminho descoberto no dia 3: o caminho provavelmente dari no Santana. Numa ensaada, descobrimos o Santana entrando tão devagar, que a água parecia parada, algo turva, mas fresca e salgada. Por não quieto, não demos com a barra, quando descimos. Metemo-nos Santana a dentro. Paus caídos trancam a navegação completamente, em alguma pontes. Devido aos barbados e ilhas, o Santana apresenta-se irregular. Pousarmos num bancano.

Dia 6. O corrego se engalha muito, cada vez mais obstruído por troncos caídos n'água. Investigamos a margem esquerda e encontramos o pique ribáktua justamente no lugar onde o córrego apr-

sente três bocas. Não verificamos se existe afluente ou se são duas. Vemos ao caminho ribáktua. Termina num tapiri, onde pausamos.

Dia 7, domingo. O pique ribáktua parece subir acompanhando o córrego. Por duas vezes se interrompe em lugares de caça. Na menção à caça, os índios não quebram galhos e os sítios se confundem, com os movimentos em diversas direções. Tudo indica que os Ribáktua andaram por aqui pelo fim da temporada das chuvas e subiram o Juruena. Pareciam explorar a região.

Não faltaram os comentários sobre as terras dos Apitiká, pois algumas aldeias delas devem estar perto do lugar, que pisamos. Encarregou os Kayabi, meus amigos, de entrar mais tarde em contato com elas.

Arrepiamo-nos à noite. Matamos um porco-do-mato. Pouparamos no lugar da véspera.

Dia 8. Desemos o Santaré em meno de 3 horas. Subimos o Juruena até o posto da Curva, por onde passa o primeiro pique. Nada tinha mudado, na margem, por perto.

Dia 9. Alcançamos o primeiro ponto da viagem. Conseguimos fincar a zanga quase todo o tempo. Preciso vencer também a indústria dos índios. Eles brincam e dizem mesmo:

— "Praça para quê?"

Dia 10. Faltarmos. Procuramos mel.

Dia 11. Vemos até o Lulu Gomes. Diz que José Rosa foi a Celebá e voltou.

Dia 12. Chegamos à base, o acampamento Santo Inácio. Como resultado das investigações, concluímos que os Ribáktua vieram originariamente da margem esquerda do Juruena. Atrevessaram para a direita e em excurção de caça, subindo e divergindo, levaram mais ou menos um mês andando. Lulu Gomes e seus coadutores os presenciam e nada sofrem, mas Pedro Amazones pagou por todos. Pedro Amazones fazia comida no ar livre, perto da porta da fábrica, fogo no chão e caldeirão de fajão dependurado de uma vara suspensa nas pontas por dois pauzinhos, um de cada lado. Abafou-se para olhar a fervera. Os Ribáktua, escondidos, saíram de um pau grosso colado, a 15 passos, na pequena demarcação da fábrica, flecharam. Uma flecha voou calcada para acertar no lado à altura do peito. Creveu-se no braço, porque o seringueiro, no momento, se tinha enrijecido. Arancou a flecha, buscou a carabina 22, entriu-chegrou-se atrás dum roço e mandou bala, nem acertar em ninguém. O cachorro acordou e ajudou a meter os Ribáktua em fuga. Ao amanhecer, Pedro Amazones subiu de canoa à fábrica vizinha do Genilândia e Epifônio.

Dia 13. Preparo uma expedição mais demorada ao centro residencial ribáktua do espigão Arinos-Juruena. José Rosa adquiriu um motor de popa e dá notícias da presença de Ribáktua na fábrica Bom Gosto, de medições de terra junto aos rios Arinos, Apiaçá, Peixe, Barrinha.

Dia 14. Na fábrica nova de Pedro Amazonas, tenho notícia de que o superior da Umaril, Pe. Henrique Froehlich, saiu em excursão pelos rios Papagaio e Sacra, pois lhe deram relato de vestígios de Rikbaktsa por aquelas regiões. Nada encontrou. Mais tarde viria a saber que, em vez de ver Rikbaktsa, curtiu pacientemente ações de malária, sendo salvo pelos cuidados do frade do grupo Parati, João Garimpeiro.

Dia 15. Vou ao baracal de José Rosa buscar correspondência. Dizem que na fábrica Bom Gosto tais Rikbaktsa comeram dois seringueiros e o cachorro, desolhedeando ao dono, foi atirado dos Rikbaktsa e foi flechado. Dizem também que na margem esquerda do Arinos, de manhã, apareceu fumaça de um acampamento Rikbaktsa. José Rosa mandou imediatamente que os seringueiros trabalhassem em grupos de três, cada seringueiro portando arma.

Dia 16. Deu um giro de reconhecimento. Os Rikbaktsa passaram pelo seringal e inventaram um tapir. Deixaram sinal de terem andado pelo pique, que cerimônia faz um mês, apenas. Mas o acampamento rikbaktsa se situa longe da mata. Concluímos que a notícia da fumaça era boato falso, forte névora matutina. Volto ao baracal de José Rosa.

Volto a preparar uma grande estrada pelo espigão-mestre. De certo os Rikbaktsa não esperam encontro com seringueiros provenientes da Bandeira do Juruena, nas proximidades do porto do Cajuíro, privativas da expedição pacificadora. A turma volante de pacificação tentará levar aos Rikbaktsa, pelo Juruena, o primeiro sorriso de Cristo, a senha de pacificação. Tudo me diz que desta vez conseguiremos uma fala pacífica.

## 15. A PRIMEIRA FALA

Nas minhas anotações de campanha, assimilo esta estrada, como última expedição. Acompanham-me Mairerum, guia da expedição, Tecapekion, Tupi, cozinheiro de inexcedível bom-humor.

### 15.1. REPASSO O ESPIGÃO ARINOS-JURUENA

Dia 19 de junho de 1957. O motorista Arantes, no barco "Macacá", da Gleba Arinos e aos cuidados de José Rosa, leva a turma volante de pacificação com destino aos portos do Tapiri Novo e Cajuíro, devendo voltar e entregar o barco a José Rosa, enquanto a turma andará a pé todo o resto da expedição. Pousamos na cachoeira do Desastre. Na ligadura do motor de popa, lembramos as remadas de outras expedições.

Dia 20. Subimos o Juruena até o porto do Tapiri Novo, o centro de operações. Armado o depósito, descemos ao porto do Cajuíro, 40 km acima da barra do Arinos, na entrada reína dos Rikbaktsa. Pousamos.

Dia 21, domingo. Arantes volta ao Arinos. Para nós começo a dureza da vida no mato. Dessa vez carregamos tudo o que precisamos para demorada caminhada, com acampamento-base em território ribákena. Caminhamos na direção do sol naciente. Os sinais eram velhos; o mais novo fôrce deixado fazia um ano. Nenhuma novidade no tapiri do Centro. Chegamos ali, a última vez, fiz um mês, vindos da barra do Alegre. Quebramos para o sul, buscando a encruzilhada, confundida por duas ou três cascatinhas enormes, limpas em roda. Marchamos sem descanso.

Ficamos intrigados por não encontrarmos vestígio de Rikibáktsa. Entretanto, nas roupas novas do mês de novembro, encontramos pegadas recentes, de poucas semanas. Pouparamos na Aldeia Velha, abandonada, caída e em parte queimada.

Dia 23. Buscamos mantimento do porto do Tapiri Novo. Verificamos satisfeitos que os braceletes deixados no Tapiri Novo foram todos retirados, juntamente com a serra. Mas os Rikibáktsa levaram dali também todos os utensílios deles. Ficamos pessimistas. O certo é que os Rikibáktsa sempre nos escapam. Ou estão nos acompanhando?

Andamos quase uma semana sem resultados. Aos poucos afuniamos. Caminhamos bem cansados; além das coisas particulares, temos por igual repartidos os medicamentos e os braceletes. Ainda carregamos armas: uma espingarda de caça, uma 22 e uma 24 desequilibrada. A necessidade é o compromisso de evitar rumor nos dôis e nos afasta mutuamente um do outro. Andamos como que brigados, mas não descubro o problema imediato.

Dia 24. Buscamos as aldeias do Milho e da Galinha. Estou a imaginar o estado de ânimo dos companheiros. Malherum, por exemplo, curte a expedição na mata, no sujo, no rio, trás meses seguidos, sem resultado palpável. A expedição para meus companheiros é andar à toa; para mim cada entrada representa um passo à frente. Abalizamo-nos de um córrego quase sem água...

— "Ocha aquil!" — diz de repente Malherum.

Uma pegada fresquinha se afunda no barro pegajoso. Uma pausca veio e voltou, coisa de dois ou três dias, para visitar uma cascatinha. Parece que era mulher. Além da pegada, outros sinais. Os índios da turma de pacificação examinam tudo minuciosamente: o córrego, a terra, os pauz. Até os cheiravam. A conclusão é que os Rikibáktsa estão andando por aqui. Agora pisamos firmes no chão, como que eletrizados. Armanos os dois cachorros, na corda e os sujetamos.

Uma hora de batida e chegamos a outro córrego. Divisamos uma aldeia do outro lado. De galinhos, vimos o emaranhado e saímos na roça. É a aldeia do Milho, tudo em silêncio. O sol quente das duas horas da tarde castiga nossos rostos secos. Novamente, desenham-se no céu azul o perfil da casa visitada no ano passado. Agora o milho maduro está colhido e consumido. Sobram apenas

algumas espigas para os ratos. Achamos na roça uma panela de barro, escondida. Tiro fotografia dela, com o rosto sorridente e gordo de Tupai, que a carrega no ombro. Entramos na casa. Os Indianos como que tinham passado por aqui nestes instantes.

Debemos as mochilas na beira do córrego, para chegar mais depressa à aldeia da Galinha, 20 minutos dali. Com espanto vemos as casas da aldeia da Galinha ainda fumegantes, do incêndio de ontem dia. Aqui fizemos dezenas de ótimos brindes no ano passado. A roça deste aldeio apresenta em abundância batatas, cenouras, mandioca brava. As ramos de mandioca brava e manuá se entrelazam no ar. Não falta algodão, urucum, principal alimento do armazém indígena.

Damos uma vista pelos arredores. Vê-se que a criancada, sempre alegre, se junta para assar batatas e mandioca. Reparamos num trilho, que prossegue do outro lado da roça e que no ano passado eu e Lello não vimos. Por ali agora os Rikbaktsa tinham sumido. Boa descoberta. Não fosse tarde demais, infeliz, aquela hora, atrás deles. Recolhemo-nos em posse. Espelhamo-nos pelo rosto, cada um para um lado. Inesperadamente cai uma chuva pesada, que apaga os nossos pêgas e os dos Rikbaktsa. Pressinto que a chuva prepara acontecimento importante. Lembramo-nos, então, dos nossos buchos. Corremos para a aldeia da Milha e encontramos tudo já ensacado de água.

Fazemos fogo com as fôrmas da casa queimada. Sacamos a roupa ao calor do fogo. Cozinhamos o resto do feijão. Assarmos algumas batatas da roça ali mesmo. Era um dos poucos alhos em que não comemos carne. Aproveito a imprecisão do momento para repassar os leis da turma volante da pacificação e procure reforçar o ambiente de confiança nos Rikbaktsa. Mostro que temos sinais de bons amigos entre elas, pois sabem de nossa presença e receberam os brindes amigavelmente.

Como nas outras entradas, deixam transparecer certo receio. Mas já assimilaram muitas lições. Conseguem, agora, apresentar uma calma ao natural, o suficiente para enfrentar qualquer emergência. Também eu me exercitava para manter o equilíbrio emocional. Pesso a explicar bem explicada a técnica da surpresa. A surpresa os assusta. Aproveitamos o momento do susto, da paralisação dos Rikbaktsa, para chamar, sorrir, depor as armas, ofertar presentes.

### 16.2. PRIMEIRA VISTA E PRIMEIRA PALA.

Dia 30 de julho de 1957. Marchamos cedo. Matemo-nos agora pelo caminho novo descoberto na véspera. Vou à frente, a senha da pacificação no peito. A mata exala ainda umidade de chuva.

Com metade hora de marcha, de repente, percebo um movimento por entre ramos e folhas, marchas de cor dançando. São Rikbaktsa a tirar embora de um pau. Quero ver melhor. Assomo alguém.

Penso que é moça, a julgar pela impressão do momento, e trato como se fosse moça. Empunha arco e flecha. Mais tarde iria saber que era homem, o índio Rome.

Parou e olhou-me com espanto. Afim, um grupozinho de 3 meninos e 2 mulheres. Pararam de mexer, mas continuam escondidos. Rio, aceno, saído, logo Malherum, atrás da mim, acode com a fala Kayabí, dizendo que não entende para brigar e queremos conversar, trazemos facas para eles. Que vão chamar o capitão, para falarmos com ele.

A resposta é só uma branca fileira de dentes. E logo amortecida a expressão. Os outros guiam por detrás. Todos vivem os costas, largam lata, panela, xira, comem desabaladamente. Vamos atrás. Em poucos minutos alcançamos o grande tapir no meio do mato, com um ferreirozinho na frente. A fumaça da cozinha escorreja por entre as folhas de palha. Tecapeiron, abraçado à cambina, vê um índio amotado, observando a nossa chegada, com arco e flecha de pronto. Logo desaparece. Não observamos movimento nenhum mais. Disse:

— “Não entrei no rancho! não mexam em nada!”

Dentro da casa, 9 redas baloiçando ainda, sendo 6 de crianças. Todos os objetos de uso de dentro de casa aparecem à nossa vista mantimento, ornatos, algodão, utensílios... os potes fumegantes sobre brasas. Cá e impressiono de que os índios apenas tiveram tempo de dar almoço, pegar crianças e armas e correr. Finta-se na minha mente a confusão viva da fuga, pois também no pátio alguns potes-zinhos esparramaram pelo chão pasta de unicum e cacos de espelho fixados em placinhas de madeira estavam ocupados ou ocupados no arranhado, quando foi dado o rebate de nossa chegada.

Fazemos um roçado nos arredores do mato. Assim veremos os Rikibiktsa a boa distância. Entendemos as redas. Os Rikibiktsa poderão comodamente certificar-se de nossa boa intenção e se impressionarão bem com os brindes que armamos. Nari jiuá baixa, distanciam e dependuram machados, facas, facurais e outras coisas. Ao lado, finjo uma vará e amarro nossa sérvia. Agora esperamos que os Rikibiktsa correspondam.

Cois de dez horas, calhados nas redas, descontrainos, cada um observando uma zona de mato, em conversa natural, esperando, certos de que os Rikibiktsa vão voltar.

— “Ai vem um!” exclame de repente Tupai.

É um momento ótico. O índio parece uma visão, mas se move, vindo da direção donde viemos. Ao dar entrada no terreiro, seu olhos dão em nós para. Ali fica, ao lado de uma árvore, arco e flecha no mato. Olha-nos com atenção, bem surpresa. Pulo da rede. Aceno, sussurrando:

— “Vem, vem! Ereyul, ereyul!”

Entendemos, com espanto, que dia não. Mas depois arco e as flechas no chão. Encosta-se à árvore e continua a olhar para nós.

Diz depois uma coisa que não entendemos. As palavras em nada se parecem com o que conhecemos de língua indígena. De nada tinham valido os caçeiros com o intérprete Lello, no ano anterior.

Pergunto-me a mim mesmo como fazer para nos entendermos. O recurso é a mímica. A custa de enorme esforço entendo que pergunta se viemos do Juvena.

— "Sim!" — responde, fazendo gesto de aprovação.

O Rikbákhra parece dizer que poucos homens andam com ele e que a maioria anda pelo lado do Arincá. Dá a entender que tem súditos para o lado do Juvena: vira-se primeiro para o Arincá e diz três ou quatro vezes a mesma coisa, contando nos dedos dos dedos, sem dúvida para indicar grande número. Volta-se depois para o Juvena e repete a mesma cena. Soam nos meus ouvidos as palavras "pitoé, nobô". Tenho a impressão de escutar palavras do idioma pará. Mas não faço idéia certa da reda.

Parece dar a entender que é pajé: eleva o braço e aponta o céu e depois aponta para si mesmo. Afirma qualquer coisa de si mesmo. Então também eu, fazendo os gestos que ele tinha feito, ao apontar para mim, digo palavra koyabi e a correspondente portuguesa:

— "Wai! padre!"

Coloco o braço no ombro de Maierum e depois nos ombros dos outros dois e digo, colocando em cada um: — Irmão. O Rikbákhra nos assegura, repetindo a palavra irmão com perfeição de pronúncia.

Maierum tem a idéia genial de lhe dar uma faca. Aprovo. Pega pela lâmina, avança e dá o cabo para o Rikbákhra. Eu e Tacapeiron acompanhamos Maierum. Tupi, na rede, observa e acalma os cachorros. Apesar da aparente calma, percebemos que o Rikbákhra se sente fortemente emocionado: o coração acelera com rapidez. Mas todo o porte é digno de um chefe. Mais tarde saberíamos que ali estava o cacique Alco.4.

A conversa se torna mais íntima e aos poucos a excitação do Rikbákhra desaparece. Tacapeiron quer ver as flechas. O chefe se abaixa, pega as armas e mostra a José. Chamamos a atenção trazendo apenas flechas com ponta de tucuru e algumas chamas de sangue de caga. Aponta para as copas das árvores, querendo talvez dizer que matou macacos ou mutuas.

Os colares são tantos, que formam o peito. Num deles distinguemos contas brancas de porcelana de procedência civilizada, entre-meados com continhos pretos de tucum, de lava rikbákhra. Muitas as contas de porcelana e quer mais deles. Busco dois colares, um de fantasia e outro de contas irregulares pretas e vermelhas. Gosto mais do colar de fantasia. Mostro visivel alegria, quando lhe dou um par. Fazendo leve inclinação repete a palavra, que entendo: plesbal.

Traz o cabelo recém-cortado, mas sem cuidado, uma tanga nova de fibras de buriti, em forma de avental. Um fio fino de algodão

dá voltas pelo abdômen. Nos pulsos e nos tornozelos, um fio comprido de algodão, passado muitas vezes, forma anéis. Numa estrutura pouco acima de banho, os músculos saltam estofados. Parece trazer, debaixo da pele clara, algum sangue civilizado.

Em certo momento, dou a entender que não arranque caneco do pé das siringueiras. Sempre com a mímica, falo em português. Dá sinal de compreender. Peço que não mate nossas gente. Surpreende-nos com a resposta de um "índio" bem pronunciado. É a terceira ou quarta vez que une essa palavra e sempre com pronúncia correta.

Vou ao jipe buscar um machado. É quando o Rikibáktsa diz qualquer coisa para Takapetras e Mairerum, na língua desconhecida, e se afasta e vai indo. Mairerum interpreta que o Rikibáktsa voltaria mais tarde, pois indicava a posição do sol das quatro ou cinco horas da tarde, fazendo gestos de ir e depois vir com muita gente. O Rikibáktsa vai sumindo lentamente entre as árvores.

Afinal, após nove longos meses de caminhadas pelo mato, nas frustrações, na chuva e na sede, muita vez enfermados e desorientados, agora, o primeiro resultado, a fala. O resto do dia espreguiçante vagaroso. Palestramos e comemos. Bezoo.

Dispomos as redes e armas e demais pertences numa posição mais afelta, para bem impressionar, caso apareçam de repente. Procuramos uma forma de manter nossas peças defendidas com segurança.

Não aparece alma viva. É véspera de Santo Início de Loyola. Já o sol declina. Ráfias de luz baixam e por elas sobe a fina fumaça das fogos ainda vivos dentro da casa. Por fim, os últimos lampejos reverenciam este dia, beijando de lado a cruz vermelha da bandeira da pacificação, fincada no meio do terreiro.

### 16.3. AFASTAMENTO PROPOSITADO

Dia 31, Santo Início de Loyola. Estamos reduzidos a pouca farinha. Também hoje os Rikibáktsa não aparecem.

Em certo momento, num relance, vejo que o ônix presente exige uma separação entre nós e os Rikibáktsa. Interessam-se por ter contato cósmico, é certo, mas seu idioma inteiramente desconhecido pede uma medida de dar tempo ao tempo. Também ocupam um território vasto. Convém deixar a notícia da primeira fila circular, para depois voltarmos.

Deixarmos essas coisas num vaso, perto do rancho, e voltarmos à Aldeia Velha, em marcha forçada, a fim de buscar nossas pertences. Pela pressa e contrariado com a medida repentina, Mairerum cai de uma pinguela dos Rikibáktsa e explode em imprecavações, contra esses índios, que teriam matado seu... que ele era outro índio...

Ao chegarmos à Aldeia Velha, meus companheiros abatem um mutum. Vem a tempo, pois hoje temos festa.

1.<sup>a</sup> de agosto. Voltamos ao tapiri da fala. Os Rikbáktua tinham arregado sobre o jirau dos brindes e, como tínhamos deixado nossos objetos perto, fizeram colheita completa. Não podemos levar a mela, pois uma única bandeira abrigava todos os objetos. A casa desta vez se encontrava aberta por todas as portas. Quase todos os pertences rikbáktua permanecem, mas inexplicavelmente as redes desapareceram com alguma coisa mais.

Entramos no tapiri, tiramos algumas batatas e bananas, para matar a fome. Tragademos uma pilha de canecos de seringa para o jirau dos brindes, armado no meio do terreiro. Não mexemos em mais nada. À noite a frigideira varre todos os cantos do matô e corta nosso acampamento.

Dia 2. Marchamos para o Arinos. No lugar da travessia do córrego do tapiri, os Rikbáktua tinham suspenso a trilha com a bandeira hasteadas de pacificação. Também separam no caminho os nossos objetos, que sobrevivem para eles. Felizmente estiveram fora a que mais nos interessava: remédios e música. Entre outras coisas, uma lata bonita. De tudo isso se vê que os índios não levam as coisas só porque se encantam com a aparência vistosa, mas porque valem utilidade.

Não marchamos uma hora, quando o cachorro dá alarme. Chamo-o, pensando que se assusta com ruído. Reparo que se afasta dum sítio, largado no meio do caminho e fareja o matô. Logo mais adiante encontramos outro sítio e, mais além, um tatu assado, envolvido em folhas verdes e com o logo de sertânia para ser carregado. Nos sítios encontramos quatro redes. A primeira vista, assemelham-se às dos Minkù. Encontraram também como assada de caga e mais algumas coisas, entre elas uma panela de ferro e dois meigos de canecos novos de seringueiros. Os índios devem ter-nos visto, largado e sumido. Chamamo-lhos em vóe. Tiro os canecos de seringa do xiru e os substituo por uma faca, acompanhada da senha. Seguimos.

A duas horas de marcha, paramos com uma encruzilhada. Seguimos o braço que parece servir-nos melhor. O outro parece um pique feito faz pouco tempo. Não lhe damos maior atenção. Nossa trilha se torna cada vez menos batida. Vemo-nos obrigados a seguir rumo.

No acampamento, chmoi o piqué, que deixamos, é novo e feito a facio. Eu não vinha para conhecer moradas e caminhos de acesso aos Rikbáktua? Consigo voltar e verificar. Os companheiros não mostram vontade nenhuma.

Dia 3. Exponho mais uma vez os motivos para voltar e entrar a investigar o caminho novo. Não concordam. Amigo importa-me e mandar. Dizem que Iralo comigo ao caminho novo, mas partem de repente e somam no matô. Nem mesmo a carne do veado que Malzurum acaba de matar logo na madrugada, consegue amassar e sua pouca vontade. Mal consigo dominá-lhos. Voltamos à encru-

zinhada. Ali começa a desportar o interesse dos meus Índios. Já tardinha, damos com uma grande cerimônia não terminada ainda. Traçaram primeiro o perímetro da roça. Já estamos em águas do Juruena. Pouzamos canoas e novamente amigos. Aqui devem procurar os Rikbaktsa na expedição seguinte.

Dia 4, domingo. Voltamos ao acampamento anterior, já de volta ao Arinos. Cozinhamos a carne ainda conservada do vaso, que Malenrum matou na véspera. Pouzamos já na barra do Serré. Experimentamos que os Rikbaktsa, sem se oprirem, saem das aldeias e, com dois dias apenas de caminho, chegam às feitorias dos seringueiros.

Dia 5. No barreiro de José Rosa, logo nos contam que os Rikbaktsa invadem as feitorias dos seringueiros. Estão, amedrontados, exigindo ataques de represália. Deixa a barra do Serré, até à feitoria Jacutinga, pela tudo em alvoroço, em pé de guerra. Chego a falar com o Rikbaktsa. O barreiro extremado de vibração: um entuso de admiração e alegria.

Fico a pensar, pois os Rikbaktsa abrem roças, mesmo em plena guerra com os seringueiros. Tratam-se de uma zona residencial. Os seringais e a medição de terras, desrespeitando o espaço vital do espírito, tentam ou não terem conciliação, atentam contra a liberdade de movimento dos Rikbaktsa. Ninguém foi matar com eles a vila se acorrendo de cí e lá. Mas não tenho tempo a perder. Sem descurar, encato uma viagem de emergência a Cuiabá. Busco recursos para a pacificação em marcha. Tomo meu Penta e subo à Cachoeira do Pau. Na subida do rio quebro 11 pinos do motor, já na força da seca, com mais praias e pedras que água. No dia 15, abico em Cachoeira do Pau. Tenho sorte de alcançar um caminhão de saída para Cuiabá. Escrevo uma carta, no caminhão andando. Em letra quase ilegível, dou conta a meu superior do resultado obtido e pego um ônibus de fala portuguesa, para me acompanhar na próxima expedição de pacificação. No estroncamento de Diamantino dou a carta a Tupsi eigo para Cuiabá, lá chegando no mesmo dia 15, à meia-noite.

Dia 16. Retiro do banco a segunda parcela da verba de 40 contos. Uma Instituição Interacional de ajuda aos missionários, UNIVIA, destinado a fornecer meios de locomoção aos missionários, me enviou 34 contos. Com as duas entradas, pago o motor Penta.

heu Pereira Rosa, procurador da Sul-Agrícola, solicita da diretoria um auxílio de 10 contos. Frente à resposta negativa, dá mís do próprio baba.

Permaneço dias em Cuiabá. No Círculo Operário, recebo remédios e, por ele, Malenrum faz gratuitamente o tratamento dentário. WILS Meyer sumunara com um conto a Malenrum, pelo serviço de exploração da mata que este fez dentro do perímetro da Gleba Arinos. Apresenta-me ainda ao Dr. Guilherme, sócio da Gleba Ben-deirante. O Dr. Guilherme adota uma atitude realista frente aos

índios Apiebó e Kayabi. Concorda em dar-lhes assistência civilizadora, além de reservar de dez a trinta mil hectares da terra, para os Kayabi. Dá a Mairerum, para serem levados ao capitão, presentes de utilidade. O Diretor do Departamento de Terras solicita indicações exatas das aldeias dos índios. Quer defender o direito das silvocidas. Pedro Laurindo informa que os Rikbaktsa mataram o siringueiro Proácio no rio do Sangue, na primeira fozaria abaixo da barra do rio Teixeira Morenha, afluente do Sangue.

Os resultados da minha ida a Cuiabá saíram bem magros. O primeiro encontro pacífico com os Rikbaktsa, no meio da selva, não desloca nenhum acento na vida cotidiana dos cuiabenses.

## 17. NA BOCA NOVA, A SEGUNDA FALA

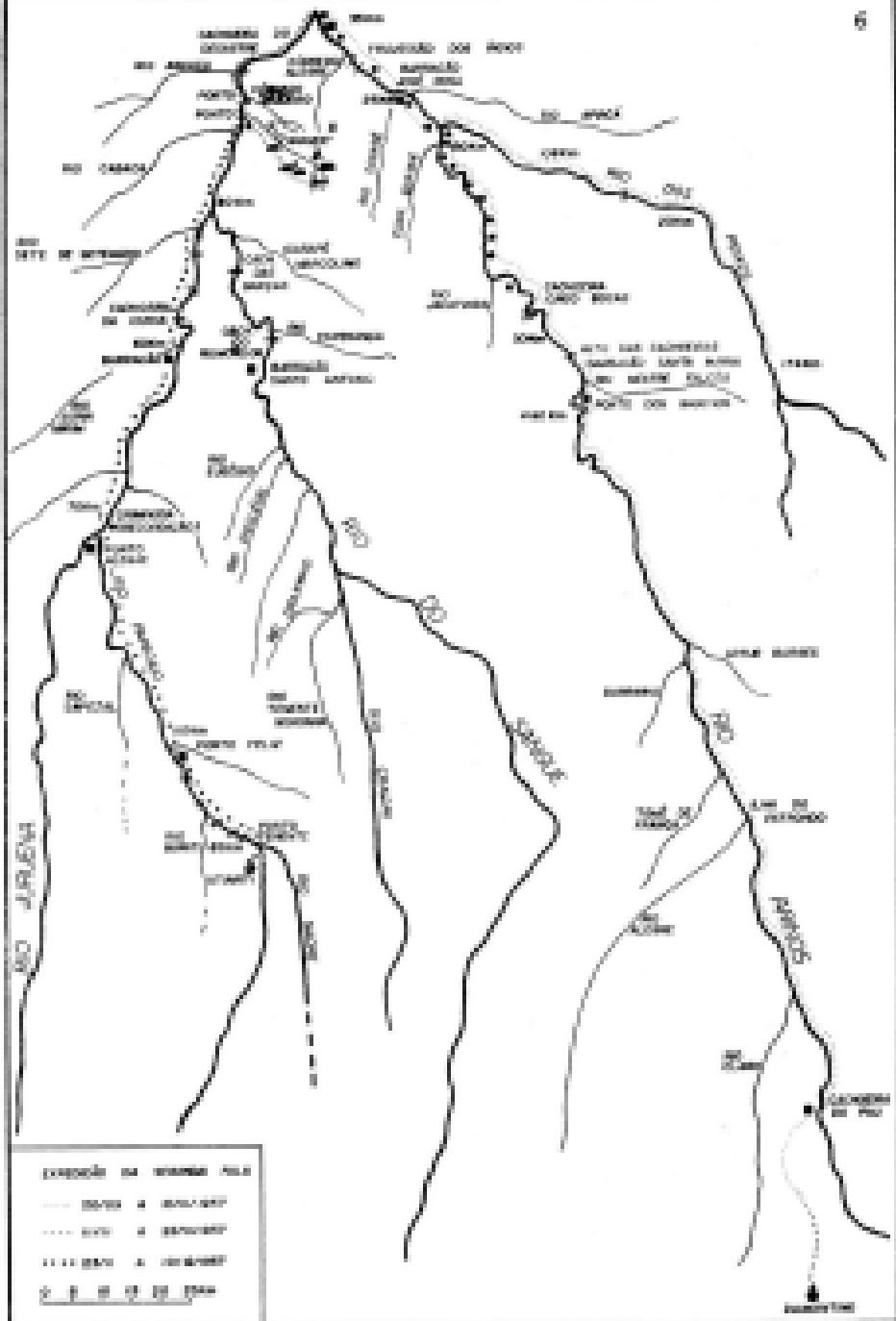
Ao plano de obter uma entrevista com os Rikbaktsa associo uma diligência aos Kayabi e, depois, a exploração do rio Juruena, para encontrar uma via para Utiariti, abrindo mais uma frente de socorro e ajuda.

### 17. I. VISITANDO OS KAYABI

Dia 20 de setembro de 1957. Parto da Cachoeira do Pau, acompanhado de Lino Arnsz e Frederico Cazú, aquela Minkú e este Pansé. No dia 27, recebo na gleba Arinos a Barco nova, oferta de CÖNOMALI, de 7 m de comprimento e capacidade para 1.000 kg. Dou-lhe o nome de Yara. No dia 5 de outubro, no barreiro de José Rosa, me informam de que algumas fozarias, antes atacadas pelos Rikbaktsa, agora já gozam de paz. Examinando as informações, vejo que não é regra de ação dos Rikbaktsa do espigão, já entrados em fala. Satisfaço esse desejo imediato da primeira fala.

Visito os Kayabi do Tatui. Devo levar Mairerum à aldeia, para que o capitão Temecuri aprove o seu casamento com Lucy. Mairerum ainda preocupado com a noiva, e eu com mais alguns que me ajudem na pacificação. Viagem ingrata. Gestamos nove dias para subir o rio, seis gestos com as cachoeiras do Salto, em estiva de 2 km e arrasto do barco por cima dela. Na passagem do salto, conseguimos o barco nos emboca. Meu Ponto é o primeiro motor de popa a fazer esse trecho. Passo sete dias com os Kayabi, visitando as aldeias delas. Nos 26 dias de diligência pelos Kayabi, percorço 650 km.

Alguns índios desçam comigo, com destino ao barreiro de José Rosa. Felizmente conto com Kayabi para a expedição, e os meninos Inácio Yanepiat, com permissão de Temecuri e Apa. I., com o do curitudo Crestari, subirão até Utiariti. No caminho, pegamos um índio morto, fruto de ele e cobre saúda movimento. No seringal Fritz Tolksdorf se associa à nossa expedição, na primeira viagem de indianista.



No dia 8 de novembro, deixamos o barracão de José Rosa, com o siringueiro Armando engracando a expedição. As 15 hs., sob pesada chuva, entramos dois siringados novos, um na embrecação e outro no acampamento. Defendemos-nos bem com a indústria têxtil de impermeabilizados com leite de seringa. Sol já baixo, pousarmos no barracãozinho. Ao lado, João Luis levantou linda feitoria, com pátio e outras inovações, dando impressão de conforto e capricho: banco, prateleira, cozinha aperfeiçoada e serviço de mesa. No barracãozinho ao lado, além dos dois costureiros compartimentos, um sólio. O que não de sobra, são nuvens e nevens de pluma.

Dia 9. No acampamento Santo Inácio nos apelidamos cordialmente Turma Volante de Pacificação. Frederico, entusiasmado com a construção, vai logo encarregando o ranchozinho, com mais um lance. As 17 hs., faltó apenas metade da cobertura. Nas a duas penas conseguimos seis fustes de palha, depois de um dia de procura.

Dia 10, domingo. Iço a bandeira da pacificação. Daqui para a frente, içar a bandeira torna-se em ritual obrigatório: é sinal que impressões e faz bom nome para a pacificação. Pescamos quase todo o dia procurando palha de pacova, encontrando apenas à tarde.

A noite acordamos sobressaltados com berulho. Aquietamo-nos vendo que é José Mineiro que, chegando com um jabuti, diz-nos:

— "Para comer!"

### 17.2. ENTREVISTA NA ROÇA NOVA

Dia 11 de novembro. Partimos para nos encontrarmos novamente com os Rikibiktsa. Além de Armando, como protótipo e pratico, por conta da firma Benedito Bruno, de Coxil e Araxá, dos meninos Yavaplat e Apa-l, acompanha-me o Kayabi Simão Kangoury. Pousarmos na feitoria Alegria, no Juruena, de Luis Gomes. Por sinal, Luis e seu companheiro chegam junto conosco. Nuvens de pluma produzem uma cocaina insuportável. Ninguém aguenta ficar parado. Para nos defendermos encontramos o costume do povo de passar fumo no rosto. Nessas apurcas, para escrever qualquer coisa, fecho a porta e jarela a luto com o escrúdio. Às vezes o processo não é suficiente e torna-se necessário inventar uma fumacinha. Escrevo muita vez à luz do lampião ou velo, em pleno dia.

Os dois siringueiros informam de que os índios endem parto: amoblam, massam nos canteiros. Tratase dos Rikibiktsa da margem esquerda do Juruena. Parecem ser bastante. Os siringueiros pedem carnes. Agora, com a fala, entra na moda o uso das bandeirolhas da pacificação. Estremos o siringado grande, em forma de tenda. Obtemos boa área defendida: 3 por 6 metros.

Dia 12. Falhamos. Pulverizo com DDT a feitoria infestada de grilos.

As 13 hs. chega José Rosa. Di a entender que não poderá ajudar mais tanto com as mercadorias do barracão, como faz até

agora. Avantes, motorista de José Itaco, quer fazer valer um suposto direito à indemnização. Alega que não lhe dei colocação da motorista.... Tornou certa vez uma simples pergunta minha por oferte definitiva de serviço. Tudo isso acontece na Amazônia, se os interesses imediatos, como aqui o da pacificação já com frutos, não urgam e assim esfriem as amizades.

Os mesmos Yevapiat e Apelil dão vida ao grupo. Ajudam em tudo.

Dia 13. Saímos com chuvinho. Almoço a frio. No porto do Coqueiro, os novos da expedição sentem saudade dos Rikbáktis. Na verdade, poucos índios entrem em facilidade os trabalhos duros e prolongados da pacificação. Alguns adoccem. Hoje é dia de Santo Estanislau, consagrado rapaz.

Dia 14. Saímos cedo. No porto da Tapiri Novo montamos uma base de operação. Escolho, para me acompanhar, Cacá, Araxxi e Yuperiipp, representantes da tribo Idiomas indígenas. Levamos o imprescindível para o uso pessoal. Cada um leva três litros de farinha, duas repolholas, um pouco de sal, café, açúcar, algumas bolachas de tubá e um naco de robalo. Predomina o espírito de empreendimento e harmonia. Com respeito agitam a bandeirinha da pacificação.

Mas, com aguaceiro e ventania, não podemos partir. Sobe-se semebreba de patuá.

Dia 15. De manhã, continua a descer água. A tarde volta o sol. Volto a preparar o ambiente para o empreendimento árduo. No brevíário, fico impressionado com a linguagem ingênuo-realista dos salmos, especialmente nas Vésperas: todos gritam angústia e confusão. Deus quer atribulado a Si, diretamente, tudo o que resultar de bom da nossa expedição.

De novo, semebreba de patuá. Cacá e Araxxi, educados em Utiariti, desempenham os trabalhos de modo espontâneo, acostumados ao proceder dos brancos. Os Kayabi estranham essas meninas. Yuperiipp, independente e desprevenido, aprende depressa. Cangauvy sente-se à vontade, mas é cru. Yevapiat aprende a língua, é cordial. Apelil não aprende, mas come vivo e espontâneo. Fago exercícios de língua brasileira com os índios. Todos têm boa vontade.

Dia 16. Saímos os quatro escolhidos. Araxxi diz que não pode ver os Rikbáktis, porque flecharam seu pai e lhe roubaram a irmã pequena e ainda levaram outra bela moça e mataram outras mulheres. Diz que quer decididamente acompanhar-me, apesar das coisas acontecidas, entre outras um ataque em que os Rikbáktis, de madrugada, roubaram uma aldeia intonká e flecharam quantos saíram de casa.

O Tapiri Novo caiu. Procurarmos o dia todo o caminho para a Aldeia Velha. Pousso no lugar do Tapiri Novo. Araxxi e Yuperiipp sofrem de diarreia. Medo, apreensão?

Dia 17, domingo. Aproximamo-nos da aldeia da Milha. Cacá refuga a disciplina. Numa expedição pioneira como esta, não digo

palavro, contemporâno. Pousarmos no córrego das Pedras. Depois de dias na cidade, estranho a frugalidade da matuta. Distribuímos as armas. A carabina toca a mim. Isto me permite impedir os estampidos atordoantes e dá mais coragem aos índios, pois acham que sou bom no tiro. É para dizer que a arma nunca andou calibrada.

Dia 18. Seguimos por um caminho muito trilhado. Parco que vai dar na Arinos, dianteira da ilha Grande ou da barra do Tatuí. Atravessamos o pique da medição do Dr. Mário. Dentro do perímetro não demora nenhuma aldeia, mas uma se debruça quase em cima da 4.<sup>a</sup> Linha da medição. A área submetida à medição oferece castanha e frequente caça a esta aldeia. Verificamos que o caminho novo, descoberto no fim da expedição anterior, quase nada foi usado. Pousarmos junto ao córrego da aldeia da Galinha.

Dia 19. Os companheiros andam apreensivos com o que poderá acontecer. O tapiri da Folia foi abandonado. Numa vara pendia a serra e um colar de sementes pretas e vermelhas mima já meio apodrecido. Procurarmos o caminho da Aldeia Nova e nada de o encontrar. Voltarmos e pousarmos na aldeia da Galinha. Formigas mordedoras e quenquinas tornam como do mato bagagem.

Dia 20. Cazzi mance. Tempos atrás foi mordida de cobra e sente dor na perna. Yupiteryp cocheia, em consequência de um antigo coice. Todos sentem as velhas costuras, mas animados em busca da Aldeia Nova. Vamos ao tapiri da Folia. Cai pesada chuva. Os plásticos mal nos abrigam. Com dificuldade conseguimos comer. Pelas nove horas pára o chuveiro. Seguimos. Atrevêmo-nos quatro vezes o córrego da aldeia da Galinha, agora cheio. A roupa molhada nos tolhe o movimento. Quem nos tira a dúvida é um conchedido pé de amora, à esquerda. Agora seguimos uma hora estremeçados a ponto de darmos surtos de castanha, mas contentes porque o caminho anda cada vez mais batido dos Rikbáktas e cada vez mais amplo. Aparece a grande roça nova. Fora derrubada, o acampamento de serviço abandonado e agora cretão tudo plantado. Aparece a casa. Os plásticos mal nos abrigam. Com dificuldades conseguimos comer. Paramos e deliberar, meus companheiros nervosos.

Um Rikbáktua sai da casa, figura clara-vermelhada. Destaca-se bem do ambiente de folhas e mato. Olha vagarosamente o caminho. Não nos vê, apesar de mal-americados, ainda de um fuzilinho de mato. Firma o fuzilo na mão, avançada pelo caminho lateral da roça, desaparecendo folhas. Pego aos companheiros que o chamem, cada qual no próprio idioma. Indebucha, duvidam, perdem o momento opotuno.

Averigiamos cuidadosos para a casa. Alguém fala dentro. Cazzi interpreta que estão se alertando. Entramos rapidamente num rancho ainda sem barrotes, ao lado da maloca. Num estalo da frente se encontra, inclinado, um arco e um molho de flechas. Sobre nosta entramos certos neste rancho. Mais tarde aprenderíamos que os Rikbáktas destinavam uma parte da casa só para os homens, e foi ali

que entramos. De dentro da maloca grande, sai uma voz, nem compreendemos o que fala. Mais tarde os Rikbaktsa nos contaram o susto que tiveram, quando nos descobriram.

Sai por fim o mesmo índio com quem falamos à primeira vez, chapéu na cabeça e uma camisa suja no corpo. Não posso ter impressão pior, frente a esse chefe mudado. Externamente não apresenta garbo, sumido debaixo do chapéu. Aparenta mesmo uma dependência servil. É todo curiosidade. Sucumbiu frente ao atrevimento dos pacificadores.

Seúcio-o como a um velho conhecido. Convide-me a sentar. Admira a delicadeza dele. Aviva o fogo de três achas, quase apagado. Parece tremer. Aos poucos um ar de confiança morna esquenta a comunicação por gestos, sublinhada com palavras todas novas, para nós e para os Rikbaktsa.

Abre a camisa. Entre os colares aparece um original, feito com costas que recolheu no primeiro encontro. Como ornato carrega espóletas e fundos de casca de balsa, incrustados em penduricalhos. Vejo que os índios aproveitaram nossas coisas e também trabalham algumas delas com gosto e senso artístico.

Mostra a foice de um botão e uma manga rasgada. Remendamos a manga. Aprende o uso da agulha e linha. Espera-se com os fôfocos. Também aprende a usá-los. Olhaço-lhe fico com bainha, um cinto e um fechô de couro. Mostra a caneta de escrever. Fotografa-o. Admira nossas coisas. Quando vi cintos de bala incrustados, expõe o funcionamento das nossas armas e a função da espóleta. Treme de medo.

Aparece um moço coelho, com furo no nariz. Traja colares de dentes de onça e um pijama. Mostra periodicidade e firmeza no falar, apesar de vir muitas vezes. Ele e o chefe têm os lóbulos das orelhas fusados e alongados. O botique do rapaz é pequeno.

De pele alva, os Rikbaktsa são muito molestados por multas pequenas e numerosas, como também por piadas. A roupa torna-se útil na defesa contra os insetos. O chefe explica que o caribe e o pijama são dos brancos. Na verdade, pegaram minha roupa depois da primeira fala. O chefe admira a nossa roupa molhada.

Faz sinal e imita o rumor do motor da popa e mostra as bandas do Juruena. Parece dizer com isto que sabe da nossa saída por terra. Expõe também por que não podíamos encontrá-lo, pois se escondiam de nós. Agora mostram buligosamente a senha da pacificação.

Faz idéia de que o moço coelho é doente e aprendiz, e o velho, curador de doenças. Faz tentativas para obter palavras da língua desconhecida. Não facilitam o aprendizado. Meus companheiros também não têm condição de me ajudar. Não me posso fier de suas palavras na circunstância de impressões por demais violentas para elas.

Pergunto se o moço coelho é filho do chefe. Este responde que não. Entretanto, estou ciente do chefe Ayko. E faço sinal de que

venhem em minha companhia. Entendem. Tomo o moço pela mão e vou saíndo com ele, guiando-o pelo caminho. O moço dá a entender que o Juruena fica longe demais.

Ayko é péssima a criticar os Rikibáktua do outro lado do Juruena, como gente braba e maladora. Fazemo entender que seu interesse é o Arinos. Digo que minha noivada fica para as bacias do Arinos, mas meu maior amor é no Juruena. No Arinos tenho roupas, ferramentas, coisas de colares.

Ayko é convidada-me para uma festa a realizar-se dentro de duas luas, a festa do milho. Faz alusão a outra roça, para a direção do norte. Bata uma fotografia. Fazemos que tem a camisa. Repara no apego à roupa, apesar de serem peças exóticas.

Vamos para a casa grande. Ao entrarmos, uma índia larga e algodão e sai pelos fundos. Conto 16 redes. A casa não é muito grande. Pela emergência da mudança de domicílio, tudo tem caráter provisório. Pedimos que nos leve à roça. Não quer. Por algumas vezes obste ao nosso desejo de ir à roça e duas vezes convida à festa. Mais tarde compreenderia eu a conexão entre festa e mulher. Meus companheiros perguntaram pelas mulheres e querem vê-las.

Dão a entender que a senha é sinal de paz, de amizade. Explico que é uma defesa para eles, frente aos seringueiros. Entendem que devem gritar e agitar a senha ao aproximarem-se das pessoas e lugares civilizados. Digo que não matam. Entendem.

Não se interessam por nossa comida. O moço coelho oferece um pedaço de macaco assado a Araxá. Araxá dá ao moço sua faca. Ofereço brindes: uma faca com boinha e dinto, um colar de mais valor, vasilhame de alumínio, fósforos, um carretel de linha e agulha, um colar de contas pretas para o moço. Dá-me um tachinho de barro, um pilacozinho de crioulo, um colar de sementes de tapiri, paus de fazer fogo, um colar de canamaju, um colar de cerrogé de rucum.

Os Rikibáktua aprendem algumas palavras: Arinos, Juruena, casa, irmão, pedre, camisa, calça, eu, você. Mostram viva curiosidade pelos sinais religiosos que trazemos, como as medalhas. Mostro o óbvio, quando explícito. Pedem desse material para si. Não dou. Despedimo-nos.

Estudamos as pegadas dos Rikibáktua. De tudo concluímos que perceberam nossa presença, quando vinhamos, e nos procuraram. Depois da chuva voltaram.

Pousarmos na aldeia do Milho, no rancho meio caldo. Cazuí sente mal-estar e indícios de malária. Os Rikibáktua já respeitaram nossos pertences: não tocaram em nada.

Dia 21. Cazuí e Araxá, além de carregarem a maior parte dos nossos fardos, ainda jogam aos ombros dois ôculos de banana, cortados pelos Rikibáktua. Advirto-os do esforço exagerado. Cazuí não comeu ainda e sua dia friacaza. Logo a chuva baixa sobre nós. Enquanto engrossa, assarmos um filhote de jeú, amaldiçoados por comer carne. Chuva

até o meio-dia. Vamos parando, ponto por ponto do mato: cangaço, tapiri, roçado de castanheira, sempre pingando das folhas sobre a pele queimada de sol. Por fim clarou. Sou sádico a Caxiú. Com ele escoro a bondade de Deus.

Dendo graças a Deus, cansados, molhados, mas satisfeitos, chegamos às 17 hs. ao porto do Tapiri. Um tiro, um grito e logo vêm os Kayabí do outro lado do rio, de canoas. Chegam quase dando Armando, encarregado. Dizem que uma turma de seringueiros de Pedro Laurindo desceu o rio do Sangue em duas canoas e um bateleiro, fugindo com o próprio chefe de colação, alegrando feste de formacemento e intimidação do patrão. Vão ter com José Rosa. Dizem que falaram da contínua sintra de Bikkibikha acima e abaixo do Roncador.

Dia 23. Restabelecemo-nos comendo petró, entre picadas de piura e mutucas. Lavamos roupas. Chamam Armando e o corrijo. É conhecido como Iedrío. Lembro-lhe o episódio de Jesus com Jairo. Riram-se de Jesus. Jesus viu-se às voltas com gente bronca, incômoda, admiradora. Não se deixou levar por um nem por outros. Quem conseguir igual hérlio é homem livre em Deus.

### 17.3. EXPLORAÇÃO DO JURUENA E PAPAGAIO

Dia 23 de novembro. Iniciamos a exploração do rio Juruena. Conta a navegabilidade do Juruena desde a passagem da Linha telegráfica, até a barra do Arinos, conforme as publicações da Comissão Rondon. Preciso agora saber se as águas aceitam motor e não apenas bateleiro. Somos os pioneiros do trecho do porto do Tapiri Novo até às Águas Brancas, na barra do rio Juruá Mirim.

Pousamos ao meio-dia pela barra do rio do Sangue. Pousamos num lugar verdadeiramente belo e agradável. Pegamos oito robalos.

Dia 24, domingo. Forme-se um ambiente religioso, apesar de ter de preparar as presas o altar. Inesperadamente os índios falam do batismo, apreciando-o intensamente. É uma pedrinha no mosaico de conhecimentos sobre a fé cristã.

Dia 25. Na cachoeira Perigosa, pousamos o calque pela corda 80 a 100 metros. Depois da curva perigosa, com rebojo e pedras, avizinhamo-nos do famoso cachoeirão. Durante a noite, chuva torrencial.

Dia 27. Testo em véspera, subir de motor. Conta a máquina, mas não avança. O passoel fica impressionado. Pousamos num estreito, numa praia de mato limpo. Chove à noite.

Dia 28. Salmos cedo. A água encachoeirada, que ajuda a embalar o sono, aparece agora dizendo que não passaremos, pois despenca numa só falha, fortemente inclinada, com espuma em várias pontas. Internego o vértice de um rebojo, que fraga imaculadamente a correnteza e joga o motor. Parando, pousamos e dobrarmos uma curva. Logo atrás dela saltam dois pesos da cachila dágua. O

de cima pula um degrau maior. O rio vem quando desaforado de uma curva de novante graus. A Siquia não pode ir toda por um fio só e forma uma emenda de lado. Ao encontrarem-se de novo as águas, nasce enorme rebojo. Ali a contentezza se precipita por sobre paredões de pedra pela margem esquerda. Pela direita formigam pedras pelo chão de água. Subimos mais tarde que o motorista seguindo, depois da nós, viujo descerido e, tendo de passar, por necessidade, por este rebojo, só movimentou o barco depois de correr uma garrafa inteira de cacheça. Nossa travessia contava com a dificuldade de termos dois barcos, sendo um de reboque. Vencemos bem trecha à corda. Troveja e o medo da chuva nos faz poupar mais ócio.

Dia 29. Recorrendo à corda nos três corredeiros seguintes, à tarde encontramos os barcos no barracão do Juina Alim, junto à barra do córrego homônimo. O 10/12 suco legítimo portou-se valente na nossa cartada feliz. Muitos seringueiros esperavam condução para Porto Feliz e Cuiabá. Não querem acreditar que tivissemos subido o cochoeirão. Exageram na admiração. Meu pessoal, ao contrário, não quer acreditar que teremos pela frente 170 km de rio manso.

Ao escurecer chega o siringalista Marcos da Luz, tendo saído de Porto Feliz nesse mesmo dia, entrando um motor Aquimedes. Vamos ao assunto dos Índios. O Juvenal é teatro da luta. A opinião geral é de que não se deve deixar os índios levantar a cabeça, mas ninguém, por sua parte, quer causar-lhes prejuízo. Marcos da Luz entusiasmou-se com a perspectiva da pacificação. Quer facilitar nossa atividade. Quer aprender bem a técnica da pacificação.

Dia 30. Marcos da Luz também sobe. Na roça dos Alegrenses, um pé de mandioca nos presentearia 20 belas róapes. Vítimas da malária, os alegrenses perdem cruzes penicos da família e abandonam tudo sob o espectro da forma, nos inícios da colonização. Já escurecido, chegamos à feitoria quemada do Amazônia, que não é o Pedro Amazônia do Arisco. Comeu voz que dois dias atrás os Rikbáktus tinham quemado esta feitoria. Ignora a bandeira da pacificação com a luz da lua.

Entrementes, Marcos da Luz prosseguiu, levando correspondência minha. Cedeu-me a coroa do rei da Hílio, para eu conservar o motor.

1.<sup>o</sup> de dezembro. Verificamos a feitoria sinistrada e arredores e nada provou a presença dos Rikbáktus. A voz de que Marcos da Luz viu 29 colunas de fumaça ao passar por ali na véspera, devia-se responder que se tratava de vários ônibus de apdá-chuva.

Temporâneos um coitá e restaram a viagem. Na barra do Parapalo, remembremos as primeiras colheitas e mortes de seringueiros. Pousamos pouco acima da barra.

Dia 5. Na barra do primeiro córrego acima de Porto Feliz, desembarcamos a Santa Cruz, pois enfrentaríamos fortes corredeiras, dai

para a frente. Perto da barra do Buriti, puxamos a canoa com corda. No Papagaio, da barra do Buriti para cima, somos de novo os primeiros a experimentar motor de popo.

O motor pega com dificuldade. Pousamos na margem direita, numa curva larga, antes de uma cachoeira. As formigas avançam e me obrigam a mudar o armador de rede.

Dia 6. O motorista não é político ainda: a corrente da curva nos espanha com violência e nos joga contra o motor. O banco vira e a proa, debaixo d'água, engancha num pau. A hélice vai se soltando e o peso recai todo sobre o tanque de gasolina. Enfim o desastre, no fim de muitos lances difíceis e felizes. Salvam o que podem, mergulhando até se extenuarem. A água rouba alguma coisa de cada um. A trelha de costinha perde-se em parte.

Na margem do rio, eu, Armando e Yérapit batemos o que sobrou e pomos a secar o tanto ao centro do motor. Os restantes vão a Utiariti, 30 km adiante, a buscar socorro.

Dia 7. Alegra-me por encontrar a ferramenta para o motor, tendo-se perdido apenas um alicate.

Dia 8, domingo. Armando revela-se hábil mecânico. Trabalhou com Arantes. Respira o cabegado.

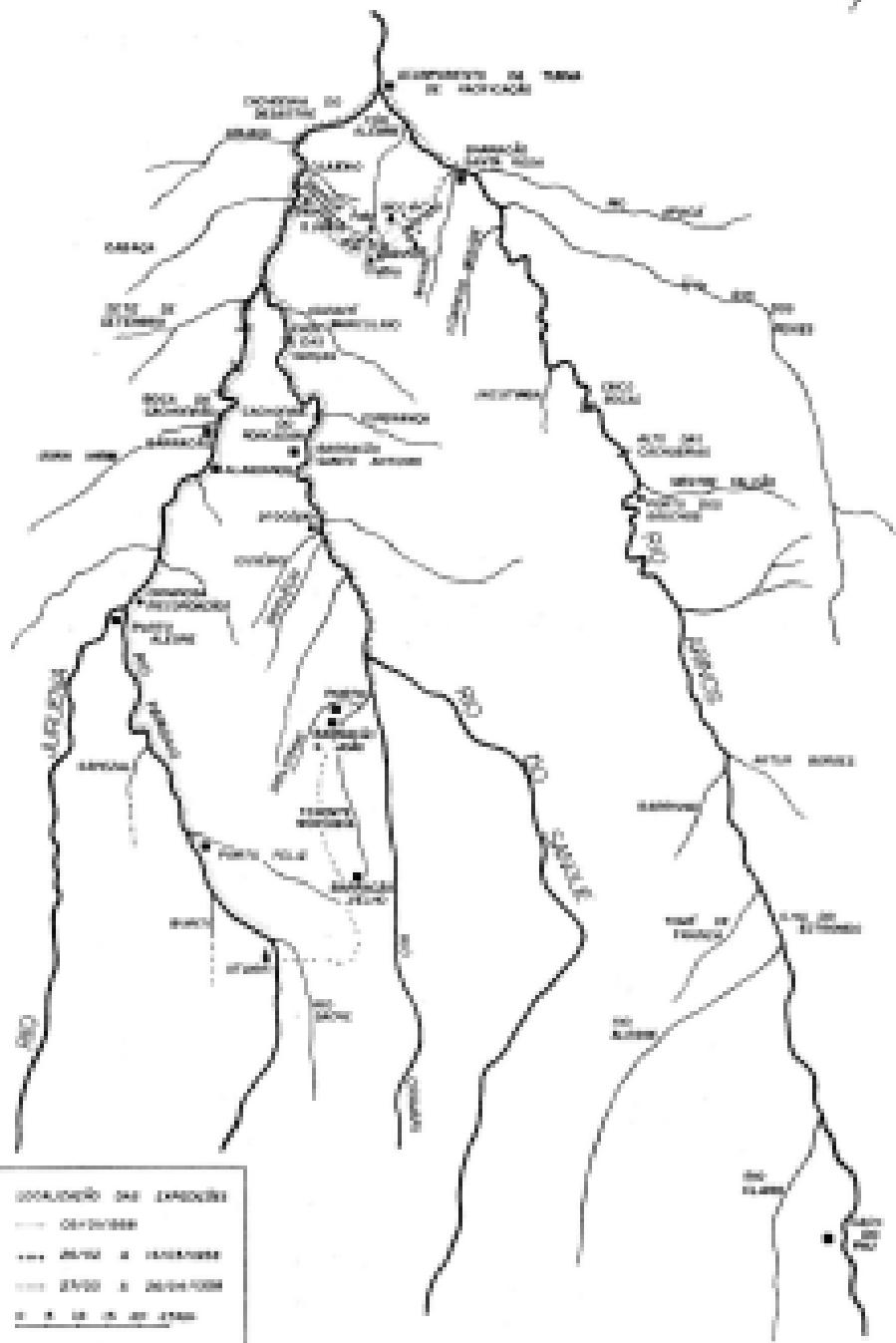
Dia 9. Custo-nos pôr o motor em posição de arranque, por causa de um galho, mas pega no primeiro pulso de corda. Vamos subindo até aqui, no meio da corredeira da barra do Rio Sacré, esvaziada a gasolina. Vamos ao brago. Aparecem Cecílio, Araxá e Sebastião Iamaxi, trazendo ajuda de Utiariti. Vêm com trinta bungeus.

Dia 10. Há milho para Utiariti, mas, para compensar, a chuva nos castiga todo o caminho. Fogo as contas e concluo que, no 82.<sup>º</sup> dia de expedição, vencia no Porto Tenente mais de 2.000 km. Em Utiariti, todos se impressionam gratamente, sabendo que eu fui convidado para a festa do milho dos Rikibákis.

## 10. ENTREVISTA COM O CAPITÃO EXO

Dia 9 de janeiro de 1958. Parto de Utiariti, para nova expedição. O principal objetivo é conseguir algum esclarecimento da língua rikibáki. Vão comigo: Alípio Ximunai, o experiente Tupi, ambos Minkú; José Paulo Tuvalíqui, Nanbikulára; Yupiteryp e Kilkawuy, ambos Kayabi; Machadinho Olazokiká, Poreci; Mário Medeiros, rapaz gaúcho, introduzido à última hora na expedição. Desembarco por terra uma Meigu e inauguromos oficialmente o Porto Tenente, o Pe. Henrique Frechlich bendiz a chalana e o motor, estendo presentes o escolástico jesuíto Arlindo Oliveira, rapazes e meninos indígenas. Apelidamos Tenente, por causa do travessão Tenente, situado pouco abaixo. Em 1912, o oficial norte-americano Rialho quase se afogou no travessão, dando origem ao nome Tenente.

Para comemorar o desastre do tenente, logo de saída queríramos o pino do motor. Prosseguimos. É preciso dizer que os Kayabi



aliviaram os pesos deste viagem, pois são mesmos em navegação. O resto da viagem corre sem incidentes. O rio crescido deu calado. No dia 16, saímos no barcoito Juína Mirim, também com a Santa Cruz, recolhida acima de Porto Feliz.

### 18.1. LEVANTAMENTO DA MARGEM DIREITA DO JUJUENA

Dia 18 de janeiro. Fazemos um reconhecimento, para achar sítio ribeirinha na margem direita do Juruena, na altura da boca do Cachoeirão. Vamos eu, Tupi, Xirundi e Tuvalquí. Encontramos vestígios antigos: corte de machado de pedra, capivara com urucu. Marcamos um malateira, donde o trilho sobe, seguindo o Rio. Para baixo, divisamos uma pirambreira a despenhar-se sobre uma mata sem fio, coroavaendo 18 longe assilada. Voltamos.

Dia 19, domingo. Depois da missa, ligamos as duas bandeiras, a de Matto Grosso e a de pacificação. Trazemos conversa com algumas testemunhas, coulões de ataque dos Ribabikás, entre elas, Otón França, motorista da Marca da Luz, e o siringueiro apelidado Urubu. A turma volente de pacificação resolveu investigar, durante alguns dias, a margem direita do Juruena.

A noite rezamos as dez Ave-Marias expedicionárias. Assinalo aqui este costume da turma, repetido sempre.

Dia 20. Saímos Olzeckitá, Xirundi, Tupi, Tuvalquí e eu, para a vistoria da terra, com uma corda 44 descalibrada, uma 22, duas chumbadas 32 e mais uma 20. Ao menos com as onças podemos haver-nas.

Logo de começo matamos um tamanduá-bandeira. Atravessemos uma serrinha, abandonamos o trilho ribeirinha e caímos para o rumo do Nascente. Depois de três socos, galgamos o espinho. Vamos revolvendo o guia. Acampamos numa cabaceira, no inicio de uma ventania e ligeira chuva. Tupi escondeu o tendão bem em cima de uma estrada de formiga seiva. Ajudo-o a mudar de lugar. Cobrimos a cabana com palha. Olzeckitá não come tamanduá-bandeira, conforme o hábito parisi. Tuvalquí, sem Ions, dorme com Xirundi, num coto de veros. As onças dão guerra aos dois. Livram-as das formigas, estendendo a rede.

Dia 21. Depois de pirambreiras, um córrego e braços, às trás da tarde, vemos que não vamos dar facilmente no Sengue, pois o córrego volta para o Juruena. Damos num barreiro. No instante em que resolvemos voltar, escutarmos um bater como de machado. Por entre opiniões desencontradas, abro caminho, todos sobressaltados. Mas levamos trato: trata-se de macaco a bater curijo de castanha.

Contornamos o barreiro e tomamos o rumo sul. Acampamos numa cabaceira com muita água, palmeiras e ceja. A dado momento chega Tuvalquí dizendo, num português atrapalhado, que matou macaco e com um só tiro no pescoço deteve uma anta. Saímos a ajudá-lo. Esquecemos a anta e levamos o melhor do come para

o acampamento. Tuvalqui é o caçador por exceléncia, ainda que pouco disposto para o trabalho.

Durante a noite, os índios dão largas à imaginação, pois escutam um grito de um ser estranho para eles, denominado cachorro do mato. Os Môrikù dizem que esses bichos andam em bandos e são perigosos.

Dia 22. Recolhemos volta. Demos com uma picada ferida da Rikbáktia. Essa picada, depois de muito andar, nos leva à noite do primeiro dia, já perto de Juruna. O mato todo pinga de chuma noturna e recente. No rio, a canoa alegria. Chegamos ao barreiro da Juína moldada, mas satisfeitos com a carne de anta e milha costela e jacangoela.

Concluímos que os Rikbáktia abandonaram a região.

Dia 26, domingo. Partimos às 10 h., depois de uma chuva. Somos felizes no cacocheirão, devido à prática dágua dos Koyibí. A qualquer obstáculo duvidoso ou desconhecido, paramos para estudar e passagem praticável.

Dia 27. Lutarmos o dia todo ainda nos cacocheires.

Dia 28. Fazemos viagem só à tarde, devido à chuva. Chegamos ao acampamento da Tapiri Nova, base da operação. Levantamos novo rancho, pois o antigo, do tempo da seca, afogar-se num banhado.

A noite cantamos lidaísha, para agradecer a visível proteção de Nossa Senhora na decisão do cacocheirão.

## 10.2. VISITA A DUAS MULHERES RIKBÁKTIA.

Dia 29 de janeiro. Partem comigo para as aldeias Rikbáktia Olazoká, Xisumé, Yuperiyp e Tapiti. Os demais ficam guardando o acampamento do porto. Três índios, que andam comigo, sofrem de diarréia. Suamos até sentir fraqueza, carregando as mochilas. Como sempre, o primeiro dia é sabatina. Os Rikbáktia passaram por este caminho, na véspera. Não conseguimos ler nos sinalzinhos, onde teriam vindo. Meus companheiros sentem forte arrepião. O malo sempre goteja e o chão resconde podridão.

Os Rikbáktia passaram hoje mesmo pela aldeia da Galinha. Cortaram um enorme cache de bananas quase maduro. Pousamos no córrego da Pedra. Agradecemos a Deus o dia a abrir-se esplêndido e ponto de propiciar um luar limpo. Comezemos doce jacu, acompanhados da farinha e segados com mate bello, para fazer almoço e janta de uma só vez.

Dia 30. Erreremos por uma variante, que notamos na expedição anterior, com pegadas de Rikbáktia. Pelas 11 h. passamos por uma aldeia. Mais adiante, cortarmos a picada de medição do Dr. Mário, aberta norte-sul. Mantivemos a direção do nascente. Multiplicam-se os sinalzinhos recentes de Rikbáktia e o caminho melhora. Na passagem de um corregozinho, a pegada de uma menina ainda se mostra molhada e a água turva. Os detetives indígenas reconhecem a cena: os índios comiam frutinhas, presentearam nossos pró-

sença e "dezem no pé", em busca da aldeia. Entramos na roça com vagar. Eu mesmo experimento segurança e muito pouco receio. Tomo a direção. Poucas espigas foram colhidas e quase tudo ainda está para ser quebrado.

Daqui saem dois caminhos: um para o rumo sul e outro para o Arinos, este último mais batido. Quatro casas menores do que as comuns e mais um rancho aberto se levantam à nossa frente. Na primeira casa, três redes esticadas, quatro enroladas. Além dos objetos indígenas, vi, de edifício, umas escravas jogadas no chão. Damos uma olhada pela aldeia, abandonada de momento pelos Bikkákts. Encostada a uma árvore de raízes sobressalentes, uma galinha segurava três galos e duas galinhas, corujas e brancos, todos gordos. Desassossagaram-se.

Salmos pelo caminho do Arinos, mais pitado. Ouvimos o bater de um píllo. Esperamos. Logo que pára, seguimos. Alargou-se o caminho e aparece uma grande casa nova, com o rancho aberto em frente. Ritmo na frente, gritando:

— "Ólá, Nabb! Aqui padre!" — E mostra a serra.

Chorokké executa o ceremonial de cumprimento da sua tribo. Diz, em língua parisi, que saem de dentro da casa, pois queremos ver a todos.

De dentro sai uma voz transida de medo, tão desfigurada aos meus ouvidos. Uma mulher nova, de estatura baixa, esbelta, de movimentos nervosos, aparece com uma camisa de pijama. Essa camisa peregrinou: era minha, passou para o mego coelho da última visita, e agora, com a mulher. Vendo aquela camisa, criei muita confiança, pois me faz mal conhecido dos Bikkákts. Nossa presença, no entanto, prevista e como que esperada, transparece na comunicação por gestos, pois as palavras transmitem desentendidas.

O primeiro assunto é o caminho para o Arinos. Falo a palavra Nabb. O segundo é a festa do milho. Para dizer festa, bato com o pé no chão. A mulher, ali mesmo, faz uma dança, ocupando uns metros quadrados de terra limpa e plana e bate com o pé. Entendemo-nos. O que não entendemos de toda a conversa com ela, foi o tempo da festa, se passara ou se ainda viria. Era coisa de dois dias, antes ou depois.

Pego um sabugo de milho e faço sinal de estar com fome. A mulher corre à casa e volta com uma caçarola de alumínio, de 4 a 6 litros, com mingau de milho. Faço o agradecimento, já imitando o chefe da primeira tala. A mulher faz sinais de cansaço. Damos a entender que não precisamos e bebemos sem prestar muita atenção à mulher. Estamos satisfeitos por ter tudo corrido bem e comemos em quantidade. E vem um belo touhadinho, feito de farinha de milho. Parece uma torta de ovos. Agradecemos e repartimos. Trouxe castanhas-de-pássaros, dando a entender que há muita. Asfaltamos e abrimos a caixa dura com convite e facão. Admita-se da invasão, pois, com elas, é só no dente.

De repente pega dum trapo dependurado dum cabre do rancho e some dentro da cota. Logo volta em companhia de outra mulher, que pode ser sua mãe. Alta, magra e mais calma e senhora de si. Traz o piano que é mais nova lhe levou. As duas sentam-se decentemente, numa cota. Nenhuma preocupação de modéstia, mas se comportam com naturalidade e declínio. Trazem modestos colares. O cabelo é tratado como o das homens. Um trapo, rasgado em tinta azul, sai do canto dos olhos e foge para trás, passando por baixo do láculo da orelha. A nova tem a boca pintada à volta dos lábios, com gengipapo, sem que isso a desfigure. Viva, loquax e bonita, apesar dum grande cicatriz no rosto. Falo de diversos caminhos e rumos e ela olha desinteressadamente para os quatro moços que me acompanham. Estes não a encoram, mas, virados para um lado, falam e conversam comigo, conforme é costume entre os índios.

A mulher nova percebe que adoramos grega nela. Sorri e chama a atenção sobre si, movimentando o interesse. Dança, pisando o chão com força. Traz flautas de bambu grosso, de mais de metro de comprimento. Apresenta ressoadores de curijo de coitinhos e de cítrico de macaco. Dá um chocalho de piçuí do mato. Nem falta uma buchinha pestada, feita com cerne de boa madeira, soprada lateralmente. Também faz ver uma flautinha de pau. Os rapazes tentam encantar sara, mas o legitimo não sai. A mulher vai ensinando, rindo satisfeita. Para animar o trabalho de rapadeira, às voltas com os sopros, corre para dentro da casa e traz bebêagem de milho, em cones de seringueiro.

Eu vou permanecendo comigo, pois na terra dos quatro companheiros, Paredi, Mürukí e Nanbikuira, não se podem dar combates como esses. As mulheres por lá têm proibição, sob pena de morte, só de verem flautas grossas. Esses rapazes cumpriram assim uma tabuina de educação intertribal.

Para dizer os participantes dos festes, a mulher conta nos dedos das mãos, valendo-se também dos pés. E diz que um grupo foi passar no Arinos e que o caminho deles partiu da Aldeia Velha. Vemos que passaram por esse cortiço, sem o reconhecer. Para dizer que há crianças no grupo, grita como criança.

As mulheres convidam-nos para ficar e posso, dando a entender que à noite chegarão mais índios. Damos um jucu à mais nova. Pergunta se vamos dormir aqui, querendo saber se tem tempo para assar o pâssaro. Respondemos que não. Sinto certa inseurança, ficando só com as mulheres, e temos idéia de explorar primeiro o caminho do Arinos. Peda-me uma senha de pacificação. Sorri satisfeita ao receber uma bem vista. Indaga como se usa. Dou a entender que deve atravessá-la a tiracolo, no peito, e mostrar aos civilizados. Com toda a ingenuidade, pede-me uma faca. Deixa. Peda outra para a mais idosa. Não damos.

Querem ver nossas redinhas. Não abrimos as buchas, com medo de exibir a cobija. Mostro então uma rede rikibiktsa bem trabal-

lhada em estilo porto, tecida de algodão. Quer trocar por uma das nossas. Sempre rindo, não aceitamos a proposta. Já nós despedirmos, quando traz mais um beijo e parala com miagou. Começamos a bebermo. Espera mais presentes. Pego um punhado das castanhas que ela mesmo cdera, e ofereço-lhe. Elboça primeiramente um ar de murchinho. Recupera-se logo, agradece gentilmente.

Sópito que no porto do Juveesa, donde viemos, temos muita coisa para os Rikbaktsa. A mulher nos acompanha um trecho, eminando o caminho. Voltamos pelo mesmo que nos trouxe.

No aídeia velha tomamos o caminho ensinado pela mulher. Voi um tempo para o rumo sul e depois quebra para o Arinos. Andam nesse dia, os Rikbaktsa tishum trilhado nequele direção. Caminho novo pouco aberto e sujo. Surpreende-nos uma chuva. Já tarde, num lugar alto, desabrocham a paisagem. Sólo à frente, explorando o caminho. Uma pinheireira escorrega com trechos bem espinhosos. Nova chuva. Resolvemos a certa hora voltar e posar num cangaço, quando uma outra chuva nos obriga a atrair o acampamento no meio de relâmpagos e trovões. Certo momento tenho o impressão de que um raio bate perto de mim. Sinto arrepios nos pés e no cabelo. Não começo. Pregarmos firmes no sono, num declive barrento, água e cinzas sobre os plásticos.

### 19.3. COM O CAPITÃO IBO

Dia 31 de janeiro. Debaixo de chuva, consideramos a situação de incertezas sobre o rumo da estrada que investigamos, e sobre a festa do milho. Resolvemos, como coisa mais certeira, converter ainda com os Rikbaktsa. Jogamos a roupa molhada de véspera sobre o corpo e voltamos à aldeia grande. Matamos uma arara. Ao chegarmos, com chuva, não encontramos ninguém. Na casa principal, faltam as quatro redes estendidas e as marmotas. Ficamos no rancho dos homens. Apreciamos novos colares e anfátes pendurados. Um, de cascas alternadas com sementes, nos chama a atenção. Cada conta salta isolada da outra 3 a 3 cm. Colhamos milho por parte, para acompanhar o assado da arara. Mudarmos a roupa e ficamos à espera. O fogo defende-se, mantendo uma área seca, no rancho alagado pela chuva intensamente.

Pela tarde notamos que uma fumaça sobe da casa principal. A princípio cremos que é fumaça do nosso fogo, levada pelo vento úmido. Mas vai aumentando. Pego a canabina e vou ver. A certa distância, vejo gente rasgar-se na casa e alguém procurar alguma coisa no jinelo. Julgando que lá pegar um arco, fogo simel que não. Mostra a setha. Uma voz de mulher se faz ouvir. Volto ao meu rancho, deixo a canabina e corro ao rancho das famílias. Meus companheiros, desconfiados de alguma ciúme, armam-se e põem-se de prontidão.

No vila da porta, metá entre as palhas, assume uma mulher nova, diferente das que apareceram até agora. A chuva lhe cai sobre a cabeça e o corpo. Só traç colares, braceletes de tru e ligas nos joelhos e tornozelos. O desembaraço dela me inspira confiança. Parece dizer que a festa do milho passou e o caminho do Arinos é aquele mesmo que acabávamos de trilhar. Diz que mais tarde chegará mais gente. Concluo que esperava pelo nosso chegada. Digo que não se molhe. Volto para o rancho dos expedicionários.

Pouco depois a mulher nos visita, trajando uma calça, que nos tinha desaparecido na expedição da primeira fala. Oferece cestaria e milho. Ao ver os espigas que colhamos, estranha um momento. Logo, como que ratificando o fato consumado, diz que podemos colher milho na roça, à vontade. Mostre colares, brindes da primeira fala. Volta à casa.

Comentamos entre nós os mistérios dos encontros, desde a primeira fala. Vivemos em suspense. Estamos conversando, quando um vila um grupo de homens que vêm chegando, ainda longe. Saio do rancho. À frente, vem um menino, com arco e flechas, atrás quatro homens em fila, carregando cestas. Sólido e morto a senha. Pararam. Pousaram as cestas no chão.

Vila logo oferecendo bananas, como se eu fosse conhecido. Entre eles se encontra o caílho da última visita. Consultam entre si. O caíkue desaparece e logo volta de novo. Sentiamo-nos no rancho a conversar, esperando pelos acontecimentos. Confraternizamos com os Rikbéktsa: um velho, o moço caílho, dois moços fortes e um menino de pele clara e olhos pretos, brilhantes e redondos.

Cada um consegue ao pescoço uma penca de colares, alguns circulares e outros anulares de urdiduras maciças e chatas com as pontas abertas, lembrando uma ferreidura. Para os segurarem, prendem um fio, por dentro do pescoço. Na urdidura prendem dentes de caga, em ordens. Agora dá para reparar melhor a malha de perto: as orelhas. Abrem o lóbulo e estendem o elargem desmesuradamente o furo e o buraco, colocando batoques de madeira leve cada vez mais, avenhajados. Alguns desses batoques atingem de 10 a 15 cm de diâmetro. Digo que são bonitos.

Para brinda, só tenho uma faca e um canivete. Tínhamos combinado os da turma de pacificação ir conseguindo que os Rikbéktsa nos acompanhassem ao porto, a buscar brindes. Mas o meu pescoço amolece, frenta à insistência dos Rikbéktsa. Eles aproveitam a debixa e levam o que podem arranhar.

Um dos rapazes logo se aleiga ao meu pescoço. Os demais Rikbéktsa mantiverem-se reservados.

Na hora de arrumar as redes, quase ao escurecer, houve uma pequena confusão. Não sabemos se os Rikbéktsa pretendem ocupar o rancho ou não. Mas três deles vão dormir na casa grande. O velho, sua mulher e uma criança ficam na casa principal. Eu e Yuperiyp, no rancho aberto; os três restantes, na casa dos homens.

O velho mostrou verdadeira solicitude, para termos um lugar bom, e se animava, porque todos os ranchos píagam. Nossos plásticos resolvem, deixando os Rikibáks administrados.

Já era deitado, quando o capitão trouxeram mandioca: uma para mim, outra para os moços. Mantinha-me deitado e o capitão sentava-se no chão, junto à minha cabeça. Abre castanhas com os fortes dentes e me dá dizendo: Ké — com admiração e pesar. Cada um das circunstâncias repete a palavra Iba. Depois de um tempo o capitão vai pra casa. Não guarda as palavras que diz na despedida.

Meu pessôal dorme com as armas na rede. Yuperiyp diz:

— "Não vou dormir toda a noite! Quando passarmos em lugar de índios bravos, não dormirei!"

Certa hora da noite o cachorro dá alarme. Peço a Yuperiyp a lanterna. Yuperiyp dorme profundamente e custa-me acordá-lo. Na casa dos Rikibáks tudo dorme, escuro e calmo. De vez em quando alguém assopra o fogo. Levantam-se, emitindo algumas vozes e tudo volta a sossegar.

As demonstrações de amizade chocam meus companheiros, pois têm prevenções contra os Rikibáks, devido às vozes de atrocidades cometidas por eles.

Dia 1.<sup>o</sup> de fevereiro. Apenas classifico o dia, já vem o cadique. Apelidamos de Capitão Evaristo. Mais tarde aprenderíamos seu nome autóctone: Ibo. Presenteia-me com uma raiz grande de mandioca assada e fria, com castanhas para mim, logo trouxeram alguma outra coisa para os índios do rancho e se aninhou ao pé da minha rede.

Sem dormir apassaram os rapazes Rikibáks, que tinham ido dormir na aldeia nova, ali perto, onde eu tinha encontrado as duas mulheres.

Trouxeram a coçarola da sempre, cheia de mingau azedado e um beijo de milho. Pouco depois vieram três mulheres em fila, igualmente baixinhas, vestidas de alantados colares. A mais nova, a de ontem é mulher de Ibo, os filhos chegados até perto dos joelhos. As outras são mãe e filha. Esta última, apontando uma criança, parece dizer que é sua. Eu, sentado na rede, tenho a meu lado a Yuperiyp, no chão o capitão Ibo e no cobertor da rede as três mulheres. Estas tornam assento longe, depois mais perto, num misto de medo e curiosidade conflitante. Não deslindo nada da língua e os sons gritam desatinados ao ouvido. Dizem nomes de parentesco, contendo de perrengue casco e comentando coisas.

Em certo momento, a mulher mais velha aponta para o filho e depois para mim como que pedindo e fazendo uma namação. Ximunzi interpreta que ela me dá o filho em casamento. Ximunzi fuma. A mãe vai a ela e repete a mesma cena. Ximunzi atropelhou-se todo, achando que agora o casamento é com ela. Passava eu que pediu uma cura. Muito tempo depois comprovei que eu fui só: os Rikibáks usam beforadas de fumo para cerimônia de cura. Além de assoprar fumo sobre o doente, o curador faz massagem na

abdômen, comprimindo as mamas de frente e logo encorregando para o lado e indo para trás. Por sinal, com esse costume, os seringueiros introduziriam malícia, gerando por ai um dos fatores da desorganização tribal.

Com as mulheres vêm um menino e três meninas maiores, estas carregando outras três crianças em faixas. Essa criança faz o resto da encenação. Têm o pé meio levantado para correr, ao menor movimento dirigido a elas. Mas parecem também pratas ao chão, porque os olhos traduzem invencível curiosidade.

As faixas de carregar crianças das meninas são compridas demais. Tiram-nas dos ombros e as põem em cima das cabeças, formando bicos semelhantes a gorro. Passam triântica ante o centro "Branca de Neve". Também têm pele clara, olhos e cabelos pretos. Uma das crianças tem cabelos curtos de castanha.

A mulher mais idosa parece falar do marido, morto pelos seringueiros. Faz sinal para as bandas do Arinos e, em determinado momento, faz como se estivesse morrendo. Vendo meus rapazes descontrolados, digo que dêem alguma coisa às mulheres. Daram tudo o que só é preciso à moça nova. Vibra que também eles se perdem em curiosidade. Nem aproveitam a oportunidade para induzir os Rikbáktis a irem conosco ao porto.

Os Rikbáktis devotam um autêntico respeito aos cães-heróis. Com muita cautela, vão se achegando e lamem a mão. Os cães-heróis deixam-se tocar e desfazem um mistério. Os Rikbáktis admiram o cão-herói obedecendo aos meus comandos.

Fago um chá para nós. A hora de tomar, dou pela falta do caneco. Fago extensiva demonstração de o não achar, por mais que o procure. Isto diz qualquer coisa a um dos seus rapazes. Um sai correndo a volta com o caneco. Desculpamo-nos desde a chegada. Com a minha seda-mágico começam a compreender que não devem mexer em nossos pertences. Tiraram o fado de Tupi. Depois da feraza das guerrilhas, uma curiosidade, uma administração desmedida e uma cabiga incóveniente: é o novo campo de pacificação.

Dia 2. Queremos que os Rikbáktis nos acompanhem ao porto no Juruena. Um dos rapazes se mostra presenteiro. Os outros têm medo. Afinal vêm tão conosco. Os três dizem a palavra nabi. Dizemos que passaremos na aldeia do Wilho e no outro dia chegaremos ao porto no Juruena. Prómeremos dar os dois cães-heróis.

Após cantarmos o hino da bandeira da pacificação, Adham graca. Ixa nos acompanha um trecho, falando aos três Rikbáktis. A chuva vai intensificando. Os Rikbáktis nos levam por um alento ainda mal trilhado, com interesse inofídico numa cageda de macacos e costin. Meu pessoal gasta um despropósito de fogo, para derribar apenas um costin. Um Rikbáktis pede qualquer coisa para abrir o costin. Achamos ainda um coivete. Corta primeiro o membro e oferece aos circunstantes, com ar indiferente. Ninguém o quer. Joga fora. Abre a barriga, tira os intestinos e os limpa. O mesmo faz

com o estômago. Enche o estômago com o sangue coagulado, amarra os duas saídas e envolve o costelete em folhas. Ajunta depois o rebo, as pernas e a cabeça e os amarra juntas, fazendo um cômodo volume para carregar às costas.

Chegando ao trilho da aldeia nova, querem que venham até lá. Indicamos em ir diretamente ao porto. Academ. Avançamos cinco vezes seguidas o mesmo corredor, já em águas do Juruena. Depois do tapiri da Fala, deixámos passada a prolaçada curva, para completar uma curta que já tínhamos soprado. Eu e os três Rikbáktas nos metemos debaixo de um plástico, enquanto os outros se entrebem com a cagada. Depois de um tempo, recolhemos os plásticos e enfrentamos a chuva, cuidando apenas que os mochilos não se molhem. Os índios sorriram, em tempo como este, não teriam marchado. Carregamos as bananas cortadas de três dias, da aldeia da Galinha.

No aldeia do Milho, os Rikbáktas sentem-se em casa, logo tomam conta do fogo central da casa grande. É uma casa firme, com poucas janelas, se bem que grandes. Secam a roupa e assam os macacos. Os Rikbáktas amarram mandioca e colhem bananas, oferecendo sempre o melhor para mim. Fogo questão de ensinar bem ensinado a secar a roupa, ao fogo e ao sol. Lígio que dou com insistência, preventivo os males fétidos dos resfriados e gripes, e que asterio fortemente expostos com o uso da roupa.

De noite, os Rikbáktas tomam posição no meio, eu ao lado deles. Três das meus ficam fora da rede, dois na frente e um atrás. Forma-se um ambiente de acanhado. Corre a pérola e oferecimento de vantagens, quanto à comida, uso do fogo e perguntas. Cada um escuta e observa atentamente os outros. Começo a formar um vocabulário. Preparativos agora, facilitarei o meu trabalho de aprender. Querendo impor a algum deles um nome, logo diz várias vezes isto. Depois soberia que isso significa não. Assim acontece com os três.

Nenhum tinha rede. Acomodam-se no chão, à volta do fogo. Não conversam muito entre si. Por bom tempo permanecem sentados. Por fim um vem deitar-se quase debaixo da minha rede. Empresto-lhe um saco de lona. O cochorro fica ao lado do fogo, junto com os Rikbáktas. Acordo algumas vezes.

Dia 3. Pelo madrugada, quando dou fit, o Rikbáktua de debaixo da rede já está levantado. Seta o saco, limpando-o e o despendura no jiuva. E os três desaparecem, como se não fosse neda, e voltam para a aldeia de Izo. Xinsuadi é quem diz:

— "Os caneiros foram embora!" — E grita: — "Levaram meu facão! Meu cinto! Minha camisa!"

Rodamos num rebolado e reina a confusão de idéias. Os Rikbáktas tinham dito *sabá...* Mais tarde aprenderíamos que a palavra significa "lá". Pode significar, portanto, qualquer lugar. Meus companheiros são também índios e passam não saber em si da indignação com o logo. Prometo indemnizar os prejudicados. Logo sussurram:

— Aprendemos a lição de não facilitar no futuro.

Saímos também cedo para o porto. No acampamento-base, mal nos acomodamos, sai para a chará. Trocamos idéias e cuidamos de comer. Passo para o papel o que a imaginativa ainda me apresenta nitidamente.

Dessa visita a Ibo, concluo que não se pode dar coisas sem mais. Os Rikbaktsa, se atendidos fartamente, entraria numa política de pedincheira. Também as mulheres serão sempre muito procuradas, pois se exibem extremamente curiosas, interessadas e brincalhas. Os Rikbaktsa de modo algum se sentem deprimidos frente aos brancos. Não olham, entretanto, com o perigo do contato indiscriminado dos seringueiros e peões e não sabem da política dos potentados. Necesitam de orientação e ajuda.

O que me assima, frente à sacra borboreta que se pronuncia, de abengas e de desencontros com a fronte pioniera, é que também seu homem e é possível nos entendermos. Até agora seu bem aceito e bem recebido pelos Rikbaktsa. Decide, assim, controlar até o possível os grupos de pessoas que entram em contato com os Rikbaktsa, de modo a respeitarem a integridade tribal. Também meus companheiros não podem ser gente nova recém-vinda da cidade, pois sofrem um trauma não grande, que se tornam inutis. Formarei um centro de ação na margem esquerda do Arinos, facilmente acessível aos Rikbaktsa.

Este grupo da espigão Arinos-Juruena forma quatro aldeias, em relação habitual entre si. Os índios irmanam-se para as festas, certas saídas aos rios para caça, pesca e luta guerra. Garantir a confiança das quatro aldeias. Resta algo com os seringueiros: uma confrontação.

#### 19. CONFRATERIZAÇÃO RIKBAKTSÁ-SERINGUEIROS

Dia 4 de fevereiro de 1959. Pouparamos no acampamento Santo Inácio. Jantamos com Pedro Amazonas.

Os seringueiros vibram unissons no repúdio aos desacertos do patrão. Pedro Amazonas comeu hoje o último arroz. Vai ao trabalho ainda que falte o necessário. Tem pintado por toda parte o símbolo de um coração verado por uma flecha: é a paixão pelos direitos do trabalhador. Como Pedro, assim os outros seringueiros querem dizer que a farinha é muito cara e chega bolorenta, que o feijão, também muito cara, é estregue passado e até mesmo podre. Ao seringueiro, mesmo espiritualista, é difícil alcançar compreensão, quando a indigência rasteja pela miséria mais baixa.

Dia 5. Subiu ao barreiro de José Rosa. Jólio Lya responde pela gerência. Quatro ficamos na dependência da administração e quatro no rancho beiramato, gentilmente hospedados.

Dizem que o Dr. Mário, em janeiro, terminou a picada do perimetro de medição e lotou a terra. A linha n.º 4 cortou zona resi-

dencial rikbátsa, passando entre duas malocas. Os Rikbátsa tiveram panelas de ferro. Não houve repressões.

Dia 7. Inspecionamos a picada, que sai das imediações do rio dos Peixes. Não cruza com caminho nenhum rikbátsa, não servindo assim para sítio de um posto de abastecimento aos Rikbátsa.

#### 19. I. VISITA À GLEBA ARINOS

~~CONTRIBUIÇÃO M. J. P. DA SILVA~~

Dia 9. Vou visitar a Gleba Arinos, por ocasião do Natal. O encarregado do baracão tem recado de que alguém fuja com a minha caneca "Santa Cruz". Meu assim, deixei-e ali e subi com a "Vera" à Gleba Arinos.

Dia 11. Estamos chegando ao escurecer. Passo na Gleba Arinos de 13 a 26 de fevereiro.

Procuro que tenham maior compreensão para com o índio. Fico sabendo do falecimento do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon, de quem fui admirador e de quem me viu discípulo. D. Leonora aceita ser madrinha do barco "Vera", donatário da CONOMALI. Leva um terço enrolado na mão e quebra na prisão do berço a convencional garrafa de Champagne. Mas Preysel adota a senha da pacificação de nosso uso, para tentar a pacificação dos Belo-de-Pau. Diz que estes índios queimaram um rancho de posse à firma. Tornare perigosa a navegação do Arinos.

Os índios Klingauyr e Yerariyrum rumam a pé para a maloca distante 120 km. Yuroni compra uma espingarda e um par de botinas e eu fico com a conta.

Iniciam a construção da igreja para os católicos. Uma subscrição rende onze mil e quinhentos cruzados. Deckmann, construtor da Igreja evangélica, fará também a católica.

Construem uma estrada para Cuiabá. O serviço começado na RR se avizinha, distando 80 km. Trabalhadores acabam de chegar no dia 22, a pé, com pesada peça de trator, para conserto. O tratorista João Adilo aborda índios desconhecidos e não获rit.

Dia 25. Chega a lenha sem a esperada carga para mim. Traz 25 peças para demolidoras, a maioria nordestinos. Dormem comigo no pousio.

Dia 26. Vou voltando para o baracão de José Rosa. Tomo emprestados da CONOMALI 150 litros de gasolina. No alto das Cachoeiras, 20 homens esperam por Cláudino. Digo-me notícia de que em todo o sertão falta o necessário. Previno-me para a dura realidade, pois neste sertão é que me fornecem para as expedições. Apresso-me a dar ajuda aos sertanejos necessitados. Pousamos 18 km abaixo do depósito.

Dia 27. Tupai impõe por causa de sapato. Gasta um e vem pedir outro. Como não tenho, amarguramo-nos.

— "Padre não tem nada! Mantira do padre!"

**Dia 26.** O barraconista Alírio formou a expedição. Mário Medeiros se contenta com solas n.º 40, na falta de outra, tanto quanto como na Gleba Arinos.

Um caso peregrino: perto da feitoria de Cícero encontraram dols garimpeiros. Comprometeram-se a trabalhar na coleção, no território de Olívia, no Rio dos Peixes. Passaram mal de comida e de falta de remédios. Acostumados a uma vida livre era um passadio mais longo, astrenhanham a sujeição e durtoço no mato. Creram caso com o encorregado. Este os largou no meio do mato. Conseguiram carta do encorregado, para os eximir de fuga. Receberam conselho para não descerem o Juvenal. Subiram então o Arinos e varreram 320 km de selva a pé.

Vinte homens coladores da estrada encontraram poucas madeiras. Elas mais três mulheres e uma criança contam apenas com 12 litros de farinha, um pouco de sal e mungão. Não têm arroz.

Volto ao acampamento de Cícero. Durante a noite, a mulher de Daniel sente-se mal, com pouca resignação. Assim a mulher, dizendo que não é nada e que tem fé em Deus, e tudo ficará bom. E admirável a fé simples e forte em Deus. Os conselhos dos presentes e minha presença não mais resignação, ainda mais que aplico uma injeção de pericilina resolvendo o caso, ficando a dona boa na madrugada. Os dols aparelhos de injeção do acampamento estavam quebrados e apenas no bermacil existia um para todo o siringal, no momento. A partilha ocorre aterreada, até o momento em que sente tontura. Senta-se com a cabeça entre as mãos entregue ao desânimo.

**Dia 1.º de maio.** Passamos bem por uma série de cachoeiras e travessias, graças a uma indicação pormenorizada que Cícero me dâ, com desenhos rústicos. Na feitoria do Alfredinho, à noite, bebemos a garrapa de Martini que o Pe. Emílio Reinehr, de Cuiabá, me deu para o Natal do ano anterior.

**Dia 2.** As 16 hs., pouso no barracão de José Rosa. Os Rikibás na cima não aparecem mais. Os de baixo continuam a fumar canecos de Pedro Amazonas. Alguma coisa ainda recionada, mas há feijão velho e duro à vontade, ancoa amadurecido na roça para o dono ausente e farinha. Mesmo tendo de sair em expedição, abro meu estoque de reserva e cedo para os siringueiros 4 kg de farinha, 5 de açúcar, um pouquinho de café e outro tanto de manteiga.

**Dia 3.** Examino o lugar indicado por Leandro pelo posto dos índios, um pouco abaixo do ponto de travessia dos índios, seis quilômetros e meio acima do barracão. Tem a vantagem de terra vermelha massapá, de cair dentro do siringal e fora da Gleba Nogara. Não tem siringueiras e conta com castanheiras. Entretanto, resolvo que o local da confraternização seja mesmo o barracão de José Rosa.

**Dia 4.** Celebro missa. É o primeiro dia da novena da Graça e São Francisco Xavier.

Os siringueiros ficam agradecidos por pequenos favores meus. Manelito me faz um nemo e me seringe dois panos. Os demais me dão ajuda em qualquer necessidade. Ajudam no abrigo para a "Yara" secar. Louro serve com cara de riso de quem diz tudo, sabendo que é pouco. De tudo, vejo que os siringueiros estão dispostos a colaborar na pacificação, no contato direto com os Ribábikas, tratandos bem.

#### 19.2. NAS ALDEIAS DO ESPIGÃO

Dia 6 de março de 1958. Partindo às 8 hr. do barracão de José Ross, subimos de barco eu, Tuppi, Ximunzi, Tuvalqui e Mário Medeiros, uma Nágua pelo Arinhas, até à barra do Saramé. Ali tomamos o pique de agosto de 1957. Não tenho preocupação de andar muito no primeiro dia: uma marcha longa de início esgota o pessoal.

Perdemos o pique e depois de bom trabalho fomos cair no velho, que serviu a três expedições. O cachorro maior se perde. Na noite Luizinha assanha um macaco.

Dia 6. Fazemos o primeiro mingau da Nutricau. Perseguimos perdendo a achando o pique. Nas perdas de caminho, não entendo os Índios. Não respondem nem falam. Concentram-se completamente no trabalho. É para dizer que, nestas caminhadas, é preciso pessoalmente resolver o impasse. Quem não se ajeita seginho no mato, não precisa nem pensar em andar com os Índios. No pouco, Tuvalqui e Mário armam a tenda em cima de uma estrada de salva.

Dia 7. De manhã os dois se lamentam com os estagos das formigas. A disciplina afrouxa: um faz o fogo, outro busca água e um terceiro faz o chá e um mais o mingau. O deslizamento torna conta do pessoal. Tuvalqui e Ximunzi, novatos, comentam os erros de Tuppi, o guia. Este se nega então a tomar a dianteira, apesar de ter sido um dos picadeiros: não quer comprometer-se. Lutamos um pouco entre nós, resolvemos as questões e continuamos a subida.

Cruzamos duas vezes trilho batido recentemente pelos Ribábikas. O receio acorda no coração dos companheiros. Desiludidos por não termos ainda chegado a uma aldeia ribábika, extenuados, paramos a marcha às 13 hr., devido a uma chuva, no meio de castanhal, não longe dum corregadinho.

Dia 8. Eu, Tuppi e Tuvalqui exploramos os arredores. Os outros dois têm instrução de receberam prontamente possíveis Ribábikas no acampamento. Mário sofre de crise nervosa e sente o fígado. Da tarde, fortíssima chuva. Tuvalqui perde-se no mato. Já perto de noite dá tiros em lugares diferentes. Damos uma salva de tiros, para indicar a direção do acampamento. Chega já escuro, depois de abandonar no mato dois macacos abatidos. Fazemos chá de mato e mingau. O dia se passou a farinha e castanha. Chuva todo o noite.

Dia 9, domingo. Tuppi logo cedo arruma a mochila para sair. Mário, já melhor, sente-se fraco. Os demais apáticos. Fago ver a

semearão do desígnio e as poucas dificuldades que pesamos, comparadas com o trabalho que já suportei na pacificação. Nostro o esforço despendido por mim, para chegarmos apenas onde estamos. Ximunai diz:

— "Por isto respeito o senhor!"

De um modo trivial, mas humano, os índios se ajudam dos motivos religiosos para se recuperarem. Recitam o Angelus. Compreendendo melhor, nessa circunstância, a imensa paciência que Jesus teve e tem conosco, pois não somos melhores que esses índios.

Voltamos então, até achar de novo o pique velho. Fazemos conjectura de que a Aldeia Nova deve estar em determinado lugar e vamos pelo rumo, pelo meio sujo, sem caminha. Tupai abre rotulamente a fechada, cômego acima. Demos num picação larga, calcada pelos Rikkáktas nesse mesmo dia. Não reconhego nada. Tupai diz conhecer muito bem onde estamos.

A toda hora esperamos encontrar Rikkáktas, tornando alguma surpresa, pois não conversamos ainda com a maioria dos homens e podem aparecer algum estranho. Demos num pique novo. Um declive empinado de barro vermelho escorregadio como tablo nos leva a um cônego. Já no outro lado, meio escondida, uma casa. Os Rikkáktas já devem ter sentido nossa pressença. Sobre o cônego bem longo, uma pinguelinha miserável: preferimos entrar na água. Vou gritando:

— "Uatói Nobó! Aqui padrel Venz!"

Na casa falam e se movimentam. Avanço rindo, dão o que dê. Estou a quatro passos da porta do fundo, quando esta se abre e aparece o cadique Ako-á, com o inconfundível chapéu. De roupa, só tem o chapéu. Achega-se tendo nas mãos um pote cheio de milho secado no pilão e fervido em água prolongadamente e misturado com mel. Não era para desejarmos coisa melhor.

Entremos na casa dos homens. Sentimo-nos como se estivéssemos em casa, ocupando três ou quatro paus rústicos que servem de assento, ao redor do fogo.

Logo se mostra mestre no fazer um desconhecido novo, novo, risonho, cabelo até o ombro, claro, felizes quase finas. Escutamos seu bater de machado, ao longe, quando chegávamos. É genro de Ako-á. Por engano de primeiros contactos julgamos que seu nome era Ko-á, quando esta palavra significa gesso. Seu nome verdadeiro é Materocuipá, experimentado matador de gato. Aparece um menino de 10 anos. Vêm mais três cutcos e uma criancinha. Quanto mais novas, tanto mais colerás, pulseiras e penduricalhos. As duas mulheres, que se encontram na aldeia, não entram na casa dos homens. Meus rapazes se impacientaram para vêlos.

Trazem milho torrado, costeletas, um naco de macaco assado e carne verdadeiramente saborosa de caiteu. Após algum tempo nos acomodamos. Lavarmos os pés e trocarmos a roupa molhada.

Sacos pandem cluma trave. Os dois Rikkáktsa abrem-nos e tiram calça e camisa. Interessa-nos ver os objetos deles. Dão a ver colares, chocalho dos tomatescos, fios da píqu, pingentes de penas da parte superior da orelha, batoques dos lóbulos da orelha, o colar típico de dentes de macaco e coati, bolso com fivelas de entrecostas de ôvores, pauz para fazer fogo com mecha envolvida em folhas de algodão ressequido. Vêm os arcos e as flechas.

Logo entram a perguntar donde viemos, para onde vamos, para quê, por quanto tempo.

Distribuímos algumas brindes, procurando logo obter, em troco, objetos deles, ainda que sem insistência nem abuso. Damos uma lata com um gelo pintado coconco, uma tesoura, um pente. Mário troca um chocalho de píqué por uma fequinha. Nesses barganhas, não se pode fazer valer uma igualdade em termos de valores nem parcer em tal. Mário examina minuciosamente todo o conteúdo do saco de Matereocutipá. Parece que os Rikkáktsa até gostem da indiscrição do rapaz. Um arroio de principiante. Mário se mostra cativante e compreensivo.

Tuvalíqui apelida Alco.á de Mané e Matereocutipá de Miguel. Tamate sai com o nome de Zecarias. Aundo, o casal das outras expedições, fica com o nome de Nicolau. Vamos discursar cada assedegado. A casa grande, bem coberta, mede coisa de 8 por 4 metros, e a casa em que estamos, 5 por 5. Matereocutipá fica a sós coconco. Conte casas, provavelmente de brigas com os civitóedios, pois, por duas vezes, faz sinal em mim de dar golpe no pescoço, sem abusar, com isso, a minha fé pacífica.

Fico atordoado no esforço por entender a língua desse índio. Souzinho, pensando que terá ainda muito tempo para aprender. Não consegue remediar-me com um pequeno vocabulário, manifestando satisfação, agrado, agradecimento, enfim, o necessário para a pacificação e primeiros dias de confraternização. Sei Matereocutipá e dormimos.

Die 10. Cedinho ainda, Alco.á e Matereocutipá fazem milho torrado e beiju de milho. Visitarmos as casas. Meus rapazes vão à frente. Dez redes servem a duas famílias. Alco.á tem a mulher já de certa idade. Esta faz uma panela de barro. Armazendo o barro, modela as beiradas com uma tira solja. Não consegue guardar os nomes de parentescos. Ensino os nomes: papai, mamãe, nérá. A velha repete perfeitamente, mas com dificuldade pronuncia o m inicial.

Damos o nome de Rosa a uma mulher. Faz beiju de milho numa chapa de pedra aquecida com fogo brando e bresa. Marlene é uma criança menor ajudou nos afazeres domésticos. Dois outros meninos socam milho. Tinham apenas cinco ou seis anos.

As mulheres guardam em castinhos tesoura, agulha, carretel, dentes, novelas de algodão e malas miudezas. Há pouco algodão.

Permanecem sentados em cima das pernas dobradas. Demoram muito tempo para fazerem uma dúzia de beijos de milho. Rose trabalha o dia todo. De vez em quando, atende à criança. De quando em vez, come carne, arrancando com os dentes o bocado e ter aproveitado de cada vez. Logo entendem é para buscar as migengas e comparecer na porta da casa, onde há suficiente luz, para uma fotografia. É a ocasião das apresentações sociais. Distribuimos os brindes e em parte os trocarmos.

As duas mulheres vêm. A mais velha, com rosto tipicamente mongólico, olhos inteligentes e avivados, trajo os colares usuais, mas de menores proporções, poucos e comuns. De vez em quando suscede, ao falar, as guincheiras do Nefu, que ocupam até metade do braço. É a mãe da mais nova. A mais nova, de cabeça raspada, trajo horizontal do canto do olho para trás, vestiu uma pena de colares de contas de coquinho, chegando até às coxas. Cobrava-se ao menos ao sentir. O manejo deste volume pertence ao mesmo característico da Rikibáktsa. Ainda acrescenta um colar de sementes de tanta, igualmente comprido, de duas ou três voltas e mais um colar de tubinhos de ossos. Piorinha, despreocupada, ainda infantil, mantém a postura coerente de esposa fiel. Só tire os últimos colares que pôs, quando viaja.

Pedem que Xirunai faça massagens nas costas e na barriga de Cláudio, criouga muito suja, de barriga crescida, olhos aborrecidos, aspecto um tanto doentio. Como as outras crianças, carrega colares no pescoço e penduricalhos nos braços, orelhas, e ligas nas pernas. Xirunai diz:

— "Não sei isto!"

Mário faz fumaça e vai massageando. Surpreendido, deixa fazê-la, mas logo desaprova: enganaremos os Rikibáktsa, pois vejo que estão acreditando de verdade na cura pela fumaça e massagem e ficarão depois decepcionados com os resultados. Isso sem contar futuros desvirtuamentos.

Reparo que as crianças e as mulheres são mais doentias que os rapazes e homens. Algo, é tire a camisa para a foto. Percebo que está cheio de parébas e parece mais magro e menos vivo do que nas outras vezes. Move-se um tanto sofrido. Pausa nela uma pomada Springer e aplica-lhe a primeira penicilina em um Rikibáktsa. Primeiro dou um fôncada em Xirunai. A agulha, só afundar no carne, causa um arrepio em Alco.4. Pausa. Vou a ele. No momento de lhe dar a agulhada, já vai fugindo com o braço. Seguro-o, uma vez que consentiu. A agulha entope na metade da dose. O efeito fica assegurado com as duzentas mil unidades injetadas. Melhora sensivelmente, bem que não completamente. Digo que fique assim, sem roupa. Mesmo parecendo, deita-se na rede de Xirunai e com isso vai criando um caso. Mas tudo se corrói.

Alco.4 usa roupa desde a ocasião da primeira feia. A maioria dos Rikibáktsa não tire a roupa enquanto estarmos na aldeia. Pen-

quintamos donde têm a roupa. Sem fingimento, explicam o lugar donde extraem. Também a respeito de outras perguntas, que para nós são incômodas ou indelicadas, os Rikbaktsa não mostram nenhum constrangimento nas respostas.

Mariano Divb, desprescupado, esguio, claro, agradável, usa uma tangozinha menor, quase sempre está ajudando em casa. Os dois outros meninos logo se fazem amigos. Não há como. Divb pela primeira vez pescou com anzol, pegando lambari no córrego.

Por ocasião dos brindes, damos à mulher da Alcoádi uma combinação. À filha, damos paço, linha e agulha. Xixunzi ensina a alinhavar. A peça fica um pouco apertada nos lados do ombro. Dá que fazer para vestir. Sente-se incomodada com o vestido. Ande com ele o dia todo. O paço cobre os colares grandes. As mulheres não apreciam a roupa tanto como os homens. Estes dão tudo por uma peça de roupa. Tamatze veste calça e joga a tanga velha no chão.

A tardinha cai chuva. Não perdemos a oportunidade da reunião, para conviver para nos acompanharem ao Arincó: daremos brindes, conversaremos em paz com os brancos, mostraremos a finalidade da extração da borracha, uso de anzol, ferramentas e mais coisas. Insistem em conseguir fôcio e machado, para abrirem roga, pois devem dor de comer e beber às mulheres e crianças. Decidem que vão ao Arincó e, sem compreendermos, falare de festa e da Aldia Nova. Aundo chega correndo. Encontra o arco e flechas na parede. Sua mulher, de cabeça rapida e poucos ornatos, entra na casa grande. Com sua chegada, adiante a decisão dos Rikbaktsa, para irmos ao Arincó, passaremos pela Aldia Nova, pois é de lá que saído os que nos vêm acompanhar ao Arincó.

O rancho não pinga. Sentimos saída firme, ainda que não tenhamos muita vontade de ingerir a beberagem dos Rikbaktsa, acompanhada de mingauada comida.

Fazendo-se já escuro, Aundo, por força, quer ensinar-me a flechar. Antes de ser eu aprovado, escurece. Uma flecha cai em cima da casa. Aundo não poupa esforços por recuperá-la, tendo pouco dô das palhas da coberta, que demoram muito trabalho no febrício da casa.

As risadas do Mário Medeiros enchem o ar. Passou a forte dor de barriga e passa a crise do fígado. Amedronta-se ante a perspectiva de algo mais grave aqui no mato, perdido a mais de dois mil quilômetros da família. Aqui vale: "Câncer chora, mamile não vê." Os outros companheiros só se quebram de fome e fraqueza. Para um estômago contrariado e o corpo todo molhado, a beberagem azeda pode até fazer mal. E sejam cristais de bona dentes, para trincar o milho torrado e a castanha e a carne.

A unidade é outra paciência. Botina garantida contra o água é artigo difícil. Os enxíos andar sem elas.

Aundo donne conosco. Chove bem durante toda a noite.

### 19.3. A CAMINHO DA CONFRATERNIZAÇÃO SERINGUEIRA

Dia 11 de março. Levantamo-nos cedo. A partida demora, pois fazemos chá da manhã, sem açúcar, e um pão. Toda a aldeia abala consigo. O primeiro caminhão que aparece, é o verdadeiro, que deveríamos ter trilhado na vinda. Daqui sai um plique novo para a Aldeia Grande. Atravessamos mais de vinte vezes ônibus, brejos e banhados, passando seguidamente o mesmo caminho. Os Rikbáktsa são formidáveis no malo, acostumados a pher nágua, carregar peso e devolver os pés e cabeça dos cipás. Até parecem não cansar. O cocheiro vem交代gar, atira. Quem que eu anda à frente. Vou com atenção extrema, para não perder o caminho. Ainda vem logo atrás e me ajuda. Atencioso, fornece passageiros de ônibus, avisos dos espinhos e marimbondos. A mulher de Matereocutipá carrega dependurada do pescoço toda a guarnição de colares grácia e pesados.

Nunca posso, conversamos alegremente e ensinamos tiro com arcos e espingardas. Num outro, relembramos casos dos primeiros encontros, em que os Rikbáktsa fogem e se escondem, o que provoca hilaridade sem fim. Na aldeia velha, já abandonada, uma chuva nos pega. Apenas passa, Alcoáli e as mulheres e crianças tornam a churrascaria. O normal é que os homens vão à frente e as mulheres atrás, com as crianças. Mário carrega uma criança. É um bom peso para ele. Usa a faixa própria dos Rikbáktsa, dependurada do lado da cabeça. A mulher Idosa faz sinal de comer, isto é, de preparar chicha e beiju. Todos curados chegamos à Aldeia Nova, Mário Medeiros o mais curado de todos. A Aldeia Nova apresenta uma casa grande de 18 metros por 7,50 e mais a casa dos homens. Logo entramos e, assim mesmo sujos, como estivemos, e molhados, nos fazem sentar, deixando uns coligas e beijos, integrando-nos na rede social. Meu lugar é entre Alcoáli e Ico.

Não comprehendo bem a atribuição que me dão. Certamente a de chefe da minha turma. Parece também que me consideraram rezador e curador e fazem qualquer lôbilo de ser portador de forças superiores. Mais tende viria a saber que Ico estava atento, esperando a hora de eu dar a conhecer a minha origem Rikbáktsa. Assim mais tarde contaram a minha antiga descendência de Rikbáktsa e me declararam um redivivo. Se eu soubesse disso, na ocasião, teria feito o trabalho desses primeiros dias bem diferente.

Aí estão, além dos que chegamos: Nipáli, Acádi, Mofina, Tibarata, Ngibi — nomes que, no momento, vão servindo para nos relacionarmos. Iogbi tem semblante mais de moça que de homem. Aqui também se encontram a mulher, ainda nova, da Ico, a velha mãe de Mofina, doninha mas brejeira, duas mulheres novas, meninas, meninas e crianças de peito.

Preparam uma grande festa. Caem-nos em vista os dais. Mofina e Tamatza, que estão ao lado da beira e fazem esquinas com a nossa linha de participantes. Têm a cabeça rapada, batóques enormes. Trazem ornatos só de índios. Nipó, que da outra vez veio convidado até à aldeia do Milho, tem a camisa de Tupi e um passo na cabeça, desses que se usam no pescoço. Contrariando as fisionomias femininas, apresenta modos decididos e voz viril. Negro, parece aberto. Esses índios ornamentados com os estribos tribais, com arco e flecha na mão, fazem a impressão de estarem vestidos quase como os índios estereotipados dos livros escolares, o que não se dá em outras tribos que conheço.

Qualquer palavra que dissemos, acolhem com entusiasmo e risos fracos e profundos, demonstrando simpatia e solidariedade. Repetem palavras nossas, sem entendê-las, e nós pagamos com o mesmo troco, "Não cheva", digo ao entrar. Tamatza repete: — Não cheva. E rompem todos em risada. Pronunciando-nos as palavras deles com certa perfeição, mostram satisfação extrema.

Logo no começo oferecem milho torrado, castanhas e umas frutinhas de palmeira dum saboroso agradoável. Logo vem mingau de milho azedo, beiju de milho. A gente acostuma-se com o tempo e acaba, aos poucos, por achar gostosas as iguarias rikibáktis e comer como se comeasse só isso. Lamentam não terem carne de macaco, de porco ou outras. Mas a coisa piora quando todo este refeição é nosso almoço e ao mesmo tempo janta.

Ainda dão demonstrações de dança e canto.

Deu uma vista pela casa grande. Quatro estrelas laterais sustentam linhas horizontais. Nelas se apóiam os cabos curvados desde o chão. Não há linha de cumeira. Um só estrela central suporta o lado em que o estio é menos bem trabalhado. A palha dança até o chão. Há portas à vontade. Janelas guardam castanhas, provisões, arco e flecha. A outra estrela, de 7 por 8 metros, com 4 de altura, encosta na primeira; as palhas que chegam ao chão cobrem-se umas com as outras. Esse encontro das duas não é oxidado e entra por si águas na casa.

Encurro. Meus amigos e Mário Medeiros conquistaram a simpatia de todos. Mário Medeiros é solicitado para curar com massagens. Uma aldeia é muita os expedicionários, somos muitos hóspedes. O convite para os expedicionários dormirem na casa dos homens não é muito desejado. Não se opõem a que armamos o plástico, fora. Kiruaké e Tupú dormem fora. Eu com os outros dois armamos as redes logo na entrada, juntos, no centro, de modo que quase nos vemos os de dentro e os de fora. O acolhimento límbo dos Rikibáktis dispensa todo receio.

Ainda cantam e dançam. Três vezes pisam no mesmo lugar e dão três passos para a frente. O movimento do corpo acompanha o som da flauta: kóle-kóle-tuhé... Trajam com esmero e cuidado.

Dentro da casa nos indicam muitos outros modos de música com muitos textos. Mário Medeiros atropelha a dança, porque não pôde palavrão a seu modo, com excesso de ritmo e roda. Os Mônkô também dançam. Os Rikibáktas parecem gostar muito dos ensaios e apreciam os Mônkô.

Depois de uma roda longa ou curta, param ou fazem parar a dança, para beberem mingau. Oferecem em círculos de seringueiros. Também a um ou outro da assistência, por exemplo, o mím, é oferecido o mingau.

Fazem depois uma competição de atirar Flecha, em que saltam brios, quessa rivalidade. Distingue-se Tuberata.

Durante todo esse tempo em que estamos na aldeia, com pestos intermitentes, foi romendo corpo uma encenação não premeditada. Já ao chegar, distribuiu senhas de pacificação. Alguma logo despedilharam nos colares, especialmente os dançarinos e os mais interessados em nossa vida civilizada. Os Rikibáktas passaram a examinar nossas pessoas e tudo o que era de procedência de civilizados. A coles foi mais adiante com Adiclo, um índio de batóques pequenos, de fisionomia e modos de civilizados; vai metendo o assunto da guerra entre Rikibáktas e seringueiros. Aos poucos se declararam posições. Adiclo quase se quebra. Está maduro o momento de falar claro e entrar em entendimento mútuo, é hora de pôr o fecho de ouro nos estorços e cerceiras suportadas nas expedições.

Quase só posso expressá-las por gestos e mímicas. Religiosamente os Rikibáktas entendem o que neutralizo. Explico que os Rikibáktas matam os seringueiros com flecha. Tzum! Os seringueiros embraçados mandam: Peng! Tento a impressão de que alguns Rikibáktas só nesse momento compreendem que a flecha é tão ruim como a baía. Digo que, ao chegar parte da civilizados, devem mostrar a senha e gritar: — Olá, aqui Cacocérol Cacocérol bom!

Mais tarde, entendendo-me mais correntemente por palavras, esses Rikibáktas me informaram de que tinham tentado algumas vezes uma aproximação pacífica, baldada pelo afobamento e desconfiança dos seringueiros, sendo repelidos brutalmente. Assim, não só os do Juruena com Muiboc, mas estes do Arinos também procuraram a paz. Nós, os brancos, devemos ser lidos como os provocadores de guerra, também no Arinos. Os Rikibáktas distinguiram a forma violenta de pacificação entre os seringueiros.

Dia 12. São Francisco Xavier. É o último dia da novena, mas, em vez de súplica, é dia de agradecimento, não inaduso onde o Álimo dos Rikibáktas para a paz.

De manhã, uma chuva passageira afasta a partida. Deve oceção de estreitarmos mais os laços de amizade. Fico entendendo que na véspera ensaiaram para uma festa. Agora vão buscar caco, macaco, coitatu, coitatu. Convidam-me. É questão de quatro dias. Depois vão ao Arinos, pois têm necessidade de ferramentas. Mostram a necessi-

sidade da roça também para as festas. Fazem gastos de beber, comer carne e dançar. Tamatze só a entender claramente que nas festas também há facilidade para mulheres. Iraísem no convite. Penso na demora já além do prazo. Sinto também incerteza do que me possa contar/parar a mim ou do que posso eu aos Rikbáktsa na festa. Resolvo descer logo para o Arinos.

Com meu procedimento inesperado, os Rikbáktsa vão certamente fazendo a idéia de ser eu algo até muito diferente, se não for mesmo um grande chefe, um portador de forças ocultas. Minhas expedições a modo rélimpago, estendendo-se por todos os grupos, confirmam essas poucas suas idéias entre os Rikbáktsa. Concordam que leve dois ou três conigo. Pensando ainda que eu voltaria para a festa, decidem adiá-la. Sou tratado como pessoa que procura os Rikbáktsa, para negociar a paz, e colaborarem comigo.

Mais repousos ganham as simpatias. São índios também entre índios. Peno que não saibam explorar essa vantagem. Nem mostram muito orgulho indígena. Algumas coisas fazem, por exemplo entrarem na competição do arco. Aloram as flechas tão alto, que causam admiração entre os Rikbáktsa. Tuviníqui, sempre reservado, tira da arco e manda a flecha mais alto ainda. Os Rikbáktsa apelam para o grande Tuberata, a fim de tirar a reisca. E, para dizer verdade, não supera a Tuviníqui. A vitória é um sucesso. Mário Medeiros, por sua vez, de índole expansiva, caiu na seu modo.

Jogo a mochila da costela. Os Rikbáktsa me ajudam a ajárá-la. Desta vez, ao contrário de roubar, nos trazem os objetos esquecidos. É verdade que demora a entender que fazemos questão de propriedade. O sucesso, porém, nasce da amizade, que começo a brotar. À última hora, troco uma bacinha de guerra por duas feijinhos, com liso. Dão-me um jacominzinho, pois deixei o cachorinho malhado para Alco-ô.

Pego o bonal, a bugina amarrada à corabina e o jacominzinho e me afanco. Alguns acompanham até a encruzilhada, entre eles o cacique Ibo. Tuberata e Kigbi vão mais adiante, até à grande encruzilhada. Materescutipá, Tamatze e Aundo, este seguidil de mulher, curitado e crienga, seguem até a roça nova. Aundo sempre facilita as passagens, no que pode, sugerindo melhores travessias.

Às 14 hs., na roça nova, não há comida preparada. Tamatze esconde um macaco na primeira flechada e Kigbi trapa altissimo para tirar o macaco moribundo, preso a um galho. Assamo-lo, para fazer companhia ao milho torrado e castanha.

Entre conversas e preparativos para a jornada, percebo que Materescutipá, Tamatze e Aundo me acompanharia ao Arinos. Aundo e Tamatze parecem solteiros ou noivos. Os Rikbáktsa dormem em pequenas redes. Materescutipá pergunta se no Arinos encontrarei rede. Respondo categoricamente que não.

Chove forte.

#### 19.4. CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE TRISTEZAS

Dia 13 de março de 1958. Saímos com dia claro ameaçando chuva. Tamarate leva arco e flecha. Só traja faixa e a corda abdominal. Tira o batoque e me dá a meu pedido. Na volta fomos cutro. Os dois outros vêm sem armas. Aundo traz o facão pendurado às costas. Materocutipá traz só uma faca, do mesmo jeito. Tinham também os brincos de pena e a paixão de colores, ficando apenas com os pendentes de dentes. Tamarate e Aundo ainda não têm calças, mas vestem camisa.

Percorremos algumas vezes o pique. Os Rikbikhs se mostraram mais atinados, para encontrá-lo, que o próprio pessoal que o fez. Pousamos no côrrego do Meio. Tamarate revela-se hábil caçador. Zela pelas flechas, empunhando-as em reservá-las, depois de cada ação. Tupi, nas passagens dos côrregos, sai três vezes nágua, cego no calor da caçada. Não repara em nada: vai aos trambolhões.

Materocutipá nem Tamarate trazem rede. Jogam uma cartada para conseguirem as cobrigadas civilizadas. Não goste, pois, mal recebam uma, logo, em alvoroco, todos das aldeias quererão nossas redes. E recomendemo que trouxesssem rede. Ajudamos os Rikbikhs a fazerem cães de varas, debaixo de nossos plásticos, forrando-as com folhas de pacova.

Temos caça abundante: dois jacus e dois macacos, mas fomos perdidos muitos tiros. Materocutipá abusa do sol e sofreu uma diarréia, que dá até pena de ver o rapaz. Não aparece outra enfermidade. Desde o primeiro contato, evitamos o possível os contágios.

Dia 14. Materocutipá maltratado com a diarréia fica para trás e volta à aldeia. Saímos cedo já com um macaco caçado. Meu pessoal, cansado, indisciplinado e imitadigo, dí que fazer. Os dois Rikbikhs descam firmes e sem o menor receio.

Da tarde, damos no banhado do galho do Serari. Atravessamo-lo junto à barra no Serari. Entramos o caminho. Temos de atravessar um banhado. Tuvílqui passa seis vezes a nado, com bagagem e fendas. Xiruendi descobre um pau caído. Com mais dois, sai um pinguela de 10 a 12 metros de comprido. A pinzeira sai em cima de nós, impiedosamente.

Tinham rumo pela mata suja e saímos na estrada-mestre da seringa, que vai, por uma légua aproximadamente, beirando o Arinos, até o barracão de José Rosa, o melhor trecho de mata que encontrai para andar. Mesmo assim alguns trechos mergulham debelito dágua.

No sertão, ensinarmos aos dois Rikbikhs que nesse tempo de muita chuva não se tira borrechão. Mostramos as seringueiras armadas para o serviço. Aprendem a não tirar os canecos nem massar com elas. Os dois, depois da aula, vão aponhando as seringueiras do caminho. Vou à frente, os dois logo atrás de mim. Nas proximidades do barracão damos tiros e gritamos:

— "Olá, aqui Conselho!"

Os dois não conseguem tirar a voz da garganta. Nem é para menino. Até eu me surpreendo com a quantidade de gente no barreiro. E, além da lava já no barreiro, nesse mesmo horo aponta ainda José Rosa com mais uma turma. Contraste paradoxal: os seringueiros de um lado e nós de outro.

A turma de seringueiros que espessa no barreiro se tinha entre-gado aos excessos de bebida. Na nova turma que chega, seringueiros desavindos entre si defrontavam-se até o ponto de luta física. A maior parte dos seringueiros ostenta certo descaso, ao ver os dois Rikibiktsa. Nós, sujos, encharcados d'água, os dois Rikibiktsa sem graça, no distanc de roupa mal talhada, sem o ajeite característico. Aundo vago, Tamatez de aspecto decente não traduzem, em nada, a pericia de flecheiros e batedores da mata. O enorme rancho no lobulo dilatado da orelha, sem batoque, desfigura.

Ao chegar perto dos seringueiros, excitado e com medo, Tamatez tartamudeia colas ininteligíveis.

Assim se dí, pois, o encontro pacífico com os seringueiros, tantas vezes tentado pelos Rikibiktsa, quanta frustrado. Tomo os dois pelas mãos, avongo para o meio dos seringueiros e alto a voz:

— "Conselho bom! Seringueiro bom!"

José Rosa, inconfundível na cordialidade, expande-se satisfeitosmo:

— "Agora mesmo cheguei. Não poderíamos ter melhor encontro!"

Todas as dependências regurgitavam de gente. Fazemos um acampamento à beira do mar. Também assim evitaremos o contágio, longe da convivência maciça de seringueiros gripados. Nesse tempo grama e "caíotic" em Colabá. Mário Medeiros pousa no barreiro.

Só com o escuro assseguramo. Não faltam oferecimentos de refeição e café. Louro logo nos prová com abóbora e mandioca. No acampamento, ocupante os trilhos plásticos, dois em cada um. Aundo se suspende na rede e Tamatez se deita sobre uma lonja velha estirada no chão. Chegam as visitas. Aundo oferece um braço de coentá a um. O jacu-goela se vai. Os seringueiros, em compassão, abanotaram os Rikibiktsa de mandioca.

Dia 13. Fogo a barba. A missa conta com pouca assistência. Onde se situa o altar e parte das minhas colas, pousam os de má vida. As canas do caso da Suzana e do Evangelho de adulterio caem em terra própria, mas não propício.

Uma turma de seringueiros viajaria cedo para as estradas. Insto em que esperem pelo domingo, dia seguinte, pois aconteceria a solenidade da confraternização entre seringueiros e Rikibiktsa. É um ponto de honra da turma da pacificação. Nunca convidaram. Poi para pior. Alguns continuam na bebedeira. Explode a discussão entre José Mineiro e outro seringueiro, por sinal, meu amigo.

Sentado eu no berço, perto da porta lateral, onde se entra para a minha sala e meu depósito, sem porta nem paredes, José Mirante passa rente de mim, como de corrida. Onde dispara de revólver. Olho. Dou com a luz no cano e um rosto incendiado de fúria. Tenho a impressão de que os tiros vêm para mim, mas os impactos somem no corpo do infeliz. Ele queria sair pela porta lateral e cai à minha frente. Não sei como, quando dou fit, estou na arena, cara à cara com o assassino:

— "Por amor de Deus, não faça isso, Cavaldo!" — Quero inibe-lá mil, pois coloca novo cargo na selvageria. Seu olhar repulsivo me assusta que pode virar-se contra mim. Parece querer atirar na companheira do caido, que o ampara entre os braços. Só suplico e, não sei como, cai em si:

— "Pois eu também sou filho da família. Não faça mal a ninguém. Mas este me provocou!"

Vêm outros e insistem com o homem às boas.

— "Ele levantou?!" — pergunta de repente, quando forrar a elirer.

Outro inimigo de baileado lhe dá, além do já recebido, uma cutilada na cabeça e descarrega o revólver sobre ela. Dias então fore provocado com tiros, em questão de família, e agora acaba com ela.

Nessa hora me lembro da União dos Enfermos. Dou-a. Fecho-lhe os olhos para sempre.

A hora dos tiros, Tuvilíqui estava sentado a meu lado, quase na direção dos tiros, Xirunai à porta, por onde ia escapar o atacado. Os dois correram desatinados para a roça. E a primeira morte violenta que presencio. Entre compreensão e es calmamentos, tudo se vai compondo.

— "É um caso de sertão" — diz José Rosa.

Não mesmo tende sepultar o cadáver. Rejo as orações da Igreja e digo as palavras que o caso pede. Os Rikbáktis não presentiam o fato. Vão depois soltar e ver a sepultura.

Nesse acampamento, num porto de cearas, quase defronte do rancho de Louro e sua família, está exposto a certo movimento. Recebo visitas sem ônus. Os siringueiros acham por criar Idéia de Importância dos Rikbáktis em nosso meio.

Dia 16, domingo. Missa no barracão, com grande assistência. Também os Rikbáktis presentiam a cerimônia. Mais uma vez verifica o efeito salutar do silêncio religioso, quebrado apenas por palavras sagradas, sem muita explicação.

No confraternização, José Rosa, juntamente com Aundó, içam a bandeira da pacificação. No hino, os siringueiros guardam respeitoso silêncio.

Recapítulo a guerra e os trabalhos de pacificação de março de 1958 a março de 1959. Digo que talvez estejam aqui os que fizeram o homem baileado na véspera. Os flechadores eram desta

turma de Alco. A. Explique que não se trata de fazer os Rikbaktsa invadir as fábricas e estabelecimentos; é liberdade de trabalhar, respeitando os trabalhadores.

Precorri o uso das cerchas como demonstração de amizade. Todos acelam as cerchas com entusiasmo. É quando os próprios Rikbaktsa, espontaneamente, começam a colocá-las nos peitos dos seringueiros, dizendo:

— 'Cancéiro bom! Seringueiro bom!'

Uma turma partiu para o Juruena obaivo. Os dois Rikbaktsa sentem-se bem entre os restantes. Todos agora lhes dispensam simpatia.

José Rosa não é mais arrendatário desse perto do veringal. Vai ultimar interesses. Ficará agora mais perto da família. Davido é preso de Cláudino, por ter matado um aringueiro, ainda administra essa seção, a pedido de Benedito Bruno, até vir outro. Mesmo sem ordem expressa de Benedito Bruno, prontifica-se a fornecer nossa turma de pacificação este ano.

Não termino a correspondência e a chuva da noite me immobiliza no acampamento do moto. Aqui no acampamento, a convivência dos índios recai sobre mulheres. Tamatza, entre outras coisas, assegura aos meus que, nos dias de festa, haverá mulheres para eles. Em tudo isso, meus rapazes, apesar dos muitos riscos, desaprovam e castigam as palavras e gestos inequívocos de Tamatza.

Dia 17. José Rosa leva só acima os coletores. Com isso, sobra para mim algum mentimento, enquanto providencia pelo futuro.

Antes de partir faço uma declaração pública: entrego-me um dos ranchos para os trabalhos com os Rikbaktsa. Ofereço também, por décimos, a festa esoterica, com exceção do arroz, pois este será colhido por Louro. Assim, tenho uma base provisória de trabalho. Percebo como eliminar os plumbos.

Depois da saída da lancha de José Rosa, entro no rancho. Limparam. Baldeamos para ele todos os pertences da Turma Volumo de Pacificação, também chamada agora Turma Santo Início. Os dois Rikbaktsa ficam ainda este dia e nos ajudam. Vendo que não voltarei para a festa, procuro persuadir meus rapazes.

Decido orientar e controlar a vida desses índios. Não foi nossa civilização que os corrompeu. São assim. Mas os costumes vazados em moldes de compreensão diferentes dos nossos precisam de tratamento objetivo.

Dia 18. Os Rikbaktsa voltam à aldeia. Até à última hora esperam que vamo com eles. Suspeito que a festa, pelo menos em parte, seria dedicada a nós. Pouco compreendem do que digo: que desceremos o Arinca, subiremos o Juruena, iremos às aldeias deles, lá tomaremos uns dois companheiros e iremos depois encontrar-nos com os Rikbaktsa do Rio do Sangue. Digo que não devem voltar ao pátio Santa Rosa, antes de completar uma luta.

Prevejo que a organização tribal afrouxará depressa. Então à vista o choque dos padrões culturais tribais e das civilizadas, ainda mais em se tratando de siringueiros. A contaminação, a transmissão de enfermidades graves não se fazem esperar. Urge amenizar as crises.

Dia 19. Depois da missa, inauguramos a sede da Turna do Santo Inácio, sob a proteção de São José. É o posto Santa Rosa.

Dia 21. Celestem a "Yana". Padego da clássica. Tupni farta lombbrigueiro. Mário Medeiros e Tuváqui lutam com a maléita. Ximunzi sente-se doente não sabe de quê, mas reage em vilo esperou encontrar a sua irmã ou prima-irmã rapida pelas Rikbáktas. Até o dia 26, preparo a fala com os Rikbáktas do Sengue.

## 20. BRINDES PARA OS RIKBÁKTSAS DO SANGUE

### 20.1. FAIHAM OS RIKBÁKTSAS DO ESPÍRITO

Dia 26 de março de 1958. Saio ao meio-dia, logo depois da uma chuva, para Ibuscú, no espigão Arinco-Juruena, com parceiros rikbáktas para a expedição ao Sengue. Vêm comigo. Ximunzi como motorista auxiliar, Tupni como cozinheiro, Tuváqui, Mário Medeiros, os Kayabi Yuroni e Pirkari. Os meninos Aná, de 13 anos, e Xavá, de 11, também Kayabi, vão para o internato de Utiariti. A última hora, contrata Roberto Machado Pacheco, como profissional auxiliar. Passaremos na barra do Arinco, na fozaria Estrela do Oriente de Pedro Amazonas. Fazendo a comitiva, dobrando a volta para se aprimorar, descrente de todos e frente aos canecos fundos pelos Rikbáktas — apesar de tudo, prova ter fô.

— "Primeiro de tudo e em tudo sempre Deus!"

Dia 27. Cedo chego o Juruena até à fozaria de Manellio e Abel. Encanecam estrada, molhados até o pescoço, atravessando banhados fundos de beira-rio. Um dia.

— "Vamos fazendo já este trabalho, para poder começar logo a tirar borracha. Este ano, se Deus quiser, vou fazer um dinheiro!"

Pedem Analém para malária. Dou-lhes ainda ondolis e chá de mate. Um dia:

— "Dos índios só não tenho recato!"

De tarde, defronte da ilha de Luís Gomes, visita Luís Paráiba na margem direita. Monel Clemerne, pernambucano, recebe-nos. Sai da rede quando, com febre maléita, para nos fazer café. Faz questão disso. Informam-me de que no rio do Sengue os siringueiros receberam ordem de entregar 10 toneladas de borracha em novembro. Por isso fugiram na embarcação "Cora Dura". Na falta de vivas, um cachorro morreu de fome. Completei assim as informações do ano anterior.

Dia 28. Mário Medeiros e Ximunzi com maléita. Acima da água, o sol abrasador. As 16 hs. aportamos no Cajuzinho.

Dia 29. Mário Medeiros e Xirunai ficam no acampamento com os meninos. Os demais caminharam de aldeias.

Dia 30. Domingo de Ramos. O ambiente da selva ajuda-nos a recolher a semente e a vontade. Cai bem a aplicação da festa e mistérios. É uma graça de Deus receber a primeira explicação da Patrícia nestas árvores.

Salmo às 8 hs. Às portas da Aldeia do Centro, surge de umas moitas, com um feixe de mungauz na millo, Aundo. Chamou:

— "Olá, Canoeiro!"

Alegre, dí-me um Irixé é outro a Jeroni. Fica impressionado com a telugem do rosto e o cabelo comprido de Jeroni. Aundo, em 20 minutos, levou-nos à Aldeia Grande, com seis passageiros: díguia.

— "Olá, Canoeiro, aqui padre!" — gritou.

Homens respondem e gritam dentro da casa. O mais digno sempre precede. Mengulho então dentro da casa. Encontro três desconhecidos, em companhia dos velhos amigos. Ixo sua e cheira a diarréia. Consideram-me e tentar e apresentam mungau, castanha e milho torrado. Acho, é vem logo, um tanto abatido.

No fogo, um mungau de castanha mostra pouca carne. Apesar de pronto, metem o dedo ou um sabugo no mungau e lambem. Troco de roupa. Cai uma pincada de churras.

Dou suíte em água a Ixo. Aceita a drage com desconfiança. Aundo anima-o a tomar. Outros, abatidos com diarréia, dor de cabeça e tosse. Muito lirigalda a milie de Nipó e Voca. Maturo mel com melé desse de sálvia para uma criança de peito, com febre e diarréia. A milie quer tomar em lugar da criança. Melhor assimada, dí-lhe certo o remédio. A criança ficou curada.

Cinco caçadores desconhecidos meus chegam. Falam alguma conhecidos das outras vezes. A caça e a pesca pouco rendem: dois ou três embrechos de lambaní, a tripa de um pássaro e um jacu. Têm este, magro, vai à pesca. O pai da criança doente trouxe o jacu. Chega com um chapéu velho da costela. De movimentos decididos, olha-nos de relance, cara de pouco amigo. Dá ordens. Logo depois se agradece de nós. Dá-nos um pedaço do jacu e de sálvia presentear com uma panela de mungau grosso de castanha. Naturalmente soube que eu estava curando a sua criança.

Tocam flauta e dançam. A mulher do caçador do jacu é quem serve mungau nos pares. Sua filha Tumoma ajuda.

Arramamos as redes sem muita cerimônia no rancho dos homens, fazendo alguma se apartarem: somos 14 pessoas. A conversa correu pela nossa chegada e caminho andado. Mostram a curiosidade inconfundível de sempre e dessa vez fizeram pedidos com mais insistência e repararam em tudo.

Dia 31. De madrugada, guardam as redes, sentam numa roda e conversam. Comem, mal aparece alguma coisa. Muita comida vem da casa grande. Não receberam quase nada para comer. Temperam

as flechas no fogo. Espero que reine uma funda solidariedade entre os Rikbáktua e esteito apago à casa.

Cedo ainda saem os caçadores. Fico com os dois Kayabi. Os mais saem junto com os Rikbáktua. Tamaize fica comigo. Exponho ao sol os meus apetrechos. Ajudam-me e dão palpites. Converso, tentando aprender a língua.

Proponho e fromo a repetir que Tamaize é mais outro me acompanhém ao rio do Sangue, para falarmos com os Rikbáktua de Ié. Digo que em Utariiti temos um menino Rikbáktua da tribo do Sangue. Insistem em que eu visite os desentes da casa grande. Visito à tarde. Cinco famílias estão deitadas nas redes. Destacam-se Ixo, para o lado do Norte e Aiko, é, ao lado dela, ocupando todo o meio. A mulher de um presumido jovem cacoque parece ocupar sempre o mesmo lugar com a família. Cada um dirige a mim poucas palavras referem o parentesco. Acabam o medicamento que dou, mas a mulher de Aiko é deita fora o comprimido de modo deslrgado.

Já mata à tarde, as crianças brincam gritando: "Atapúla!" Ixo corta o cabelo de Tamaize.

Os caçadores chegam em horas diferentes. Os meus rapazes já estão de volta pela meia-tarde, cansados e aborrecidos. Os outros só chegam com a luz do escurecer, com dois porcos. O jovem, que suponho seja o capitão, matou um porco. Trazem as cabeças e parte das entranhas. Começo à medida em que os assados vão chegando ao ponto. Fervem as duas cabeças em duas panelas. O ôrgão das cabeças se dá em separado. Não se come tudo e as cabeças reformam as panelas. Converso sobre a pacificação do Sangue e recolhamo-nos.

Dia 1.<sup>o</sup> de abril. Os Rikbáktua madrugam. Comemos cabeça de porco. Só ao meio-dia me oferecem um miolo bem cozinhado. Meus rapazes não esperam por mim e vão para o porto. Alguns Rikbáktua vão atrás. Outros estranharam. Digo que saem a caçar. Fico só com Roberto. Mostram ornatos da festa desconhecidos para mim. Guardam em sacos de couro. Falam de moshua.

Tamaize, depois do meio-dia, tira um espelho grande de um saco e se pinta. Logo dou fô de que não me acompanharia. Confiem-me amarrar a rede. Dou a entender que parto esta tarde. Conversam entre si e combinam. Tamaize diz que me acompanha. Inicia o motor de popa. Começa a planejar coisas que não dão bem no meu programa. Digo que não desço o rio, mas iubô. Desorientam-na, por sua vez, e reina a confusão.

Pego a mochila. Trazem para mim e Roberto um mingau de castanha com carne de porco. Parece, vem sangue junto. A comida vem numa panela de barro com uma espiga de milho torrado dentro. O capitão, jovem, no começo, come conosco. Ixo, o capitão, jovem e Aundo acompanham-no um trecho. Ficam com saudade. Querem saber e digo que estarei de volta dentro de uma lua e logo esperam na Pista Santa Rose, no Arinos. Despedem-se penarco.

Animado na marcha, seu desmedido e a maleita começa a aparecer. Parto da aldeia da Galinha encontramos o Rikibiktsa da cara japonesa, cabeça raspada e orelha amarrancheda, com uma cesta cheia de bananas. Presenteia-me com algumas. Dou-lhe uma latinha para servir do caneco. Reforma a dar-me outro tanto de banana. Explica que Tamatez vai convidar duas turmas para a festa: uma de baixo e outra de cima. Todos desejam que eu esteja presente na confraternização com os índios ainda meus desconhecidos.

No Aldeia do Milho, antes do pôr do sol, encontro meus companheiros. Dependuram-se nas redas. Tupai sofre da maleita. Tuvalíqui busca uma lata dágua. Junorí capou sem nadie meter. Arrancaram um pé de mendicó e assamem. A cobertura da casa, com o capelo da cumeeira quase todo caído, deixa a lareira inteira.

Relatando nos acontecimentos, vejo que, em toda essa visita, meu procedimento independente causou respeito, mas também pesar, pois esperam que sincera amizade se retrubua com amizade. Tratam-me com distinção à espera de algo que, no momento, não posso entender qual seja. Vejo que a pacificação assadumecida ainda entre os Rikibiktsa do Arinos. A nova situação de contato com os brancos começa a fazer parte da sua vida e interesses. Espero que se integrem no meu esforço pacificador, passando adiante a mensagem de paz.

Dia 2. Tupai e Piricatu com maleita. No porto jantam abóbora e um robalo da hora.

### 20.2. PRIMEIRO MOTOR DE POPA NO RIO DO SANGUE

Dia 3 de abril. Saímos com o motor em mão esticado, em dia nublado e vento fraco. A "Santa Cruz" vai rebocada com corda comprida. À noite, Piricatu, com dissenteria e abatido, amarra a rede ao pé da minha.

Dia 4. Sexta-feira Santa. Faltamos. De manhã, rezamos o relato de Paitó. A chuva impede outros atos de piedade.

Dia 5. Sábado Santa. Cristo é o maior pacificador do mundo.

No cachoeira da Praia, a corredeira de ondas alta nos pega, rebuça a popa, quase sufocando o motor. A canoa "Santa Cruz", alagada, força a rebenta a corda e se prende numa pedra do ribeiro. No desastre, o pessoal tira a roupa e pula água. Xauá agarra-se num timbor e desce o rio. Os companheiros gritam e Xauá larga e nada para a praia, a 100 metros de nós.

Sacamos a "Yara" e descemos a recolher o que sobreviveu; tembores, um lenço e coisões insignificantes. Vou remontando da novo o rio, quando quatro naufragos acenam na margem. Recolhemos todos. Perdemos espingardas, alguma roupa e vaillharm de cozinha. Tupai e Tuvalíqui não largaram suas malas. Sob ameaça de chuva armamos acampamento. Algo desce o rio, quase totalmente submerso: rágua; a canoa "Santa Cruz", pelo que vimos depois, perdeu-se rio abaixo, quase ao escurecer.

Dia 6, Domingo de Páscoa. Acordamos pesados. Com a farinha molhada fizemos uma fritada em lata, em vez de pãezinhos. No ato religioso rezamos. Rei vitorioso, tende piedade de nós!

A roupa é rôde, poésia ao sol, voltam a molhar-se com um chuvitico. Mas já estamos mais ensopados no almoço. Matamos três gavilas e pegarmos pescatinhos. Assí poucos volta o ânimo para reencontrarmos a viagem. Xauá passa febre.

Dia 7. Agora a "Yara" leva 1.500 kg. Pousamos bem de trás do pousio de dois dias atrás, na ponta da barra do Sengue. Agora vamos inaugurar uma navegação a motor.

Dia 8. Saímos só com o café no estômago. Almoçamos às 11 hs. A expedição é numerosa demais e as bocas de fogo de menos. Também nascia a ceia. O dia magnífico case-se com a água, da linda azul.

Às 14 hs., a primeira dificuldade com os companheiros. Xunum quer andar por terra. Não há canal franco por parte nenhuma. Levando por terra a bagagem, até um ponto seguro de navegação, futtonos para arrepiar o barco 15 a 20 metros sobre pedras lisas e limpos.

Mais adiante, num braço, abordamos mal. A corrente carrega-nos. O barco engancha num pau, em pleno jato d'água. Dois não conseguem estender a corda até a margem. Errandonos mais uma linhadão de pesca de nylon, puxamos a corda e arrancamos o barco à vive força.

Nunca posso, em moto limpo, fazer o último feijão, que mereça nome, pois entra agora o duro e meio podre dos siringueiros e assim mesmo racionado. Ané vence uma malitia.

Dia 9. Ordenei que andem da dota a dota. Dou instruções, pois penetraram na região dos Rikibiktsa não pacificados. No café, o último Nutriçu.

Chove. Com o barco amarrado num galho, mal e mal nos abrigamos. O siringado trabalhado nas duas faces apodrecerá com menos de meio ano de uso. Chegamos à cachoeira dos Patos ou Roncador. Examinamos o lugar. Attravessemos um banhadiço de água até o passoco e chegamos ao rancho já conhecido de meio ano. Melhorarmos o abrigo com uma linha nova e estendemos por dentro siringados e plásticos. Descarregamos a canoa, cozinharmos, já dois dias sem pão.

Xauá quase não come, maleitosa e mal acostumado ao misto modo de alimentação. Yuroni pega um pacu e come sotinho.

Dia 10. Uns saíram animados à pesca. Outros melhoraram o pousio e vamos ver os trezentos metros de chão, por onde arrastaremos o barco. Em tempo de seca, com menos água, é preciso passar no seco mil metros.

A pescaria retrata o evangelho da semenza, pois todas as linhas rebentam e quase nada rendemos. Revisto o motor a círculo da gasolina. De tarde, outra turma deixa o barco preparado para ser

arrastado por terra. A pesca só nos dá um matrinchil, um peixe e um lamberdinho. O pessoal desaponta e se revolta. Como sempre, a bandeira da pacificação paseja no ar.

Aqui encantamos o trecho de exploração do rio, para barco a motor, onde meu ponto 10/12 é o primeiro a revolver as Águas do Sangue.

### 20.3. A UTRARITI PELO SERINGAL EM CRISE

Dia 11 de abril. Na cozinha, vamos ao último recurso: uma fata de Nascotá. Preparando o líquido, explico que Cristo está metida na pacificação. Assim deu ordem ao padre para andar no mundo e convidar todos a viverem como compenheiros.

Levamos a carga pesada mais de um quilômetro rumo acima. Empurramos a barca sobre paus soltos. Tenho que exigir, para não quebrarem o barco com os arranços, pois tem o fundo fraco. Tudo corre bem. Felizmente, o afluxo não é muito pronunciado. Depois do almoço, transportamos o resto da carga. Detalhe no acampamento: aperte a serifa. Estas sedentáceas são procuradas pelos Rikbaktsa, por causa dos regatários para os flautões das festas.

Pelas 14 h., com tempo bonito, reencostamo a viagem. Subimos na zinga um canal liso e entramos no trecho do rio onde começa a despenhar a cachoeira. O rio cai violentamente e se divide em dois ramos: o maior volumoso desce pela direita. Do nosso lado, com menos água, a carga desgrava despeja em dois outros galhos, agitando de ambos os lados uma ilha.

Aciono o motor no ramo do lado a, ao entrar na correnteza forte, a canoa desgrava toma conta do barco, virá a proa corrente abaixo, quase arrancando o motor do espelho da popa, pois eu me esquecera de apertar os parafusos de fixação. Felizmente o barco desce em linha reta no fio das duas correntes, ficando a proa na ilha. Momentos de angústia tomam conta de nós, sendo impossível usar a corda, quase impossível virar a proa para cima e pôr de brago. O Roncador gargalha grosso embate de nós.

Quatro desceram à água e os mais firmaram as zingas de dentro do barco. A vivo pulo rodaram a canoa e metemos a proa para cima. O motor não pegou. Trocou rapidamente as velas, enquanto o barco é sustentado a músculos tensos. Puxo a corda e o barco rompe a água.

Dois dos que seguram o barco da parte de fora pulam dentro. Tuvalíqui e Pirisatu não conseguiram. Volto com o barco para o remenso de antes. Os dois retardatários por próprio risco, sem os companheiros nada poderem fazer, atravessam o esguicho de Água do canal do despenhadeiro, agorrendo-se em galho, cipó e pedras. O sol já renteia com o horizonte, quando os dois são resgatados com alegria nublada no acampamento. Mário Medeiros, no auge da fadiga, faz uma promessa a Nossa Senhora. Bem que me lembro dela,

mes não promete nada, pois não sei o que oferecer, nem se é razoável forçar a Deus. Peço a Deus que nos alivie nesta semana de Páscoa tão atribulada.

Tompo a repetir a operação para subir o rio. Tumicui e Yuroni, percebendo a força da correnteza crescer contra o barco, pulam négua. O barco, perigosamente adernado a estibordo e emborcando de obliquio na corrente, vence. Pousamos num acampamento antigo, pouco acima. Os dois chegam pouco depois. Sóristos, contemplamos o rio manso para cima e as terras das Rikbaktsa à nossa frente, do outro lado do rio. Mas o passo não vai Rikbaktsa e quer chegar logo a casa. Impressiona-me nesta hora a lembrança dos seringueiros e a penetração deste sertão. Arroiam as bocas dos cachoeiros, as feras, os índios, a fome, as doenças, o ambiente cru, a solidão. Renovam a espécie dos bondirantes. Se em Cuiabá ou outra cidade matto-grossense levantarem um monumento ao sertanista, nela não poderia faltar o seringueiro. É obrigação assistir esse povo humilde, sanitária e socialmente. O padre não pode omitir-se. O mínimo a fazer é participar da sua vida rude.

Dia 12. Apontamos no barracão Santo Antônio. Frente à grande roça de milho, arroz e mandioca e mais de vinte galinhas, sentimo o primeiro lugar de recurso. Mas a alegria dura pouco. Os quatro seringueiros daqui passaram já das molas sem sol nem banho e quase outro tanto sem açúcar nem café. Perderam todos os anelis e se valem de arame grosso e corda de punho de rede. Com esses apetrechos improvisados, tinham levado para a cozinha quatro robâfias durante a noite passada. Com medo aos índios, não contam seringa. O serviço de assistência parou, quando o motor do siringal foi para Cuiabá, a conserto: nuns maiores voltos. Mandei Adão:

— "Eu às vezes falo palavras duras, mas isto é só nequela hora."

Não aceitou convites. Prefere manter o posto pelo qual se responsabilizou.

Entramos num troca-troca fraternal. Recebemos arroz e abóbora. Informam que, mais para baixo, os índios quinzenalmente atravessam o rio, imitam pásaros, principalmente jabá e jacumim. Para não dar na vista dos seringueiros, dão volta pelo rio, tomado por um córrego não longe daqui.

Os cursos d'água e os caminhos de Rikbaktsa que os missionários da Sul-Agrícola encontram, mostram que os Rikbaktsa daqui se comunicam com os grupos do Arinos. Colocamos brindes nos portos dos índios de baixo, junto com as senhas de pacificação. Os Kayabi melhoram de saúde com a nova alimentação. Digo missa para os abandonados seringueiros.

Dia 13, domingo. Faz hoje um ano que foi fundado este barracão. Partimos pelas 13 hs. Passamos pelas feitorias abandonadas Sete de Setembro, São Luís, Belo Vista. Ao entardecer, subiu-se o céu. Uma chuvinha intermitente, com vento, molhou o motor. A noite chegamos à feitoria abandonada do final do Proctópia.

Rompemos mato fechado, para alcançar o rancho. Estendemos plásticos e siringados debaixo da palha desfeita da colher. No minúsculo espaço, dominado pelo fogóicinho, as rodas se entreclocam. Ocupamos a turimba onde Procópio morreu flechado. Num calor escuro lutamos com os mosquitos. As palmadas sobre a pele, para esmagar os chupa-chupas, não param toda a noite. Nem podemos conciliar o sono, onde a memória de Procópio, flechado aqui mesmo, nos acompanha.

Dia 14. Passamos as três últimas feitorias abandonadas por meio aos índios: Monte Alto, Bom Sucesso, Progresso. Pousamos na boca dum banhado.

Dia 15. Pelas 9 hr. entramos no rio Craveri. Este regiço já é dos índios Minkis. Xirunzi e Tupi se animam. Xirunzi cava um passano e diz:

— "Uikené é um pássaro que cante na nossa terra."

Ao 14 hr. entramos no Tenente Noronha. Os galhos decapados em quantidade contêm o trabalho dos que abriram a navegação. Mais tarde, encontramos uma águia encachoeirada e logo depois a barra do Diolicinho. Fazendo o último arroz já com açúcar, na falta de sal. Café à vontade.

Dia 16. Seguindo o conselho de Mancal Paz, deixamos o Tenente Noronha, rompemos pelo Diolicinho, à direita, curso de água mais curto. O córrego estreito, curvas apertadas, pauzinhos nos obrigam a acrobacias por entre mordidas de formiga e ferrejões de marimbondos. Por fim, pauzinhos travam a navegação. Vem a luta de cortar troncos e galhos, limpar, para sofrer na perda de um motor encanegrido. Por felicidade queremos apenas um pino, a duzentas metros oprees do porto final.

Dia 17. Guardamos em terra o material em cima de jiras, encadeamos o barco, metemos no estômago uma comida sem sal, batemos a trilha da carnição, invadido de mato. Xaxi vai na frente. Por fim, para a feitoria de Natalício, uma ponte caprichada faz a travessia do córrego.

No fute de café, Natalício recebe-nos amigavelmente com sabonoso chá de ananás. Espera a carnição da firma, de um dia para outro. Passamos noite transparente e fresca.

Dia 18. Batemos cedo o sítio no capim da estrada, já mais aberta. O cendró vegetal mudou para campos e cerrados. Pelas 11 hr., já noticiamo ao barreiro Nelson Serra Dantas que os quatro seringueiros do barreiro, dados por mortos, ainda vivem, se bem que na mais miseranda agravura. Nelson cerca-nos hospitalariamente do conforto do sertão.

Dia 21. Tuvilqui, Xirunzi e Tupi põem-se a medir os 180 km da estrada, a pé, para chegarem a Ulianí, levando missivas um telegrama a ser transmitido ao seringalista Pedro Laurindo, em Cuiabá; um pedido ao padre Henrique, em Ulianí, de um veículo para a Terra Volante de Pacificação.

Os seringueiros, testemunhas oculares da guerra ribábikta do Rio do Sengue, relatam-me fortemente acorrimentos.

O tempo se firma, dando a impressão de entrar na seca anual. Os Kayabi melhoram de saúde. O barreiro na beira da nascente do São João socorre-se de pequenos roçados. Treze animais carneiros fazem o transporte da parte de cima do seringal. O pasto agrada e dura, desejado do milho, deixa-se escabecido. A criação de porcos e galinhas tenta e não se desenvolve sem o milho. O seringal encerrou o ano com um déficit de um milhão. Nelson, paulista, com quatro meses de gerência, encarrega-se para equilibrar a situação.

Dia 24. Nelson celebra o matrimônio, legitimando uma união de doze anos. O espírito da fé perfuma a singela cerimônia.

Dia 25. Marchamos pacientemente para o barreiro velho. O soleno da madrugada nos molha intensamente e depois o sol nos assa. Os Kayabi, atentos à mata, atrouxam no cerrado. Um seringueiro, ex-policia de Colabá, nos acompanha. Pousamos numa caboceria. Amarró o cordão da rede num pau, quando ouço um ronco surdo. O Ford G 700, da nossa missão, irrompe. O próprio padre Henrique vem buscar-nos. Sô de vista, o caminhão nos enche de satisfação. Os Kayabi não conheciam caminhão. Esperaram-nos grandemente.

Dia 26. Depois de dias no vazio, celebra missa na linha de divisa entre o mundo cristão e o pugio da espontaneidade virgem. O Rei que tudo vence, avassalará também a selva.

Em Utiariti completo 1.457 km de viagem, por rio e estrada, sem contar a navegação pela terra ribábikta.

Saberei depois que, enquanto rumo para Utiariti, os Ribábikta do Arincó vão ao posto Santa Rosa procurar-me. Gritam Canosinho bom e mostram o senho. Felizmente, dão-se por bem tratados. A mendicosa, ali evidentemente, salva a situação. De noite fogoam o depósito, invadem e tiram o que lhes cai na mão, principalmente roupa de mulheres. Louro, incumbido de zelar pelas minhas coisas, no dia seguinte guarda malas e cabeças em sua própria casa. E, no dia 29 de maio, oito Ribábikta aparecem no posto, com roupa de mulher, causando não pequena hilaridade e confusão, enquanto outras, no mesmo dia, no morrinho ao fundo de roça, buzinam, gritam e voltam ao mato. Estes visitas transformam a vida das duas famílias do barreiro, ainda mais que Louro tinha um recém-nascido debaixo de mosquitos, para o defender dos piões.

Permanego em Utiariti até o dia 2 de junho. O Irmão Basílio Garcia fabrica um carretão para o transporte de barco no Roncador.

#### 30.4. ENCONTROS FUGAZES COM OS RIBBARTSA DO SANGUE

Dia 2 de junho de 1958. Parto de Utiariti com os Kayabi Yucori e Aná; o Mônico André Caloi; os brancos Roberto Pacheco Machado e Joaquim Batista. Joaquim, pratico do Rio do Sengue e conhecedor

do movimento dos índios neste rio, trabalha para Pedro Laurindo como diariista. O irmão Ildoro Laranjeira pacientemente nos leva ao porto Biolândia. O pessoal mal pode segurar-se por cima da carga do Unimog, pois o caminho incomoda a todos.

O barreiro ao porto no Biolândia, o trecho é impraticável. Já escuro, atolamos e no escuro descarregamos o Unimog, consentâmos os buracos com estiva, salmos, carregamos o veículo e chegamos.

Dia 5. Corpo de Deus. Ao meio-dia, partimos de Ilúvia. Entre os cristãos, o povo se prepara para o próximo do Corpo de Deus. Cristo anda conosco, pelo poder do sacerdote. Como sacerdote, tenho um compromisso.

O rio baixou. Mais vezes é necessário descarregar o barco, passar a carga a ombro, por terra, dando volta ao obstáculo, levar a canoa à corda, pela água nua, recompor a carga. Ainda bem que são trechos curtos.

Dia 6. Pousamos pouco abaixo da ilha do Mutum. Yuroni, bom no arco e na arma de fogo, para não declarar o nome do lugar, abate um mutum, primeira caça da viagem.

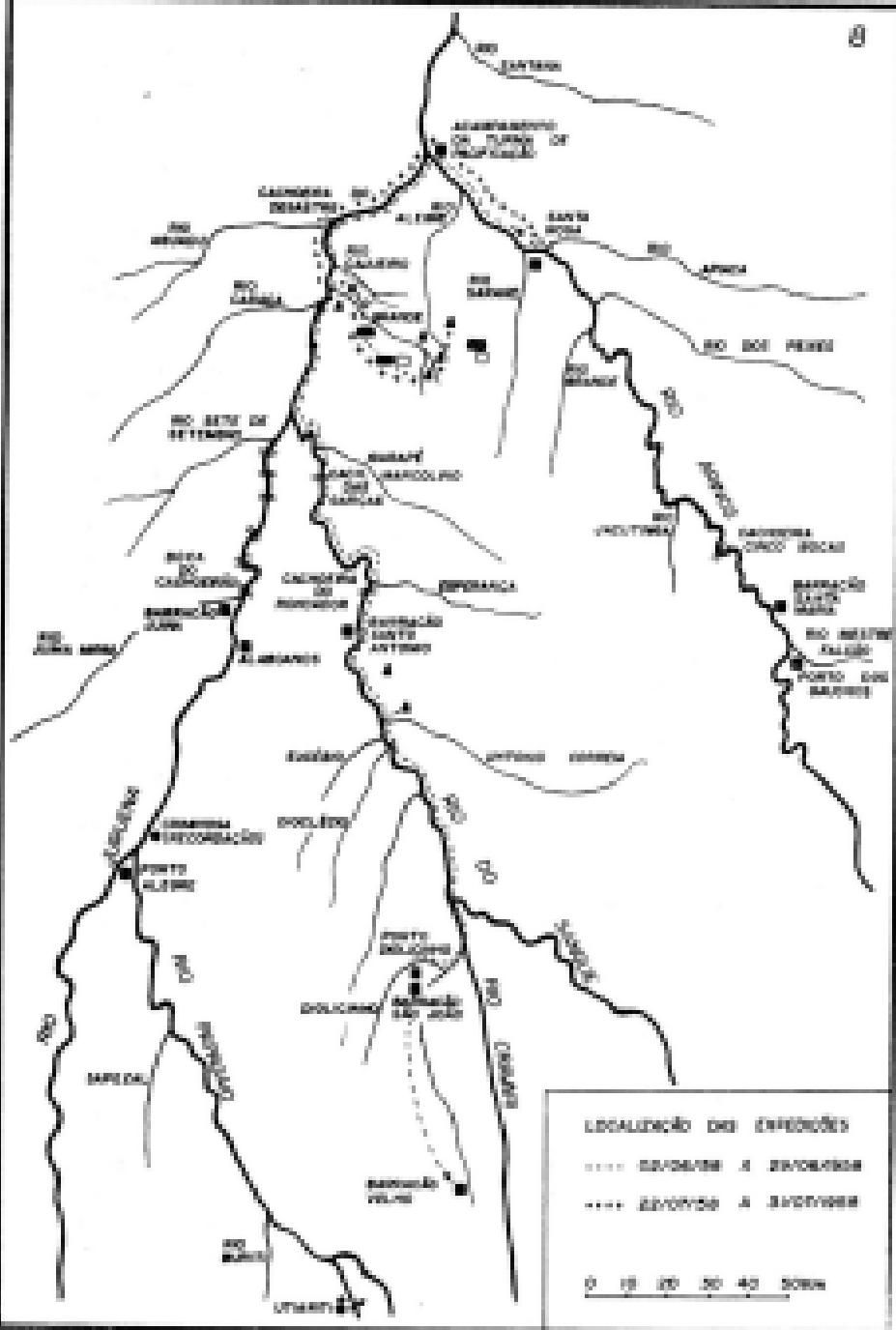
Dia 9. Defronte do Igarapé Diocídio, águas azulada e opalina, estende-se uma grande capoeira dos Rikibáktus, ao lado de grande banhado, rico em peixes. No porto, atela-se uma árvore, golpeada com facão ou machado, pelos índios, formando figuras em losango. Gravamos nela uma grande cruz.

Logo abaixo do barro do córrego Antônio Corrêa, águas azulada e ligeiramente leitosa, em 1915, o Comandante Rondon encontrou uma aldeia de índios. O Ten. Vicente da Paula Venczellos descreveu o interessante encontro. A maloca consta nos mapas.

Pousamos e salmos a explorar os arredores. Mal demos uns passos, topamos com uma canoa largada no momento. As folhas do caminho ainda mostram o molhado das pegadas dos Rikibáktus. Um farujo tempa um buraco feito a fio pelos sertanejos no fundo. Nela encontramos fleches e uma buzina improvisada com bambu e folhas de palmeiras enroladas em cartucho ressoador. Colocamos brindes com a seriba. O hábil Yuroni sai nadando, com a 22, a ver os Rikibáktus. Já quase escuro, grita de longe, do outro lado do córrego. Despachamos para o ar fios e buzinadas.

Yuroni conta que deu com uma outra canoa num igarapé do córrego, com quatro remos novos. Um caminho bem pisado sobre o córrego. Topou com alguns Rikibáktus. Nem ele nem eles tiveram medo. Entendeu-se com eles, encostado num pau, a milo no cano da canabina. Os Rikibáktus deram a entender que fica perto uma aldeia com muitos Rikibáktus mansas.

Dia 10. Cedo procuramos os Rikibáktus. Os índios vêm à frente. A segunda canoa já está em outro lugar, com dois remos spanas. Os meus índios estudam os vestígios. Fazem mal, isto é errado: os Rikibáktus nos espreitam e nós não damos, de modo algum, no acampamento deles.



Mais adiante, após trilho ou quatro passagens de córregos fundos, o caminho se mostra mais trilhado. Rodas de cinza, não muito distantes uma da outra, indicam as paradas de marcha dos índios na fria madrugada. O trilho, num brejo preto e pegajoso, parece amassado por pisadas de homens, mulheres e crianças. Por fim, uma casa rústica de palha nova bem amarela. Nenhum movimento, nem fogo velho. A lenha ainda fumaça dentro da casa quase vazia.

No beira do caminho, que segue, encontramos uma enorme panela de barro cheia de mingau de milho. Os Rikbaktsas acabam de sair às pressas. Vamos encontrando, mais na frente, cestos largados com carne assada, arroz, peço do mato, pombas, mutum, jacutinga, grandes panelas com mingau de milho, molhos de flecha e faca, arcos, colares, material de fibras e penas, numa extensão de quase um quilômetro. Reparamos que batemos em piões feito no momento.

Yuroni encontra algumas Rikbaktsas e convida para que venham. Fazem sinal que não, uns com o dedo, outros com a mão. De repente, homens, mulheres, crianças vêm. Não tocamos em nada. Colocamos brindes nas duas pontas extremas dos haveres esparramados e ponhoi em maior quantidade, num jirau do tremor, e voltamos ao rio. Os brindes, numa circunstância destas, falam e calam na alma dos Rikbaktsas.

Temos receio em alguma ponta do mato fechado do caminho de volta. Mas não acontece nada. Joaquim Batista nos espere no acampamento com um robalo. À noite, Joaquim refere os acontecimentos do ano anterior com a canção furaça a rica.

Dia 11. Voltamos à aldeia rústica. Yuroni encontra novamente um grupo de 10 a 12 homens. Não só fala e não hostilizam. No tremor, os Rikbaktsas tinham retirado os brindes, mas não a senha. Certamente não souberam que fazer dela. Deixamos-lhes, então, o sei dos brindes, um bom machado, pintado de vermelho.

Entramos novamente um pouco abaixo, pela boca da lagoa. Um caminho bem trilhado desce acompanhando o rio. Leva a outra aldeia. Não vamos atrás dos índios. Tinhão acolhido os brindes, mas não a fala. Não convém apressar os Rikbaktsas.

Com exceção de colares insignificantes, os objetos destes índios são como os da turma do Arinco. Estes aqui têm também, a mais, flores pequenas, cintas especiais, que os índios do Arinco me explicariam mais tarde serem ornatos femininos de festas. Encontramos também borduras curtas em forma de espada.

Voltamos ao motor de popa e seguimos viagem. Sete feitorias foram assentadas em chão residencial rústica.

O barracão Santo Antônio ainda não foi assentado. Os quatro seringueiros vivem à própria costa. Panemos dias aqui, sondando trilhos de Rikbaktsas. Não encontramos vestígios recentes. Então os seringueiros começam novamente a cortar seringa, animados, sem se assustarem com piões de caburé e jabs. Servilhos os seringueiros

com nousa pobreza. Abanecemo-nos, em troca, de arroz e atobora e seguimos para o Roncador. Aqui também passamos dias investigando os caminhos das Rikbáktas, sem maiores resultados.

Na passagem por terra, do Roncador, aproveitamos, com sucesso, o caminho de trés rodas ideado e construído pelo Irmão Garcia. Roncador muiu com quatro rodas de maior diâmetro.

Seguimos na descida do rio, sem maiores novidades, e, no dia 24, aportamos no Cajeiro.

### 20.5. CONFRATERIZAÇÃO COM MAIS UM GRUPO RIKBAKTSÁ

Dia 25. Visitamos a turma do baixo do Arinos. Na aldeia do Milho, de longe, ouvimos vozes e risadas. Delas sinal:

- "O Conceito, aqui padrel!"

- "He, he, hal Canoeiro bom! Seringueiro bom!" — responderam.

Convidaram-me a entrar. Meto a cabeça pela abertura da palha. Tudo cheio. Aqui estão as turmas do Ixo e do Ricôneti. Pela primeira vez, encontro os Rikbáktas de monda. Nada trazem de civilizados no corpo. Só atigrô rikbáktus. Ixo convidava-me a tomar assento a seu lado, no mesmo pau. Quente, suado, com as pernas duras, de longa caminhada, aceito.

Aqui chegou ainda também uma turminha, gente do Sul, desconhecida minha. Alguns conhecidos, meus disseram que eu só podia e lhes daria fecho. Treinaram com eles a saudejô: Canoeiro bom, seringueiro bom. Assim os puderam ter aqui. Sim, pensou comigo, tudo bom, menos as feches, porque me acho sem recursos, apesar de vir de Uiriti. A saída da dificuldade para o momento é exigir que vêm ao porto do Cajeiro buncar os fechos.

Estes novos ainda estão em forma, de enormes batocques nas orelhas e lindos brincos de penas. Olham-me com uma curiosidade esfaimada e observam tudo em nós e nossas coisas. É sempre fácil conquistar as crianças e mogos. O filho do capitão de cima se chama Xivé, muitos. Cada vez que repito seu nome, ri e volta. E só com dizer-lhe o nome e mais alguma palavra, nasce a simpatia, ainda que não compreendemos palavra.

Experimento aprender a língua Rikbáktua. Como gotas de gorguera em caldo negro, aparecem algumas palavras que imagino aprender.

No começo, para desfazer uma certa apreensão dos Rikbáktus a nossa respeito, pegô do facão de Ixo, faço-o tirir e digo que é bom de verdade. Gostam e está estabelecida a cordialidade. Fazem então elusão ao Arinos e ao motor, sempre fazendo brrm. Repetem a saudejô "Canoeiro bom". Depois mostram algumas flechas dos Kayobi. Yuroni declara que eram suas, deixadas no porto Santa Rosa. Devo passar o caso. Não é momento. Os Rikbáktas se referem às Idas ao porto Santa Rosa no Arinos.

Alguns Rikbéktsa dizem algumas palavras em português e fazem demonstração dessa sabedoria. O que mais perguntam é "Como chama?" — querendo saber nossas palavras e fomos para tudo. Também me ensinam em palavras rikbéktsa.

A maioria tem o cabelo cortado e cabeça raspada. Os betoquez fazem, assim, uma singular ornamentação. Mas a cabeça raspada, significa Isto? Tomalte morreu e por isso que também a mãe da Nipódi e Voca. Isto conta, com sentimento, como foi o caso. Tomalte, um dos que compareceram na confirmação do Arinos, morreu de uma ferida infecionada no pé. Isto sempre termina a narração, com a palavra nípolini, fazendo sinal de enterrar.

Alguns se sentam com restrição, deflujo ligeiro e tosse funda. De relance pressinto chegar o festejado dia de gripe. Tinha a sensação de ser cortado por uma lâmina aguda. Atendo primeiro o capitão. Esta chama depois os demais interessados. Comportam-se com naturalidade, demonstrando verdadeira elevação aos remédios, uma profunda ansiedade de livrar-se de qualquer mal-estar e doença.

Já tarde, armamos as redes no mato, perto da casa. Eles mesmos nos ajudam. Não ligam importância às tremendas formigas boco-acedi, e tocandira, até acham graça, como entre nós alguém assopra sobre um arranhão, dizendo que não é nada.

Chegam os cegadores, todos já conhecidos. Trazem comida para nós, mas, ao contrário do que sempre faziam, agora não aceitam a nossa, afora um pouco de farinha de mandioca.

No tranquillo da noite, de vez em quando algum Rikbéktsa grita e responde: Canecinho bom! siringueiro bom! — gritos temperados com estrepitosas risadas.

Dia 36. Queremos que alguns deles nos acompanhem ao rio do Sangue. Mostro um cinto de festa e a flauta menor, que peguei entre os de cima e que usam habitualmente. Identificam os objetos provindos do rio do Sangue com risadas. Acham graça, quando digo que os Rikbéktsa do Sangue correm e se escondem. Representam tecnicamente os esconde-esconde.

Uma pelas 11 hs, trata-se da partida. Destacam os que acompanham. Entre eles foi incluído Ueygma, o índio que mais procura adaptar-se a nós, e mais prestatioso. Enrolam as redes e dependuram da cabeça por um laço. Preparam a matula. Têm duas espécies de mandioca marca. Não pode faltar a castanha. Acrescentam ainda duas espécies de banana, que comumente assam ao fogo. Uma espécie grande, rosa, comem-na crua e sabe bem. A banana da terra, enorme, raro vez amadurece. Quando ainda verde, vai ao fogo, onde perde a sicc, mas continua desassabida para quem não se acostumou a comer sem tempero. No laço da rede dependuram espigas de milho e mais coisas.

Antes da saída comem. O prato-rei é mingau de castanha ralada e mandruvíis de uma castanheira, por onde passamos na véspera.

Lá entro vimos um jirau montado para a cota dessas vacas. O mingau de castanha me deuço bem, de satisfação que é, mas a fome não é tanta para arriscar comer manduva.

Dois meninos mergulham salugos de milho no mingau e os lambem. Quero tirar fotografia deles. Não compreendem, mas fazem meu gosto. Ao levar a panela para a claridade do sol, pensam que vemos roubar. No entanto dão tudo certo no meio da risada de todos. É para dizer que alguns Rikbaktsa se sentem importantes na pose. As mulheres já não gostam muito.

Pouco antes da saída, a mulher da Ibo chore muito, pensando que o marido vai muito longe. Omox, irmão da Ibo, distribui roupas de mulheres para todos os que vão andar conigo, dizendo que são camisas. Procuramos corrigir e fazer ver a diferença entre roupa de homem e de mulher. Tiramos o vestido da Uaygma e fizemos a mulher de Omox vesti-lo, dizendo que aquilo é vestido de mulher e não de homem. Sai a amanda pior do que o soneto, pois é só virar as costas e Uaygma já mergulha novamente na saia e a mulher sente-se aliviada na rede. Deixamo-las à vontade e partimos.

Pousarmos fazendo ligeira a moia para chegarmos ao porto. A cogintha a gente de cada grupo rikbaktsa e nosso. Estou para dormir, quando Uaygma vem cantar ao meu ouvido:

— "Ora pro nobis!"

Já da última visita, Ibo quis que cantasse alguma coisa. Foram clínicos religiosos e profanos. O de que gostou mais foi a ladeirinha. Sempre insistiu que cantasse. Uaygma veio, faz pouco, do rio do Sangue. Admiro que saiba parte do canto. Canta neste acampamento, pelo menos cem vezes: "Deus é nosso Pai". Sempre Uaygma pergunta de novos. Como chama? — e aponta para cima. Quando certa hora eu disse Deus, ela me respondeu com dois nomes, e disse em português a palavra chevá.

Dia 27. Muita movimentação no porto. Os Rikbaktsa têm ocasião de apreciar muitas novidades e satisfação de receber alguma brinde e trocar artefatos deles. O que mais pedem é ferramenta, para rogar e derrubar mato, planterem e cozinhar. A terra deles é ótima e nem boas lavorunas.

Tomo do motor e levoco rio acima a uma bela praia. Satisfeitos cataram ovos de cágado. Observo que o lugar se presta para ótimo ponto de assistência. Mais tarde, defronte dessa ilha se estabelecia o posto chamado Japoira. Ibo me diz que na morgom esquadra do Juruena, molt para bicho, havia muitos Rikbaktsa, que vinham de tempos em tempos tomar parte nas festas do Arinos. São os que passam pelo travessão do Desastre.

Dia 28. Voujo para o posto Santa Rosa, de barco, levando comigo Uaygma e os dois meninos Hicpadati e Xentis. Ibo me entrega formalmente os dois meninos: sinal de intenso confiança.

Despego-me marcando presença para vinte dias depois, o fim de termos ao rio do Berigué. Hicpadati traz consigo uma cestinha com

matula. Partimos com pesar, como se fôssemos parentes. Para o Rikbáktia, amigos são parentes.

Os Rikbáktia enfrentam o río por exceléncia, o Juruena, chamado por eles **Bubale**. Indisfarçada alegria os toma ao verem o Arinos e os siringueiros. O comportamento dos tribo Rikbáktia faz desaparecer o medo de quase todos os siringueiros, como de um sapo. Usigma não se assusta, por exemplo, e usa os largos botoques nas orelhas.

Temos notícia de que duas turmas de Rikbáktia correm pelo Juruena: uma na margem direita, abaixo da barra do Arinos, e outra, à esquerda, acima da barra.

Dia 29, São Pedro. Já tardezinha, chegamos ao posto Santa Rosa. Os poucos moradores do barreiro se alvorocam. Lourenço Marim Moura é o encarregado na minha ausência.

Louro, por ordem do patriô, entrega-me a noça. Entrega também o grande galpão, que até então tinha servido de barreiro de siringal. A firma supriu o barreiro. Todo a localidade se torna agora Posto Santa Rosa, para atendimento dos índios.

Dia 30. Os Rikbáktia voltam ricos e satisfeitos com fechões. Usigma mostra a direção da aldeia e diz:

— "TsoF" — para dizer que Iap deu ordem.

Hicpoderi, depois de andar um pouco, volta-se para trás, com saudade. Luços mais fortes e numerosos, no entanto, o puxam para o espírito. Eu, Roberto e André desentulhamos, limpamos, damos caça às almarias domésticas. Pomos tudo em funcionamento.

O Posto Santa Rosa é inaugurado oficialmente na festa de Nossa Senhora, no dia 2 de julho. Um grande tabuleiro diz:

Pacificação

Posto dos Canceiros Assunção

Catequese

## 21. DORÇAS IMPREVISTAS

De 2 a 14 de julho de 1958, atendo os católicos de Porto dos Gêichos. A CONÓMALL oferece à pacificação um bote de pescaria e mercadoria no valor de cinco mil cruzeiros. Está para abrir um siringal no Juruena, da Barra do Arinos para baixo, em região ocupada pelos Rikbáktia.

De 14 a 21, atendo ao posto Santa Rosa e preparam viagem ao río do Sengue. Passo antes pelos índios do espírito do Arinos-Juruena. Acompanham-me: Roberto Pacheco Machado, Caloli e Tapí.

No siringal, a falta de gasolina repercutiu no moral das turmas de colégio e nos siringueiros isolados. Paraíba e Mani passaram quase um mês sem trabalhar, alegrando feito de sapato e fumo.

Os Rikbáktia passaram pelo acampamento Santo Inácio, na barra do Arinos, arrancaram mandioca, levaram coisas de menor valor e a tenta.

Dia 22. Partida do posto Santa Rosa.

Dia 23. Com o rio baixando e já debandando aparecer bairros e lajedos, subimos a Juruena, até o acampamento da colônia abalro da cachoeira do Desastre. O motor não puxa bem.

Dia 24. Visita o Córrego Grande. Encontramos duas casas ribabáticas meio afundadas, faz dali a três meses. Os picões de terra siguezaqueiam incertos. A vegetação beiraria, spanada a prumo, diz que os índios sobem e desem de cima o córrego.

Dia 27. Visita os Ribabás da várzea do Juruena. Ao atravessar o córrego da aldeia do Milho, vêm algumas crianças. O primeiro movimento deles é fugir. Param, porém, e nos acenam amigavelmente. Uma menina corre a avisar a aldeia. Nossa saudade de longe não encontra resposta entusiasmada. Rodado a casa e entra. A malária jáz doente. Curioso que gente tão resiste no meio das doenças, principalmente algumas crianças.

Ixo me convida para sentar num lugar livre, sobre telos de passiva. Seta, nozes, olhos inchados e lacrimejantes. Parece carregar o peso chato da escarro. Ao tossir, pouco expectora, apesar do esforço que faz. Mostra-se satisfeito com minha presença. Repete:

— "Canoéiro bom!"

Manda trazer comida. Quase não têm.

Das doze pessoas, a mulher de Ixo parece em estado grave, mas sorri com naturalidade. Também Nipó tosse muito, emagrecido, de olhos previdos, o tórax avultando contra os membros esqueléticos. Quando de cboros, Nipó parece estar no ponto de ser enterrado.

Ômox tosse e sua mulher emagrecida tosse de massinjo, não querendo incomodar os vizinhos. Sorri com naturalidade. Meguedati fala baixo com medo de tossir repentinamente no meio da palavra. Recupera-se. É o menos esquelético de todos. Ômox e Meguedati são irmãos de Ixo. O menino Voca e a menina Tumona, de dez anos, tosem pouco.

Tipo esquisito da gripe este: tem febre, com tosse e grande mal-estar. Aplica logo injeção aos quatro-mais necessitados e arranjam as redes fora da casa, ao lado. A estrégo e inverno logo se deslocam para o nosso canto.

Dois meninos, de quatro e cinco anos e um menino de três, sensíveis ao frio, têm confiança em mim. Bom sinal, pois isso reflete um ambiente favorável. Parecem imunes.

Um minguê de aveia ataca a fome dos doentes e a castanha e farinha líquida com elas.

A casa está para cair, a cumeira vergada em extremo e algumas partes das aquedas arrancadas para dentro. Os Ribabás compram luto aqui na aldeia do Milho, pois, na Aldeia Nova, faleceram Tamatá e a mãe de Nipó e Voca. Nipó, o ômox a retirar-se, torna curiosamente minhas mão e braço, querendo ouvir deles a saúda, passando o dedo sobre elas. Pede que o ajude a caminhar. Não sei interpretar a cena: talvez magia e cura. É desejo de todos fazer igual.

De noite, estourei a tempestade das toses. Cada vez que acordo, ouço gente tossindo, sabendo quem é, pelo matiz do ronco e pelo lugar donde vem.

Dia 26. A noite dos índios mostra-se simpática. Acita minha medicagão. Roberto deverá voltar ao posto Santa Rosa por terra, pois a gripe, invadindo em epidemia, nos transforma os planos. Os índios insistem que vamos à aldeia de Alco.á.

Chegamos lá depois das 13 hs. Quero observar como procedem nas visitas e mando que os Rikibéks viúv à frente. Maguedati, chegando à casa de Alco.á, sem dizer nada, senta-se. Outros, ao chegar, entram logo na casa. Saúdo:

— "Olá, Caneiros!"

Surpreendem-se, sentem-se interpelados. As perebas de Alco.á alongaram-se para quatro a cinco grandes menches nos costas, de crostas molhas, apoiadas em almofadas purulentas. Logo chegam três mulheres: a de Alco.á, a de Aunda e uma viúva com criança. Vêm com suas chelas de frutinhas doces, de palmeira. Oferecem-me. As duas mulheres mais novas permanecem um tempo curiosas, prezenteiras, querendo agradar e serem agradecidas. Quando saem da casa, as rapazes e os meus companheiros as seguem. Os ricos não saem mais. Por fim, Caioli e Tapá voltam com o cabelo aparado como os Rikibéks e com traços flamantes de urucum no rosto, largos e verticais.

E preciso que Alco.á vá à aldeia de Ixo, para tomar remédio. Para nos acompanhar, preciso falar com a mulher, que o domina.

Divi mostra-se mais expansivo que nunca. Alco.á se refere espontaneamente à Xivazibesta e diz que o menino é kashibéka, oferecendo-o a mim. Mais tarde aprenderia que kashibéka quer dizer sobrinho.

No caminho para a aldeia do Milho, Alco.á vem atrás, com os dois meninos. Uma chuva nos surpreende. Protegemo-nos com palha de palmeira cortada. Na passagem do primeiro córrego, os dois meninos, à frente, jogam com uma onça. Esta corre. Na aldeia do Milho, paneria de alimentação. Não há caça e as mulheres, obstante, não colhem castanha nem fazem mingau de milho. Atendo a Ixo, que muthur a Nipó.

De uma aldeia da cima, chega Usigma, carregando uma mensagem em tom alto: morreram dois índios, um deles Xamia, o moço tido cheio de vida, que me tinha acompanhado ao Posto Santa Rosa. Usigma, de aparência robusta, pede-me com insistência lhe aplique uma injeção. Pelo modo de agir, deve ser um dos propagadores da epidemia. De noite, detta-se a tossir.

Depois de invadido o surto de gripe, o escarro, atirado para todos os cantos e passado com a mão pelos estojos e objetos, num contato de toda hora, completa a falta de resguardo e alimentação no reinado da gripe. Alguns dos meus rapazinhos saem a caçar e nada trazem. Adio para outra ocasião a viagem ao rio do Sangue, devendo-

reformar agora ao Ponto Santa Rosa. Roberto não acha bom. No seu entender, deve voltar sozinho com os Rikbéktais pelo mato, pois isso agrada ao seu espíritoventureiro. Afira e empingarda a mesa pão e diz:

— "Que é a vida?"

— "A vida é tudo que temos. Da momento, o certo é voltarmos pelo rio ao posto, todos juntos." — digo, levantando a espingarda.

De tarde, Roberto rumo para o ponto do Caueiro com Meguedati, Divid e Mama. Combino com os Rikbéktais que a viagem ao rio do Sangue fica para depois, dentro de um mês.

De noite, todos parecem melhorar. Não descubro, com certeza, qual seja o medicamento salvador. Parece que a Onçedina ajudou muito. Junto com Caloti e Tapá vemos ao ponto do Tapiri Novo. Lá chegando, os três companheiros de Roberto vêm vindo de volta. Inistão em que devem comigo até a cachoeira, para ver os cancos encontrados no Juruena. Dou-lhes colchas curtas e camisas de meia, de manga curta, para se protegerem contra os piuns e o frio da noite.

Penso comigo mesmo e solto, vendo a falta de medicamento nesse transe. Tenho só o frasco contido e ferno uma catástrofe capaz de cortar a relação incipiente da paz.

Dia 29. Os Rikbéktais mostram uma estranha reserva. À hora de sair, Meguedati manda Mama levar a rede para o mato. Apela para Ibo, que não deixa ir além do ponto. Antes, bem cedo, já não comemoram. Percebendo que não querem ir, deixo-os em paz e partimos. Estranho e não atino com o motivo dessa retração de confiança.

Pouso com a turma da colégio do Salvador, no Juruena. Querem seguir-nos para explorar o canco Grande. Não aceito a proposta, por causa dos compromissos assumidos.

Dia 30. Entendo-me com Salvador e respeito de Roberto: passará ao seu serviço, se bem que colabore amigavelmente com o nosso trabalho pacificador.

Quero todos os pinos do motor. Pauso a usar pregos. Os siringueiros se encontram freqüentemente com os Rikbéktais na região da barra do Arinos.

Dia 31. Santo Início de Loyola. Chegamos ao posto Santa Rosa. A evangelização é a minha primeira tarefa nesse movimento de ci para lá. As diversas reações das civilizadas e índios do Evangelho não são motivos para sair desta linha de bala: obrigam-me a sincronizar melhor com elas e esperar os tempos certos.

Dia 4 de agosto. Deixo Louro como zelador do ponto e rumo para Ponto das Gáuchas. Levo Roberto para o bananeiro da firma Benedito Bruno, seguindo adiante com Tapá. Reuso na barra do rio dos Peixes.

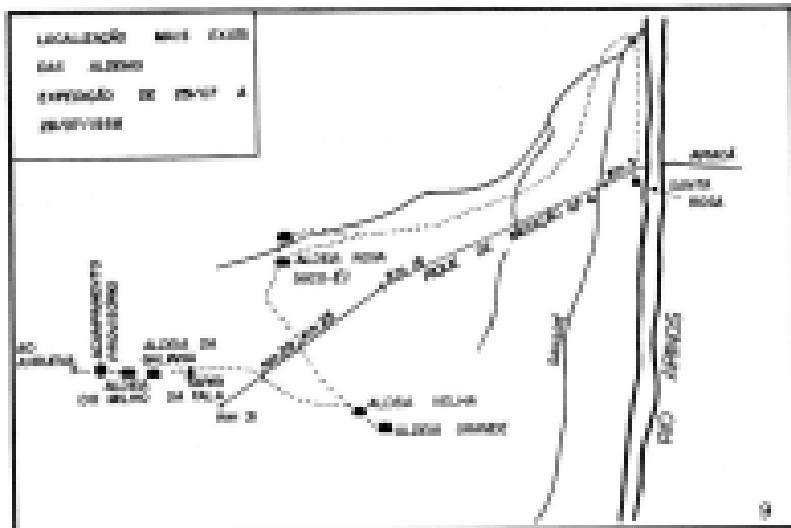
Dia 5. Encontro-me com José Rosa. Diante da crise de gasolina, em Cuiabá e no sentido, desista da viagem. Volto ao posto Santa

Rosa, Roberto desliga-se do serviço de pacificação. Aceita informar sobre os índios, controlar os brindes, evitar erros de higiene no trato com os índios, não levar pessoas estranhas às aldeias, e outras práticas normas. José Rosa lleva pedido urgente de socorro a Beno Krech, enfermeiro da CONOMAL.

Dia 24. Recebo carta do Pe. Edgar Schmidt notificando atos que de Eikbáthha no Junvá. Não posso comparecer no Junvá na data pedido na carta, por ter já passado o prazo, que era 10 de julho. O Pe. Edgar pessoalmente inicia o serviço deixa-brindes com a noite sorte no Junvá.

Recebo do Sr. Kunz uma remessa de medicamentos, entre eles 14 injeções de penicilina. Esse senhor, na passagem pela Glória Aringo, tornou-se afeto ao índio. Por esses dias recebo também da CONONALI uma ajuda de dois mil e quinhentos orzelhos manuais, para o Serviço de Pacificação. Digase que a CONONALI cobriu facilmente os 15 meses de pagamento — rica participação no nosso trabalho.

Dia 25. Iauro fuma corte do povo Santa Rosa, enquanto saí com Topi e Cololi a mediar os Rikbiktsa. Pousamos no km 18 da pista da medida.



Dia 26. Rompermos malo fechado até dar nos trilhos Rikbáksas, no km 25. As 14 hs., chegamos ao pau levado, mês de novembro de 1957. Na aldeia do Milho, a capoeira fumega. Não há, na casa, sinal da sepultura nova. Tapá buzina com um corno de boi, na pinguela do olmrejo e na tapera. Os Rikbáksas respondem no malo em frente. Ico e Nipó trazem um companheiro desconhecido para mim.

Os três sorriem. Numa roçada nova, trabalhava um grupo novo de Rikbáktas. Nas tendas providas, os Rikbáktas se distribuem em três grupos distintos: Ixo, com família; o conjunto de quase só mulheres e crianças; os homens.

Os cárregos muito secos não dão água suficiente. É preciso buscar-lá longe, de cedimbos sujos. Coincidiu chegarmos junto com os caçadores e coletores. Ómco traz um mutum e me oferece um pacotinho de petinchos, acondicionados em folhas. Aqui começo uma gata. Mando que dê para a mulher, que está fraca. Digo malvaza — que quer dizer mulher. Completei a ordem com gesto. No código social dos índios, no entanto, nada tenho que ver com a mulher. Ninguém, no entanto, interpreta mal o meu gesto. Entendem que peço para a mulher assar o petinchinho. E Ómco mesmo carrega e dá a pouco fogo assado.

Comemos também mandioca, batata, castanhas. Consideravam a semente no chão. Todos melhoraram. Ninguém faleceu. Reconhecam a minha intervenção na cura. Ví-a, com a milo na experiência, que um tratamento à queime-roupa e mal conduzido não dá garantia da cura. Bem que procurei, mas não encontrei orientação médica, que me viesse esclarecer.

Talis Rikbáktas da margem esquerda do Juruena aqui se encontram. Um deles, Rikóneti, já conhecido, sofre de gripe e conjuntivite. Mais à noite, troto-lhe os olhos e dou um comprimido para a gripe.

Os índios falam de um ataque levado a efeito contra os seringueiros e como mataram um deles.

Armamos as redes afastadas dos Rikbáktas. Insistem para que cheguemos perto. É preciso ser decidido e ao mesmo tempo como que pedir licença, da contrária se ofendem. Ficamos retirados. O sono só é perturbado pelos compassos.

Dia 27. Dou quatro injeções. Conversamos entre petiscos de batata e mandioca. Tomo dumas uvas e fago risos, ensinando e aconselhando os Rikbáktas a contar os dias por meio de riscos. Fazem contos com trajes e tudo dão certo. Março que no último dia me encontrei com Rikóneti na cachoeira do Juruena. Sobre a lida ao rio do Sangue, mostram terror de ir lá. Para evitar equívocos a respeito de grupos, mostro a flauta pequena e o cinto, que trouxe de aldeia do Sangue. Dizem que o nome do cinto é *kaptidéss*. Nada fica resolvido.

Apresentam-se-me espontaneamente Xo.é, Tuberaria. Você e Mama, para me acompanharem ao posto Santa Rosa. Tomam as redes, triâ se armam de arco e flecha. Xo.é fala com o botoque menor na orelha, com os colares e despõe os demais ornatos. Pega triâ espigas de milho.

Bacolho a picada de medicação, a pior de todas, e não aceita o convite insistente de irmos visitar Alco.é. Ao chegarmos ao km 25, onde a picada cruza o trilho dos Rikbáktas, os quatro explicam

que, passando por Alco.6, o caminho é mais longo. Volta e vou com eles a Alco.6. Ali morreu Divô e fôro enterrado ao lado da casa dos homens.

Dia 28. Agora, pelo caminho dos Rikbáktsa. É a primeira vez que me mostram o caminho usado por eles para irem ao Arinos. Com sete horas apenas de caminhada estivemos na beira do Saramá, dando com o inicio da nossa picada. O caminho rikbáktsa é mais curto, melhor e até mais largo.

Xo.6 vesta roupa e todos caçam um pouco. Tapá mata um macaco, logo assado. Trazem fratinhas vermelhas. Os mesmos são sempre mandados buscar o que se precisa.

Ao encostar, chegamos ao posto. Intruso sobre como se portar no posto. Levo os Rikbáktsa para a casa destinada a eles, fazendo-os compreender que não entrem na casa do padra. Mostro todas as dependências do posto. Intrigam-se com o latêzio "Caneiro bora", na entrada da casa destinada só a eles. Digo que andem vestidos por causa das planas.

Dia 29. Aprendem a lavar roupa.

Dia 30. Levamos para o porto as últimas 37 barcas de borracha, que ainda tinham ficado no barracão, livrando de todo o posto. Dou um facão a Xo.6, pelo trabalho. Passou mava bocados, pois não está acostumado a carregar peso desse jeito.

Dia 31. Tuberete e Mama voltam pela picada, para a aldeia.

Peso os contratempos da gripe imprevista, resolvido a dissipar a nuvem da epidemia.

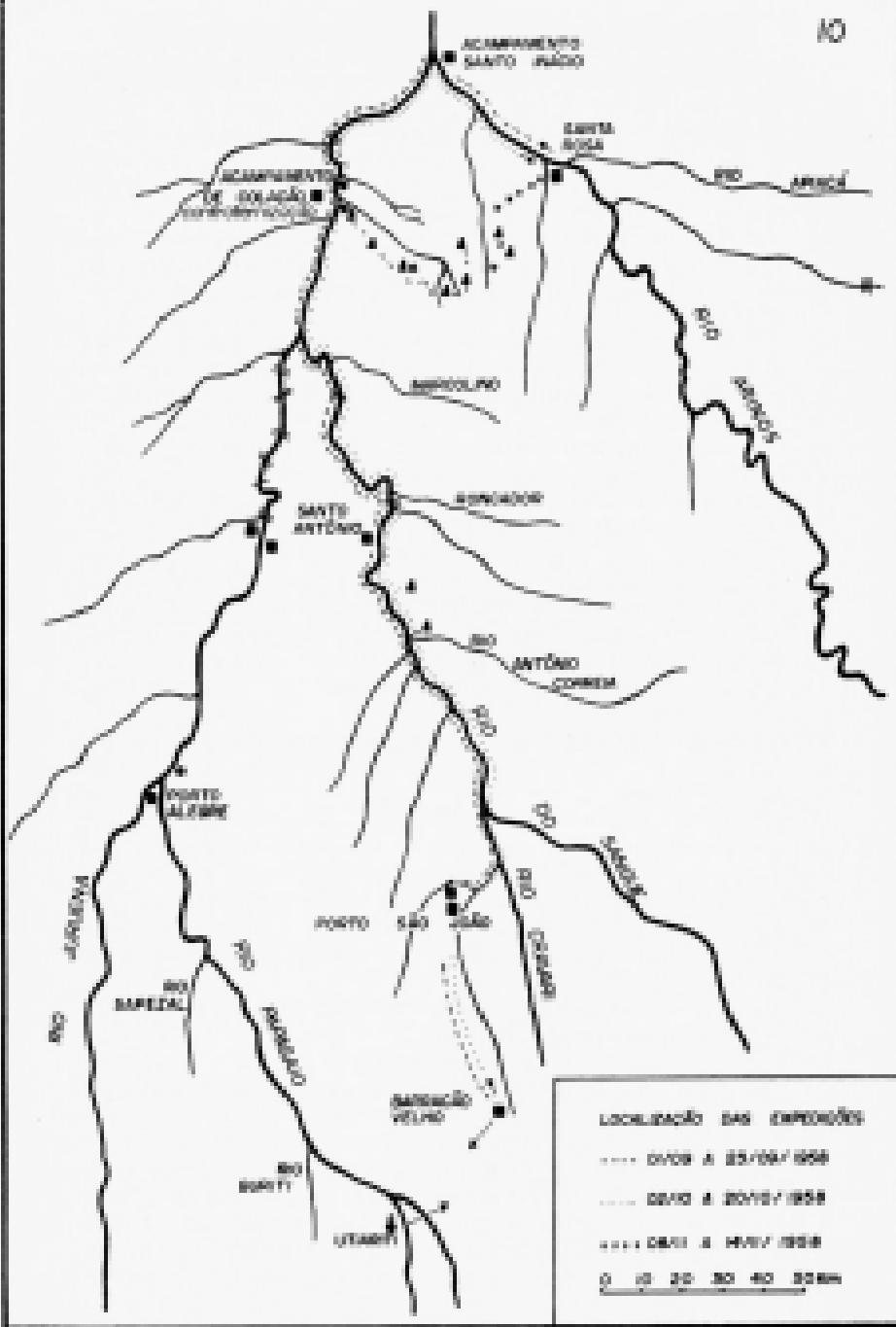
## 22. CONFRATERNIZAÇÃO RIKBAKTSÁ-SERINGUEIROS NO JURUENA

Dia 1.<sup>o</sup> de setembro de 1958. Parto às 9 hs., do posto Santa Rosa, com Caiobi, Tapá, Xo.6, Voca. Pausa no acampamento Santo Inácio, na beira do Arinos.

Dia 2. Céu azul-cinzento, água verde-amarela deixando ver no fundo areia e pedras. O rio de roca esparramado da hálito dí cuidados na passagem de balsas. Preocupo-me com a saúde dos Rikbáktsa, pois o sol e o calor sufocam o barco, podendo produzir fortes resfriados.

No subida do Juruena, ninguém no acampamento dos seringueiros. Encontramos Ricóteri na beira do córrego dos Rikbáktsa. Xo.6 informa que a aldeia de Ricóteri dista um dia de marcha, córrego adma. O córrego, no entanto, não dá vaga, trançado de pau. Seguimos viagem pelo Juruena.

Dia 3. Encotrarmos a turma de colheita perto do porto de Cejuá. Pausamos no porto. Sem muitas novidades, por uns dias ando a visitar os Rikbáktsa do Arinos. A mulher de Alco.6, apesar de doente, mantém o mundo. Fico sabendo que a turma de Ricóteri foi quem encontrou a expedição do Galano, em 1956, enquanto eu descia o Arinos para a pacificação.



Dia 8. Memorável dia, pela confraternização entre seringueiros e os índios, que desceram comigo ao acampamento da colação de Salvador, Ibo, Ribeiri, Úmico, Usigna e Motte, 1.

A viagem de bero, em dia de fregam, faz Ibo e Úmico esconderem a cabeça e taparem o nariz, mesmo com o motor em baixa rotação. Com exceção de Ribeiri, todos usam roupa e tiram os batôques maiores.

14 seringueiros recebem os Rikbáktua. O bero aproxima-se lentamente. Uma dúzia de seringueiros cravam os olhos, entre simpatia e receio. Alguns, com armas à mão, quebram a lei da hospitalidade tertenha.

Os Rikbáktua movimentam-se com naturalidade, perfeitos conhecedores e donos da região. Duas canoas de cooca se encontram guardadas submersas na barra do corregão, à espera da travessia rotineira.

Viram todos para a beira do fogo, para rebater a fregam. Ribeiri busca um sítio num tapiri que se encontra por parte. Esse corregão dos Rikbáktua é chamado Barutzuk, que quer dizer Aguaçu.

Realizada a confraternização sem solenidade, voltamos.

Pretendo subir o rio do Sangue, a fim de tentar a pacificação ali. Vejo, no entanto, que a turma do rio do Sangue não é amiga da turma do Arinos. Começo a movimentar as razões e motivos, a ver se consigo compreender. Procuro desfazer possíveis temores das famílias que ficam, dizendo eu que vamos encontrar roças durante a viagem. Também faço valer minhas idas e vindas, meus curatéis e remédios. Proponho que vensem ver a minha casa em Utariti. Digo ainda que em Utariti vive um menino da gente Rikbáktua e desejo saber quem é o pai dele. Que vão lá ver. Deixou-as, por fim, conferiças ilustramente.

Dia 9. Os Rikbáktua decidem enviar Úmico comigo ao rio do Sangue, representando os dois grupos Rikbáktua, do Arinos e do Juruena. Usagadema se apresenta espontaneamente para me acompanhar. Deixam arco, flechas, brincos e já vão deixando os batôques. Faço que levem pelo menos estes ornatos das orelhas. A última hora Roberto Pachaco Machado aceita engajarse no comitiva como tripulante. É bom prosseguir.

Dia 10. Na passagem da cachoeira das Gericás, puxemos o bero, de calção ou nus, enquanto os Rikbáktua não largam a roupa. Sempre comem à parte, com alimentação própria.

Dia 11. O que alegra o pessoal assistindo o bero por terra, sobre ralhes, no Roncador, é o grito dos Rikbáktua:

— "Votolé... Pontol"

Os dois Rikbáktua parecem ignorar o ataque que a turma do Sangue realizou aos seringueiros, em 1956. Entende-se, pois, que quem atacou, foi o grupo da margem direita do Juruena, sediado acima do Roncador. Os seringueiros, de Santo Antônio, nem assim reagiu para se preocuparem com trocar de imprevisto com Rikbáktua.

Dia 13. Às 13 hs. chegamos à barra do córrego Antônio Corrêa. Caioli conta conte da embarcação e os mesmos vemos procurar a aldeia dos Rikbáktas.

— "Anabuya" — dizem os dois Rikbáktas que nos acompanham, dizendo que não há ninguém na aldeia.

Pousarmos por ali e pego um pilãozinho, para socermos milho durante a viagem. Os dois Rikbáktas roubaram. Sentem forte tentação de voltar por terra, pois há atalha dessa aldeia para liso.

Dia 14. Voltamos ao barco. Ómox, ao tomar banho, firo o betoque e o kampidú (tanga de fibra). Fico só com o cordão abdominal. É a primeira vez que vejo um Rikbáktas apresentar-se assim diante de nós, civilizados.

Dia 15. Pousarmos num cerradinho alto, limpo, de pau finos. Chove. Os ventos do sul e do norte lutam. Ómox abusa do fogo e tosse a noite toda. Uagadema dorme bem, longe do fogo.

Dia 17. Entramos no porto do Oiticicinho, ao meado-dia.

Dia 18. Na marcha para o bairacão São João, os Rikbáktas padecem, desacostumados ao sol aberto dos cerrados.

Dia 19. De madrugada, saem montados em animais Kaloti e Pedro, para irem até o entroncamento de Utirriti, na estrada de Porto Feliz. Caioli segue a pé, a pedir carvo para nós. Pedro volta do entroncamento com os animais. Aloísio, encanegado provisório, e sua família nos agasalham opinamente no barracão.

O Unimog de Utirriti nos busca no dia 22 e chegamos a Utirriti no dia 23. Em Utirriti não encontro as encomendas feitas, e não posso esperar por elas. Mas consigo as coisas de maior priorismo. O telegrafo não funciona e os negócios esperam pelo caminhão de Almeida, que trafega uma vez por mês.

Os Rikbáktas, aos poucos e a pedir de insistência, admitem uma ou outra coisa a mais do que costumam ter para alimentação. Não há banana nem batata. A carne, que serve de moeda para plantar, é a única de que o interno dispõe. Os Rikbáktas, a custo, esculhem tubo de milho duro, acostumados como estão com o feijão das aldeias. Nem comem galinha, pois, nas aldeias, servem apenas para produzir pena para ornatos. Não provam frutas nem verdura. Depois de um tempo, esculhem bolhas dos índios Parati e Naribikulá.

Os Rikbáktas admiram o ambiente dos índios em outros tempos inimigos, como os Môksô e Naribikulá. Não sabem agora explicar a realidade amiga, mas se sentem bem com esse acontecimento. Admiram o porco-e-serras e vêm os índios curiosos acercarem-se em clima de sol aberto e vegetação rústica. Utirriti conta, nessa queda do ano, com cem índios, estudando e trabalhando.

Vêm o Rikbáktas, menininho, Dílinha. Dizem que pode ficar em Utirriti, até o tempo da iniciiação na tribo. Ao quererem coloca-lhe um par de brincos nas orelhas, o menino, chorando, rejeita. Encontram também o seringueiro José Pedroso, flechado no acam-

mento do Jatobá, no dia 5 ou 6 de agosto, tendo chegado a Utiariti, a 11 de setembro. Ómox examina as flechas e diz, indicando a direção rio abaixo:

— "Máguafo!" — indica a turma flechadora.

### 23. A FALA NO RIO DO SANGUE

2 de outubro de 1958. Viajamos de Unimog, buscando o porto Dolicinho. No posto do SPI Major Ubirânia Colutozeti, o encarregado Júlio Viegas dá-me 15 facões e 15 folces, todas de qualidade inferior, para o serviço da pacificação. Chegamos ao Barracão Vermelho.

Dia 3. Santa Teresinha, padroeira das Missões. Descemos ao porto, abrindo a feição e decidida final, entre calor e abelhas. Pouco depois do Unimog voltar a Utiariti, chove. Aqui, como por toda essa viagem, os plásticos não protegem toda a área utilizada por nós.

Dia 4. Descemos o rio da babaiva. No pouso de um velho barreiro de coleção, queimamos os machinhos mais sujos. Vindo chuva de noite, descarrégamos a canga, colocamos a carga numérica, colrimos o resto com lona. Debajo de dois plásticos nos apertamos todos. O mero pinga toda a noite.

Dia 5. Temos a primeira ceia, depois de 14 dias de abstinência. Sebastião Iamici também pega um peixe. O resfriado, a gripe, o mal-estar desaparecem; o ar, os pulos náus e toda hora, a alimentação mais natural e sadi restauram a saúde, revigoram o entusiasmo.

Dia 6. Viajo com cuidado, pois a rota da porca da hélice depende de um só fio. Recuso só em Culabá.

No porto do Rio Honório, Ómox improvisa um arco e usa flechas presenteadas pelos Alurós. Está ansioso por comer peixe.

7 de outubro. Outro memorável dia. Descendo o rio, sem cuidar em nada, avistamos, de repente, uma canoa de Ribabikta, largada na margem, defronte da graciosa Iha Mutum. Acelero o motor em curva apertada. Já perto da margem, Roberto diz que um índio corre saltando dentro de uma árvore grossa. Tapá diz que viu outro. A canoa foi largada no momento. Dentro dela três arcos, flechas, mel, peixes e fogo seco.

Inclinamo-nos diante Ribabikta, que está cansado, para correrem atrás e chamar. Ómox grita primeiramente:

— "Canoceiro... Tschif!" — E ainda mais veloz em língua ribabikta.

Respondem de longe. Custa-lhes atender. Entretanto salmos da bacia. Roberto adianta-se afetuosamente. Levo consigo trés facões e o aparelho fotográfico. Aproximam-se de nós. Entre eles, um velho de rosto enrugado e aberto, de cabelo ralo e em desalinho, de barba e cavernas que rebola. Usquedema diz com sorriso aberto:

— "Canoceiro bom! Padre bom!"

O velho senta-se e convida-me a sentar-me também. Dou-lhe um facão "Jacaré". Pago azor a Nêmina com a unha. Gostou.

Os Rikbáktis trocam algumas palavras e Uagadema lhe coloca no pescoço uma sainha e explica. O chefe couve com atenção, olhando para mim e Uagadema.

Como estávamos sentados bem ao pé da árvore, onde o chefe aguardava em expectativa, dou idéia de reconstruir o chefe a cena da bordagem. O chefe espontaneamente levanta-se de um pau e se coloca novamente na posição em que esperava, e estica o arco. Fixa a sainha num disparo da fotográfica.

Quando nos aproximávamos no barco, foi Tapá quem mais lhe chamou o atenção, pois chegava de pé. Parece que não teve tempo de reconhecer os dois Rikbáktis que estavam vestidos. Em vez de flecharem, os Rikbáktis correm, só virem o barco precipitariamente sobre a margem. A bordagem violenta quase nos enroscou numa galharda.

O velho tem um companheiro. Este recebeu um dos fôdulos coberto de ferrugem e sem fio ainda. Primeiro não gosta, mas logo se mostra satisfeito. Os dois Rikbáktis que treza, ajudam-me intelligentemente. Uma menina cheia de colares e um menino de doze anos aproximadamente acompanham. Dou uma fequinha ao menino, a qual logo vai parar na mão do velho. Um carretei grande de linha amarela fica para a menina.

Esse Rikbáktis então é procure de baquena para flecha e pau para arco. Apresentam-se como os demais Rikbáktis. O fôdulo da sanguela é caprichado, meio comprido. Recucham mostrarm-me o acampamento. Mas, antes de ir ali lá, mostraram o nosso barco e deram uma voltinha.

E a primeira vez que tenho um encontro em altitude hostil. Esse Rikbáktis estavam dispostos a atacar-nos, se eu ameaçassemos ou prejudicassemos em alguma propriedade. Não contivemos encontrá-los nessa hora e nesse lugar. Os Rikbáktis também não. As circunstâncias não fizeram nada. Os unringueiros, desde que por aqui andam, vexam os Rikbáktis: impedem-nos positivamente de trairer livremente, mesmo sem se darem conta da fato.

O acampamento não dista muita. Ao chegarmos ao porto, não vejo índio nenhum: tudo cortado, deixando no porto um rastro, um molho de flechas e baquenas. O velho grita:

— "Utahi taht taht"

Logo ensergamos os armadores coletivos das redes. O velho nos conduz ao armador da sua rede. Entre logo num outro compartimento, mas o velho quer que eu fique com ele. O velho convida-me a sentar, como costumam, mas um trovão e uma nuvem escura me fizeram acudir a carga do barco. Meus companheiros armam os dois pilhetos. Disipa-se o mau tempo e os Rikbáktis vão se juntando aos poucos e com receio. De noite, chegam os últimos e formam onze no acampamento. Por último, chega uma índia que foi rapada faz tempo. Identifica-se com o nome autóctone do grupo: Múniká.

Há pouco milho tostado. Servem refresco de mel e gordura da peixe. O capitão serve-se primeiro e depois dá aos dois Rikibókis visitantes. Mais tarde aparece peixe assado e acrescentamos farinha de mandioca, recomendada pelo notável dos Rikibókis e bem aceite por todos. Os dois oferecem também nossa jacuba de açúcar mascavo. Primeiro o filho do capitão bebe. O velho diz: *Spuszal* — isto é: doce. Depois bebe. Oram da jacuba.

Estamos à sombra do capitão Tabobocha. Passa sinal de satisfação, mostra-me fácil, que tinhamos deixado para brinde, quatro meses atrás. Vendo o machado de uso da tripulação da chalana, Tabobocha diz e entende que o deseja. Digo a Ulegadema que explique que lhe darei outra nova. Sem eu saber como, o machado da tripulação vai parar no milo do capitão. Pego um machado novo e vou atrás dele. Rindo, procurando explicar-me, peço-lhe o machado da tripulação de volta e digo:

— “Utash! utash!”

Estendo-lhe o machado preto, mais brilhante que o outro, e digo:  
— “Yikyeh.”

Parece que nos entendemos. O certo é que Tabobocha gosta.

Dia 8. Os índios saem a chamar os companheiros da aldeia da mais perto, no olregão Antônio Corrêa. Subimos em duas canoas. Três pesquias em cada uma. O costume dos índios é este: quando ucinha, a pesqueira puxa a canoa pela proa. Quando há muita gente, quem puxa ocupa o lugar tradicional da proa e os demais vão para a popa e parte dianteira.

Ninguém na aldeia e nem comida. Tiro fotografia.

Noto que se desperta nos Rikibókis uma secreta admiração, a esperança de coisas novas. Querem receber, melhorar, ampliar os horizontes.

Resolvem descer o rio conoscó, para lhesmos aos Kítsama. Eles em remadas lentas e eu com o motor apagado. Com manca de duas horas, chegamos a um porto de cascatel e de antigo acampamento de caçador. Justamente daqui sai um caminho aos Kítsama. Pousamo-nos.

Mais uma vez reparamos como o avanço dos seringueiros não respeita os Rikibókis, cercando, impedindo o movimento livre. Os Rikibókis informam que, com trés dias de marcha, na direção do Juruena, se encontram muitos Rikibókis e, com sete dias, se alcança a turma Negitomo, no outro lado do Juruena e mais para baixo.

O velho designa-me com um nome correspondente a cacique ou a pajé, mas não entendo a palavra. O filho mais moço me pede insinuadamente um facão. Fico de lho dar no dia seguinte.

Dois mulheres saem a chamar os Kítsama. Voltam sem os encontrar. O filho do capitão forma um arco e flecha e vai chamar-las, dizendo que volta ao sair da lua. Enquanto isso, o capitão dá mostras de destreza no arco, simulando ataques. Entendo que se trata de matança de seringueiros.

Ao anelitoer, o filho do capitão volta com um velho, um moço e quatro mulheres. Estes vêm andando atrás. Nossa cachaça avança.

O velho deve ser civilizado, recubado em criança ou ingressado mais tarde no tribo: tal o porta, a figura e outros sinais. Fala com voz rouquenta. É Patavari e responde também por Pávai.

Convidamos para descobrirem conexão aos Magiúato. Não nos querem acompanhar, dizendo que são brabos.

Dia 9. Os Rikibákta convidam-me para uma festa, em cima, em breve. Proponho que chegaré depois da festa, depois de uma luta, para depois ir com eles aos Magiúato.

Prosseguimos cedo a viagem para o posto Santa Rosa. Às 9 hs. chegamos ao barracão Santa Antônia. Nesse o encontro pacífico recente. Combinou que dois seringueiros me acompanham por tempo indeterminado, por conta da firma. Até alta noite, escrevo ao encarregado do seringal e a Pedro Laurindo, siringálisita. Passam a fazer parte da Turma Volante da Pacificação José do Espírito Santo, apelidado de Paulistinha, e Máximo. Tomo emprestados 40 litros de gasolina e 2 de óleo.

Uagadama chega até os 40° de febre.

Dia 10. Matamos uma suçuri, perto da Rondonia. Baldearmos barco e carga até abatoo da cachoeira.

Dia 12, domingo. Falhamos. Uimee com 39° de febre.

Dia 13. Próximos à cachoeira das Gengas, ao dar a volta pela ponta de bateo de uma ilha, o motor salta do barco. Roncando feio, some na água. Mergulham e nada alcançam. Máximo facilita quando emerge de um mergulho, vai arrastado pela correnteza da cachoeira. Sobe, um riscojo o prende. Depois joga-o contra uma pedra, felizmente produzindo apenas leve ferimento. Aparece a, por fim, consegue alcançar um remonto. Pousamos. Descarregamos o barco, protegemos a carga contra a chuva, almoçamos.

Prosseguindo na sondagem do motor, Roberto descontra-o. Leva uma corda e o emerra. Trabalha insano, porque a água é funda. Ao emergir, facilita e cai na desventura de Máximo. Felizmente também se salva. Tiramos o motor.

Dia 14. Ao meio-dia aprontamos o motor. Conduzimos a embarcação à corda, cachoeira abaixo. Viajamos até à barra do Sengua.

Dia 15. Após duas horas e meia de viagem, o motor pára. E quando a turma de coleção do Salvador grita do lado esquerdo. Armam um acampamento novo, quase diante do porto dos Rikibákta. Levo os índios Rikibákta para o outro lado, para a ponta do caminho da aldeia, e me despego. Deixamo-nos mutuamente, chaves da saudade.

Dia 16. Uma lata para o motor pegar. Funciona um pouco e pára de vez. Descermos o Juruena de balsa e subimos o Arinos na voga, isto é, puxando a remos apoiados fixos na borda do barco. Quatro seringueiros nos ajudam a puxar o remo no último trecho.

Dia 20. No posto Santa Rosa, o encarregado nos recebe respi-  
rando aliviado, pois nos atenderam, com bom prazo vencido.

## 24. PACIFICAÇÃO NA FORMA DE REAÇÃO EM CADBIA

Neste outubro de 1958, a pacificação entra numa nova fase histórica. Até aqui, empenhei-me, rompendo a iniciativa de cada movimento pacificador, indo sempre à frente. Os bons frutos dos encontros tidos com os Rikbaktsa amadureceram. Os Rikbaktsa interessam-se fundamentalmente pela pacificação, e encontros se dão por iniciativa delas. E dois movimentos acontecem, um em direção a mim e outro em direção aos seringueiros. Daqui acontecerá a euforia dos seringueiros de verem os índios, sem minha presença. Acham-se também pacificadores.

Minha atividade se desdobra, atendendo às necessidades dos Rikbaktsa nas doengas no Arinos, no Juruena, pela regiões da barra do Arinos, no Sangue, no Juruena, pela regiões da barra do Papagaio.

Também o Pe. Edgar Schmidt, continuando meu trabalho em extensão para o Juruena, tanto em cima como depois embalço, ampliou o campo de ação, reforçando ao mesmo tempo as bases de atendimento.

### 24. I. ATENDO COM SEDE EM SANTA ROSA

Imprevistos prolongam a minha estada em Santa Rosa. Vou a Cuiabá e volta. Em Cuiabá, assumo preocavidamente parte da responsabilidade na pacificação dos índios Belo-de-Pau.

Chegam-me notícias de movimento de índios em estradas seringueiras do Juruena de bateu até a barra do Arinos. O seringueiro apelidado Bólvia, da barra do rio das Peixes, encontrou-se com Rikbaktsa. No atobamento, atirou, mas não acertou. Os índios, por sua vez, flecharam e também não acertaram.

Ainda em novembro de 1958, assisto os índios de Ixa e Alcôa, visitando-os nas aldeias.

Dia 13 de novembro. De tarde, descanso um pouco, quando ouço um grito forte, respondido prolongadamente no mato:

— "Ôni, Canoeiro, Canoeiro bom! Matenocutipamahá!"

Matenocutipá vem da aldeia da Cachoeira do Desastre. Traz de si duas famílias: Riodeti e Uílma. Uílma é desconhecido para mim; alto e claro, com traços algo civilizados. Seu filho maior, Tonobibita, com 16 anos, e Pudata, com 10. Pudata vem carregado de penduricalhos de coatis, passas e bicos de píquaro. Algumas penas caem com o couro da ave. Come de mim. Só os poucos se esculpe. É o primeiro encontro com a turminha de Riodeti. Vem do outro lado do Juruena para ver padre e ganhar facão.

Ainda em novembro, estando eu em Santa Rosa, na tarde de 19, depois de uma chuva violenta, aparecem três Rikbáthas: Matarecutipá, Mansém e Algentíham. Matarecutipá apresenta-se a Mansém como sendo Nágibáth, de aldeia situada além de Riozeti. Querem que eu tome o motor e vá com eles. Pedem facão e machado. Fago os círculos e digo que vou no mês seguinte.

Roberto Pechoco Machado colabora com a pacificação no ribeirão das Pedras. Utiliza algum material da atração, meu. Primeiro pertencem que desaparecem canecos de siringal. Depois, pertences da feitoria. Algumas vezes os índios passam como sombra pela estrada. No dia 13 de março de 1959, topo com índios: correm. Por fim, no dia 20 de março surpreende os índios e obtém a fala pacífica. São índios de Riozeti. Pedem machado e facão.

Entretanto, o primeiro entusiasmo da fala pacífica arrefece. Dão para sumir com canecos e objetos. Roberto perde duzentos canecos já colocados nas madeiras e mais umas de pilha de reserva, juntados com larga canassina e empilhados no terminal do estrado. Da feitoria some roupa, fôlego, colherinha, prato, espelho, pente, faca, machado. São poste dele e do serviço de pacificação. Para evitar o perde de tudo, Roberto muda-se para a ilheiazinha acima da cachoeira, passando a viver com José Nunes, vulgo Jota.

#### 24.2. FAZENDA RIKBARTSA DO SANGUE-JUREUENA

13 de abril de 1959. Apenas agora, depois de cinco meses, posso saíder meus compromissos com os Rikbáthas do Sangue. Oscar Belarmino se mostra bom companheiro e auxiliar ideal para o trabalho com os índios.

Dia 17. Início a viagem para o Sangue, levando na comitiva a Tapirapé, Koyabí, à fina de ir até Uhariti a aprender no intemato indígena.

Dia 18. O serviço de siringal do Sangue, devido aos índios, está no mesmo ponto de 1958. A turma de coleção prepara-se para descer o Roncador. Reparto com a turma o pouco café e açúcar, que tenho.

Tapirapé gosta de um seringueiro e quer ficar a todo custo no rio do Sangue.

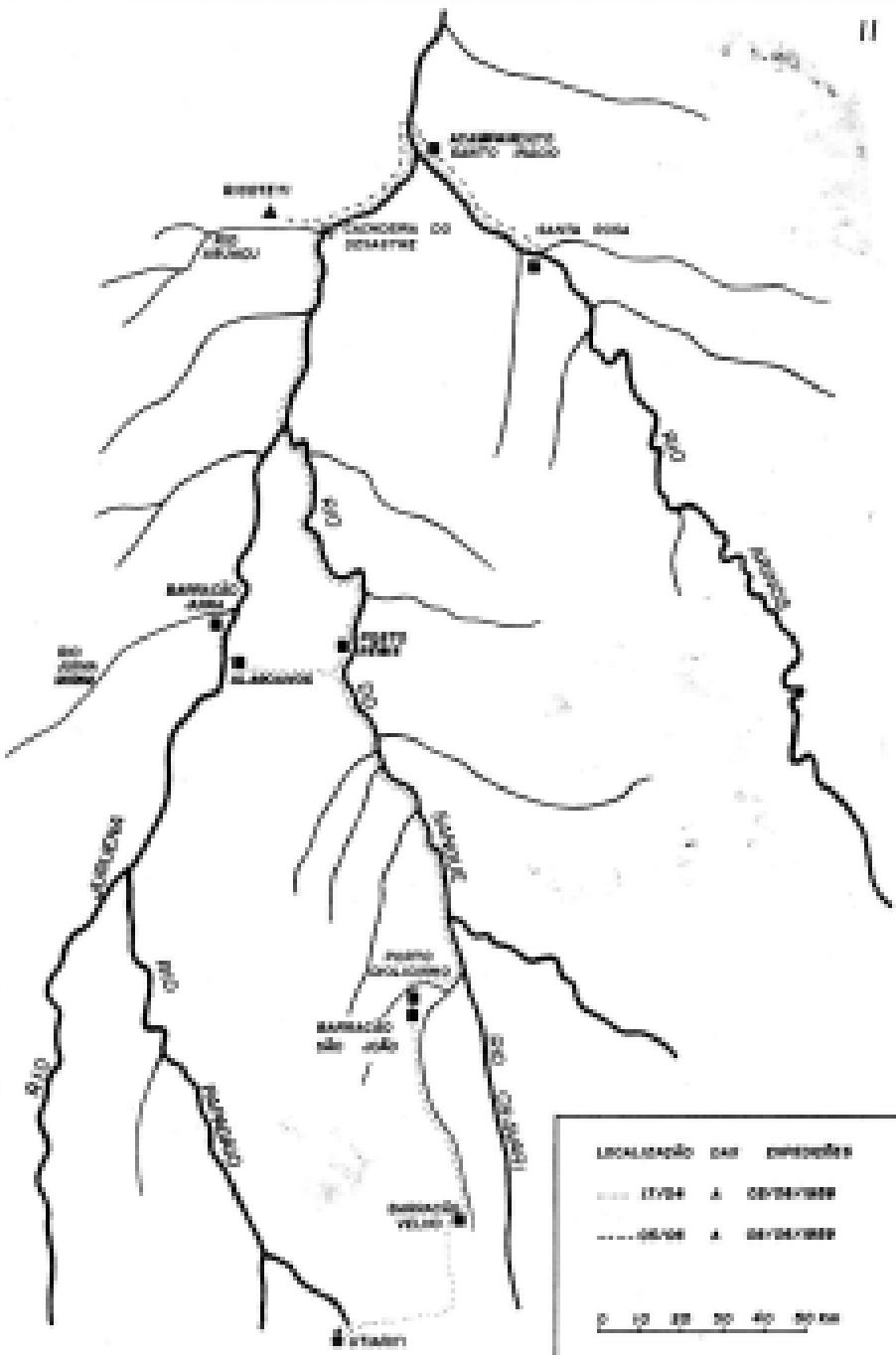
Dia 19. No barracão, acima do Roncador, os siringueiros me recebem dizendo:

— "Amarreamos os índios!"

Entregam-me uma carta de Pedro Laurindo, de 11 de outubro de 1958. Nela, dà ordem ao encarregado Moncel Adão de entregar a mim o barracão do siringal e fazer comigo o inventário da mercadoria existente. Entre outras coisas, diz:

"O Pa. Jota nós vai ajudar na amarração dos índios".

Também, noutra missiva, de 26 de janeiro de 1959, explica a nova situação: "Comunico-vos que vendi o siringal para o Senhor



José Vieira Regis e que o mesmo senhor está interessado em continuar a ajuda para continuação da pacificação dos índios do Rio do Sangue. De modo que o amigo Pe. João poderá procurá-lo e entender-se diretamente com ele." Perco um amigo da pacificação, mas José Vieira Regis assumirá o seringal e também os compromissos a respeito dos índios.

Regis, por própria conta, manda fabricar senhas. A história mostra-nos depois que isto é o que lhe valeu. Basta o fato: certo dia, no outro lado do rio, aparece um índio. Grito e abana a senha. Um seringueiro, ao ver o índio, instintivamente, levanta a espingarda. O encanegado Adelberto lhe diz:

— "Para que atira? Não está escutando que o índio está gritando 'Cacete bom, seringueiro bom?'".

Fazem sinal para o índio acerçar-se. É logre, do Arinos. É bem recebido e tratado. Logra atravessar o rio e com a turminha todo passa o rio, visitando o barreiro.

Mais tarde se originará uma confusão, com esta senha de Regis. O uso da senha tornará então ao controle exclusivo da Turma Volante da Pacificação.

Continuando a viagem para Umariti, encontramos vazia a fábrica São Luís, de Luís Cofrêngas. Ao pé do barreiro, duas sepulturas: de Procópio, morto pelos Rikbaktsa em 1957, e Balano, morto por um companheiro.

No porto dos índios temos grata satisfação. Aqui deveríam estar em outubro do ano anterior, por promessa feita aos índios. Aqui termina o vilho que vem da aldeia de Multsoc. É região rica em caça, pesca e castanha-do-pará. No porto do acampamento, saem dumha muita duas canoas Rikbaktsa. Numa delas um índio em pé.

— "Multsoc!" — diz Usigma.

Tenso pela frente, afinal, o lendário Rikbaktsa, dominador do Juruena, terror dos povos 11 e 12. Multsoc abana com um beiju de milho, como quem está assustado.

São cinco pessoas na canoa. Na outra, vêm índios já meus conhecidos: Malpa, sua mulher, a viúva Uigueden, Paraviri e crianças.

Evidentemente, eu estava sendo esperado, apesar da demora demora. A mulher de Multsoc me oferece o beiju do marido. Vemos-lá fábrica do seringueiro. Ao pé do barreiro, abaixo das sepulturas, num troço deslizado, Multsoc convida-me a sentar-me a seu lado. Dá-me uma coroa de penas e um pikkásapo (penduricalho de petró). Falamos da viagem e sobre a minha demora. Malpa e Paraviri, sem esperar por mim, fazendo de embaladores e diplomatas, foram buscar Multsoc. Com a minha demora, Multsoc chegou a conhecer primeiro os seringueiros do Seringue e depois, agora, a mim. Multsoc gestou dos seringueiros.

Enquanto busco algumas brindes na chalana, Usigma e Multsoc se distinguem na conversa animada dos índios. Usigma diz de vez em quando a palavra Culabá e mostra para o círu. Multsoc, de vez em

quando, olha para mim com curiosidade, simpatia e súria dignidade. Vendo a senha no peito, Multsoc pergunta se eu já andei no Juruena. Afirmo que sim e acrescento que o Pe. Edgar também colocou brindes com senha por lá. Chamo o Pe. Edgar de irmão.

Enquanto conversamos, chegam os têringueiros Agostinho e Clorindo, em companhia do pai Caímiri. São os donos da feitoria. À hora do pôrto, os índios armam as redes em volta da feitoria, servindo este de armadilha de centro.

Os têringueiros desfluxados deixam os índios transitarem livremente pela feitoria. Estes até tiram coisas sem perguntar. Chamo a atenção a Agostinho, porque esse comportamento de plena liberdade dos índios leva a equívocos. Agostinho responde:

— "O que é meu, é deles!" — Não se dá conta do problema que cria.

Dia 30. Primeiro sei Paravari, de cacos, depois Multsoc, por terra. Na saída Multsoc me convida para ir com ele à visita a aldeia. Prometo para três semanas depois. Entram na minha chalana Muipa, com mulher e filho, a vilã com o filho Tuká. Ualgma diz, rindo: "Esta é minha mulher!" O barco enche-se de sires.

Adianto alcançamos a canoa ribakstá, passamos adiante. Paraitá, com fisionomia de civilizado, ocupa a popa; a mulher, sentada na parte da frente, não vira a cabeça para nos olhar: sonri, olhando para a frente, um robusto namorador, na proa. Levam muitas flechas. Ualgma diz que vão caçar anta. No porto de Pával, no córrego Antônio Correa, as canoas param. Um grupinho quer vir conosco ver o lugar dos civilizados. Ualgma apóia vigorosamente a idéia.

Na conversa, cinco nomes de chefes são passados de boca em boca e comentados fortemente: Tabobocá, em cuja maloca deixamos os primeiros brindes no Sangue e com quem primeiro falamos; Erícabui, chie da maloca situada logo abaixo de Tabobocá; Multsoc, respeitado pela turma do rio do Sangue, mas com domínios para as bacias do Juruena; Paraitá, morador da margem direita do rio do Sangue; Mihadi, filho de Paraitá, morador da margem oposta. Pelo visto, esses chefes e seus grupos se dão entre si muito bem.

Dia 32. Já no rio Craveri, a lancha da firme, descendo, encontra-se conosco. Traz de barrelo a Mapedata, filho mais velho de Multsoc e Hicpadari, já meu conhecido do Arinos.

Prosseguimos sem maiores novidades até Utariá.

Em Utariá, um dia me assustam com a notícia de que Muipa flechou dois animais pertencentes ao pessoal da linha telegráfica. A flecha reavaliou pela costela do cavalo de Pedro, Paraitá, mas o burro ao lado, de Antônio Zácaá. Paraitá também, tomou outra flecha de chato e morreu. Não querendo acreditar, vou ver, sob a reclamação exaltada do encarregado da estação telegráfica. Até me ameaça, vendo a ferida bem em cima do coração. O flechador e seu pai me quiseram flechar por ocasião da primeira fala no Sangue. Indenizamos o animal. O pessoal apaziguou-se. Aproveitamos a ligão,

Também Mamá, filho de Aucca, morre de intoxicação da mandioca braba. Quando nos damos conta do envenenamento, já é tarde.

### 34.3. ABERTURA DO POSTO RÉGIS

De Ulianití entre o Imólio Isidoro Lemos na minha constitiva para me acompanhar até a região do Roncador. Entendido em plantações e questão de qualidade de terras, o Imólio me ajudará a escolher um bom lugar para atendermos mais facilmente os Ribábichas do Sangue.

No barracão São João, que controla os seringais do rio do Sangue, tenho uma conversa decisiva com o encarregado Aloisio. A firma gastou mais de quarenta contos em brindes, distribuídos sem critério. O resultado é que, passado o primeiro entusiasmo da pacificação, o índio torna-se exigente e arrogante. Bate o pé, se não recebe o que quer. Os seringueiros desistem os índios e lhes causam danos. Torna-se imperioso um posto de atendimento e orientação dos índios, que impeça a invasão das frotarias. Na negociação, argumento contra a promiscuidade de índio e seringueiro nas frotarias. Se a firma não colaborar, o posto não servirá para nada. Concorda.

Dia 13 de maio. Nossa chegada ao porto coincide com a da lancha da firma subindo. Os tripulantes, animados, trabalham de calção. Ostentam uniforme distintivo da firma, copiado da nossa senhora da pacificação. Cada um cesta vinte crucifixos.

Dia 15. Saímos nós e a lancha da firma. Na primeira cachoeira, já muito rasa e arriada de pedras pontiagudas, quebra-se a lancha da firma. Três homens, mais o motor e um tanque de gasolina pegam para o meu barco, agora apenas com dois dedos de borda livre. Num futebol de seringueiros, Uliguedem pega suas galas. Vêm com todos os pertences: cuias, ornatos e espírito, xines e panelas. Parece uma mudança. Volta de lugar de civilizados. Há um mistério no meu diaô. Alguns seringueiros já começam a falar em balelo. Cada um quer preverecer como protetor de índios e índias.

Encostamos no barracão. Dali de porto,reste à frotaria de Agostinho, sai um pião de 15.400 metros, que vai até o Juruena. Régis tentaria abrir uma estrada para ligar o seringal com o Juruena, para evitar a navegação dificulhosa do alto curso do Cravari e seus córregos.

Dia 19. O Ir. Isidoro aprova a terra como boa para a agricultura, se bem que não seja de primeira qualidade. Aloisio determina, em caráter provisório, que a parte demarcada é não plantada ainda passe ao posto dos índios.

Dia 20. Levo o Ir. Isidoro ao porto Djalilinho, a fim de que volte a Ulianití. Despeço-me agradecido. Acampo perto da barra do Antônio Corrêa, para atender aos índios doentes e estudar a região. Encontro 21 pessoas, quase todas gripadas, repartidas em cinco rancheiros.

Dia 26. De tarde passa a chalana da firma. Ressoam saudações ruidosas dos tripulantes, como de velhos conhecidos.

Dia 26. Vou ao barreiro buscar nemácos. Já de volta, no Porto Lindo, encontro o engenheiro Dr. Luís Costa. Mede terras de noventa mil e duzentos e quarenta mil ha, em chão de Rikbéktsa não pacificados ainda. O Dr. Lula faz questão de ver os índios. Leva-o a ver. Fico impressionado. Atendo aos índios docentes. Os sítios pintam-se como para festa, mas esta não se realiza. A noite, consideram-se para comer beiju de milho e pomba assada.

Dia 27. Vamos ao Porto Lindo. Vai também Paravári, de quem um seringueiro disse: — "Com este río queria me encontrar sotinho no matô".

Rumamos para o Juruena, batendo o picado novo, saindo 4 km acima da colônia Alagoance. No lugar da colônia, encontro 17 pessoas a serviço da Companhia Brasil. Contêm que foram molestadas por índios durante a noite e que deram tiros para o ar. Bato uma chape; quase todos armados e alguns da boca de fogo em riste. Oriento essa patrulha, pois boa vontade não falta.

Desemos ao barreiro do Julna, dirigido por Salomão Pacheco, a fim de falar no río do seringal. Infelizmente, o aparelho não funciona. Relatem-me os ataques aos Cinta-Larga, poucas semanas antes, pela região das cabocinhas do Julna Mirim. Mostram-me uma moedinha de cerca de 12 anos, que tinham pegado e conseguiram trazer até o barreiro. "Até aqui, foi com todo o respeito" — diz Paulistão, chefe dessa turma de coleção. Idéia comum era que se levasse a moedinha quanto antes a Utiariti. Mais tarde se chamará Laura.

Pedem a ajuda de minha turma de pacificação para atuar na área dos Cinta-Larga. Prometo para logo mais, pois, de momento, é-me impossível.

Providencio medicamentos. Encontro apenas um feijão para brinde. Dou-o a Paravári. Relato o clima de pacificação do río do Sangue, conseguido com diplomacia. Peço a colaboração dos seringueiros e insisto em que evitem qualquer provocação dos índios. Digo que removam o seringueiro apelidado Amazonas, pois matou um Rikbéktsa, mal fez um aço, jogando o cadáver no Juruena.

Dia 29. Estou de novo com o engenheiro Dr. Luís Costa, no río do Sangue. Mostro que é de justiça respeitar o espaço vital dos índios; não se pode medir para brancos uma aldeia indígena.

— "O senhor está pacificando os índios de graça e atrás do senhor entram seringueiros e a medição de terra!" — foi a resposta.

Impressiona-me a observação do engenheiro. Só faltou agora alguém dizer que sou um criminoso. O Serviço de Proteção aos índios não quer tomar conhecimento do caso.

Volto ao Porto Lindo com os três Ribeirinhos, quando a valer, para carregarmos café, açúcar, macarrão, 14 litros de gasolina e 100 ampolas de antígrípala.

Dia 30. No acampamento do Antônio Corrêa, todos os índios estão praticamente fora de perigo da gripe. Encaminho uma mensagem a Matisoc para prevenir acidentes na medição e colheita. Os mensageiros vão também avisar Pudal, outro chefe na região do bairro curvo do rio do Sangue, na margem direita.

Vou repercorrendo, na viagem, que as medições retiram terras indígenas; o Dr. Júlio abre acampamento de medição 13 km abaixo da cachoeira das Gargas, com 40 km de linha para dentro do vale; outra medição no Igarapé do Sertão, outra no Tomé de Freitas. Torna-se inevitável um encontro violento com os Belço-da-Pau. Falar, apelar, boas vontades não resolvem; só mesmo uma medida de força maior.

3 de junho. Fico sabendo que os Ribeirinhos da margem esquerda do Juuvana mataram o seringueiro Suárez, cognominado Bolivia. Os índios desapareceram com ele. Fala-se do terrível grupo Magistério.

#### 24.4. INVESTIGAÇÃO DO CASO BOLIVIA

Chegado ao posto Santa Rosa, o encarregado na minha audíncia José do Espírito Santo, vulgo Paulistinha, apresenta-me, à respeito da morte do Suárez, um relatório:

"No dia 14 de maio passa a chalana do engenheiro Dr. Júlio, vindos do Juuvana. Vêm com ele José Nunes, vulgo Jota, à procura de Marcelo, encarregado do seringal. Apresenta-se-me com estas palavras:

— "Os índios mataram o Bolivia. Aqui tem o que vale seu Conselho bom!"

Dia 16, Jota já está de volta na companhia de Marcelo e Pedro Baleno. Associo-me a eles e seguimos para o Juuvana.

Investigo a feitoria de Pedro Alessandrinho e Benedito Ribeiro, na ilhinha em que vivava Bolivia.

Dia 17. Passo à feitoria do Jota. Mas nada de novo aparece que esclareça os acontecimentos. Na feitoria do Bolivia não há sinal de resto de índio nem de sangue. A suposta mancha de sangue no topo fértil à feitoria provinha do jau que Pedro Alessandrinho mandou com Marcelo no dia 8 de maio. Três chuvas quase a tiracolo apagaram. Não constavam na feitoria: espingarda, facão, panelas, duas delas pequenas e esmaltadas em vermelho, rede e mosquiteiro, nenhuma roupa, as latas de couro de seringe. Estavam dois pares de botinas e os chinelos. O cachorro é encontrado e a canoa embracada. O Dr. Júlio estranha não encontrar ninhos de trincheira, como os índios costumam fazer. Nem há sinal de que o acampamento defronte houvesse sido usado. Sabendo-se que índio não amarra cachorro, o caso compõe-se.

Rememorando os fatos:

Dia 8 de maio, a chalena da firma passa na feitoria do Bolívia. Marcelo fonsaca-a de mentimentos. Segue no mesmo dia, até o Jota, onde pousa.

Dia 9. Baldeação dos pertences dos seringueiros Roberto para a Ilha do Jota. 9 índios que tinham aparecido na feitoria de Roberto, no dia anterior, também acompanham a mudança, viajando de chalena. Marcelo nega-se a levar os índios até o posto Santa Rosa. Descem a margem do Rio, por terra. Marcelo segue subindo até o ponto final do seringal.

Dia 10. Marcelo volta. Pousa no Jota.

Dia 11. Pousa na feitoria do Bolívia e não o encontra. Pega a barroca para pesá-la, com testemunha, na vizinha feitoria de Pedro Alexandrino. A autêncica do Bolívia não chama a atenção de ninguém. Só no dia seguinte os companheiros começam a suspeitar de um desastre e o Jota, representando seus companheiros, vai atrás de Marcelo.

Fica constando que Bolívia discutiu com Marcelo a respeito de fornecimento e armas em poder de Bolívia. De fato, este também faltava na feitoria do desaparecido. Com isso Marcelo é também envolvido no caso.

Os seringueiros resolvem saber diretamente dos índios a certeza dos fatos. Vamos Roberto, Oscar Belarmino e eu. Marcelo fica, porque está com dor de dente. Andamos o dia inteiro, pousando na estrada de seringa. Outro dia, às 9 hs, chegamos. É a primeira vez que civilizado pisou na maloca de Ribeiro. Os índios mostram inabalável henção de ânimo no caso de Suarez, o que causa desconcerto na ambalaada. Comita que Tonobilité estava entre os novos Ribeirinhos. Os índios repartem com a turma de bisco a responsabilidade do roubo de canecos de seringueiros e assim mesmo dizem que "fizeram só vinte e o mais foram os Ribeirinhos de bisco, os Mugitotos." Até aqui o relatório de José.

Dia 5 de junho. Subo o Juniperu, saindo da Santa Rosa para examinar o caso do Bolívia, pacatadamente. Voujo de barco até a feitoria de José Nunes e Roberto, no cactoeira do Desastre, com forte friagem. Na chegada, batinhamos. Caixa que os dois seringueiros chegaram à mesma hora, duas canecas tolhendo a longa imensidão do rio, os homens embuçados por causa do plum, coelho estorniçando a proa da canoa.

Nada de novo afora o que já fora averiguado. Alguns seringueiros se mostram exaltados, dizendo um deles:

— "Se é assim, é melhor mandar vir armas e balas e atirar sobre estes índios!"

Dia 6. Eu, Roberto e Oscar marchamos para a aldeia de Ribeiro. Passo pelo pouso do Roberto, um rancho de palha com duas águas, palhas até o chão. Não pode cortar a estrada num só dia. Chegando ao fim da estrada, caiu-nos encontrar o trilho que leva a

Ricôetti. Passamos uma pinguela. Na roça da aldeia, cruzada por caminhos, surpreendemos três Rikbáktas tirando batatas com pau. Entre espantados e alegres, sempre acham lugar para tirar um "Cachorro bom!".

Os índios agrupam-se num acampamento perto. Ricôetti levanta-se imediatamente, toma a jacutinga abatida por Roberto, que se surpreenderá, e leva-a ao rancho. Sentamo-nos. Trazem comida: mingau de banana e batata, em duas panelinhas de alumínio. A noite trazem mingau, numa panelinha louçada vermelha, que por sinal fora roubada a Suárez. Dou remédio para os doentes. Ricôetti fuma desconfiado.

Dia 7. Já cedo, de pé todos. Junta-mo-nos ao redor do fogo, ao pé da minha sede. Oscar encontra-se um tanto afastado e seu silêncio é interpretado como medo.

Temos a impressão de que os Rikbáktas não dizem toda a verdade sobre o desaparecimento de Suárez. Aproveito a ocasião para dizer que não tiram os canecos dos seringueiros. Ricôetti pega o primeiro dos que estavam jogados por ali e me entrega. Recusamo-nos, insistindo para não tirar. Machado e eu, digo que busquem no pasto. Mais que pedir, os Rikbáktas exigem.

Voltamos. Pousamos na feitoria de Pedro Alessandino.

Dia 8. Ao inspecionar a ilha de Suárez, os Rikbáktas, que estavam comigo, descobrem um pequeno trilho que vem do lado do Poeme. No acampamento, na margem do rio, verificam rastros, irreconhecíveis para outros: são grandes passadas, quase pulos. Interpretam como expõe uma folha de palmeira quebrada no meio, entre dois troncos. Usigna reconheceu os aconselhamentos: os Rikbáktas chamaram o seringueiro. Na chegada o flecharam. Pegaram sua canoa, sóram da margem do rio e foram à feitoria, na ilha, abdicando na margem poente. Abriram o trilhinho. Sequearam a feitoria e, ao voltar à margem do rio, largaram a canoa, que logo abafou enganchou numa mata. A espingarda, como coisa impraticável e inútil para elas, jogaram néguo. A popa da canoa mostra um buraco, que parece feito por canudinho. Alguns seringueiros tinham visto ali furo de bala de fuzil.

Aos poucos, aparecem pormenores, como os nomes de locóindí, Nak, como participantes. Bobel foi quem amarrou o cachorro do Bolívia. Por entre os comentários de que Bolívia tivesse atirado nos índios, aparece o mais importante de tudo: é que os Rikbáktas o tinham por seguro, urinha de fome, porque não lhes dava o que queriam. Monerocutipí menciona o feitio que tinha vindo pedir. Bolívia respondeu:

— "Tenho só este, não posso dar!" — Por sinal eu tinha sugerido este modo de explicar.

Bolívia, depois de se ter encontrado com os índios e fugido, marcou com os companheiros a data de 9 de maio para resumir a estrada e ir-se embora. Usigna diz que Bolívia não atinou em

ninguém, mas que aqueles Rikbáktas são bravos mesmo e querem feio, panela, roupa, rede e mais coisas. Rematou textualmente:

— "Seringueiro tacanho!"

Continam, por fim, como de volta da lhinda, carregaram o seringueiro meto a dentro. A cerca de meio hora do caminhar, num cabecoteira do cônego, o esqueciam e saíram. Materocutipá refere os pormenores, como o carream e como o seringueiro gêrava ao lhe cortar a garganta. Materocutipá contou a degolação rindo, imitando o último gemido de Suarez.

Manoel Tavares, conhecido seringueiro, que responde pela alcunha de Paraíba doido, afirma ter visto o varal onde penduraram o corpo de Suarez, para destrinchar, e os dípós com que o tinham amarrado.

#### 24.5. INAUGURAÇÃO DO POSTO RÉGIS

Dia 24 de junho de 1959. De novo no rio do Sanguê, tenho a notícia de que Régis ordenou a transferência do barracão do seringal para o Roncador, deixando o nosso incipiente posto com a área toda disponível para o atendimento dos Rikbáktas.

Subindo para Utiriti, ao passar pela ponta da Lagoa, os índios me chamam. Meigo leva-me na sua canoa ao lugar onde se encontra Eritabut, seu sogro. Tenho a satisfação de verificar que todos estão melhorados da gripe.

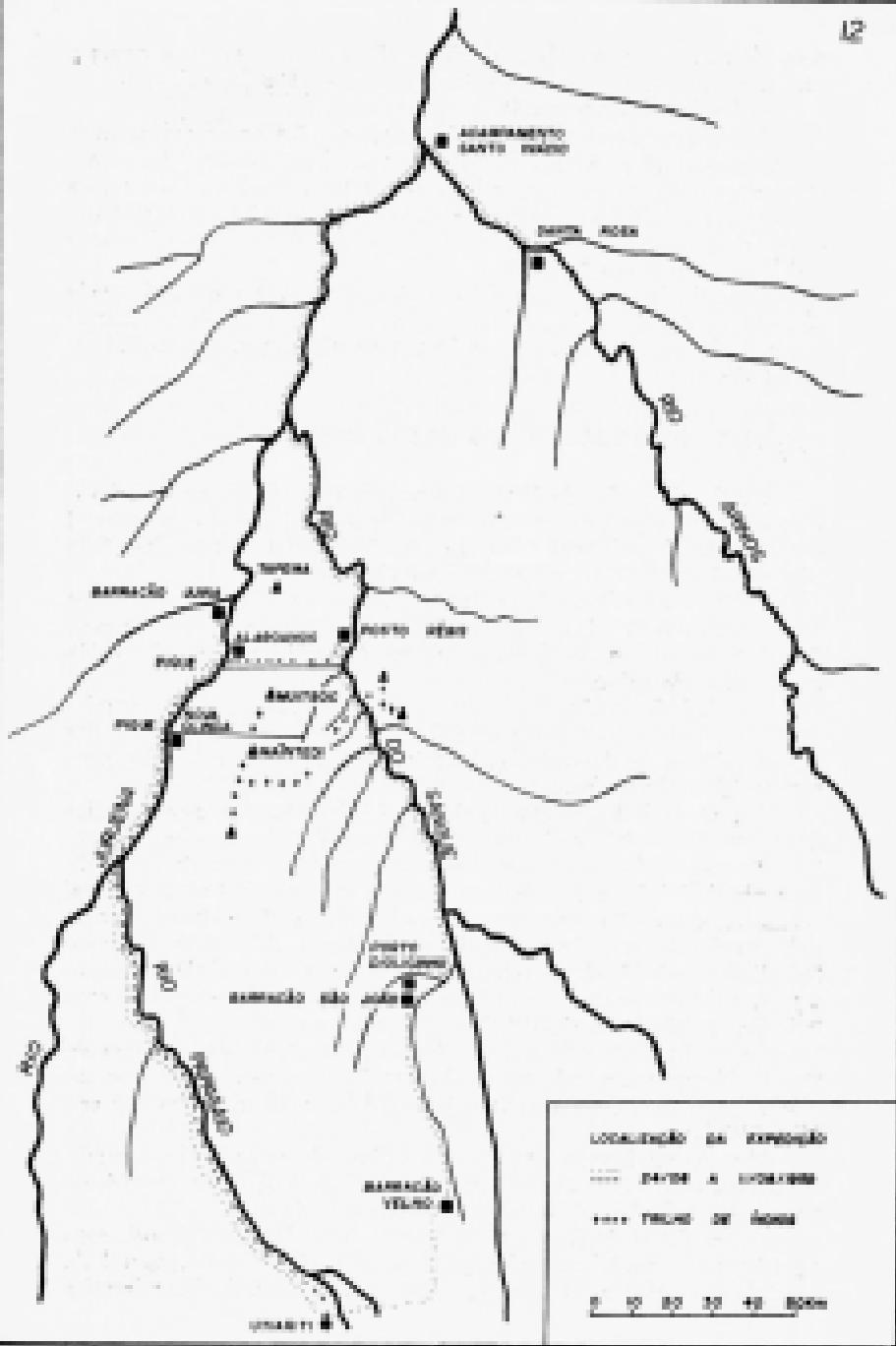
Em Utiriti, consigo boa partida de gente para ajudar a fundar definitivamente o posto que apelido São Francisco Régis, que evoca o nome do antigo dono da benfeitoria, o nome de Francisco Usigre, é uma idéia de padre.

Dia 16 de julho. Partimos de Utiriti duas turmas, por dois rios diferentes. O Ir. Idílio Lemmer, com seis índios desce pelo Juruena. Na altura dos Alagoanos, rumo para o rio do Sanguê, atravessando pelo picado Régis, a fim de se encontrar com nossa turma no local do posto Régis. Eu, Ir. Raimundo Schneider e 4 índios desemos pelo rio do Sanguê. Os índios da escola de Utiriti atacam firmes o trabalho organizado de derrubar uma soga em boas condições e levantar o rancho do posto. Denominamos ampareada dos oito dias esse trabalho, colaboração de Utiriti.

Antes de nos recolhermos a Utiriti novamente com a turma de Utiriti, Tapera me guia aos Rikbáktas do Sanguê e a Muitsoc, ao célebre Aquugut, para depois subir também a Utiriti a visitar seu filho Difirho.

Muitsoc recebe-me com uma delicadeza, à qual só cabe a qualificação de fina. Não vi as seis cabeças de seringueiros que guardava, porque não olhei para cima, para a cumeira da casa.

Outro dia cedo Muitsoc me leva a Miltedi. Da Miltedi, com duas horas de caminhada, alcançamos a segunda linha transversal de medição do Sanguê ao Juruena. Este picote, partindo da cabecoteira



deu começozinho do Sengue, alcançou Juruena perto de Nova Olinda, medindo 25 km. Entramos no pique no km 12. As 15 hr. estávamos no barreiro Nova Olinda. Os homens de Nova Olinda nunca viram um Rikibákka de perto. Até os apalparam.

Eicópedati, sobrinho de Tapera, mora no terminal do pique de medição. O moço, embora seguro de si, comporta-se como um estranho na própria casa. Acompanha Tapera, a fim de visitar Ditiňho em Utariití.

Dia 26. Subimos para Utariití, via Juruena, ainda cedo com a turma de Utariití, no barco "Jabotí", partindo das Alagoanas. Pouco antes da barra do Pequeno, Tapera reconstitui o sítio aos seringueiros em 1954, à feitoria agora denominada Aqueugua. Multo se flechou Jovalino. Monreu também Teófilo ou Cetipó. O nome do seringueiro talhado numa seringueira estava quase de todo apagado pelo alegre sucessor. Com os seringueiros é assim: se um tomba, outro entra no lugar.

Passada a festa de Santo Inácio, desço de Utariití com bom reforço para o atendimento dos postos. Os índios da escola de Utariití são guindados à liderança: Maurício Tupai e Armando Uiscuxi tomarão conta do posto Régis, e Frederico Casuí e Andréi Ceoli e mais quatro índios levantariam um grande rancho em Santa Rosa. Da desida vou até o Juina Mirim mostrar o barreiro a Tapera e Eicópedati. Os dois Rikibákkas mostram certo recôcho, só permanecem em terra de Cintilanga. Mas logo sonsegam, só sentiram que os civilizados dominam este recanto.

Dia 8 de agosto. Após a transmissão do rádio do Juina, o grupo de índios de Utariití que vão ao Santa Rosa, prosseguem na navegação no barco "Jabotí", com Casuí ao motor. Os outros rumam para o posto Régis, utilizando a picada Régis, para pegarmos o meu motor guardado com a chalana no porto Lindo.

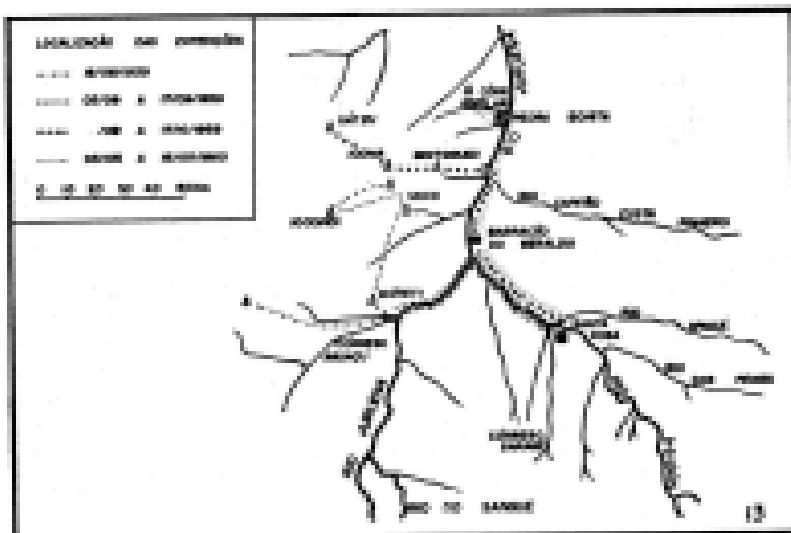
No porto de Multaco, consideravelmente para ir à festa da aldeia de Alipio, genro de Ercivaldo. Desta vez vou à festa. Também Multaco.

São coisa de 30 Rikibákkas reunidos. Como de costume, vamos para a casa dos homens. É sentar e conversar. A casa grande não deixa faltar comido. Depois vou à casa grande. Ali conheço a mãe e a avó de Ditiňho. Quando quero entrar novamente na casa dos homens, chamam-me para a casa grande, para uma espécie de rezação. Os homens ornam-se com ricos estavos. Chama a atenção uma espécie de manto de folhas, pendurado nas costas. Depois de um tempo, vêm uns bate-pés ritmados. Soam ao terreiro, cerimonialmente, como quem pede boas-vozes. Tudo se passa em seriedade religiosa. Há um misto de tristeza e esperança em tudo isso. A minha presença parece dar coragem aos Rikibákkas. Têm-me em conta de bom. Não fico até o fim da festa, chegando, no mesmo dia 10 de agosto, ao posto Régis.

Dia 11. Inauguração do posto. Ao pé da bandeira da pacificação nos dispomos para o ato inaugural: eu, Maurício Tupai, agora encar-

região do posto, Armando Uescud, auxiliar, Hicpadéti, o primeiro Rikbaktsa a participar do mundo de um posto, Típari, Imbá, mulher de Tágari, Tuçá, de 10 anos, e Vózak.

Com esta data, dou por encerrada a fase de pacificação no Rio do Sangue e alto curso do Arinos.



#### 24.6. NA ALDEIA DE MAMUITA

Dia 18 de agosto. Prosseguindo viagem para o posto Santa Rosa, fico sabendo de uma aldeia rikbaktsa para cima da cachoeira do Desastre, quando julgo que esse região atualmente não é mais território de Rikbaktsa, na margem esquerda do Juruena.

Sobrò à aldeia de Mamuita com o seringueiro Benedito Siqueira, Casal, Friso Manduca, Uigema, Aucca e Hicpadéti.

Depois de quatro horas de marcha, damos com um tapir grande de coleta de castanha. Mais três km, um xiré encostado numa árvore. Uigema e Hicpadéti se sobreusam. Mais adiante, um rancho queimado com uma sepultura velha, bem absurda e dura. Perto, a árvore de defunto, dessecada em anel. Ignoro a significação dos anéis. Ao pé da árvore, algumas folhas queimadas. O caminho torna-se cada vez mais fechado. Na dúvida, voltamos. Pouco andamos e encontramos Mamuita e Mandi, seu companheiro. Os dois batiam nossas pégadas e queriam saber quem andava por suas terras.

Sabemos que lidamos com uma turma resistente à pacificação. Todos os moradores rikbaktsa, neste margem esquerda do Juruena,

dequi para baixo, sóridos por refratários. Mâmita acolhe-nos reservado, mas cordial. Quis-nos a dois ranchos frescos. Não nos apresenta religião. Vou insistindo, juntamente com Benedito Siqueira na saudação "Cacoeiro bom, seringueiro bom". Insisto mais na saudação "seringueiro bom", porque Benedito tinha dito a primeira fala pacífica com este grupo. Mâmita ouve tudo um tanto impassível.

Só depois, ao voltar, venho a saber dos desmandos de Benedito. Tinha-se malrido com o filho da Mâmita. Seu sócio de trabalho, Lucas Pereira, acompanhava-o nas aventuras de mulheres. Lucas é cornutela da Louco, apelido de Pereira, também apelidado de Paraíba. Assim sei a composição do nome Paraíba Louco. A filha da Mâmita passou dias nas telharias destes dois seringueiros. Quando os índios vieram buscar a filha do capitão, por pouco Mâmita não morreu. Sua sorte foi ter Pereira puxado o garilho de arma descarregada.

Depois disso, Mâmita e Apivô atacaram Pereira, quando este recolhia coconas no seringal. Paraíba doido não correu e enfrentou, desarmado, os índios com bordões na mão. Roberto Pacheco, que também estava ali, ameaçou os índios com a espingarda. Os índios correram, abandonando molhes de flechas. Por sua vez, pouco depois, Pereira ajudou a Roberto a desanegar a estrada. Os Ribáktus lá o foram buscar na estrada de Roberto. Desta vez, sozinho, Pereira largou tudo e correu o quanto podia. No dia 13 de agosto viajou para o rio das Peixes e lá foi assassinado por um seringueiro.

Viajando eu ao rio do Sangue, encontro-me com Benedito Siqueira. Fago que se retire, que descanse a estrada. Diz, então, nesse momento:

— "Ah! é assim?! Os índios podem fazer malvadeza com os seringueiros, matá-los, assá-los, comê-los? Por que não, então, não podemos fazer isto que é menos? Não não o fazemos na brutalidade, mas eles mesmos querem!"

O encarregado do seringal segura-o ainda até o fim do ano.

Acalmado o ambiente, com o tempo, Mâmita liga-se à turma de Ico e ao posto Santa Rosa. São 12 pessoas.

#### 24.7. ENTRE OS NEGÓCIOS, OS KUTIA

Icoma é o chefe mais falado da resistência no Juruena. Organizou a ofensiva no Baixo-Arinos, em 1956. Alertou a Ico, que procurava, com pouca sorte, aproximar-se dos civilizados:

— "Essa gente não presta. Não se fie delas."

Desse turmas saíram os flechadores de Pedro Amazonas e, ultimamente, alguns dos matadores do Bolívia. Quando eu tentar uma fala pacífica com esses índios, em 1958, Ico é achou que não deveria ir. Disse ironicamente:

— "Eles Rechem."

Ico é deu a entender que ia primeiro falar com a turma de Icoma. Conta que o fez. E, quando chega agora a hora de minha

ação junto a Icôma, devo à diplomacia de Alcavá ter Ricôteri como guia e garantia da minha passada.

Em setembro de 1959, realizei, pois, o que no diário de campanha dei como a Trigésima expedição.

Dia 5 de setembro. Saio de barco da Santa Rosa, em busca de Ricôteri. Na fozaria da barra do Arinos, dizem-me que os seringueiros da CONOMALI, que trabalham da barra para baixo, já faz meio ano, tinham encontrado um grande corregó no margem esquerda, o Agua Branca. Não observado até agora pouco movimento de Indianos.

Dia 7. Deixo o motor e barco com o seringueiro Jata, na ilha da cachaçaria do Desastre.

Dia 8. Eu, Fritz Tolksdorf, o Kayabi Simão Kangauvi, os Rikbaktsa Materêocutipá e Uaigna rumamos para Ricôteri. O pai de Materêocutipá mora embalço, por lá. Encontramos a casa grande de Ricôteri queimada, a roça abandonada. Poucos no mato, ali mesmo.

Dia 9. Não andamos muito, quando demos com uma encruzilhada, um caminho leva a benfeitorias de Icôteri e outro leva às vertentes do Arivaraú. Os Rikbaktsa me informam de que por este última trilha se vai andando sete dias de viagem. Tomamos o rumo de Ricôteri.

Icôteri está acampado perto, com Uâima e Tonobibita. Não percebo saudejo da parte dos que estão, nem dos que chegam. Dão-nos comida já preparada para elas: um pacotinho de folhas com palhinhas e um mingau de banana com mel. Ao todo estão presentes 13 pessoas. Ricôteri se queixa de José Jota, dizendo que é bicho. Também manifesta recado dos Cintas-Largos, com os quais tiveram os Rikbaktsa refregos neste lado do Juruena, para cima do corregão.

Dia 10. Ricôteri leva-nos ao acampamento de Rikotsa, da coqueira Yaco, gente nova para nós. E Ricôteri leva só a rede dependurada de um logu na cabeça e um facão na mão. Poucos enfeites e não armamentos.

Após longa caminhada, já tarde, chegamos a uma grande roça. Na entrada, duas mulheres e três crianças estão para fugir, quando Ricôteri as acalma. Materêocutipá e Uaigna vão à frente, até o acampamento, já perto, a fim de preparar os drímos dos Rikbaktsa desconhecidos.

Não podemos divisar bem os visionários, pois já escurece. Algumas, com traços de civilizados. Gente nova, movimenta-se rápida e decidida. Tudo de cara fechada. Coletem costeletas, neste acampamento. Por isso, encontramos cestinheiros de área limpa e queimada. Convidam para sentarmos no chão.

Logo vem uma grande panela de barro com mingau de bananas amassadas e mel. Apresentam primeiro a mim. Vêm ainda mandioca assada e depois batata com alguma carne de onta assada. Pouca de cada coisa. É nossa primeira comida do dia.

Todos os corregos estão secos. Tiram água de poças sujas, das lamas paradas dos corregos.

Os Rikbaktsas que vêm comigo, tratam os outros da Rikta. O fato surpreende-me, pois conto com a designação de Negritato. O cacique Voco ostenta traços de civilizado. Todos, cheios de curiosidade, desejam brindes. Ali tinham falecido alguns índios. Há doentes. A assistência aos doentes compensa o trabalho de carregar a farmaçolinha.

Pousamos ao lado da malocinha, ao ar livre. Contamos 12 Rikbaktsas de Voco. Alguns usam urucum nos cabelos. Encontramos o casal novo Aundo e Uobatauá. Aundo é irmão de Hotsabui. O pai deles foi morto por um seringueiro do Aripiuaná, e o pai da mulher, por outro Rikbaktsa.

Dia 11. Descemos à aldeia de Iocodindi. Hotsabui abre a marcha com arco e flecha no mato. Fazemos fila Indiana. Marcha pelo mato de ar abafado, os córregos secos.

As 14 hs., chegamos a uma verdadeira aldeia: duas grandes casas e a casa dos homens, servidas por caminhos largos e limpos, mata alta, muito babacu. Aldeia de Iocodindi vazia. Entendi, depois dos comentários, que fugira para o Aripiuaná, ao poente, de medo, para se unir aos Rikbaktsas de Pignótila. É um dos nove que manjam o seringueiro Suarez.

Hotsabui, Usigra e Mateneocupi passam a uma outra aldeia que está perto. No dia seguinte seguirão até a maloca do pai de Mateneocupi, num dia bem puxado de marcha. Os maiores ficaram. Fritz tem uma enorme bolha num calcanhar, Congauvi uma ferida, Rikteri sente-se abafado. Comida escassa. Felizmente, no caminho, Aundo sobe numa castanheira e derruba casinhas verdes. De noite vento forte.

Dia 12. Fritz permanece na aldeia abandonada. Aundo e sua mulher nos guiam. Apesar da temperatura fresca de friagem, suamos bastante, com sete córregos secos e apenas um com água. Afinal, chegamos a uma roça ainda fumegando. Uobatauá, que está aqui velo à frente, guilando, fica atrás de todos. Um caminho seto rasga um maravilhoso ensaçal, à mata alta. Por fim, um amarelo de palha, de ríldos contornos, se destaca do fundo escuro, em porte fechado pelo mato. Aldeia maior que a anterior: três casas grandes e uma casa dos homens. Tudo abandonado, com sepulturas novas.

Após conselho breve dos índios, voltamos um tanto do caminho e enveredamos por outra trilha batida, que nos leva a uma pescaria com seis ranchos. Mateneocupi nos espera. Seu pai falecera e não sente necessidade de ir logo à distante aldeia.

Primeiro me apresentam a Tsópaki, de fisionomia e anatomia de civilizado. Dou-lhe remédio. Depois vem Icoma, o chefe desse grupo e a alma da resistência ao avanço dos civilizados, cabelo comprido, estatura pequena, porte de homem no vigor de idade e de mordomo. No grupo conto três homens e duas mulheres com feições de civilizados. Sua consciência, mentirosa e o falar são de Rikbaktsa. Usigra diz que os Rikbaktsa, ao se deslocarem de Leste, já trouxeram

crianças civilizadas de península com os Rikibáktas. Informam que, além disso, faz bastante tempo, os Rikibáktas pegaram dois ou três siringueiros e, entre eles, uma menina. Usigma diz que os civilizados foram roubados por outros grupos rikibáktas.

Reunimo-nos, uns 30 pessoas. Os nomes mais falados são: Icoma, Taipako, Utema, lognoba. O nome de Icoibindi é ridicularizado. Dou remédios a todos. Icoma faz questão de que sua criança receba uma injecção.

De tarde, chegam em fila indiana, silenciosas, quatro caçadores, de uma excursão pela região do bicho curto do Juruena. Castoram três a quatro maceus. Matsin, o mais avançado entre eles, vem foscando. Comida feita na aldeia: carne moqueada, batata, mingau de batata doce e milho semi-assedado. Têm a impressão de ser bem acolhido e acolto, quase com expectativa de algo extraordinário. Mostram curiosidade e admiração mal disfarçada. Reparo que muitos examinam de perto e tocam pela primeira vez um civilizado.

Os hóspedes pousaram ao ar livre. Noite fria e de forte vento. Ricoset, entre dois fogos, a toda hora sopra fogo.

Dia 13. Voltamos à aldeia de Icoibindi. Fritz não perde a ocasião de demonstrar a boa pontaria e destreza no tiro. Obtém, por troca, objetos indígenas, já que os índios se mostram interessados. Não aprovo, porque infringe a combinação feita expressamente. Nessa pacificação e nos primeiros contatos, não é para trocar nada: é minha tática aqui declarada. Negociações, só depois.

Voltando para o posto Serra Rosa, acompanham-me Automa com sua mulher Taumarruk, carregada com um xitê enorme, penas de colares e moça uma criança na feixa. A outra criança, já maiorzinha, revolta entre andar e ser carregada pelo mãe ou pelo pai. A saída dizem que vão aos Kütubo. Entendo que falam de nós, os civilizados. Ricoset, doente, com 38,6° de febre, exige e se queixa, centro de atenção de todos.

Dia 14. Falhamos, por causa de Ricoset. A febre passa de 39°. Chegam três moças: Teivata, Irmão da Usigma, Mais e Oricha, pintadas na cara e no corpo, tanga nova e bem arrumada. Nossos três índios, como em geral em quase todas, leio a admiração indistinta e desejo de conhecer os civilizados, tudo deixando transparecer certo medo e vergonha. Afirme e insisto que os siringueiros do Juruena são bons. A maioria são colonos de CONONAU e Geraldo à pessoa 6000%.

Tiro uma série de informações sobre as principais malocas. Dizem que aldeias grandes são as de Icoibindi, Icoma e Bobei. Indicam outras pequenas. Mas afirmam que não adianta procurar as aldeias grandes, porque os Rikibáktas delas são bravos e fúgião de medo.

Combino viagem a fim de visitar mais tarde as outras aldeias.

Reino uma geral animosidade contra algum Rikibáktas manchado de gente da própria tribo, mas não podem perdoar aos siringueiros. Matsin e os Rikibáktas recém-chegados contam como agem. Matsin

participou de roubos em feitorias. Os índios flecharam e os seringueiros correm. Dizem que os seringueiros do Arquipélago têm tudo. De lá trouxeram galinhas, que criam por causa das penas. Também as correrias da margeira direita do Juruena ficam para a responsabilidade dos Rikbaktsa de barro. Matiñá diz que os seringueiros do Arquipélago são bravos e, assim, as investidas de roubo dos Rikbaktsa não dão quase resultado nenhum. Nesses correrias pelo baixo curso do Juruena, recolhem também tacaras e tabocas para flechar.

Aos poucos, os Rikbaktsa vão descobrindo o véu da identidade dos flechadores de Pedro Amazonas e dos matadores de Suárez. Automa e Naik flecharam Pedro Amazonas; Automa, Naik e Bobai mataram Suárez. Muitos acontecimentos se chega a saber e muitos mistérios se desvendam apenas quando a gente se torna amigo dos Rikbaktsa, um entre eles. A manifestação desses segredos é arcana se faz com poucas expressões. A contestação dos inimigos permanece ritmo-enigma.

Nos últimos dias e semanas, morreram quatro homens e seis mulheres da turma de Icoma e mais alguma da turma do Voco, sendo oito homens no total. Atribuem a morte dos oito homens, pelo menos, à carne comida do seringueiro Suárez.

Dia 15. Voltamos até à aldeia do Voco. Rikötati não nos segue, nem Materecouipá. Este último procura uma mulher para si.

Dia 16. Pousamos novamente na aldeia de Rikötati. Não se sobressaltam com a notícia da doença dele. Não há água. Apresentam uma que parece mingau de barro sujo. Agüento a sede e não tomo.

Dia 19. Acompanham-me ao posto Santa Rosa Automa com a família e mais Taivata e Mata.

#### 24.8. CONSOLIDAÇÃO DA PACIFICAÇÃO ENTRE OS KÜTSÁ

Dias depois, farto aos Kütsá, para consolidar os primeiros encontros amistosos. Levo remédios para atender à gripe dos índios. Frita Tollendorf prontifica-se a responder pelo Santa Rosa, durante minha ausência. Acompanham-me Urigua, Automa, Aikó, Guimaitá e os tripulantes. O guia é Automa.

Não encontramos ninguém no barreiro do Geraldo. Um pouco abaixo, o seringueiro Generoso me informa de que, poucos dias atrás, tinham passado cinco Rikbaktsa por sua feitoria e saíram satisfeitos.

Chegados ao porto de Icoma, faço um pequeno reconhecimento do rio Juruena, águas abacaxi. Passarmos a barra da Icoma, também chamado córrego Água Branca e mais o Urugudytiki. Por este córrego acima se encontram Rikbaktsa. Mais para baixo averguemos a existência de uma estrada de seringa colada, mas não encanecida ainda.

Dia 6 de outubro. Frida Mendoca leva o motor de volta ao Santa Rosa. Mendoca recorda ao Geraldo a respeito dos índios. Entramos

terra a dentro, chegando até à maloca de Motisquidi, família de quatro pessoas.

Dia 7. O acampamento e a aldeia de Icoma estão abandonados. Morreram Icoma, Aundi e Mbi, mulher idosa. Por toda parte jazem cacos de potes e arcos quebrados, bordunas jogadas fora. O resto da turma encontramos acampado mais adiante. Conto vinte e duas pessoas. Duzi com gente de Motisquidi, Boboi, Pensek, Uábu e mais algumas turmas de mais abaixo.

Uma parte dos índios pretendem ir ao Santa Rosa. O resto, Indochino. Dão a entender que vão longe a brigar. Fallem de ir ao Aripiuaná, que chamam de Pignobita, onde encontrando muitos seringueiros ricos e lobos. Aconselho que fiquem mais perto, por causa dos ronribóis. Digo que também por aqui os seringueiros são bons.

Dia 13. Chegarmos ao porto e acampamos. Enquanto esperamos a chegada de mais índios, vou conhecer a turma da Uábu, pai de Ualgma. Vou com Ualgma, Aunthera, Motisquidi, Tipos, Tsalimatisa. No caminho, à beira do rio, associamo-nos a nós, Geraldo e o Parazinho. Os dois suspeitam de que os índios que vamos visitar, aparecem nas histórias próximas. Continhamos coisa de uma legua. Ao chegarmos perto da aldeia, os Rikbaktas que vila conhecem, tiram a caniba, empurram arco e flecha e correm para o rancho em frente, gritando e falando sem parar.

Sai um índio, já idoso, também com arco e flecha, mas, quando vê gente sua, consegue e manda-nos chegar. Esse costume de sair de arma preparada vem do medo dos Rikbaktas tidos como lobos, que matam gente.

Aqui encontramos o velho e uma mulher com um bebé. No caminho de volta, encontramos ainda Iadioguita com mulher e criança. A turma toda conta com dez e doze pessoas.

Dia 15. Chega a segunda turma da onça Rikbaktsa. Atravessamos parte da turma para o outro lado do rio, quase diante do barracão. Essa turma segue mais tarde o córrego Baribu, também chamado Oigretisk e depois se dirige ao Japóira. Des Índios sobem contigo ao porto Santa Rosa.

Dia 17. No posto Santa Rosa faço os contatos e vejo que são 47 os índios encontrados nessa expedição.

E os Meqúntato? Pensava ser a turma que mora mais para diante, mais abaixo, que não dão confiança. One, as últimas turmas visitadas se tratam de Káhu, gente, nossa gente. Começo a entender que Meqúntato não é um grupo determinado, mas simplesmente outra gente.

#### 24.9. ALDEIA DE MONOCAU, O ÚLTIMO REDUTO RIKBAKTSA

O contato com Icoma, que imaginava seria o fecho da pacificação, não é senão a porta para nova série de aldeias. Ualgma, Tulvota e Matereocutipá dizem que encontram aldeias ligadas entre si por tri-

Ilhas até o Salto Augusto e ao interior do Aripuanã. Têm interesse de irem até esses índios. O chefe mais falado por Uaima é Vutamo. Teria de visitar Mâlkau.

3 de maio de 1940. Fritz novamente se prontifica a responder pelo Santa Rosa.

No barreco encontra Oscar e Abel. Encontra Abel pela primeira vez no Juruena, mas para cima, preocupado com os Rikbaktsa. Tentou acalmá-lo. Mas descançou a estrada e saiu. Foi em tempo, pois Bolívia, seu sucessor, foi morto a comida. Abel passou a trabalhar no Agua Branca. No barreco sou surpreendido por uma nova: corre o boato do meu falecimento. Segundo informação de Oscar, Irismá e Marçim tinham vindo ao barreco do Geraldo, perguntando pelo padre. Receberam a resposta dos seringueiros:

— "O padre monsaú?"

— "Padre poiní, padre poiní!" — foi a voz espalhada, entre os Rikbaktsa. Pediram machado, facão e prato.

Pousamos abaixo da ponte de Poigma.

Dia 5. Fazemos ligação exploração do córrego Amolar, pelo Tulvata diz que, para cima deste córrego, mataram índios. O Parába e Anísio têm a feitoria na Ilha perto da barra do Amolar.

Pouco abaixo do barreco, a feitoria do Raimundo. Encontro acampada com ele a turma de exploração da barra. O chefe é Douglas, vulgo Gaúcho. Pega informação sobre o córrego Amolar. Ninguém sabe de tal córrego.

— "Ahi aíz meu pessoal, então o mundo é nosso!". Viajamos só o encucarcar.

Dia 6. Rio largo e majestoso. Ilhas caprichosas, em especial a ilha do Mastro. Às 9 hs. e 30 min. encontramos o córrego, com a ilhazinha, procurada desde cedo por Tulvata. Aqui é a pôsteagem dos Rikbaktsa para buscar fleches e agredir os seringueiros no São Tomé e no São Manoel, em correrias periódicas.

A barra dá boa entrada. Mais para diante, alonga-se muito, sendo difícil encontrar canal de passagem. Às 15 hs. encontramos o rancho de posto de Tulvata. Aqui parou dois meses com Pical e Vutamo, comendo mafinocá e mel turma. Mais para cima, um porto. Dessa barra sai um caminho, descendo para Ricáta, e outra, tem a dentro, buscando o poente, leva a Vutamo. Matereocutipó tem um bonito rendeiro, para abrigar o material da expedição.

No convívio à noite, depois de aparecerem muitos nomes de chefes, surge a idéia de convidarmos esses chefes para uma reunião e assim podermos conferenciar com eles. Marcamos que o local seria a Pedra Bonita, e a convenção daí a um mês. Os Rikbaktsa presentes declararam que, nos ataque e siringueiros, conseguem facões, panelas, machados.

Dia 7. O Kayabi Moiá mata um parco perto do nosso acampamento. Tulvata sai a explorar o caminho para Mâlkau.

Dia 9. Nas proximidades da aldeia de Môikau, certa família se apodera de todos nós. Ao 10 hs., Talvata tira a roupa, coloca os colares e avança assim. Não demora muito, vêm Môikau receber-nos amigavelmente. Faz casa de quem diz. Venham, é claro!

Casa comprida, com o lugar reservado aos homens, numa das extremidades. Apesar de não haver casa separada para os homens, o lugar deles é guardado cuidadosamente, como a das famílias. Quatro homens coçaram uma ante. Agora estão todos ocupados em servir bem e depressa. São-nos apresentados blocos quase cúbicos de carne extraordinariamente macia.

De tarde visitamos Pical. Vutemo tinha viajado para cima. Usigma fala de Vutemo como notável Rikbékta. Entendo que é mestre instrutor e orientador dos jovens.

Aparece Iamari, cuja maloca não se encontra longe. Se entende bem, ali moram 9 milha de Talvata e Usigma. Usigma finge-se assustado, fazia anos, indo para cima. Dia que a rélio do afastamento era zanga. Lamentou Mondéguia, inimigo mais velho de Usigma, falecido poucas semanas. Ao fatur um mal, no alto dum pau, Mondéguia cortou o pé, caiu e lastimou-se, vivendo depois disso ainda dois ou três dias.

Pousarmos perto da maloca de Môikau, no outro lado do córrego. Nossa costume de acampar ao ar livre, em separado, obstinadamente, se envolve nos cuidados higiênicos, de não facilitarmos possíveis contágios. Não observo que os Rikbékta passem fome ou sintam falta do necessário. Sempre a mágua da coisas óticas. Mesmo sem dizerem nada, só por nos ver, descobrem em nós objetos que vão satisfazer certas necessidades na vida arredia.

Dia 10. Amanhece de madrugada, vêm os hospedeiros com comida, para nos fazerem compartilhar. Querem ver tudo o que temos. Vêm um grupo de mulheres e crianças da maloca de Pical. Uma milha carrega da costa uma menina paralítica desde pequena, agora com 14 ou 15 anos. A menina-moça chora. Vêm Iamari e Tsipoté.

Talvata procura seu curinhado Válkuta ou Agivalluta, apelidado de civilizado. Trazem a cabeça do seringueiro assassinado faz poucos meses por Márbi, no Parantinga ou São Manoel. Mostram o crânio dentro de uma caixinha e comentam:

— "Seringueiro não presta, não tem nada: só faz o velho e um anzol grande rabichado com cerati"

Dissem que comeram o miolo. Os siringueiros e o encarregado do berreiro, François, confirmam essa morte. O crânio do seringueiro, o feio e o anzol foram enviados para o Museu da Faculdade de Medicina Nossa Senhora Madalena, em São Paulo.

O grupo de Môikau totaliza 15 pessoas. O mais velho é Parevári. As duas filhas de Parevári estão casadas com os dois irmãos Môikau e Márbi. Aqui está também Algea e sua Irmã ou prima. O pai de Algea, faz pouco, foi morto por Uólgea, matador de gente, morador não longe daqui. Com Pical está sua mulher e a enteada

Andindu, depois chamada também Luzia, e mais a viúva do irmão de Usigma, com a paralítica. Também estavam Iamari, Telipatao, Adivaluta, cada um com a família. A mulher falecida da Adivaluta, que era irmã de Usigma e Trávata, chamava-se Nema e tinha deixado uma filhinha Moha, depois chamada também Beatriz.

As turmas de Moloxau (Paravári, Moloxau, Márbi) e a de Adivaluta tinham descido do rio do Sengue, faz dez a doze anos.

Passe os doentes, gripes em todos os estrágios. Não tenho medicamento suficiente. Por sinal, os doentes dos últimos ôitais, afora a gripe, que por aqui já passou a pelos grupos vizinhos: oito mortes violentas, envenenamento de cobra, quedas e traumatismos, intoxicação de banana verde, esforço demasiado em transporte de carga, sangue vivo lançado pela boca.

Dia 11. Resolvem ir ao porto comigo o grupo de Moloxau, Telipatao e Iamari. Ficam na maloca Trávata e Adivaluta. Trávata encarrega-se de convidar os principais chefes para a reunião definitivamente combinada para a próxima sua cheia. Com Usigma alguns doentes resolvem ir ao posto Santa Rosa. Vejo vantagem e aprovo, pela facilidade de assistência no posto e pela libertação do ambiente infestado.

Dia 12. Em marcha lenta, rumamos para o porto. As mulheres são as que regulam o ritmo da progressão, as paradas.

Dia 13. Aplico os últimos medicamentos, atendendo aos casos mais graves. A noite, melhora geral notável. As mulheres melhoraram o rancho, però se defendem contra os pluas. Por felicidade, os caçadores não voltam de mãos vazias.

Observo o prazer que os Rikibáktua têm de segurar os objetos cobertos. Amovelam os facetas, anoram o logo de suspensão na cabeça, capricham em fazer cabos de machado. Esmerilham, com areia, as panelas. Não param com as tesouras. Costuram sacos de algodãozinho, para se defendarem dos pluas.

A noite, conversamos de índios, muitos deles desconhecidos para mim. Palam de numerosas malocas. Anoto os nomes de chefes: Arribátsa, Tótsime, Usina, Iogdari, Ricata, Deigma, Ucari, Mapachik, Aône e os da Ariputná. Usigba do Juruena e Uodron mês Tuanamulta do Ariputná tem fama de brâncos.

Percebo que entre os grupos se alastram rixas e rivalidades, assim como entre os Rikibáktua e os seringueiros. Notei menos animosidade entre os Rikibáktua de cima. Contam que todas as malocas estão ligadas entre si, por caminhos e rios. Instalo na reunião da sua cheia na Pedra Bonita. Confirmo-me ter vontade e reunião, bom estratégia, para lidar facilmente com chefes de tantas dispersões e distâncias.

Quanto aos seringueiros, oriento os Rikibáktua però não se uniram a eles. Cada qual deve morar no lugar de origem. Explico que nem todos os seringueiros são bons.

Noite adiantada, um deles começa a falar dos tempos passados, da partida para o seringal e para os civilizados, pôr a conquistar facão, machado, panela, espelho. Enquanto as mulheres dormem, os homens contam com mãos grandes de flecha e arco na mão. Falam sobre a vida das mulheres na ausência dos homens, sobre a recepção, na volta, avisando com buzingões. Dizem que a comida dos homens na comeria é milho, batata, palcos, macaco e um deles acrescenta rindos — Seringueiro. Dizem que amanhã sairão outra vez, mas desta vez não vai ser para brigas. Iâmari responde no fim, dizendo:

— "Aos seringueiros! Rikubak!"

Dia 14. Partida para o Santa Rosa às 8 hs. Durante o dia ainda costuram roupa para se defenderem do pluv. A noite, orça escobia.

Dia 15. Chegada ao Santa Rosa. Verifica que os índios da Água Branca transitam pelo barreiro. Estabelece-se a fase de aproximação pacífica aos civilizados.

#### 24.10. A CONFEDERAÇÃO DA PEDRA BONITA

De 21 de maio a 14 de junho de 1960, procurei medicamentos em Juina Mirim, no Juruena, para os postos e informo sobre as doenças dos Rikubaktsa. O rádio de Juina Mirim não funciona. Deve por escrito uma mensagem, para o dia em que funcionar.

Já com atraso de três ou quatro dias, parto para a confederação da Pedra Bonita, deixando de atender a outras necessidades dos Rikubaktsa e dos seringueiros. Saio de posto Santa Rosa.

No barreiro do Geraldo, informam que já apareceram trés ou quatro turminhas de Rikubaktsa pedindo ferramenta, entre eles Iratima e Matim. Contoram que os Rikubaktsa roubam dos seringueiros. Oriento o Geraldo, deve exigir dos índios algum pagamento de maneira aceitável ao Rikubaktsa. Encaro a absoluta necessidade de separar os poucos dos índios das fábricas dos seringueiros. Não devem acampar na ilha do barreiro. Geraldo é homem corinato. Na questão de índios, no entanto, pouco peso dá para o trabalho da Turma Volante Santo Inácio.

Na ilhinha da Água Branca, o seringueiro Abel acaba de beldar uma huminha de Rikubaktsa para sua fábrica. Sente-se todo feliz e preocupado. Tento persuadi-lo da conveniência de seguir o regulamento de nossa turma de pacificação. Levo os índios novamente para a margem esquerda do rio. Dizem-se ligados a Iyama e Patusc. Matucocupi e Tsalpates me acompanharam só até o porto de Iratima, pois desejam falar com Iratima, Tsanamutu e Voco. Para sugerir a paz e para notar.

Dia 16. Às 17 hs., encontro-me com Polyma e Patusc na fábrica de José Alagoano, numa pequena ilha. José Alagoano anda em relações amistosas com os Rikubaktsa. Dê-lhes do que tem. Dorne am-

terimba, porque cedeu rede a mosquiteiro para os índios. Defronte à sua ilha, fica o porto de Poigma.

Tsávora tinha trazido uma turma de índios até a Pedra Bonita e de lá Geraldo os trouxe de lancha, até o porto de Poigma. Na Pedra Branca morreram cinco índios, entre eles Poigma, na maloca de Poigma e Márlima, da turma de Arribisapo, no porto. José Alagoano tratou de Márlima na própria fatoraria e depois no sítio, cintando todos os dias por ele. Numa noite de áurea, sentado, Márlima dizia:

— “Padre Jólio não vem. Vamos embora!”

Fico pensando. Pousamos em terra firme. Não longe, no rancho de palha, o Rikkiktsa morreu, já quase seco.

Outro dia, entro terra a dentro, em marcha acelerada. Já tarde, possemos pela maloca de Bébeu e Pudata e logo pela de Uutamá abandonadas. No outro dia, encontramos a turma acampada no mato. Um misterioso alívio se espalha com a minha chegada, como de um parente, de muito tempo esperado. Uutamá sente-se fraco, com os pés inchados e neuralgias torácicas. Pátsoma tem uma ferida infecionada no pé. Uutamá desabala:

— “Tudo era bom. Foi tempo não havia doença. Agora, os Kikita apertam por todos os lados.”

Dia 18 de junho. Saio a buscar mais medicamentos em Santa Rosa. Poigma me acompanha. Usigme, já prático, permanece a dí as injeções restantes.

4 de julho. Estou novamente no porto de Poigma. Acompanham-me Ieggibumilha e Pubarata.

Dia 4. Ainda cedo, passamos pelo desvio da Pedro Bonita. O acampamento fica perto. De longe meus companheiros percebem fogo e se aproximam com cautela. Encontramos duas crianças. Não fogem. Somos esperados com ansiedade, mas poucas palavras e isenção de expressão. Uma breve visita revela tudo: muitas cabeças raspadas e muitas crianças juntas... Morreram Uutamá, Uliguedem, Pátsoma. Ao entrar, oferecem bananas verdes coadias. Reparto com as crianças.

A rede da Usigme ocupa o centro, ao lado da viúva de Uutamá, tendo ao lado a rede da mãe. A mãe e os outros membros do clã endossam o casamento de Usigme e da viúva recente, assisto ao jogo caprichoso da morte e da vida.

De volta ao posto Rágis, vem comigo uma turma de adultos e crianças semi-órfãs, na esperança de uma vida melhor. Usigme chefiá a turma. Ainda no porto, aterrefiado, recebe um recado do seringueiro do corregão Amador, Paraíba, dizendo que espera por mim na sua fatoraria, com uma turma grande de índios. Não posso atender ao Paraíba, ocupado com a transferência dos 40 índios que tinha reunido aos poucos, fazendo-os em dois grupos, etapa por etapa, ao posto Rágis.

Neste posto, no dia 6 de agosto do mesmo 1960, encontro meu superior religioso, Pe. Edgar Schmidt. Sua presença e compreensão representaram um reforço decisivo na tarefa pacificadora. Com ele inicia o entendimento à sobrevivência dos Rikbaktsa. Desta data para diante, é preciso salientar também a ação da Missão Evangélica. Na região da barra do Arinos para baixo, a Missão Evangélica distingue-se pelo desvelo para com os Índios. A Senhora do Pastor Richter, enfermeira diplomada, muito contribui para debelar a gripe entre os Rikbaktsa. Apesar deixou o trabalho e se retirou, quando, gravemente enferma, obedeceu a uma ordem médica. Fritz Tollendorf e Oscar Belarmino, já práticos em assuntos dos Rikbaktsa, colaboram com a incipiente Missão Evangélica.

## 25. TATSÁ, A ÚLTIMA VÍTIMA RIKBAKTSÁ

No diário da campanha garra o número 77 a expedição que realiza, para atender a um clima de tensão na região da margem esquerda do Juruena, acima da barra do Arinos.

Dia 15 de agosto de 1962, às 13 hs. e 30 min., estou à espera do sertanejo Aquino, em sua própria fábrica, na Ilha da Cachoeira do Desastre. Dão-lhe o apelido de cangaceiro-mor.

Chega desconfiado, revólver na cintura, o cinto amarrado de baixo, os bolsos cheios de cartuchos carregados, a face afiada. Olha meu peito. Convide-me a entrar e sentar na cadeira, como é costume. Vamos ao assunto: os Índios. Aquino dá tudo o que os Índios pedem, tanto mais que é o guarda do depósito da pequena Ilha. Nunca o roubaram. O Índio o teme. De chofre, diz:

— "Vou sair daqui. Esta coisa de Índios está ficando muito atrapalhada. Também meus companheiros estão muito atrapalhados. Qualquer dia, um deles mata um Índio ou um Índio mata um de nós."

Por fim, pede para trabalhar comigo. Deixo a resposta definitiva para mais tarde. No fim da conversa, pede-me corona na chalana, até a barra do Arinos, para visitar D. Judite, sua madrinha.

Na mesma tarde, vamos conversar com Alcides, na fábrica em terra firme. Ando apavorado com vestígios de Índios. Averiguamos que os vestígios são de nossa expedição. Mas, duas semanas antes, os Rikbaktsa da maloca do corregão limpavam sua fábrica, levando até a espingarda. Aquino, sertanejo da ilhinha deserto, sozinho, meteu medo nos Índios e resgatou a arma e devolveu a Alcides. Pousamos na barra do corregão, do outro lado. A lancharia de Aquino, na ilhinha no meio do rio, parece um vagabundo perdido.

Dia 16. Tubarão e Adcobul partem para as cabocinhas do corregão, até às últimas aldeias, já em ligação com os Índios do Aripuanã. Manormos encontro para uma tripla reunião adiante. Aquino me acompanha e conta que Nalc roubou o revólver de Pedro Alexandrino. Mais tarde orgulha, Nalc se justifica:

— "Seringueiro muito bicho. Ele quer matar. Eu jogou o revólver dele na água preta. Agora seringueiro não ataca mais índio." Por "água preta" quer dizer "água fundo".

Na barra do Cignatik, também chamado córrego do Bambu, encontramos só as cinzas do braseiro ainda quentes: não estava mais ninguém. Uigme vai atrás dos índios que por aqui passaram, e os encontra fazendo coça num galho do mesmo córrego. Chama os Rikkáktua. Vêm e conversa com o chefe Ináima, seu irmão Mandimultas e outros. Entre esses índios estão alguns vindos de Ariquaná, sedentos e fortes.

Nalc, Tatá e três rapazes, entre os quais Babamulta, foram pescar na barra do Arinos. Salmos às 13 hs. Ináima nos acompanha.

Mas, antes da partida, fico sabendo do caso do milho. Um dos Rikkáktua conta que alguém cortou o pé de milho dos Rikkáktua com facão e o milho dependerdeado, destinado ao plantio, caiu no chão e apodreceu. Os índios dizem que o seringueiro de baixo, Frederico, disse que foi Aquino. Vamos então ter com Aquino.

Os índios apertam a Aquino e este descarrega contra Frederico, dizendo:

— "Faz tempo que ele me invoca. Vou encher a boca dele com bala. E já está vendo, padre? Esses camaradas fazem uma porção de coisas. Quando o índio aperta, jogam o pau em cima do vizinho!"

Aquino alega ainda a sua ausência nestes últimos tempos e a grande distância de sua feitoria.

Com Frederico seceu um caso: não estava na feitoria, em certa ocasião, mas sabia que os índios queriam roubar também o ele. Chegando inesperadamente à feitoria, os índios cometiam.

No feitoria de Chico, só depois passada para Altamiro, aconteceu outro caso: ficou administrado de encontrar os pescadores Nalc e companheiros na feitoria. A mulher conta que estava sozinha e os índios chegaram e tiraram da feitoria lenha, arroz, açúcar e farinha, entre outras coisas. Como estava com medo, deitou-as tirar. O marido vai atrás dos índios e resgata o que tinham levado.

Escuto três vezes, nesses dois dias, termos idílicos:

— "Se falassem, nós dímos. Eles não sabem o prejuizo, que nos estão causando!" — Essas três vezes, os seringueiros reclamaram em tom sereno, em conversa calma.

Entretanto, no meio da nossa conversa, Nalc diz, quase a meia voz:

— "Seringueiro matou Cancheiro."

Não levamos a sério a palavra de Nalc, até que Uigme apura o caso e informa: na véspera, um seringueiro matou um Rikkáktua. Segundo Nalc, foi na feitoria do Bento. Agressivemos a viagem, para apurar o caso.

No feitoria da ilha grande do Arinos, de Domingos, perguntou pela feitoria do Bento. Indicaram-me que fica rio acima:

— "Lá para cima. Meu sócio e Judite foram visitá-lo. Pense que vão voltar hoje."

Domingos oferece um café, mas não aceita, pelo apuro em que estou. Digo que há um caso de morte de Índio na fábrica da Bento. Além disso, quero pegar a lancha da gleba, que sobe e está sumindo na curva do rio. Deu tudo no morro. A lancha some, quando aparece a canoa com o seringueiro Paraguai, Judite e Bento.

A minha pergunta sobre a morte do Rikbáthia é uma surpresa para a canoa. Olho para Nalc. Nalc toma Ualgma por Interprete e diz que foi na fábrica donde acabamos de sair: de Domingos.

Voltarmos a toda velocidade do motor. Domingos já não está mais. O pessoal, político em movimento de gente, afirma que Domingos acaba de atravessar naquele momento mesmo para a margem oposta. Peço a Aquino que vá ter com ele e que, por todos os argumentos, o faça voltar. Não sou investigador da polícia, mas tenho o direito de ser informado. Domingos é o único que pode esclarecer o caso. Domingos chega quase ao mesmo tempo que a canoa de Paraguai.

Reunimo-nos, assim, quatro seringueiros, Judite, eu e mais os seguintes: Índios Ualgma e família, Hírcotis, com família, Irísima, Nalc, duas famílias de Kayebi. Os Kayebi guardam prudente reserva, em todo a ocorrência do momento. Só estou reparo nos pormenores da marcha de sangue na barrecha e pelo chão, indo para a margem do rio.

Domingos relata que, quando chegou à fábrica, surpreendeu os Índios saíndo da fábrica carregando roupa de Judite, um grande despertador e outras coisas. Recolheu tudo. Os Índios "embabeceram" e ameaçaram, como se quisessem flechar. Domingos disse que não o fizesssem, porque ele era seringueiro bom. A roupa e despertador não eram dele, mas da mulher de outro. Os Índios responderam:

— Ah! então: "Caneiro bom!"

Dei a peito, perdemos momento. Desfilas. Foram atuar pelas na ponta da ilha, podendo tudo ser visto da fábrica. Domingos desceu a buscar sementes para fazer fogo. Nalc pescava na canoa, os dois moços ocupados no jiuá. Tatá desceu na rede, esticada bem por cima da barrecha. Tatá teria falado:

— "Arroz não presta! Seringueiro não presta!" — E levantou-se da rede, pegando o arco.

Num impeto descontrolado, Domingos puxou do revólver e atirou em Tatá:

— "Se seringueiro não presta, então toma!" — Acerrou.

Atirou também em cima dos dois Rikbáthia e em cima de Nalc, sem acerto mais nenhum. Os Rikbáthia correram e fugiram na canoa. Domingos também correu. Ao sair da barrecha, voltou com castela e, não vendo mais ninguém, fechou-se na fábrica. Intervenho e digo:

— "Se tivesse feito isso logo, em vez de atirar, teria evitado a desgraga, sem aumentar os seus agravos."

— "Com índio safieldo não se pode facilitar," — responde.

O siringueiro Pareguai acressenta:

— "Por que não limpou logo este também, que é o pior de todos?"

Referia-se a Nalc, matador de siringueiros. Nalc escutou, mas não entendeu.

Eu me vejo impressionado: os siringueiros com a cartucheira da revolver desabotoada, os índios sacudindo os arcos. Usigma recolher os arcos discretamente, mas não consigo. Usigma se solidariza com os Rikbóktsa. Eu me sinto confuso. O siringueiro diz que matou, porque o índio roubou, mas os Rikbóktsa não vieram roubar. Entretanto, se dou malo aos Rikbóktsa, desacredito a seriedade da pacificação; se dou aos siringueiros, trago os índios. Cada parte tem um pouco de malo e ao mesmo tempo não tem, como em jogo cruzado, em tremendo equívoco. Pergunto de chofre a Nalc:

— "Afinal, o que é que você fizeram para o siringueiro ficar brabo?"

— "Não fiz nada, siringueiro muito brabo!" — respondeu imediatamente.

— "Como não fiz nada? Então vocês não roubaram? Não me queriam flechar, não falam brabo consigo?" — entende Domingos.

Nalc dá um passo à frente. Parece querer pulsar em cima de Domingos:

— "Agora você tem carne de Canceiro. Pode comer bastante!"

Não há mais lógica: é a animosidade acumulada nestes últimos tempos, já para estourar. Nalc tomou parte ativa na matança do Bolívia. Agora, por pouco não morre à fogo.

Parece melhor atacar diante dos índios a ação do siringueiro, sem o aprovar. Fago ver as circunstâncias: são alguns índios contra um siringueiro só; Tatá falou brabo e quase os Rikbóktsa flecharam o siringueiro; o siringueiro afrou de medo.

O primeiro a acatar meu joga é Usigma, que melhor segue a conversa. Abó confirmou contando uma recordação da manhã:

— "Tatá era brabo. Quando zangava, não comia nem falava."

— "Por que é que vocês roubam? Se vocês roubam, os siringueiros brabos outra vez!" — completo.

Penso conigo mesmo: curioso o fato de os índios terem escapado ontem da morte, por roubar, para viram, hoje, roubar a faleira do Chico. Sem dar importância ao roubo, exaltam-se com a baixa do companheiro, baixa que não se justifica a seus olhos. Vejo que na diferente avaliação de peso do roubo e do brio ofendido se situa o cerne da questão, uma das raízes do grande equívoco Rikbóktsa-siringueiro. Vejo claramente que, só com a mudança dos hábitos predatórios, se torna possível uma vizinhança amistosa dos Rikbóktsa com os civilizados. Aproveito o momento decisivo presente, para tentar uma mudança necessária. Saio a campo:

— Não presta roubari! Os seringueiros ficam brabos, porque vocês roubam. Vocês também ficam brabos, quando outro rouba as flechas e os enfeites de vocês. Ele roubou e morreu. Não presta roubar. Se vocês roubam, eu não posso ajudar vocês.

Juditte mete-se no meio:

— "Não se pode dar um passo fora de casa, sem ter o medo de não encontrar malas as nossas coisas na volta. Eles não sabem o prejuízo que nos causam. Só matando! Temos de matar!"

Fago ver aos seringueiros que o resulo apenas deu causa ao incidente. O que irritou os seringueiros eram os prejuízos, ficarem sem o indispensável. Os índios conseguiram a prevaler e a situação desenrolou para ameaças e imprevistos. Mas os índios não se deram conta disso. Os desafares feitos diretamente aos índios, ao contrário, provocaram a resolução da revolta e tentativas de represálias. E logo um outro fato na balança: a lei. A ação do seringueiro é explicável e outros teriam talvez agido do mesmo modo. Mas não se justifica, é um crime. Fago ver que os seringueiros também roubam aos índios invadem, sem maior diplomacia, as terras deles. Matar índio, por causa de impertinências, roubalheiras e outros conflitos, encontradiços nos primeiros períodos de aproximação mítua, é inteiramente injustificável.

Serenado um tanto o ambiente, inando buscar o índio ferido ou morto. Encontram o cadáver numa escavação feita pela água no barreiro, caldo debaixo da tranquila chernubada, enticado, a dois palmos da água: sangue nos virilhas, as mãos como que comprimindo o lugar doloroso com a camisa ampolada. A rede enrolada e amarrada com a lega, como costume o Rikbaktsa, serve-lhe de travessão. Quase não exala mais cheiro. Deve ter morrido na madrugada.

No leitoria, a vinte passos, o seringueiro, de arma em prontidão, passou a noite sem fechar os olhos, temendo um morto. Velava sem o arber e talvez mesmo sem querer, pois não deu nenhum sinal de piedade. A conversa do seringueiro é só defender o seu direito e inculpar a quem lhe encurta o ganha-pão.

Casta remover o cadáver do lugar. Usigma cheira a manobra. Em certo momento diz:

— "Quando um Canoáiro não presta a briga à tua, meus patrícios não entendem, mas jogam nágua." — Queria responder aos seringueiros que falaram em jogar o bugre nágua e queria dizer que Tatiá era bom.

Início o trabalho de abrir a sepultura. Entre os Rikbaktsa só os parentes próximos e companheiros mais chegados que cavam a sepultura. Por isso sou logo substituído no ónico encadão que existe.

Só os Rikbaktsa trabalham. Entre a noite. Juditte traz uma lamparina, para o serviço da cova. Uma grande lula aponta por entre nuvens escuras. Relampagueia no poente. Venta fortemente, em fim de período de seca.

Para o enterro, vêm todos, menos o assassino de Tatá. Visto a batina, afronto um oratório com o quadro do Bom Jesus do Monte do Céu e o de Nossa Senhora do Bom Conselho. Velas vermelhas, verdes e brancas. O caixão ao lado da sepultura. Momento definitivo de contrataremos. Tomo a palavra. Digo que deixei de lado ressentimentos e prevenções e que já bastam os males acontecidos até então. "Vivemos como vizinhos pacíficos, amados pela fé em um só Nosso Pai e em um só Cristo vitimado por todos nós. Quando chegar a nossa vez de voltar à terra comum de que fomos tirados, compreenderemos que a vontade deste nosso Pai foi que nos amássemos. Sendo assim, não é o maior de todos os equívocos hostilizarmos e matarmos uns aos outros?"

Os siringueiros pousaram na feitoria, é eu com os índios, num acampamento do mato. A lua dál sinal de meia-noite. Presenciei nessa contrataremos. Velo do oriente e muita doutrinade viu por lá e muita tristeza passa a contar ao poente.

Uma nebulosa ficou a indicar a sepultura do último Ekkábilé morto pelos siringueiros:

"Última vítima do grande EQUIVOCO

Tatá — 13 de agosto de 1992"

Dia 17. Salmo cedo. A pedido, levo consigo os siringueiros, menos Domingos, que sobe com sua canoa e apresentar-se ao encarregado, enquanto Bento permanece na feitoria do sinistro. Bento me pergunta se não corre perigo. Respondo que não, mas tudo depende de seu comportamento.

Três semanas depois, em 4 de setembro, passo pela feitoria farídica, da Domingos. Fico sabendo que Bento matou o siringueiro vizinho, porque lhe teria roubado algumas balas de carabina 32. Vil-ei que a linha de conduta é uma só: roubar, matar — seja índio ou civilizado.

Não encontro os índios no Ognatik. Devem ter abandonado a maloca, coisa de dois ou três dias. Aquino muda de feitoria e vai mais para cima. Fala:

— "Não fiz aquilo. Mas, lembrando o que o Senhor falava, não fiz nada." — Queria dizer que não matou.

— "Faz bem, porque o que falei, Deus mesmo disse." — respondi.

— "Minha lei é dura, lei seca. Eu respeito a todos. Se alguém não me respeitar, estou obrigado a agir."

Aquino desiste de trabalhar comigo. Segue para Culabá, para se casar.

Dia 8. Barra do Banatik, também chamado Corregão, da caçoeira do Desastre. Aqui encontro Túberata com uma turma que reuniu. Estão presentes também a turma do Ognatik. Intimamente, o chefe da turma, por direito é por ascendência, diz:

— "Não brigar. Não ter medo. Os índios do Aripuaná podem chegar, porque no posto não tem siringueiro. O padre dá remédio, não mata. Mas Tsentimuisa é louco, não manda fôcio para ele!"

Tubarão completo:

— "Tsandimulta tem medo da tese e do pedre. Tem medo dos seringueiros, porque não respeitam as mulheres."

— "Tesse, chumbo" — resume ironicamente Matereosutipá.

Dia 9. Cedo chegamos ao porto da capoeira de Ixo, frente à praia do Pacu. Os Rikbaktsa escolhem esse lugar para se estabelecerem. Era freqüentado por eles desde longa data. Lugar ótimo para todas as necessidades sanitárias, apenas infestado de piuru. Este lugar logo torna o norte de Japuíra, porque a ilha vizinha é denominada pelos Rikbaktsa de "onde dorme a japoira". Os Rikbaktsa expressamente pedem a assistência garantida e a presença do padre mais frequente.

Com essa resolução, tomada pelos próprios Rikbaktsa, sem interferência minha, a fase de aproximação dos índios do bairro curto da Juruena toma o rumo da tranquilidade. Dessa data, pois, dia 9 de setembro de 1962, o choque armado passa a dar-se de modo mais suave e a acontecer mais espadecidamente. A pacificação não está, neste dia, terminada na região do bairro curto da Juruena. O Pe. Edgar Schmidt vai tomado o trabalho dos Rikbaktsa. "Cancelro bom!" — expressão típica do nosso serviço de pacificação, cala na gíria rikbaktsa.

Minha última expedição ganha o n.º 90, no diário da campanha no Serviço de Pacificação.

## Í N D I C E

Apresentação .....	1
1. Glosário de termos da região ribeirinha .....	10
2. A segunda Borracha .....	10
3. Guerra ribeirinha no Alto-Juruena .....	12
3.1. Na altura da barra do Papagaio .....	14
3.2. Vista de conjunto da guerra no Alto-Juruena .....	18
4. Guerra ribeirinha no Baixo-Arinos .....	19
4.1. O desenrolar da guerra .....	20
4.2. Vista de conjunto da guerra no Arinos .....	35
5. Guerra ribeirinha no rio do Sangue .....	36
6. Por que vai a pacificar os Ribeirinhos .....	38
6.1. Pacificar os seringueiros .....	39
7. Inspeção do Baixo-Arinos .....	31
8. Preparativos das expedições pacificadoras .....	41
8.1. Bases para a pacificação .....	41
8.2. A busca do intérprete .....	42
8.3. Em busca de Bikinabui .....	43
8.4. Preparativos imediatos .....	43
8.5. Qualificação dos pacificadores .....	45
9. Primeira expedição — no rasto de Cláudino .....	46
9.1. Até pouco abaixo da Gleba Arinos .....	46
9.2. A expedição de Cláudino .....	49
9.3. Primeira orientação em terra ribeirinha .....	50
10. Primeira experiência de Barco .....	53
11. Para escolher o centro de operações .....	58
11.1. Subida do rio do Sangue .....	58
11.2. Natal no remo .....	61
11.3. Natal avassado da gleba Arinos .....	62
12. Na picada n.º três .....	64
13. Peribetes da pacificação em Diamantino .....	67
14. Incursões ligadas aos Ribeirinhos .....	69
14.1. Revista no Arinos .....	69
14.2. Segunda vez no espião-mestre .....	73
14.3. O caso de Pedro Amazonas .....	78
14.4. De novo no espião-mestre .....	79
14.5. A região da barra do Arinos .....	81

15.	Na pista dos flechadores de Pedro Amazonas .....	83
16.	A primeira fala .....	86
16.1.	Raposo o espírito Arinca-Juruena .....	86
16.2.	Primeira visita à primeira fala .....	88
16.3.	Afastamento propositado .....	91
17.	Na roça nova, a segunda fala .....	94
17.1.	Visitando os Kayabi .....	94
17.2.	Entrevista na roça nova .....	96
17.3.	Exploração do Juruena e Papagaio .....	101
18.	Entrevista com o Capitão Ico .....	103
18.1.	Levantamento da margem direita do Juruena .....	105
18.2.	Visita a duas mulheres rikbaktsa .....	106
18.3.	Com o Capitão Ico .....	109
19.	Confraternização rikbaktsa-seringueiros .....	114
19.1.	Visita à glória Arinos .....	115
19.2.	Nas aldeias do espírito .....	117
19.3.	A caminho da confraternização seringueira .....	122
19.4.	Confraternização entre vizinhos .....	126
20.	Brindes para os Rikbaktsa do Sangue .....	130
20.1.	Festim os Rikbaktsa do espírito .....	130
20.2.	Primeiro motor da popa no rio de Sangue .....	133
20.3.	A Utarit, pelo siringal em crise .....	135
20.4.	Encontros fugazes com os Rikbaktsa do Sangue ..	138
20.5.	Confraternização com mais um grupo Rikbaktsa ..	142
21.	Doenças imprevistas .....	145
22.	Confraternização rikbaktsa-seringueiros no Juruena .....	151
23.	A fala no rio de Sangue .....	155
24.	Pacificação na forma de reação em cadeia .....	159
24.1.	Atendo com sede em Santa Rosa .....	159
24.2.	Fala com os Rikbaktsa do Sangue-Juruena .....	160
24.3.	Abertura do posto Régis .....	164
24.4.	Investigação do caso Bolivia .....	166
24.5.	Inauguração do posto Régis .....	169
24.6.	Na aldeia de Mimulha .....	173
24.7.	Entre os Magdasta, os Kítsa .....	173
24.8.	Consolidação da pacificação entre os Kítsa .....	177
24.9.	Aldeia de Wáikce, o último reduto Rikbaktsa ..	178
24.10.	A confederação da Pedra Bonita .....	182
25.	Total, a última vítima Rikbaktsa .....	184

PESQUISAS  
PUBLICAÇÕES DE HISTÓRIA

1. A PRIMÓTICA HISTÓRICA DO INSTITUTO ANCHETANO DE PESQUISAS — A. Brusel, S.J. — Pesquisas I, 1957, 14-67.
2. ISABEL, CONDESSA DTE, VISITOU AO RIO GRANDE DO SUL — Edicílio de Paesches Asturias — Pesquisas II, 1957, 68-92.
3. LA COMPAGNA DE JESUS EM O ANTIGO GUARÁ — L. G. Jaeger, S.J. — Pesquisas I, 1957, 10-121.
4. PESQUISA HISTÓRICA EM LAREAS DO SUL — L. G. Jaeger, S.J. — Pesquisas II, 1958, 1-18.
5. O GOVERNO TEMPORAL DAS MISSÕES E O PADRE ANTÔNIO SEPP — Manoel Bernadi — Pesquisas II, 1958, 21-32.
6. ALGUMAS ADVERTÊNCIAS TOCANTES AO GOVERNO TEMPORAL DOS PUEBLOS (em tradução portuguesa) — Antônio Sepp, S.J. — Pesquisas II, 1958, 33-54.
7. UM MAREGRÁFIO NAS PRAIAS DO TRAMANDAI — Adelbert Steiner, S.J. — Pesquisas II, 1958, 55-73.
8. FÂMCO NOVOS VIGILANCIADOS ESPANHÓIS DA 1750; "SAN SEPE" DA 1751 — A. Brusel, S.J. — Pesquisas II, 1958, 75-79.
9. A HORREZA DOS CACIQUES GUARANI DO PÂRAMO DO GRANDE DO SUL — Pesquisas II, 1958, 81-112.
10. A CATÁ DE TESOUROS JESUITICOS — L. G. Jaeger, S.J. — Pesquisas II, 1958, 142, 1 mapa, 2 fig.
11. O SETIMA DE PROPRIEDADE DAS REDUÇÕES GUARANÍTICAS — A. Brusel, S.J. — Pesquisas II, 1958, 159-196.
12. A EXPANSÃO DA COMPAGNA DE JESUS NO BRASIL em 1760: Exame Crítico Histórico na seu Bicentenário — L. G. Jaeger, S.J. — Pesquisas 1960, História nr. 12, 64 pp.
13. O CASO NA ANTIGA BANDEIRA ORIENTAL DO URUGUAI, I — A. Brusel, S.J. — Pesquisas 1960, História nr. 13, 112 pp.
14. O CASO NA ANTIGA BANDEIRA ORIENTAL DO URUGUAI, II — A. Brusel, S.J. — Pesquisas 1961, História nr. 14, pp. 113-113.
15. A PRIMERA HISTÓRIA GAÚCHA — Sargento-mor Domingos José Marques Fernández — Pesquisas 1961, História nr. 15, 92 pp.
16. DOMAS PRÉS DE ANDRADAS E OS GUARANIS NOS SITIOS POVOS DAS MISSÕES 1751-59 — Arnaldo Brusel — Pesquisas 1965, História nr. 16, 28 pp.

## **VALE DO RIO DOS SINOS**

**Revista da Faculdade de Economia do Vale do Rio dos Sinos**

Públicos trabalhos de pesquisas e artigos dos professores e alunos da Faculdade, nos campos socio-econômico-doutorandistas.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Endereço:

**Universidade do Vale do Rio dos Sinos**

**Praga Tiradentes, 35**

**93000 São Leopoldo — RS — Brasil**

## **ESTUDOS LEOPOLDENSES**

**Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras  
de São Leopoldo**

Públicos trabalhos de pesquisas dos professores e formados da Faculdade, nos seguintes setores:

**História e Ciências Sociais — História Natural**

**Filosofia — Letras — Matemática — Educação**

Pode ser conseguida em volumes, contendo todos os artigos, ou em cadernos separados por setores.

Aceita permuta com revistas e publicações congêneres.

Endereço: **Estudos Leopoldenses — Praça Tiradentes, 35**  
**93000 São Leopoldo — RS — Brasil**